



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Maria Beatriz Leal da Silva

“Tão singular como os olhos é o olhar”: mulheres viajantes no Rio de Janeiro oitocentista, suas visões de civilidade e de educação

Rio de Janeiro

2023

Maria Beatriz Leal da Silva

**“Tão singular como os olhos é o olhar”:
mulheres viajantes no Rio de Janeiro
oitocentista, suas visões de civilidade e de educação**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Maria Beatriz Leal da
“Tão singular como os olhos é o olhar”: mulheres viajantes no Rio de Janeiro
oitocentista, suas visões de civilidade e de educação / Maria Beatriz Leal da Silva.
– 2023.
294 f.

Orientadora: Maria Celi Chaves Vasconcelos.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Mulheres viajantes – Brasil – Teses. 3. Rio de
Janeiro (RJ) – Teses. I. Vasconcelos, Maria Celi Chaves. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Beatriz Leal da Silva

**“Tão singular como os olhos é o olhar”: mulheres viajantes no Rio de Janeiro
oitocentista, suas visões de civilidade e de educação**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 31 de outubro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Maria Celi Chaves Vasconcelos (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

Prof. Dr. Pablo Álvarez Domínguez
Universidade de Sevilla

Prof.^a Dr.^a. Maria Teresa Santos Cunha
Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a. Lorelai Brilhante Kury
Fundação Oswaldo Cruz

Prof.^a Dr.^a. Ana Chrystina Venancio Mignot
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Às mulheres viajantes que inspiraram este trabalho, mulheres corajosas, destemidas e pioneiras, que enfrentaram os desafios para o gênero feminino de sua época e traçaram seus próprios caminhos, desbravando fronteiras e rompendo limites. Com suas malas cheias de sonhos e curiosidades, estas viajantes do século XIX abriram novos horizontes e provaram ao mundo que não existe barreira capaz de conter a determinação feminina.

AGRADECIMENTOS

Era o dia 11 de março de 2020, a primeira aula presencial deste doutorado no prédio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ - Maracanã. Primeira e última, afinal, dois dias depois, a universidade lançava o decreto de férias e depois, fechamento devido a Pandemia da Covid 19. A UERJ parou por um longo tempo, o Rio de Janeiro parou, o Brasil e o mundo pararam. Assim como as viajantes oitocentistas descreveram e viveram aqui no país a primeira epidemia de febre amarela, nós presenciamos a primeira pandemia do Corona vírus... e também escrevemos as nossas Cartas do Confinamento. As mulheres estrangeiras desta pesquisa sobreviveram, nós sobrevivemos.

“Deem graças ao Senhor porque ele é bom; o seu amor dura para sempre” (Salmos 107,1). Começo então este agradecimento, expressando minha profunda gratidão a Deus por concluir esta tese de doutorado. Sem Sua orientação divina, força e graça, esta jornada teria sido muito mais desafiadora e difícil. Durante todo o processo de pesquisa e escrita, encontrei muitos obstáculos, dúvidas e incertezas. No entanto, em cada momento de dificuldade, senti a presença e o apoio de Deus e a intercessão de Nossa Senhora. Sua sabedoria e discernimento me guiaram nas escolhas certas, enquanto, Sua paciência e misericórdia, me sustentaram nas horas de desânimo.

Ao meu marido Cláudio, que me conheceu ainda uma jovem e sonhadora normalista, que esteve ao meu lado quando me tornei professora do Jardim da Infância, depois do Ensino Fundamental e do Médio, me viu tornar funcionária pública e, a cada conquista e passo dado em minha carreira, se orgulhava e me apoiava. Agora, de mestre à doutora, sempre ao meu lado. Paciência não é o seu forte, mas sem a sua companhia e seu apoio emocional, tudo teria sido mais difícil e menos emocionante. Durante os últimos momentos de preparação desta tese, quando estava mais estressada e cansada, soube exatamente me dar o espaço para me concentrar. Além disso, sua garra e persistência também sempre foram uma fonte constante de inspiração para mim. Obrigada pelo seu amor e parceria de quase 40 anos!

Aos meus amados filhos Felipe e Melissa, que sempre foram a minha motivação. Olhando pra vocês eu sempre achei a força e o propósito para o meu trabalho e meus estudos. Vocês me ensinaram a ser mãe e me deram a oportunidade de assumir o meu título mais importante: ser avó. Meu desejo é que esse doutorado seja também um exemplo de

determinação para vocês. Que possam encontrar seus propósitos, lutar pelos seus sonhos e se dedicar com paixão, assim como fiz até aqui. Amo vocês além das palavras. Não poderia deixar de agradecer, em especial, à minha filha Melissa por estar sempre me auxiliando nos momentos de sufoco e, pelas traduções do inglês. Thank you my dear daughter.

Aos meus lindos e amados netos, Matheus, Mariana e à minha pequenininha Maria Isabel, a neta que nasceu neste último ano de doutorado, vocês me ensinaram o que significa amor sem medida. Foi difícil conciliar trabalho, pesquisa, escrita e a função de “avó coruja”, mas acho que consegui. Amo vocês até o infinito e além!

À minha tia “mãe” Edyr, meu genro “filho” Klayton e minha nora “filha” Michele, que além de melhor nora é a melhor tradutora de espanhol que conheço. A ajuda, determinação e palavras de incentivo de vocês me motivaram a persistir, mesmo nos dias mais desafiadores. Enfim, agradeço àqueles que estão mais próximos a mim e que suportaram minha alternância de humor, comum a todos que assumem várias tarefas e que procuram dar conta de tudo com maestria.

Aos meus irmãos, sobrinhos e amigos de caminhada e de fé.

À minha avó, minha mãe e meu pai (in memoriam), sempre comigo.

Essa tese de doutorado não é apenas minha, mas é uma conquista nossa.

Aos meus queridos amigos conquistados nesta caminhada acadêmica e que se tornaram irmãos, companheiros e meu suporte. Vocês se tornaram indispensáveis em minha vida e, este trabalho não teria sido possível sem o apoio e a amizade de vocês. Agradecer a Eveline, Fabiana, Gilmara, Jaqueline, Karine, Mauro, Vanessa e Vinicius é o mínimo que posso fazer. Gratidão pela ajuda, pelos conselhos, pelo apoio emocional e pelos momentos de descontração e diversão. Seja com um almoço animado ou uma viagem histórica, vocês me ajudaram a aliviar a pressão e a relaxar, o que foi crucial para manter minha sanidade durante a elaboração desta tese. “Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro” (Eclo 6, 14). Vocês são meus tesouros!

Ao amigos e companheiros de trabalho da Secretaria de Estado de Educação – Seeduc/RJ, onde trabalhava ao iniciar este doutorado, com vocês partilhei os primeiros momentos, desde a inscrição, seleção e a alegria da aprovação. Um agradecimento especial à amiga Silvania, que me socorria sempre que o computador resolvia ter vida própria. Para ter mais tempo e me dedicar mais aos estudos, fazer escolhas foi necessário, dessa forma, tomei a decisão de sair da Seeduc e voltar para a escola, minha escola de origem no Estado, o CIEP 441 Mané Garrinha. Aos meus amigos e companheiros do CIEP, em especial à equipe diretiva, o

meu muito obrigada pela parceria e pela paciência por minhas ausências, principalmente ao final desta jornada. Gratidão!

À UERJ, seu corpo docente e funcionários, agradeço pela gentileza e colaboração prestadas sempre que necessário.

Aos professores do ProPEd, um agradecimento especial.

Aos amigos do grupo de pesquisa Nhempe/UERJ, companheiros nesta jornada, Ana Cristina, Arielle, Caroline, Cleyson, Daniel, Fernanda, Guaraci, Ignez, Ingrid, Júlia, Luciana, Maria Eduarda, Marilene (Marylin), Micheli, Nathalia, Pablo, Raquel, Raphael e Walter. Um agradecimento em especial à minha querida Izabel, que conheci durante o mestrado na UCP e que se tornou uma grande amiga e companheira dessa jornada acadêmica. Ao amigo de tantas lutas na Seeduc, o “grande” Alessandro Sathler, não apenas grande no tamanho, mas no coração e na competência. Ao Tiago, essa pessoa tão doce, eficiente, companheira e meu conterrâneo. Sem vocês teria sido tudo bem mais difícil.

Gostaria de expressar a minha sincera gratidão e admiração aos professores de minha banca: Maria Teresa Santos Cunha, Lorelai Brilhante Kury, Ana Chrystina Venancio Mignot, Alexandra Lima da Silva e Pablo Álvarez Domingues. Foi uma honra poder apresentar o resultado de anos de pesquisa e trabalho árduo diante de especialistas tão competentes e renomados. Agradeço especialmente pela atenção e dedicação em analisar minuciosamente cada detalhe da minha pesquisa e a qualidade das discussões durante o exame de qualificação. Suas perguntas e observações estimularam o meu pensamento e ajudaram a aprimorar o meu trabalho. Em relação a esta defesa, agradeço antecipadamente pelas significativas orientações.

À minha querida orientadora de mestrado e deste doutorado Maria Celi Chaves Vasconcelos. Desde o início do meu percurso acadêmico, pude contar com sua competência, dedicação e comprometimento em me ajudar a crescer tanto pessoal quanto como pesquisadora. Além disso, suas sugestões, críticas e confiança em mim foram essenciais para que eu enfrentasse os desafios que surgiram. Sua habilidade em me direcionar e me colocar no caminho correto foram inestimáveis. Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão, apenas posso dizer que serei eternamente agradecida a ti. Seu papel como orientadora foi e continuará sendo fundamental para minha formação e minha vida acadêmica.

À todos vocês, meu muito obrigada por estarem comigo e tornar este momento tão especial!

A criação da mulher

Já tinha o mundo
Jove formado,
E rei de tudo
O homem criado.

Com mão profusa
A natureza
Em vão mostrava
Tanta beleza!

Florido o vale
Reverdecia:
De aromas mil
O ar se enchia.

E todavia,
Qual duro tronco,
O homem jazia
Sisudo e bronco.

No sólio eterno
Jove sentado,
Então aos deuses
Fala pausado.

Só, pensativo
Se desalenta
Do mundo inteiro
Nada o contenta.¹

¹ Poema citado por Maria Graham em *Diário de uma viagem ao Brasil* intitulado *A criação da Mulher* (GRAHAM, 1990, p. 361).

RESUMO

SILVA, Maria Beatriz Leal da. *"Tão singular como os olhos é o olhar"*: mulheres viajantes no Rio de Janeiro oitocentista, suas visões de civilidade e de educação. 2023. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

As mulheres sempre viajaram, no entanto, o século XIX foi o período em que, de coadjuvantes muitas viajantes se tornaram protagonistas da história e da sua própria história ao adentrarem em um campo majoritariamente masculino, se lançando por terras distantes e desconhecidas, desafiando os perigos e os padrões preestabelecidos para o gênero feminino de sua época e registrando suas vivências em cartas e diários. Seja acompanhando seus maridos, com o intuito de pesquisar, em busca de aventuras ou de melhor condição de vida, a maioria das viajantes não deixou de lado a missão de trazer a “civilidade” e o progresso a um país rodeado por uma natureza bela e pródiga, porém, “atrasado” culturalmente aos olhos do europeu. Diante do exposto, o problema dessa pesquisa consiste em, a partir desses relatos, interrogar as narrativas sobre o contexto observado no Rio de Janeiro oitocentista, principalmente, os aspectos educacional e de civilidade descritos por elas em suas impressões registradas. Nesse sentido, esta tese defende que tais escritas (das mulheres viajantes estrangeiras) contribuíram para configurar as suas ações/impressões e movimentações nos planos da civilidade, caracterizada como uma experiência educativa. Para responder à questão problema, o objetivo geral deste estudo é buscar nos relatos de viajantes estrangeiras elementos que possibilitem uma interpretação histórica sobre impressões e experiências deixadas por estas mulheres acerca dos aspectos educacional e de civilidade durante o Período Monárquico no Rio de Janeiro (1808-1889). Em um plano específico, os objetivos são analisar o processo que envolvia as viagens pelo oceano no século XIX; evidenciar a chegada no Rio de Janeiro a partir das primeiras impressões e experiências das viajantes; descrever as primeiras impressões sobre a cidade; localizar as viajantes que estiveram no Rio de Janeiro durante o período de estudo; verificar aproximações e distanciamentos entre as visões de cada uma das pesquisadas acerca do contexto educativo e possíveis colaborações com o projeto civilizador do Brasil no oitocentos. A pesquisa qualitativa e histórico-documental tem como fonte os diários e cartas, além de outros documentos de viagem. O referencial utilizado como aporte teórico dialoga com a obra de Roger Chartier (2004) e Jacques Revel (2009), fundamentais para a análise do binômio civilidade e educação; dialoga com a obra de Michelle Perrot (2005; 2019) sobre a história das mulheres, suas lutas e conquistas; com a obra de Peter Burke (2017) para refletir sobre o uso de imagens; Cunha (2019) e Mignot, Bastos e Cunha (2000) por serem diários, arquivos pessoais, e se encaixarem na perspectiva de egodocumentos, além do diálogo com produções acadêmicas sobre a temática, após uma minuciosa revisão de literatura, dentre elas, as obras de Miriam Lifchitz Moreira Leite (1984; 1997), referência no estudo de mulheres viajantes. A contribuição da pesquisa está no fato de ao analisar os diários íntimos de viajantes estrangeiras e demais documentos por elas produzidos, evidencia-se elementos que possibilitam uma interpretação histórica sobre impressões e experiências registradas acerca dos aspectos de educação e civilidade em terras brasileiras, mais especificamente no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Mulheres viajantes. Século XIX. Rio de Janeiro. Educação e civilidade.

ABSTRACT

SILVA, Maria Beatriz Leal da. *"As singular as the eyes is the look"*: women travelers in 19th century Rio de Janeiro, their views of civility and education. 2023. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Women have always traveled, but the 19th century was the period in which many travelers went from being supporting players to becoming protagonists of history and their own history by entering a mostly male field, setting out for distant and unknown lands, challenging the dangers and pre-established standards for the female gender of their time and recording their experiences in letters and diaries. Whether accompanying their husbands, in search of research, adventure or a better standard of living, the majority of female travelers did not neglect their mission to bring "civility" and progress to a country surrounded by beautiful and lavish nature, but culturally "backward" in the eyes of Europeans. In view of the above, the problem of this research is to use these accounts to interrogate the narratives about the context observed in nineteenth-century Rio de Janeiro, especially the educational and civility aspects described by them in their recorded impressions. In this sense, this thesis argues that these writings (by foreign women travelers) contributed to shaping their actions/impressions and movements in terms of civility, characterized as an educational experience. In order to answer this question, the general aim of this study is to search for elements in the accounts of foreign travelers that will enable a historical interpretation of the impressions and experiences left by these women about educational aspects and civility during the Monarchical Period in Rio de Janeiro (1808-1889). On a specific level, the objectives are to analyse the process that involved ocean travel in the 19th century; to highlight the arrival in Rio de Janeiro based on the travellers' first impressions and experiences; to describe their first impressions of the city; to locate the travellers who were in Rio de Janeiro during the study period; to verify approximations and distances between the visions of each of the researchers about the educational context and possible collaborations with the civilizing project of Brazil in the 19th century. The qualitative and historical-documentary research is based on diaries and letters, as well as other travel documents. The framework used as theoretical support dialogues with the work of Roger Chartier (2004) and Jacques Revel (2009), which are fundamental for analyzing the binomial of civility and education; it dialogues with the work of Michelle Perrot (2005; 2019) on the history of women, their struggles and achievements; with the work of Peter Burke (2017) to reflect on the use of images; Cunha (2019) and Mignot, Bastos and Cunha (2000) because diaries are personal archives and fit into the perspective of egodocuments, in addition to the dialogue with academic productions on the subject, after a thorough literature review, among them, the works of Miriam Lifchitz Moreira Leite (1984; 1997), a reference in the study of women travelers. The contribution of the research lies in the fact that by analyzing the intimate diaries of foreign travelers and other documents produced by them, we can see elements that enable a historical interpretation of the impressions and experiences recorded about aspects of education and civility in Brazilian lands, more specifically in Rio de Janeiro.

Keywords: Women travelers. 19th centur. Rio de Janeiro. Education and civility.

RESUMEN

SILVA, Maria Beatriz Leal da. *"Tan singular como los ojos, es la mirada"*: mujeres viajeras en Rio de Janeiro ochocentista, sus visiones de civilidad y de educación. 2023. 294 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Las mujeres siempre viajaron, sin embargo, el siglo XIX fue el período en el que, de coadyuvantes, muchas viajeras se volvieron protagonistas de la historia y de su propia historia, adentrando un campo mayoritariamente masculino, ellas se lanzaron por tierras lejanas y desconocidas, desafiando los peligros y los patrones preestablecidos para el género femenino de su época, registrando sus vivencias en cartas y diarios. Sea acompañando a sus maridos, con el reto de investigar, en búsqueda de aventuras o de mejor condición de vida, la mayoría de las viajeras no dejó al lado la misión de traer “civilidad” y progreso a un país rodeado por una naturaleza bella y pródiga, pero, “retrasado” culturalmente a los ojos del europeo. Frente a lo expuesto, el problema de esa investigación consiste en, a partir del informe de las viajeras, interrogar las narrativas sobre el contexto observado en Rio de Janeiro ochocentista, principalmente, los aspectos educacional y de civilidad descritos por ellas en sus impresiones registradas. En ese sentido, esta tesis defiende que tales registros (de las mujeres viajeras extranjeras) contribuyeron para configurar acciones/impresiones y movimientos en los planes de la civilidad, caracterizada como experiencia educativa. Para contestar a la cuestión problema, el objetivo general de esa investigación es buscar en los relatos de viajeras extranjeras elementos que posibiliten una interpretación histórica sobre impresiones y experiencias dejadas por estas mujeres respecto a los aspectos educacional y de civilidad durante el Período Monárquico en Rio de Janeiro (1808-1889). En un plan específico, los objetivos son analizar el proceso que involucraba los viajes por el océano en el siglo XIX, poner en evidencia la llegada a Rio de Janeiro a partir de las primeras impresiones y experiencias de las viajeras, describir las primeras impresiones sobre la ciudad; localizar las viajeras que estuvieron en Rio de Janeiro durante el período de estudio, comprobar acercamientos y alejamientos entre las visiones de cada una de las investigadoras en lo que se refiere al contexto educativo y posibles colaboraciones con el proyecto civilizador de Brasil de los ochocientos. La investigación cualitativa e histórico-documental tiene como fuente, los diarios y cartas, además de otros documentos de viaje. El marco utilizado como aporte teórico dialoga con la obra de Roger Chartier (2004) y Jacques Revel (2009), fundamentales para el análisis del binomio civilidad y educación; dialoga con la obra de Michelle Perrot (2005; 2019) sobre la historia de las mujeres, sus luchas y logros; con la obra de Peter Burke (2017) para reflexionar sobre el uso de imágenes; Cunha (2019) y Mignot, Bastos y Cunha (2000) porque son diarios, archivos personales, y se encajan en la perspectiva de egodocumentos, además del diálogo con producciones académicas sobre la temática, tras un minucioso repaso de literatura, entre ellas, las obras de Miriam Lifchitz Moreira Leite (1984; 1997), referencia en el estudio de mujeres viajeras. La contribución de la investigación está en el hecho de analizar los diarios íntimos de las viajeras extranjeras y demás documentos por ellas producidos, poniendo en evidencia elementos que posibiliten una interpretación histórica sobre impresiones y experiencias registradas acerca de los aspectos de educación y civilidad en tierras brasileñas, más específicamente en Rio de Janeiro.

Palabras-clave: Mujeres viajeras. Siglo XIX. Rio de Janeiro. Educación y civilidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Jeanne Baret.....	22
Figura 2 -	Família Gall em Petrópolis (1909)	27
Figura 3 -	Diário e caneta tinteiro usados para a pesquisa.....	51
Figura 4 -	Visão do Pão de Açúcar e da baía do Rio de Janeiro vista através da escotilha de um navio (Século XIX)	55
Figura 5 -	Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantada por ordem de sua Alteza o Príncipe Regente Nosso Senhor, no ano de 1808.....	57
Figura 6 -	Passagem de Sua Majestade, D. João VI, sob os arcos da Rua Direita (atual Primeiro de Março), em frente à Rua do Ouvidor.....	60
Figura 7 -	Negros de Carro	61
Figura 8 -	Mercado e escravos de Valongo (Século XIX).....	65
Figura 9 -	Rota das Mulheres Viajantes do século XIX e ano de sua chegada ao Brasil.....	70
Figura 10 -	Código Napoleônico.....	72
Figura 11 -	Navio <i>La Belle Poule</i>	76
Figura 12 -	Cabin-boy (Grumete)	81
Figura 13 -	Panorama da baía de Guanabara	89
Figura 14 -	Le Géant Couché (Século XIX)	91
Figura 15 -	O Gigante adormecido (Século XXI)	91
Figura 16 -	Folhagem e folhas de uma trepadeira com palmeiras-reais e o Pão de Açúcar ao fundo.....	95
Figura 17 -	Louis Adolphe Pharoux.....	98
Figura 18 -	Uma tarde na praça do Palácio.....	99
Figura 19 -	Rua Direita, atual Primeiro de Março.....	100
Figura 20 -	Retorno dos escravos de um naturalista (Debret, Século XIX).....	104
Figura 21 -	Nota de aluguel de embarcações (1891).....	105
Figura 22 -	Nota de aluguel de carros (1884).....	106
Figura 23 -	Entrada da baía e a cidade do Rio de Janeiro, a partir do terraço do Convento de Santo Antônio.....	108

Figura 24 -	Hotel Pharoux.....	114
Figura 25 -	Primeiro daguerreotipo tirado no Rio de Janeiro.....	116
Figura 26 -	Anúncio do Jornal do Commercio sobre o atelier dos ingleses Morand & Smith no Hotel Pharoux (1842).....	117
Figura 27 -	Hotel Pharoux.....	118
Figura 28 -	Nota do Hotel Coroa de Ouro (1887).....	120
Figura 29 -	Nota do Hotel Bragança (1887)	121
Figura 30 -	Estação Mauá e a Raiz da Serra de Petrópolis.....	123
Figura 31 -	Planta das estradas de ferro das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (1882)	124
Figura 32 -	Guias de viagem sobre a Cidade Imperial (1862 e 1872).....	130
Figura 33 -	Contracapa e primeira página de <i>La Província de Rio de Janeiro – Notizie all’Emigrante</i>	133
Figura 34 -	Rainha Carlota Joaquina.....	135
Figura 35 -	Anúncio de jornal oferecendo produtos europeus (1817).....	138
Figura 36 -	Família indo à Missa (1841).....	141
Figura 37 -	Anúncio no Jornal do Commercio (Ano 1840\Edição 00016).....	143
Figura 38 -	Despejo na Praia de D. Manoel.....	149
Figura 39 -	Cena de rua.....	150
Figura 40 -	Capa de Manuais de Civilidade para a “mocidade” do século XIX..	153
Figura 41 -	Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1850).....	161
Figura 42 -	Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1860).....	161
Figura 43 -	Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1870).....	162
Figura 44 -	Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1880).....	162
Figura 45 -	Elizabeth e Lachlan Macquarie.....	170
Figura 46 -	Rose e Louis de Freycinet.....	173
Figura 47 -	Baronesa E. de Langsdorff.....	179
Figura 48 -	D. Francisca, D. Pedro II, D. Januaria - Quarto do estudo em S. Christovan.....	181
Figura 49 -	O Aqueduto do Rio de Janeiro.....	186
Figura 50 -	Antigo e Novo Chafariz da Carioca.....	187
Figura 51 -	Elizabeth e Louis Agassiz.....	191

Figura 52 - Isabel e Richard Burton.....	197
Figura 53 - Vista de Petrópolis.....	201
Figura 54 - Maria Graham (1821).....	209
Figura 55 - Dom Pedro I e sua filha a princesa Maria da Glória.....	214
Figura 56 - Carta de Maria Graham à Leopoldina.....	216
Figura 57 - Carta de Leopoldina à Maria Graham.....	217
Figura 58 - Maria Callcott.....	221
Figura 59 - Minha negra romana.....	224
Figura 60 - Ina von Binzer (1882).....	226
Figura 61 - Escarradeira do século XIX.....	231
Figura 62 - Ida Laura Pfeiffer.....	237
Figura 63 - Ida Pfeiffer em traje de viagem.....	241
Figura 64 - Princesa Teresa da Baviera.....	243
Figura 65 - Princesa Teresa da Baviera em seu acampamento no Rio Doce.....	246
Figura 66 - Marianne North em Ceilão.....	250
Figura 67 - Flores cultivadas no Jardim Botânico.....	252
Figura 68 - Vista da Serra de Petrópolis.....	253
Figura 69 - Vista da velha mina de ouro da varanda de Morro Velho.....	254
Figura 70 - Carmem Oliver de Gelabert.....	256
Figura 71 - Colégio Kopke e parte do seu jardim.....	261
Figura 72 - Anúncio do Jornal <i>A Nação</i> – Edição n. 20 de 1873.....	262

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Mulheres em viagem pelo Brasil e que deixaram registro de sua passagem pelo Rio de Janeiro durante o Período Monárquico (1808-1889).....	29
Quadro 2 -	Artigos selecionados para a revisão da literatura em periódicos de História da Educação contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.....	34
Quadro 3 -	Artigos selecionados para a revisão da literatura em periódicos nas áreas das Ciências da Natureza e Humanas, especificamente sobre as mulheres viajantes do século XIX que passaram pelo Rio de Janeiro.....	35
Quadro 4 -	Artigos selecionados para a revisão da literatura em periódicos nas áreas das Ciências da Natureza e Humanas com a temática mulheres viajantes do século XIX.....	36
Quadro 5 -	Teses selecionadas para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.....	37
Quadro 6 -	Dissertações selecionadas para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.....	39
Quadro 7 -	Teses e Dissertações para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática no banco de Teses e Dissertações do ProPEd/UERJ.....	41
Quadro 8 -	Diários e cartas produzidos por mulheres viajantes do século XIX utilizados como fontes de pesquisa.....	44
Quadro 9 -	Diários e cartas produzidos por homens viajantes do século XIX utilizados nesta pesquisa.....	45
Quadro 10 -	Livros selecionados para a revisão da literatura e contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.....	48
Quadro 11 -	Viajantes, portos de saída e chegada e duração da viagem.....	68
Quadro 12 -	Palestras ministradas por Louis Agassiz a bordo do <i>Colorado</i>	83

Quadro 13 - Hotéis, alojamento e casas de pasto na primeira metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, de acordo com os anúncios do <i>Jornal do Commercio</i> (1827-1849).....	110
Quadro 14 - Relação dos principais hotéis, alojamento e casas de pasto na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro contidos no <i>Guia do Viajante no Rio de Janeiro</i> de Alfredo do Valle Cabral, 1884.....	119
Quadro 15 - Principais Guias de Viagem publicados na Europa e Estados Unidos no século XIX.....	127
Quadro 16 - Primeiros Guias de Viagem publicados no Brasil - Século XIX.....	129
Quadro 17 - Teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1854 e 1888 sobre o tema higienização nos colégios.....	154
Quadro 18 - Mulheres em viagem pelo Rio de Janeiro oitocentista e o motivo que as trouxeram	156
Quadro 19 - Relação das principais escolas na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro contidos no <i>Guia do Viajante no Rio de Janeiro</i> de Alfredo do Valle Cabral, 1884.....	158
Quadro 20 - Viajantes naturalistas do século XIX.....	233

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRALIC	Associação Brasileira de Literatura Comparada
ANPUH	Associação Nacional de História
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID	Corona Virus Disease
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FMRJ	Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MINC	Ministério da Cultura
MTUR	Ministério do Turismo
NHEMPE	Núcleo de Pesquisa História e Memória das políticas educacionais no território fluminense
PROPED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RBE	Revista Brasileira de Educação
RBHE	Revista Brasileira de História da Educação
RHE	Revista História da Educação
RIOTUR	Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro
SAR	Sua Alteza Real
UCP	Universidade Católica de Petrópolis
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

UNIRIO Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
US Universidade de Sevilha

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	20
	Navegando pela pesquisa: as rotas escolhidas.....	31
1	A VIAGEM E A CHEGADA AO RIO DE JANEIRO: “UM PARAÍSO DE NATUREZA EXUBERANTE.....	54
1.1	A viagem ao Rio de Janeiro: um oceano de azuis do céu e mar.....	68
1.2	A entrada na Baía de Guanabara: “uma experiência encantadora... ..	87
1.3	O desembarque no Cais Pharoux.....	96
1.4	A recepção da cidade: primeiras impressões e alojamentos.....	107
1.5	Guias de Viagem.....	126
1.6	O olhar europeu: uma elite que copiava os modos franceses e a “população exótica.....	134
2	ASPECTOS DE CIVILIDADE E EDUCAÇÃO: VIAJANTES ACOMPANHADAS E OS RELATOS DO NOVO MUNDO.....	146
2.1	As estrangeiras em terras brasileiras: o que vinham fazer aqui?.....	155
2.2	Ver além de seu olhar: narrativas e imagens das mulheres viajantes.....	165
2.3	Ao lado dos maridos: uma experiência de escrita do além-mar.....	167
2.3.1	<u>A inglesa Elizabeth Macquarie (1809).....</u>	169
2.3.2	<u>A francesa Rose de Freycinet (1817-1820).....</u>	172
2.3.3	<u>A francesa Baronesa E.de Langsdorff (1842-1843).....</u>	178
2.3.4	<u>A francesa Virginie Léontine B. (1857-1858).....</u>	184
2.3.5	<u>A norte-americana Elizabeth Cary Agassiz (1865-1866).....</u>	190
2.3.6	<u>A inglesa Isabel Burton (1865-1868)</u>	197
3	MULHERES VIAJANTES E A MISSÃO DE EDUCAR: PROFESSORAS, NATURALISTAS E “AVENTUREIRAS.....	204
3.1	A missão de ensinar: o cenário brasileiro e as práticas educativas....	206
3.1.1	<u>A inglesa Maria Graham (1821-1822 /1823/1824-1825).....</u>	208
3.1.2	<u>A francesa Adèle Toussaint-Samson (1850-1862).....</u>	222
3.1.3	<u>A alemã Ina von Binzer (1881- 1884).....</u>	226
3.2	A natureza como objeto: a floresta, a cidade e seus habitantes.....	232

3.2.1	<u>A austríaca Ida Pfeiffer (1846)</u>	236
3.2.2	<u>A alemã princesa Teresa da Baviera (1888)</u>	242
3.2.3	<u>A inglesa Marianne North (1872-1873)</u>	250
3.2.4	<u>A espanhola Carmen Oliver de Gelabert (1870)</u>	255
3.3	A aventura na América: narrativas sobre o “outro” mundo	263
3.3.1	<u>A francesa Alexandrine Langlet Dufresnoy (1837-1842)</u>	264
3.4	Um olhar de contrastes: as singularidades observadas	268
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	270
	REFERÊNCIAS	274
	ANEXO A - Panorama da Baía de Guanabara, 1825.....	286
	ANEXO B - Carta de Maria Graham à Leopoldina.....	287
	ANEXO C - Carta de Maria Graham à Leopoldina.....	288
	ANEXO D - Carta de Leopoldina à Maria Graham.....	289
	ANEXO E - Pinturas a óleo de Marianne North.....	290

INTRODUÇÃO

Assim como um pintor é impelido a pintar um quadro e um poeta a manifestar seu pensamento, eu me senti impelida a ver o mundo. Viajar era o sonho da minha juventude e a lembrança do que vi é a alegria da minha velhice.

Ida Pfeiffer, 1850².

Num trabalho que discorre sobre mulheres, a escolha da epígrafe é significativa não apenas por ser de uma mulher viajante do século XIX, mas principalmente pela ousadia de suas palavras, pois, se lançar ao desconhecido, seja qual for a razão que impulse, é antes de tudo um ato de coragem, principalmente se esse “se lançar” corresponde a um período em que as mulheres não eram educadas e preparadas para isso.

Mesmo sendo raros, desde a Antiguidade nos deparamos com relatos de mulheres que saíram pelo mundo em viagens. Com a chegada da internet e a velocidade de informações, esses relatos passaram a chegar até nós com muita facilidade. Navegando pelas redes sociais encontram-se vários sítios eletrônicos que discorrem sobre o empoderamento feminino por meio de viagens. Utilizando a hashtag #viajecomoumagarota, o sítio eletrônico *mulheresviajantes.com*, por exemplo, traz narrativas, entrevistas, documentários e seminários onde mulheres descrevem suas experiências de viagens, acompanhadas ou sozinhas. Sozinhas sim, por que não? Como é difícil, numa sociedade tão presa a certos paradigmas, as pessoas compreenderem que se lançar numa aventura sozinha pode ser uma opção. Inclusive, o termo “aventura” ou aventureira” foi sofrendo, de acordo com Norma Telles (2017), transformações ao longo da história.

Para ser breve, basta observar a diferença de conotação de gênero da palavra aventureiro/a, na versão masculina indica ação, coragem, desenvoltura, mas quando empregada às mulheres conota o sentido de amor venal. Então, nessa sociedade, homens realizam aventuras que trazem novos conhecimentos ao bem comum e “as mulheres têm amantes” (Telles, 2017, p. 13).

O tema *Mulheres Viajantes* vem ganhando cada vez mais destaque na literatura, nas redes sociais e no cinema. *Mas você vai sozinha?* Esse é o título de um livro escrito por Gaia

² PFEIFFER *apud* EBERSPÄCHER, 2019. p. 111.

Passarelli e publicado em 2017, que narrou com sinceridade e bom humor as suas façanhas sozinhas pelo mundo. A autora trouxe em sua obra importantes questões sobre o autoconhecimento gerado através de uma viagem sem companhia e, de como as pessoas enxergam as viajantes independentes e ousadas como ela. Além desta publicação, encontra-se uma lista significativa de filmes sobre mulheres que saíram em busca de aventuras e conquistas, dentre eles, o clássico *Thelma e Louise* (1991) e *Comer, rezar e amar* (2010). Mais recentemente, o filme “*Livre*” (2014), baseado no livro de memórias *Wild: From Lost to Found on the Pacific Crest Trail*, conta a história real de Cheryl Strayed (Reese Witherspoon), que após a morte de sua mãe, seu divórcio e uma fase de autodestruição decidiu pegar uma mochila e viajar sozinha por uma das trilhas mais longas e selvagens da América. A trama retratou que a experiência não foi apenas uma viagem de aventura, mas também um caminho enorme de descobertas e redescobertas.

Seja em busca de um recomeço, de conquista, de conhecimento, aventura ou apenas por opção, cada vez mais o número de mulheres que optam por viajar sozinhas vem aumentando e, ao relatarem suas aventuras, estimulam outras a transcenderem as fronteiras e fazerem o mesmo, pois, literalmente, lugar de mulher é onde ela quiser.

A história de algumas dessas mulheres que viajaram pelo mundo e romperam barreiras para o gênero feminino de sua época abriu o caminho para tantas outras seguirem seu exemplo. Uma delas foi a francesa Jeanne Baret, a primeira mulher a circum-navegar o mundo no século XVIII. Mulheres eram proibidas de tripular navios da marinha francesa neste período. Para que pudessem participar de expedições sem a companhia de seus pais ou marido, seria preciso uma licença, soma-se a esta dificuldade a misoginia entre os navegantes, pois havia o mito de que mulher em embarcação traria azar. Rompendo com os padrões de sua época, Baret, para integrar a expedição francesa entre os anos de 1766 e 1769, precisou se disfarçar de homem e usar o nome de Jean Baret. Em sua viagem, Baret empreendeu um enorme serviço à ciência como ajudante do naturalista Philibert Commerson, ambos coletaram e catalogaram uma significativa quantidade de espécies de plantas. Mesmo com a relevância de seus feitos, a francesa não alcançou o reconhecimento devido, morrendo quase no esquecimento, anos depois. Publicado pela escritora inglesa Glynis Ridley, o livro *O Segredo de Jeanne Baret*, revelou para o mundo com riquezas de detalhes o legado desta mulher para a ciência e sua aventura real, repleta de coragem e ousadia. Na Figura 1 a seguir, consta a primeira imagem conhecida da francesa Jeanne Baret vestida como o marinheiro Jean Baret e que está na capa da obra publicada por Ridley.

Figura 1 - Jeanne Baret.



Fonte: Cristoforo Dall'Acqua, s.d. In: Cadernos de Viagem. KURY, 2018, p. 49.

Em 27 de julho de 2020, data do 280º aniversário de nascimento da viajante Jeanne Baret, a empresa multinacional *Google* a homenageou com um *doodle*³. A ilustração mostrava a viajante a bordo de um navio, rodeada de *bougainvillea*, uma espécie nativa de trepadeira encontrada e catalogada por Commerson e Baret, que recebeu este nome em homenagem ao capitão do navio e comandante da missão, Louis Antoine de Bougainville.

Todavia, foi no século XIX que um significativo número de mulheres se tornou protagonista da história e da sua própria história de vida, sem precisar de disfarce para se lançar em viagens por terras distantes e registrar suas aventuras e conquistas em diários e/ou cartas. Um dos motivos para o aumento expressivo de mulheres viajantes neste período pode ter sido devido as melhorias nas condições de viagem nos navios e, conseqüentemente, o barateamento

³ Os doodles são versões divertidas e, muitas vezes, espontâneas do logotipo do Google para comemorar feriados, aniversários e a vida de artistas, pioneiros e cientistas.

do custo das passagens. Mesmo assim, atravessar o Atlântico no oitocentos não era nada fácil. Destaca-se que as “Viagens poderiam significar para as mulheres da primeira metade do século XIX uma ampliação do espaço social, especialmente se estas decidiam escrever e publicar suas experiências” (Santos, 2014, p. 46).

Neste trabalho, o termo “viajantes” é utilizado para se referir aos estrangeiros que estiveram de passagem pelo Brasil e deixaram algum registro sobre o país, seus costumes, natureza e sociedade. Entre os registros, nos diários dos viajantes encontram-se ricos testemunhos iconográficos. Feitos pelos próprios autores ou por desenhistas que os acompanharam, as imagens e pinturas descreviam com riqueza de detalhes o que, geralmente, era desconhecido para a maioria dos leitores curiosos pela literatura por eles produzidas. Adentrando num campo majoritariamente masculino, as publicações de mulheres viajantes do oitocentos mostraram o olhar detalhista e sensível dos fatos por elas presenciados. Através desse olhar atento, o mundo ganhou registros importantes da natureza, das cidades por onde passaram e das pessoas que as habitavam, um olhar diferenciado, daquelas que vinham “de fora” e, por isso, eram capazes de perceber o que para os habitantes, era algo normal em seu cotidiano.

Desde a graduação em História, a temática sobre viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro oitocentista faz parte do meu objeto de pesquisa. No entanto, a partir de 2014, ano do meu ingresso no Mestrado em Educação na Universidade Católica de Petrópolis – UCP, me lancei pelo campo da História da Educação, porém sem deixar de lado essa temática.

A escolha de um objeto a ser pesquisado precisa ter sentido para o pesquisador. Definir o assunto envolve uma série de fatores que devem ser considerados. Minayo (2016), em sua obra sobre pesquisa social, destaca a importância de existir uma identidade entre o sujeito e objeto. O pesquisador precisa se identificar com aquilo que vai investigar, caso contrário, o trabalho se torna entediante.

Baseado nesta afinidade comecei a transformar o fator identitário em projeto de pesquisa acadêmica. Sou natural de Petrópolis e descendente de colonos alemães que se instalaram na região serrana no século XIX. Diferente da maioria dos membros de minha família materna, atualmente resido em Magé, entretanto, meus estudos aconteceram boa parte em Petrópolis e outra em Magé. Como historiadora e educadora, investigar a história dessas duas cidades, tão próximas na distância e com significativas diferenças culturais, faz parte da minha trajetória pessoal e educacional. Magé é uma cidade-dormitório, porém, nem sempre foi assim. Com mais de quatro séculos de história, a cidade recebeu, dentre outras coisas, a primeira indústria do

Brasil, a primeira ferrovia e se tornou a partir do final do século XIX, um importante complexo da indústria têxtil. Foi nessa região, mais especificamente no bairro que resido, Raiz da Serra, localizado no sopé da serra da Estrela – que liga Magé a Petrópolis, que no início do século XIX, o médico, diplomata e naturalista alemão George Heinrich von Langsdorff adquiriu uma fazenda chamada Mandioca, que logo se tornou importante ponto de relação entre os viajantes que vieram ao Brasil e, particularmente, ao Rio de Janeiro.

A fazenda da Mandioca tornou-se para muitos viajantes a porta de entrada para a floresta. Seu contato com as matas começava já na própria cidade do Rio de Janeiro, em alguns dos belos passeios que realizavam pelas montanhas cariocas, como a do Corcovado. O encantamento dos botânicos, no entanto, adquiria todo seu vigor quando deixavam a Corte, tomavam uma embarcação até o Porto da Estrela, no rio Inhomirim, ao fundo da Baía de Guanabara. A partir dali descortinava-se o sublime panorama da Serra Mar – e a impressionante Serra dos Órgãos – e se abriam os caminhos para o interior da província e para as Minas Gerais (Kury, 2006, p.66).

O oficial prussiano T. von Leithold escreveu o interessante e até engraçado relato sobre um baile realizado na residência de Langsdorff, provavelmente no ano de 1819 e que foi publicado no livro de Hans Becher intitulado *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff – pesquisas de um cientista alemão no século XIX*. O alemão naturalizado russo foi inclusive nomeado cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro, um homem de muita influência no meio político e diplomático do país.

Chegara ao Rio de Janeiro um navio russo que havia realizado uma viagem de dois anos para descobrir novas terras. Com o objetivo de prestar uma homenagem aos seus oficiais, o cônsul-geral da Rússia organizou um baile, acontecimento raro que fora comentado por muitos [...]. Além do oficial russo, todos os diplomatas participaram do evento [...]. A música foi executada pelos membros da orquestra do teatro, dentre os quais um mulato, primeiro violinista. A senhora von Langsdorff iniciou a festa executando com certo receio a primeira peça do concerto num piano de cauda [...]. Após o concerto, as pessoas dançaram e os inúmeros convidados se dividiram entre o salão, a varanda coberta e outros cômodos, todos muito bem decorados. Durante o baile dançaram homens e mulheres da Rússia, Prússia, Áustria, Inglaterra, França, Espanha, Portugal, assim como do Brasil. As damas apresentavam aos observadores uma cena brilhante do encanto feminino de todas as nações presentes. Às 8 horas, porém, os braços, ombros e costas das damas, que trajavam os vestidos decotados da moda, já tinham sido tão picados por mosquitos que, de tão vermelhos, assemelhavam-se a soldados após apanharem de chicote. Queiram perdoar-me pela comparação, talvez um tanto sem gosto, mas o fato é que não estou exagerando e não consegui encontrar uma comparação mais adequada do que esta [...]. Até mesmo eu, que não dancei, mantive-me em constante movimento, saltando como um gafanhoto, a fim de afastar os mosquitos das minhas meias de seda. Não é pra menos que os bailes aqui tenham um raro valor. Primeiramente os mosquitos; segundo, o incrível calor da qual tantas pessoas sofreram em um espaço limitado. O mencionado calor provocou também uma saturação atmosférica no ar, cuja pressão excessiva levou-nos a pisar

uns nos outros. [...] Foi um alívio quando deixei a festa e retornei ao meu alojamento a fim de gozar o meu local de descanso (Becher, 1990, p. 44. Grifo meu).

Além de sua fazenda no sopé da serra, a casa do diplomata localizada no Rio de Janeiro, tornou-se um importante centro cultural para a sociedade da capital e para os políticos e viajantes que visitavam o Brasil naquela época. Spix e von Martius, que desembarcaram no Brasil no século XIX, retrataram a residência de Langsdorff e de sua esposa como um agradável ponto de encontro:

A hospitaleira casa do senhor von Langsdorff era, à noite, para muitos europeus que se achavam no Rio de Janeiro, um agradável ponto de encontro, onde a conversa corria animada e alegre, contagiada ainda pelo talento musical da dona da casa [...] Nada se compara à beleza desse lugar quando o dia quente se vai e os ventos suaves e frescos, impregnados do perfume balsamo oriundo das florestas montanhosas, refrescam o ar (Becher, 1990, p. 27. Grifo meu).

Os trechos acima destacados são uns dos poucos que mencionaram a esposa de Langsdorff e sua função de anfitriã, daquela que, como as demais mulheres, deveriam dedicar-se aos cuidados da casa e de seus maridos. Circulando há anos na temática dos viajantes oitocentistas, a invisibilidade das mulheres sempre foi evidente. No livro *Educação, Poder e Sociedade no Império Brasileiro*, José G. Gondra e Alessandra Schueler (2008), destacaram esse apagamento utilizando o conceito de anomia social.

[...] é possível pensar na existência de outras iniciativas, modalidades e práticas difusas de transmissão de saberes, ofícios e técnicas, diversos modos de vulgarização da instrução, os quais podem ter aberto caminhos de circulação de idéias, livros e letras, possibilitando, em alguma medida, o acesso à leitura e à escrita por indivíduos pertencentes a grupos sociais e étnicos variados, como no caso de crianças, homens e mulheres negros, escravos ou libertos. Grupos que, até pouco tempo, não tinham assento na história da educação ou eram considerados apenas sob a perspectiva da exclusão, do silêncio, da dominação, da subalternidade ou da anomia social (Gondra e Schueler, 2008, p. 222).

O próprio Langsdorff registrou em seus diários suas impressões a respeito do lugar secundário que as mulheres ocupavam e a superioridade do gênero masculino na sociedade brasileira ao visitar uma fazenda em Minas Gerais, o que não era diferente na capital e demais regiões do Rio de Janeiro. Moreira Leite, ao prefaciar a obra *Os diários de Langsdorff*, organizado por Danuzio Gil Bernardino da Silva, destacou, segundo suas palavras, o viés machista do viajante.

Várias vezes admirei-me em ver o quanto se conseguia fazer nas fazendas com tão poucos escravos. Eu não conseguia entender, pois também procuro manter meu pessoal trabalhando com eficiência. Mas finalmente descobri o motivo: quando se pergunta o número de escravos, aqui consideram-se os homens, ou seja, aqueles que trabalham na roça ou no campo. As mulheres são todas empregadas na casa e nos afazeres domésticos como, por exemplo, levar o milho para a moenda, cozinhar milho,

a comida para os porcos, ocupar-se da comida, da roupa, fiar e tecer algodão, espalhar o feijão, cozinhar doce, fazer farinha de milho, dar comida às galinhas, etc. (Langsdorff *in* Silva, 1997, p. L).

Nada escapou ao olhar do alemão, assim como da maioria dos viajantes que observavam, comparavam com sua realidade e escreviam tudo o que viam e ouviam sobre o cotidiano da população brasileira, inclusive seus hábitos e costumes. Em relação à higiene da população brasileira o diplomata anotou: “Outro costume muito usado na região é o lava-pés com água morna, toda noite, antes de ir para cama. Todas as pessoas, de ambos os sexos, desde o proprietário até o último dos escravos, observam este costume” (Langsdorff *in* Pinheiro, 2010, Vol.2, p. 40). O alemão também comentou sobre o costume dos brasileiros em ter a unha do polegar comprida como um grande adorno, sinal de opulência por não precisar fazer nenhum trabalho manual.

Langsdorff tinha planos de implementar em sua fazenda uma colônia agrícola e, para este fim, utilizou inovadoras técnicas de plantio, além de contratar o trabalho livre de imigrantes alemães, numa época em que vigorava a escravidão no país. O barão não conseguiu levar adiante seus planos de fundar uma colônia alemã no Brasil por ter encontrado muitas dificuldades, principalmente de ordem financeira. Poucos anos depois de iniciar seu projeto, a colônia agrícola da Fazenda Mandioca deixou de existir.

Como descendente de colonos alemães, sempre me interessei também em pesquisar a trajetória desses viajantes/imigrantes, que não ficaram famosos, porém, fizeram parte da história do país. Nicolau Gall, meu trisavô, chegou a Petrópolis com sua esposa e quatro filhos no ano de 1845, vindo de Enkirch, um município da Alemanha, localizado no estado de Renânia-Palatinado, sudoeste do país. A princípio, a chegada dos colonos alemães em Petrópolis também fazia parte de um plano de criação de colônias agrícolas, no entanto, a maioria foi contratada para as obras de melhoramentos de estradas e também para a construção do palácio de verão do imperador, hoje Museu Imperial.

Os quarteirões de Petrópolis receberam o nome das regiões da Alemanha de onde vieram os imigrantes, como forma de melhor adaptação à nova terra, alguns exemplos são: Castelânia (*Kastellaun*), Mosela (*Mosel*), Renania (*Rheinland*), Palatinato (*Pfalz*), Simeria (*Simmern*) e Bingen. A Figura 2, a seguir, mostra os descendentes de Nicolau Gall em sua residência no bairro Castelânia, no colo, minha avó materna Izabel Maria Gall.

Figura 2– Família Gall em Petrópolis - 1909.



Fonte: Acervo pessoal.

História não é uma ciência neutra, ela carrega uma essência profundamente peculiar onde sujeito e objeto constantemente se articulam numa produção, sem deixar de lado o rigor que a pesquisa científica requer. Este rigor não necessariamente coloca o pesquisador num lugar de distanciamento do seu objeto de pesquisa, ao contrário, Gonsalves (2003), destacou em sua obra a importância do envolvimento do pesquisador com sua pesquisa:

Estar envolvido com a pesquisa é muito importante, sobretudo porque a iniciação científica requer rigor, disciplina, atenção, enfim, um olhar que não dispensamos cotidianamente. Pesquisar dá trabalho, sim, não é tarefa simples, mas não é uma missão impossível (Gonsalves, 2003, p. 10).

Ao iniciar o doutorado em 2019, como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação da professora Maria Celi Chaves Vasconcelos, passei a fazer parte do Núcleo de Pesquisa História e Memória das políticas educacionais no território fluminense - Nhempe/UERJ, vinculado à linha de pesquisa Instituições, práticas educativas e história. Esse retorno aos estudos foi a oportunidade de voltar a temática pesquisada há anos, agora com um novo foco, investigando as mulheres viajantes no Rio de Janeiro oitocentista e suas visões de civilidade e educação. Sejam professoras, cientistas, artistas, amadoras, as que se aventuravam à procura de novas oportunidades e as que acompanhavam seus maridos diplomatas, militares ou naturalistas, foram mulheres que recusaram o comportamento prescrito para o gênero feminino no oitocentos e se destacaram em vários campos.

Apesar do Rio de Janeiro ser um local obrigatório de passagem para obtenção de licenças e cartas de apresentação para a entrada em outras regiões do país, é difícil encontrar um levantamento preciso da quantidade de mulheres que estiveram na cidade durante o século XIX e deixaram registros de sua passagem pela sede da Corte. No entanto, incontestável é o fato de que o número de mulheres que viajaram e deixaram anotações de suas viagens é muito menor que o de viajantes homens.

Foram selecionadas, entre 1808 e 1889, quatorze estrangeiras que estiveram no país e registraram sua passagem pelo Rio de Janeiro. Provavelmente, outras mulheres estiveram no Rio de Janeiro neste período, porém, foram selecionadas aquelas que deixaram registros disponíveis e que foram publicados. O interessante é que das quatorze mulheres selecionadas, a maioria esteve em Magé, seja de passagem, a caminho de Petrópolis ou visitando fazendas locais, como foi o caso de Adèle Toussaint-Samson. No entanto, até começar esta pesquisa e ler os seus diários, eu que pesquisei sobre a temática dos viajantes nesta região, desconhecia este fato.

Para o levantamento das viajantes que estiveram no Rio de Janeiro durante o século XIX, foram utilizados como referência os trabalhos de Miriam Lifchitz Moreira Leite, uma das referências sobre essa temática no país, entre eles a obra *Livros de Viagem: 1803-1900* (1997) e o artigo *Mulheres viajantes no século XIX* (2000). Também foi utilizado o estudo de Ilda Mendes dos Santos, intitulado *Mulheres e viagens no século XIX*, constante entre os acervos da Biblioteca Nacional Digital. A partir desses estudos, foi organizado o Quadro 1 abaixo, onde constam as mulheres viajantes que estiveram na sede da Corte durante o Período Monárquico

(1808-1889), deixaram registros que foram publicados de sua passagem em forma de diário, cartas ou documentos de viagem.

Quadro 1 – Mulheres em viagem pelo Brasil e que deixaram registros de sua passagem pelo Rio de Janeiro durante o Período Monárquico (1808-1889).

	Viajantes	Nacionalidade	Período da viagem ao Brasil
1	Elizabeth Macquarie	Inglesa	1809
2	Rose de Freycinet	Francesa	1817-1820
3	Maria Graham	Inglesa	1821-1822 /1823/ 1824 -1825
4	Alexandrine Langlet Dufresnoy	Francesa	1837-1852
5	Baronesa E.de Langsdorff	Francesa	1842-1843
6	Ida Laura Pfeiffer	Austríaca	1846
7	Adèle Toussaint-Samson	Francesa	1850-1862
8	Virginie Léontine B.	Francesa	1857-1858
9	Elizabeth Cary Agassiz	Norte-americana	1865-1866
10	Isabel Burton	Inglesa	1865-1868
11	Carmen Oliver de Gelabert	Espanhola	1870
12	Marianne North	Inglesa	1872-1873
13	Ina von Binzer	Alemã	1881- 1884
14	Princesa Teresa da Baviera	Alemã	1888

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

O quadro acima demonstra que as mulheres viajantes que estiveram no Brasil no período monárquico eram de diversas nacionalidades, oriundas em sua maioria da Europa, em especial, França e Inglaterra.

O recorte temporal desta pesquisa corresponde ao Rio de Janeiro durante o Período Monárquico (1808-1889). A escolha deste recorte consiste na localização da primeira mulher viajante que se tem notícia que registou suas experiências na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro após a chegada da Corte portuguesa até a última identificada no final do Império.

Vale ressaltar que no final do século XIX, esteve no Rio de Janeiro a norte-americana Marie Robinson Wright, que chegou em outubro de 1889, poucos dias antes de findar a Monarquia. Dessa forma, sua atuação e observação são relativas mais ao período Republicano, por isso não está entre as viajantes citadas no Quadro 1.

Diante do exposto, o problema dessa pesquisa consiste em a partir do relato das viajantes estrangeiras, interrogar as narrativas sobre o contexto observado no Rio de Janeiro oitocentista, principalmente, os aspectos educacional e de civilidade descritos por elas em suas impressões registradas. Nesse sentido, esta tese defende que tais escritas (das mulheres viajantes estrangeiras) contribuíram para configurar as suas ações/impressões e movimentações nos planos da civilidade, caracterizada como uma experiência educativa. Complementando o

problema de pesquisa, em suas descrições, busca-se responder as seguintes questões: Como era viajar no oitocentos e quais os desafios enfrentados pelas mulheres nessa “aventura”? Como era o cotidiano nos navios durante a viagem? Quanto tempo durava as travessias pelo oceano? Como os viajantes descreveram a impressionante entrada na Baía de Guanabara e suas primeiras experiências ao desembarcar no Cais Pharoux? Quais foram as primeiras impressões da cidade do Rio de Janeiro e de sua população? Quais as expectativas que elas tinham em relação a esse novo mundo? Quem eram essas mulheres? Como elas observavam a civilidade e a educação no Rio de Janeiro oitocentista?

Para responder à questão problema, o objetivo geral deste estudo é buscar nos relatos de viajantes estrangeiras elementos que possibilitem uma interpretação histórica sobre impressões e experiências deixadas por estas mulheres acerca dos aspectos educacional e de civilidade durante o Período Monárquico no Rio de Janeiro (1808-1889). Em um plano específico, os objetivos são analisar o processo que envolvia as viagens pelo oceano no século XIX; evidenciar a chegada no Rio de Janeiro a partir das primeiras impressões e experiências das viajantes estrangeiras; descrever as primeiras impressões sobre a cidade; localizar as viajantes que estiveram no Rio de Janeiro durante o período de estudo; verificar aproximações e distanciamentos entre as visões de cada uma das pesquisadas acerca do contexto educativo e possíveis colaborações com o projeto civilizador do Brasil no oitocentos.

Não só o interesse, mas principalmente a liberação da entrada de viajantes no Brasil para a pesquisa foi impulsionada a partir de 1808 com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil. O país passou por diversas mudanças para atender aos interesses da Corte e de seus parceiros comerciais. Dentre as medidas adotadas pelo Príncipe Regente Dom João VI, estavam melhoramentos no Rio de Janeiro que passou a ser a capital da Corte e a abertura dos portos às nações amigas, abertura não apenas econômica como também às artes e ciências. Entre a chegada de Dom João VI e a partida de Dom Pedro II, o Brasil recebeu uma quantidade significativa de viajantes em geral: diplomatas, naturalistas, comerciantes, aventureiros, educadores, dentre outros.

Sérgio Buarque de Holanda refere-se aos anos imediatamente posteriores à chegada da Corte portuguesa e à abertura dos portos ao comércio internacional como o novo descobrimento do Brasil, pois nunca o nosso país parecera tão atraente aos geógrafos, naturalistas e viajantes em geral. [...] Mais expressiva ainda é a literatura de viagem que, desde o início do século XIX, passou a atrair o público europeu de forma progressiva. O caso brasileiro tinha elementos que o diferenciavam e o colocavam para além do simples exotismo, base do atrativo maior para os leitores do gênero. Afinal, a transmigração da Corte portuguesa, a abertura dos portos, os interesses

mercantis europeus, a elevação à condição de Reino Unido, a aclamação do rei português no Rio de Janeiro e o casamento de D. Leopoldina, filha do imperador da Áustria, com o príncipe herdeiro despertaram e mantiveram viva a atenção sobre a ex-colônia. Ao conjunto de eventos, acrescentava-se um quadro de informações fantasiosas e hiperbólicas sobre as riquezas e belezas naturais do Brasil.⁴

Desse expressivo número de viajantes, uma parte pouco significativa, mas muito expressiva foram de mulheres. Realizar uma pesquisa sobre mulheres viajantes no Rio de Janeiro oitocentista, não se trata apenas de uma investigação histórica e descritiva, mas implica em trazer para a arena educacional um importante recorte da realidade social e histórica das décadas oitocentistas.

Navegando pela pesquisa: as rotas escolhidas

Esta pesquisa qualitativa e histórico-documental tem como fonte os diários, cartas e documentos de viagem produzidos pelas mulheres que estiveram de passagem pelo Rio de Janeiro durante o Período Monárquico (1808-1889).

Vale mencionar que os termos “viagem” e “viajante” se referem aos estrangeiros que saírem de seus países de origem, vieram para o Brasil, permanecendo aqui um período (curto ou longo), porém, tinham a intenção de voltar à sua terra natal.

Ao procurar elucidar sobre o projeto civilizador do oitocentos, o referencial utilizado como aporte teórico dialogou com a obra de Roger Chartier, *Leituras e leitores na França do Antigo Regime* (2004) e *Os usos da civilidade* de Jacques Revel, em *História da vida Privada. da Renascença ao Século das Luzes*, organizado por Roger Chartier (2009), fundamentais para a análise do binômio civilidade e educação.

Jamais se devem separar os princípios da moral das regras da civilidade: é preciso que cada lição de polidez dada às crianças responda a uma regra de moral e esteja baseada sobre ela... porque toda regra de civilidade que não tivesse por apoio um princípio de moral, e que fosse fruto de um capricho ou de alguma singularidade, se tornaria uma vã superfluidade (Dubroca, início do século XIX, *apud* Chartier, 2004, p. 88).

⁴ O trecho acima foi extraído da obra de Ismênia de Lima Martins intitulada *Dom João VI e a Biblioteca Nacional: um legado em papel*. Uma produção publicada em 2008 pela Biblioteca Nacional, motivada pelo aniversário de 200 anos da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil e disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/dom-joao-vi-e-a-biblioteca-nacional-o-papel-de-um-legado/redescobrimto-do-brasil/>. Acesso em 13 de setembro de 2021.

Como o autor destacou acima, as regras de civilidade e educação estavam diretamente ligadas ao comportamento social. Para Chartier, na história do conceito de civilidade, o texto de Erasmo intitulado a *Civilidade Pueril*, publicado em 1530, foi fundamental ao propor para toda Europa um conjunto unificado de normas de conduta. Amplamente divulgado desde o século XVI, manuais de civilidade chegaram ao Rio de Janeiro oitocentista, trazendo as normas a serem seguidas. Com base neste contexto, serão analisados nos escritos das mulheres viajantes, em sua maioria oriundas da Europa, como elas observavam os aspectos de civilidade e educação dos habitantes do Rio de Janeiro a partir de três viés: higiene, pudor e bons modos sociais.

A pesquisa dialoga também com a obra *As mulheres ou os silêncios da história* (2005) e *Minha história das mulheres* (2019), de Michelle Perrot, sobre a história das mulheres, suas lutas e conquistas. Para dialogar com o uso de imagens, o aporte teórico utilizado foi *Testemunha Ocular*, do historiador inglês Peter Burke (2017). As imagens e pinturas são discursos contidos nos diários das viajantes e representam importantes registros do cotidiano oitocentista. Dessa maneira, as imagens utilizadas neste trabalho servem como instrumento de informação e um significativo caminho para representar o Rio de Janeiro durante o período monárquico e, igualmente, a representação dos fatos ocorridos em seu território, assim como também os hábitos, costumes, emoções e impressões de tudo o que seus olhos singulares viam pela frente.

As imagens ocupam um espaço privilegiado nesta pesquisa por demonstrar o que as palavras não conseguiram comunicar. Segundo Peter Burke (2017), as imagens têm o seu lugar de destaque ao lado dos textos como importante evidência da história, porém, seu uso não pode ser limitado apenas à “evidência”, deve ser também, segundo o autor, “lugar de impacto na imaginação histórica”.

[...] imagens nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida. [...] assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular [...] representando o que e somente o que, uma testemunha ocular poderia ter visto de um ponto específico em um dado momento (Burke, 2017, p. 14-15).

Lorelai Kury, em seu artigo *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*, destacou a importância que as imagens e pinturas têm nas produções científicas e como elas se articulam com os textos, apontando que os momentos retratados pelos viajantes são especiais, únicos e típicos ao mesmo tempo.

A iconografia e os relatos de viagem buscam, assim, descrever de modo exaustivo e profundo os diversos elementos que compõem cada lugar. Este aspecto do trabalho científico dos naturalistas do século XIX pode parecer, aos leitores do século XX, meramente “pitoresco” ou romântico no sentido pejorativo que a palavra adquiriu. No século XXI, para rejeitar os possíveis anacronismos interpretativos, é preciso compreender que, para os naturais do século XIX, a ciência devia buscar descrever a totalidade de elementos que atuavam em um fenômeno local (Kury, 2001, p. 870).

Ainda de acordo com Kury (2001), os registros contendo as paisagens e costumes dos lugares visitados pelos viajantes oitocentistas, em consonância com o método científico da época, podem ser considerados um estilo científico. Seja como for, os relatos e as iconografias das literaturas de viagem contribuíram para que o Velho Mundo tivesse acesso a importantes informações sobre a natureza e os costumes da população do Brasil, em especial, do Rio de Janeiro oitocentista.

Como indicado, as mulheres viajantes de perfis diversos - professoras, naturalistas, “aventureiras” ou acompanhando seus maridos, desafiaram os padrões predeterminados para o gênero feminino da sua época, recusando a função de submissas administradoras do lar e se arriscando ao desconhecido. Nesse sentido, este projeto se ancora também no aporte teórico de pesquisadores que se dedicaram ao estudo de mulheres viajantes no século XIX, como as obras *A condição feminina no Rio de Janeiro – Século XIX* (1984) e *Livros de Viagem (1803-1900)* (1997) de Miriam Lifchitz Moreira Leite, além do diálogo com produções acadêmicas sobre a temática escrita de si, dentre eles, *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica* de Mignot, Bastos e Cunha (2000) e *(Des)arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente* de Cunha (2019). A escrita de diários e cartas era muito comum entre as mulheres e homens letrados no oitocentos, no entanto, os diários se tornaram uma prática mais associada ao gênero feminino. Suas publicações são importantes fontes que se encaixam sob a perspectiva de egodocumentos, por se tratar, a princípio, de um arquivo pessoal, uma escrita de si.

Com a definição do viés investigativo, o levantamento de material e a análise documental foram fundamentais para recolher os dados qualitativos. Assim sendo, a busca de fontes de pesquisa e de toda espécie de material que oferecesse informações importantes constituiu o primeiro passo para a construção da presente pesquisa. Segundo Minayo e Sanches (1993), a investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade

interna. A busca de referenciais demonstra como, no trabalho historiográfico, é decisivo identificar os diversos níveis relacionais que perpassam o processo de construção da fonte histórica.

A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado (Ragazzini, 2001, p. 14).

Além das obras mencionadas acima, como ponto de partida para esta pesquisa foi realizada uma revisão de literatura em periódicos de História da

Educação. Para a consulta foram utilizadas, a princípio, as seguintes palavras-chave: mulheres viajantes; século XIX; viagens, Rio de Janeiro; civilidade e educação. Depois de uma incessante busca, foram selecionados alguns trabalhos, a maioria com temas correlatos que mais se aproximam do assunto sobre mulheres viajantes do século XIX no Rio de Janeiro, o que demonstra ser ainda uma temática pouco discutida pela historiografia educacional (Quadro 2).

Quadro 2 – Artigos selecionados para a revisão da literatura em periódicos de História da Educação contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.

REVISTA	TÍTULO	AUTOR	ANO
Cadernos de História da Educação	Preceptoras estrangeiras para educar meninas nas casas brasileiras do século XIX	VASCONCELOS, Maria Celi Chaves	2018
Revista Brasileira de História da Educação - RBHE	Educação e formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX.	DA COSTA, Ana Luiza Jesus	2016
Revista Brasileira de História da Educação - RBHE	A educação da criança pela família no século XIX: da historiografia a um problema de pesquisa	TUCHINSKI DOS ANJOS, Juarez José	2015
Revista Brasileira de História da Educação - RBHE	Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo)	ANDRADE FERREIRA, Dirce Nazaré Andrade; SCHWARTZ, Cleonara Maria	2014
Revista Brasileira de Educação - RBE	Imagens do Brasil nas relações de viagem dos séculos XVII e XVIII	FRANÇA, Jean Marcel Carvalho	2000

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Como pode ser observado, ainda são poucas as produções acadêmicas sobre mulheres viajantes do século XIX no Rio de Janeiro em periódicos da História da Educação. A

pesquisadora Miriam Lifchitz Moreira Leite, iniciou sua obra *Livros de viagem*, destacando que: “Os relatos de Viajantes Estrangeiros têm sido utilizados como documentação em trabalhos de História, Sociologia, Economia e Antropologia. Até 1970, contudo, tinham sido aceitos sem maiores análises críticas ou fora de uma perspectiva histórica” (1997, p. 9).

Dessa forma, as mesmas palavras-chave foram utilizadas em outras revistas, principalmente nas das áreas de Ciências da Natureza e demais cursos das Ciências Humanas, que concentram um número considerável de trabalhos nesta temática, como demonstram os Quadros 3 e 4 abaixo. Para melhor visualização, as informações foram organizadas da seguinte maneira: artigos especificamente sobre uma das mulheres viajantes oitocentistas constam no Quadro 3 e artigos sobre a temática mulheres viajantes do século XIX, estão no Quadro 4.

Quadro 3 – Artigos selecionados para a revisão da literatura em periódicos nas áreas das Ciências da Natureza e Humanas especificamente sobre as mulheres viajantes do século XIX que passaram pelo Rio de Janeiro.

REVISTA	TÍTULO	AUTOR	ANO
Pandaemonium	Imaginários europeus no Brasil Imperial: uma análise da obra de Ida Pfeiffer	EBERSPÄCHER, Gisele Jordana	2021
Letrônica	A Petrópolis imperial sob o sombrero da espanhola Carmen Oliver	CAMARGO, Katia Aily F. de; MOLINA, Lucia	2020
Revista Versalete	Pelo mundo de saias: uma leitura da obra de Ida Pfeiffer	EBERSPÄCHER, Gisele Jordana	2019
Anais da ANPUH História e Democracia	Amiga do Império: Maria Graham - Os relatos de viagem sobre o Brasil em 1821-1823	SILVA, Any Marry	2018
Anais do XV Congresso Internacional Abralic	A Mulher Viajante: Rose de Freycinet na Corte portuguesa dos trópicos	ROCHA, Alessandra Fontes Carvalho da; PEREIRA, Washington Kuklinski	2017
Pesquisa em Discurso Pedagógico	O romance epistolar da educadora Ina von Binzer como depoimento de uma experiência pedagógica no Brasil do século XIX	MACHADO, Lisanea Weber Machado	2009
Sitientibus	Relatos de viagem e a obra multifacetada de Maria Graham no Brasil	CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque	2009
Revista Estudos Feministas	Adèle Toussaint-Samson em dose dupla	MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz	2004
Métis: história & cultura	O olhar de uma inglesa-viajante sobre o Brasil oitocentista: o diário de viagem de Maria Graham (1821-1824)	ZUBARAN, Maria Angélica.	2004
Revista História Social	Maria Graham e a escravidão no Brasil. Entre o olhar e o bico de pena e os leitores do diário de uma viajante inglesa do Século XIX.	CERDAN, Marcelo Alves	2003

Revista Brasileira de História	A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na viagem ao Brasil	KURY, Lorelai	2001
--------------------------------	--	---------------	------

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Quadro 4 – Artigos selecionados para a revisão da literatura em periódicos nas áreas das Ciências da Natureza e Humanas com a temática mulheres viajantes do século XIX.

REVISTA	TÍTULO	AUTOR	ANO
Contraponto	A construção do ideário de Brasil no século XIX: reflexões em torno das concepções de memória, civilização e identidade nacional	LIMA, Gizeli da Conceição	2019
Cadernos Pagu	Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina	FRANCO, Stella Maris Scatena	2017
Caderno de Geografia	Análise da paisagem das mulheres viajantes no Brasil durante o século XIX	DE OLIVEIRA, Natália Maria; MORAIS CASTRO, José Flávio	2016
Revista Estudos Feministas	Pensar o outro ou quando as mulheres viajam	DUARTE, Constância Lima; MUZART, Zahidé Lupinacci	2008
Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales	Viajantes e a construção de uma ideia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)	LAHUERTA, Flora Medeiros	2006
Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História	O olhar do outro	MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz	2001
História, Ciências, Saúde	Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem	KURY, Lorelai	2001
Revista de Antropologia	O Rio de Janeiro dos viajantes (o olhar britânico 1800-1850).	MARTINS, Luciana de Lima	2001
Cadernos Pagu	Mulheres viajantes no século XIX	MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz	2000
Revista Conexão	Crianças brasileiras no século XIX: mal educadas, mal criadas ou (des)civilizadas?	OLIVEIRA, Magda Sarat	2000
Revista do Instituto de Estudos Brasileiros	Viajantes, século XIX: negras escravas e livres no Rio de Janeiro	QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de.	1998
Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História	Diário de uma Mulher Viajante do Século XIX: a memória perpetuada na palavra escrita	SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin	1995
Revista Brasileira de História	Mulheres e Famílias	MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz	1988

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Após a busca de artigos sobre a temática, a revisão de literatura foi ampliada para o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, reforçando que sua maioria se encontra na área de História ou das Ciências da Natureza. Alguns dos trabalhos selecionados não estão disponíveis por serem anteriores à Plataforma Sucupira. A busca então foi realizada na biblioteca das universidades, sem sucesso. Por correio eletrônico, foi feito contato com as instituições e a resposta foi que, devido a pandemia do Covid 19 – iniciei o doutorado e a revisão de literatura durante o auge da pandemia, este serviço estava suspenso. Os títulos selecionados foram os demonstrados no Quadro 5 para teses e no Quadro 6 para dissertações.

Quadro 5 – Teses selecionadas para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.

UNIVERSIDADE	AUTOR	TÍTULO	ANO	RESUMO E PROGRAMA
UFRJ	ARAUJO, Jéssica Uhlig Amorim Vasconcelos de	“Onde a natureza reuniu suas mais ricas dádivas em uma imagem”: os trópicos brasileiros no relato de viagem da princesa Therese von Bayern	2022	Em 1888, a princesa Therese von Bayern realizou uma expedição científica ao Brasil, reunindo experiências e coletando objetos naturais e etnográficos. Ao final da sua viagem, reuniu os resultados de sua expedição em um relato de viagem. O objetivo desta pesquisa foi compreender de que forma as escolhas da autora, ao elaborar e dar forma ao seu relato, se relacionaram com o desenvolvimento científico da época e refletiram as próprias ideologias da princesa. Para entender essa relação, tomamos como base o dialogismo e a definição de gêneros do discurso de Mikhail Bakhtin (2011; 2018). Com isso, buscamos compreender a visão da autora sobre as ciências e de que forma ela apreendeu o mundo com o qual interagiu durante a viagem. (Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada)
UnB	SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de	Viajar, observar e registrar: coleção e circulação da produção visual de Maria Graham.	2020	A produção visual de Maria Graham se relaciona com a disseminação de livros e gravuras associadas à viagem e à história natural. Além disso, sua obra se insere na circulação de objetos da cultura material e reflete o interesse econômico e estético do público britânico pela natureza dos trópicos. Durante a primeira metade do século XIX, redes de intelectuais participaram da disseminação de

				coleções naturais, imagens e informações sobre o Brasil. Embora a produção de Maria Graham seja relevante para o estudo da documentação iconográfica do Brasil oitocentista, ainda são escassas as análises dessas obras. (Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais)
FGV	PERROTTA, Isabela Vicente	Desenhando um Paraíso Tropical. A Construção do Rio de Janeiro como um destino turístico.	2011	As primeiras imagens (gráficas ou narrativas) que circularam no exterior sobre o Rio de Janeiro. O complexo processo de produção em série da imagem, envolvendo vários profissionais que muitas vezes trabalhavam a distância. As possibilidades econômicas de uma cidade a ser construída, e o interesse de imigrantes aventureiros e empreendedores. A cidade que os primeiros guias para viajantes pretendiam mostrar. A modernização da urbe, voltada para o olhar internacional. A construção da identidade nacional pela música, dança e a indústria do entretenimento. A identificação do carioca com os estereótipos que lhe foram concedidos. A perpetuação dos ícones da cidade. Este trabalho perpassa várias categorias temáticas, buscando revelar o processo de construção da cidade do Rio de Janeiro enquanto um destino turístico. Um paraíso tropical a ser conhecido. (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais)
UFRJ	MARTINS, Luciana de Lima	Paisagens Brasileiras, Olhos Britânicos, Rio de Janeiro dos Viajantes 1800/1850.	1998	Não disponível. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Quadro 6 – Dissertações selecionadas para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.

UNIVERSIDADE	AUTOR	TÍTULO	ANO	RESUMO E PROGRAMA
UFPR	EBERSPÄCHER, Gisele Jordana.	Ida Pfeiffer e o Brasil: literatura de viagem e sua tradução como <i>bildung</i> .	2019	<p>Este trabalho tem como objetivo pensar por que – e como – traduzir a obra da autora austríaca Ida Pfeiffer para o português hoje. Viajante e escritora, Pfeiffer esteve no Brasil em 1846 e dedica a esta experiência os capítulos iniciais do livro <i>Eine Frauenfahrt um die Welt</i> [A jornada de uma mulher pelo mundo] – um texto que apresenta um relato fascinante de uma viajante ao mesmo tempo que endossa padrões coloniais e imperialistas de preconceito e visão de mundo. Por fim, é apresentada uma tradução do texto, pensando que a tradução é, em si, uma <i>Bildung</i> do original.</p> <p>(Programa de Pós-graduação em Letras)</p>
UFRJ	SANTOS, Márcia Cristina de Oliveira	Maria Graham e a dupla documentação do feminino no Brasil de 1821 a 1823. Uma abordagem discursivo-crítica.	2014	<p>Essa pesquisa recorta, para fins de análise das passagens textuais, trechos em que Graham constrói discursivamente o seu próprio gênero, visto que, na primeira metade do século XIX, são relativamente poucos os documentos produzidos por mulheres que servem hoje como registros historiográficos. Tais aspectos, segundo a autora, tornam valioso o diário de viagem escrito por Maria Graham, mais particularmente, por ser um texto de autoria feminina em que figuram outras mulheres.</p> <p>(Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada)</p>
UFF	DA COSTA, Andrea Reis	Adèle Toussaint-Samson: O olhar da viajante sobre o outro	2014	<p>Inúmeros viajantes que passaram pelo Brasil, desde o século XVI, nos deixaram suas impressões sobre o país. Desde os primeiros narradores da vida na América, percebem-se as ambiguidades e contradições do olhar francês sobre o novo mundo. Numerosos relatos sobre o Brasil, deixados pelos viajantes dos séculos XVIII e XIX visavam o estudo da botânica, da zoologia e da geologia, além do estudo do homem, sua sociedade e sua cultura. Entre estes autores-viajantes engajados num projeto global de pesquisa, houve raras mulheres que descreveram o país e que parecem se preocupar também com os aspectos mais subjetivos dos fatos. Uma delas é o</p>

				objeto de nosso estudo: Adèle Toussaint-Samson. Parisiense, imigrou para o Brasil entre 1849 e 1850, e se instalou no Rio de Janeiro onde permaneceu durante doze anos. (Programa de Pós-graduação em Letras)
UNESP	LIMA, Carollina Carvalho Ramos de	Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836).	2010	Propõe-se, nesta pesquisa, refletir sobre a formação do pensamento brasileiro no período que antecede ao denominado Romantismo. Através da leitura de alguns periódicos que circularam no Rio de Janeiro no início do século XIX, mais precisamente entre a chegada da corte (1808) e o lançamento da revista Nitheroy (1836). Para tanto, a proposta é mapear em tais periódicos as menções aos viajantes estrangeiros e ao conteúdo de suas narrativas, de modo a conhecer o que a intelectualidade carioca dos primeiros decênios dos oitocentos pensava das imagens do Brasil e dos brasileiros vinculadas nestes escritos. (Programa de Pós-Graduação em História)
UNICAMP	SILVA, Isadora Eckardt da	O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil.	2009	O objeto desta dissertação é o Diário de uma viagem ao Brasil, escrito pela britânica Maria Graham para contar sua estada no Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823. O enfoque deste trabalho é no domínio inglês exercido sobre o Brasil no século XIX e em como Graham toma uma postura que defende os interesses britânicos. A autora escreveu em um momento de ebulição política em todo o mundo: a Europa estava se recuperando das guerras napoleônicas e se desvencilhando do antigo regime; as colônias da América do Sul clamavam por independência. (Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	WAGNER, Elisandra	Nas margens do Império: mulheres, viagens e escritas.	2005	Não disponível. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira
PUC/SP	MARQUES, Sandra Zilda Sant'Ana	A Amiga da Imperatriz - O Olhar de Maria Graham sob o Brasil: 1821/1824.	2002	Não disponível. Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), um programa que visa, entre outras coisas, a troca de produção de conhecimentos no campo da educação, foi realizada uma busca em seu banco de teses e dissertações, em especial, explorando os trabalhos orientados por pesquisadores que analisaram a temática “viagens pedagógicas”, como pode ser visto no Quadro 7, a seguir.

Quadro 7 – Teses e Dissertações selecionadas para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa no banco de Teses e Dissertações do ProPed/UERJ.

ORIENTADOR	AUTOR	TÍTULO	ANO	RESUMO
Ana Chrystina Venancio Mignot	PIMENTA, Jussara Santos	As duas Margens do Atlântico: Um Projeto de Integração entre dois povos na Viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934)	2008	A viagem que Cecília Meireles empreendeu a Portugal, em 1934, tornava realidade o projeto de integração entre dois povos, que ela acalentava tantona "Página de Educação" quanto no Centro de Cultura Infantil. Examinar essa viagem envolveu compreender as articulações que resultaram no convite, como os seus interlocutores estavam ligados a empreendimentos que buscavam a promoção das relações luso-brasileiras, as repercussões das conferências que a educadora proferiu naquele país e as formas como os intelectuais portugueses receberam os relatos da experiência educacional brasileira.
Ana Chrystina Venancio Mignot	SILVA, Alexandra Lima da	Escritas de viagem, escritas da História: Estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual	2012	Analisar a viagem que Rocha Pombo realizou aos estados do norte do Brasil como uma estratégia de legitimação no campo intelectual é o horizonte do presente trabalho. A viagem modificou a maneira como o intelectual paranaense passou a escrever seus livros de história, sobretudo no que tange ao lugar dos estados do dito norte do Brasil, bem como, em livros de história 'regional'. A excursão por diferentes estados foi interpretada como uma ação reveladora de redes de sociabilidade, apoio, prestígio, no movimento construído pelo intelectual em busca de projeção, visibilidade e distinção frente aos concorrentes do campo. Se muitos foram os viajantes que percorreram o Brasil, defende-se que uma das singularidades do viajar na

				experiência de Rocha Pombo foi motivação em relação à ampliação do mercado consumidor e leitor das obras do autor. A travessia realizada por Rocha Pombo pelo Brasil afora permite vislumbrar a existência de diferentes experiências de instrução pelo país, evidenciando a circulação de livros didáticos e de práticas e concepções de educação no período, para além da esfera da capital tida como lócus intelectual e vitrine do progresso e da modernidade.
Ana Chrystina Venancio Mignot	NASCIMENTO, Anaise Cristina da Silva	Pela caravana da fraternidade: Unificação do movimento espírita nas memórias do educador Leopoldo Machado	2016	Aguardando publicação
Ana Chrystina Venancio Mignot	REIS, Ana Cláudia Carmo dos	Alemanha como destino: Buscas científicas e desdobramentos pedagógicos na trajetória profissional de Heloisa Marinho	2021	Aguardando publicação
Ana Chrystina Venancio Mignot	SILVA, Shayenne Schneider	Em terras alheias: A viagem de João Ribeiro à Alemanha como estratégia de legitimação na educação (1895-1897)	2022	Aguardando publicação
Alexandra Lima da Silva	MAGALHÃES, Ricardo Elia de Almeida	Um turista aprendiz nos parques infantis: Mário de Andrade, viagem e educação	2018	Este trabalho investiga a relação estabelecida entre viagem e educação no livro 'O turista aprendiz', de Mário de Andrade, escrito na década de 1920, e em seu projeto educacional 'Parques Infantis', implementado na cidade de São Paulo na década de 1930. A pesquisa analisa a forma como Mário de Andrade concebeu

				<p>suas viagens de uma perspectiva educacional e como em seu projeto educacional, o intelectual colocou em prática elementos assimilados durante as suas viagens. No fim da década de 1920, o autor fez duas viagens, uma para o Norte passando pelo Nordeste e outra para o Nordeste do Brasil. As suas impressões, concebidas como um diário de viagem e publicadas na década de 1970 com o título 'O turista aprendiz', buscam apreender a identidade brasileira, em suas múltiplas faces, através dos costumes e especificidades de cada local visitado. Assim, este trabalho busca ampliar o conhecimento acerca da História da Educação no Brasil, e nos permite refletir sobre assuntos de grande relevância para os dias de hoje referente às mobilidades, trocas culturais, identidade, diversidade, imaginação e projetos educacionais.</p>
--	--	--	--	---

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Feita a revisão de literatura, a leitura desses trabalhos possibilitou a análise de algumas importantes questões a respeito do objeto desta pesquisa. A busca realizada não foi simplesmente um levantamento de produções acadêmicas, através das obras selecionadas, foi possível analisar quem eram essas mulheres e a relação com o meu trabalho. Em comum entre eles estava o fato de que essas mulheres enfrentaram muitos desafios por romperem os padrões preestabelecidos para o gênero feminino de sua época e se tornaram, de certa forma, protagonistas da sua e da história.

Recusando o papel prescrito para as mulheres, de ser submissa e conservarem-se restritas a atividades domésticas e à criação de filhos, as forasteiras assumem os riscos de vida das longas viagens marítimas, das moléstias tropicais, dos desconfortos e estranheza dos contatos, dos desentendimentos em países atrasados com uma curiosidade e uma capacidade de observação penetrante, enfrentaram tarefas frequentemente auto-impostas (Moreira Leite, 2000, p. 133).

As narrativas extraídas dos diários das mulheres viajantes vêm se tornando, pouco a pouco, objeto de interesse e de estudo da História da Educação, possivelmente porque se constatou que, independentemente do tipo de literatura (diário, carta ou relatório científico), todas possuem uma importante função educativa. Para este trabalho, as fontes utilizadas foram

os diários e cartas produzidos pelas mulheres viajantes do século XIX, descritos abaixo no Quadro 8.

Quadro 8 – Diários e cartas produzidos por mulheres viajantes do século XIX utilizados como fontes de pesquisa.

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	EDITORA	PÁGS
1850	PFEIFFER, Ida	Eine Frauenfahrt um die Welt: Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persen und Kleinasien	Verlag von Carl Herold	240
1861	LANGLET-DUFRESNOY, Alexandrine	Quinze ans au Brésil ou Excursions à la Diamantine	Bordeaux	99
1872	GELABERT, Carmem Oliver de	Viaje poético à Petrópolis	Imprensa del Apostol - RJ	192
1872	VIRGINIE LÉONTINE, B.	Lettres Inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses literaires	Imprimerie Lithographiques de Monnier - Evreux	144
1893	NORTH, Marianne	Recollections of a Happy Life: Being the Autobiography of Marianne North	Macmillan and CO.	378
1897	BURTON, Isabel	The romance of Isabel Lady Burton: the story of her life told in part by herself and in part by W.H. Wilkins	London Hutchinson & CO Paternoster row	Vol. 1 436 Vol. 2 467
1956	BINZER, Ina von	Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil	Anhembi SP	137
1990	GRAHAM, Maria	Diário de uma viagem ao Brasil	Itatiaia - SP	423
2000	LANGSDORFF, E. de	Diário da Baronesa E. de Langsdorff- relatando sua viagem ao casamento de S.A.R. o Príncipe de Joinville – 1842-1843	Mulheres - Florianópolis	326
2000	AGASSIZ, Luís e AGASSIZ, Elizabeth Cary	Viagem ao Brasil 1865 – 1866	Senado Federal Brasília	516
2003	TOUSSAINT-SAMSON, Adèle	Uma parisiense no Brasil	Capivara - RJ	190
2008	FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (Org.)	Mulheres viajantes no Brasil 1764-1820	José Olympo - RJ	98
2010	GRAHAM, Maria	Escoço biográfico de Dom Pedro I	Fundação Biblioteca Nacional	365
2013	FREYCINET, Rose de	Diário de viagem ao redor do mundo	Mulheres	272

2014	PRINCESA Teresa da Baviera	Minha viagem nos trópicos brasileiros	André Luís Frota de Oliveira - Fortaleza	677
-------------	----------------------------	---------------------------------------	--	-----

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Alguns diários não foram traduzidos para o português, outros não foram localizados, como o da inglesa Elizabeth Macquarie. Para o aprofundamento nesta viajante, foi utilizada a obra *Mulheres viajantes no Brasil* (1764-1820), organizado por Jean Marcel Carvalho França, que contém na íntegra a tradução do diário de Macquarie e mais duas viajantes.

A escrita de diários era uma prática comum entre as viajantes estrangeiras do século XIX, todavia, em relação à diários de viagens, “os arquivos privados conservados nos grandes depósitos públicos são exclusivamente os dos grandes homens” (Perrot, 2005, p. 10). Por vezes secundarizados ao longo da história, os egodocumentos, em especial os diários das mulheres oitocentistas, contêm importantes evidências da história, ajudando o pesquisador a desvendar como viviam e agiam as pessoas daquele período. A historiadora Mary del Priore ao prefaciar a obra *Mulheres viajantes no Brasil* (1764-1820), de Jean Marcel Carvalho França, apontou que “Na pena feminina, cada texto é um caleidoscópio de informações variadas e interessantes sobre viagens e também sobre as viajantes – elas mesmas” (Del Priore *in* França, 2008, p. 9).

Sem deixar de lado o foco da pesquisa, fez-se necessário a leitura das narrativas (diários, cartas e documentos de viagem) de homens viajantes do século XIX que estiveram no Rio de Janeiro, não apenas para fazer um contraponto em relação à escrita feminina, como também entre outras coisas, analisar quem eram esses viajantes, as motivações que os trouxeram e como observaram e registraram as questões de civilidade e educação. Para esta pesquisa, os diários, cartas e documentos de viagem produzidos por homens viajantes do século XIX foram os descritos no Quadro 9 a seguir.

Quadro 9 – Diários e cartas produzidos por homens viajantes do século XIX utilizados nesta pesquisa.

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	EDITORA	PÁGS
1955	COARACY, Vivaldo	Memórias da Cidade do Rio de Janeiro	José Olympio RJ	580
1956	EDMUNDO, Luiz	Recordações do Rio Antigo	Conquista RJ	218
1975	LUCCOCK, John	Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil	Ed. da Universidade de São Paulo	435
1976	BURTON, Richard Francis	Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho	Ed. Itatiaia	366

1976	POHL, Johann E.	Viagem no interior do Brasil	Itatiaia - BH; Edusp - SP	420
1978	MAWE, John	Viagens ao interior do Brasil	Itatiaia - BH; Edusp - SP	243
1980	DEBRET, Jean Baptiste	Viagem pitoresca e histórica ao Brasil	Círculo do Livro	349
1991	MACEDO, Joaquim Manuel de	Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro	Livraria Garnier	262
2006	MENEZES, Pedro da Cunha e	Oswald Brierly: Diários de viagens ao Rio de Janeiro – 1842-1867	Andrea Jakobsson - RJ	148
2009	EDMUNDO, Luiz	O Rio de Janeiro do meu tempo	Imprensa Oficial	656
2011	MACEDO, Joaquim Manuel de	Memórias da Rua do Ouvidor	Imprensa Oficial	209
2017	FRÜHBECK, Franz	Viagem ao Brasil, de Franz Joseph Frühbeck	Camera Books	64

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

No Brasil, a escrita de diários era uma prática rara entre as letradas, na verdade, mulheres letradas no início do oitocentos já não era um aspecto comum. Talvez por seus protetores acharem que o tempo “perdido” na escrita iria trazer prejuízos à sua verdadeira vocação: serem boas esposas, mães e administradoras do lar. Essa escassez de egodocumentos colaborou para o silenciamento feminino em nosso país.

[...] a leitura e a escrita, nos anos de 1800, eram atividades consideradas tão “perigosas” para as mulheres, que praticadas quase em segredo, de forma preferencialmente, reclusa. [...] As mulheres que liam e escreviam no Brasil do século XIX, além de apresentarem um diferencial social, faziam-no sob condições bastante determinadas, em suas casas, normalmente enclausuradas em seus aposentos e conscientes da vigilância que estavam submetidas [...] (Vasconcelos, 2020, p. 31).

Com cores tão singulares e diferentes dos olhos castanhos ou pretos da maioria da população local, as viajantes com seus olhos azuis como a água-marinha, verdes como a nobre esmeralda e até violeta como a cor de muitas flores catalogadas, registravam com minúcias e sensibilidade tudo o que viam pela frente. O diferencial na verdade estava no que esses olhares femininos captavam e como suas penas registravam tudo o que viam.

Jane Robinson autora de uma bibliografia anotada de Mulheres Viajantes principalmente inglesa, atreve-se a generalizar que os livros de viagens masculinos estão em busca do *que* e *onde*, enquanto os das mulheres voltam-se para o *como* e o *porque* (Moreira Leite, 2000, p. 136).

A maioria das mulheres oitocentistas pesquisadas, independente do motivo que as trouxe ao Brasil, demonstrou em seus relatos o que pensavam sobre a civilidade e a educação em um país rodeado por uma natureza bela e pródiga, porém, um local de analfabetismo e julgado “atrasado” culturalmente aos olhos do europeu. Vale mencionar que, em sua maioria, as viajantes que estiveram no Brasil eram mulheres pertencentes à nobreza ou a média burguesia.

Ao embarcar nos navios para a aventura do desconhecido, essas mulheres sabiam que estavam entrando em uma área majoritariamente dominada pelo gênero masculino, dessa forma, a atuação no campo da educação, seja direta ou indiretamente, faziam das viajantes figuras respeitadas e de grande prestígio para a elite do Rio de Janeiro, como foi o caso da inglesa Maria Graham, contratada por Dom Pedro I como preceptora da jovem princesa Maria da Glória, da francesa Adèle Toussaint-Samson que junto com seu marido Jules Toussaint atuou, ela como professora de francês e italiano e ele como professor de dança, inclusive da Família Imperial e, por fim, da educadora alemã Ina von Binzer, inicialmente contratada por um fazendeiro do Rio de Janeiro.

Com enorme capacidade de observação e, registrando tudo com riqueza de detalhes em seus diários e cartas, a educação das crianças no Brasil não foi deixada de lado nas impressões das estrangeiras. Em um baile realizado na casa da baronesa de Campos, Graham elogiava o polimento da sociedade do Rio de Janeiro que havia adquirido um modo “mais europeu”. Já sobre a educação dos pequenos relatou a viajante em tom de crítica:

Tomei a liberdade de observar a uma das senhoras a extrema juventude de algumas das crianças que acompanhavam suas mães naquela noite, e disse-lhe que na Inglaterra consideraríamos isso maléfico para elas, sob todos os pontos de vista. Perguntou-me o que fazíamos delas. Disse que algumas estariam na cama, e outras com as amas e governantas. Respondeu-me que éramos felizes neste ponto; mas que aqui não havia tais pessoas e que as crianças ficariam entregues ao cuidado e ao exemplo dos escravos, cujos hábitos eram tão depravados e cujas práticas eram tão imorais que seria a perdição delas; e que aqueles que amam os seus filhos precisam tê-los debaixo da vista onde, se é verdade que podem correr o perigo de haver excesso nesse sentido, ao menos não podem aprender nenhum mal (Graham, 1990, p. 327).

A prática de levar as crianças durante a noite a um baile foi analisada por Graham como uma forma de negligência e irresponsabilidade por parte dos pais. A viajante observou que na Inglaterra elas estariam dormindo ou sob o cuidado de suas amas e governantas. No entanto, a jovem mãe ao responder que não existiam tais pessoas disponíveis no país e que, portanto, elas ficariam entregues ao cuidado e exemplo dos escravizados, evidencia, ao mesmo tempo, uma

prática comum na educação das crianças no Brasil e, a desvalorização e desrespeito em relação aos escravizados, principais cuidadores das crianças no país.

Dando continuidade à busca de aporte teórico para esta pesquisa, dei início à procura e leitura de obras sobre mulheres viajantes no século XIX e temas afins, como o Rio Antigo. O Quadro 10, a seguir, aponta as obras que foram selecionadas nesta revisão.

Quadro 10 – Livros selecionados para a revisão da literatura contendo informações relacionadas à temática desta pesquisa.

ANO	AUTOR(A)	TÍTULO	EDITORA	PÁGS
1884	VALLE CABRAL, Alfredo do	Guia do Viajante no Rio de Janeiro	G. Leuzinger	532
1869	BURTON, Richard Francis	Explorations of the highlands of the Brazil: with a full account of the gold and diamonds mines. Also, canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea	Tinsley brothers	502
1969	RENAULT, Delso	O Rio Antigo nos anúncios de jornais (1808-1850)	José Olympio RJ	246
1978	ERASMO	A Civilidade Pueril	Estampa	109
2000	EXPILLY, Charles	Mulheres e costumes do Brasil	Ed. Itatiaia	215
1978	FERREZ, Gilberto	A Praça 15 de novembro – Antigo Largo do Carmo	RioTur	68
1982	RENAULT, Delso	O dia-a-dia no Rio de Janeiro, segundo os jornais 1870-1889	Civilização Brasileira RJ	238
1984	FERREZ, Gilberto	O Paço da Cidade do Rio de Janeiro	Fundação Pró-Memória	82
1990	BECHER, Hans.	O Barão Georg Heinrich von Langsdorff: pesquisas de um cientista alemão no século XIX	Editora Universidade de Brasília	143
1990	SÜSSEKIND, Flora	O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem	Companhia das Letras	319
1995	QUINTANEIRO, Tania	Retratos de Mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX	Vozes - RJ	243
1997	ROQUETTE, J.I.	Código do Bom-tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX	Companhia das Letras	400
1999	BELLUZZO, Ana Maria de Moraes	O Brasil dos Viajantes	Objetiva	516
1999	CAVALCANTI, Lauro	Paço Imperial	Sextante	160
2000	CARVALHO, Ney O.R.	Praça XV e arredores: uma história em cinco séculos	Bolsa do Rio	199

2000	FILHO, Adolfo Morales de los Rios	O Rio de Janeiro Imperial	Univer Cidade Editora	549
2000	DEL PRIORE, Mary	Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil	Editora Senac	108
2001	COHEN, Alberto A.	Ouvidor, a rua do Rio	AAChoen	128
2003	BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto	A Missão Francesa	Sextante Editora	207
2005	VASCONCELOS, Maria Celi Chaves	A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos	Gryphus	242
2007	MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e GONDRA, José Gonçalves	Viagens Pedagógicas	Cortez - SP	320
2008	FRANCO, Stella Maris Scatena	Peregrinas de Outrora: Viajantes latino-americanas no século XIX	Mulheres Florianópolis	300
2008	GONDRA, José Gonçalves	Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial	Eduerj	561
2011	ELIAS, Norbert	O processo civilizador	Zahar	262
2012	BANDEIRA, Julio	A viagem ao Brasil de Marianne North	Sextante Artes RJ	199
2012	KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa	Ensaio de História das Ciências no Brasil	EdUERJ	328
2013	FRANÇA, Jean Marcel Carvalho	Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: antologia de textos (1809-1818).	José Olympo - RJ	166
2014	SERRANO, Sonia	Mulheres Viajantes	Tinta da China Lisboa	343
2015	SILVA, Alexandra Lima da, ORLANDO, Evelyn de Almeida, DANTAS, Maria José	Mulheres em trânsito - intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas	Editora CRV	245
2015	PERROTA, Isabella	Promenades do Rio: a turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939	Hybris Design - RJ	370
2017	TELLES, Norma	Mulheres viajantes: sete jornadas insólitas	Annablume SP	316
2017	REZZUTTI, Paulo	D. Leopoldina - A história não contada: A mulher que arquitetou a Independência do Brasil	Leya - RJ	431
2017	CAPELLA, Leila Maria Corrêa (org.)	Alfândega do Rio de Janeiro: administração, comércio e cidade.	Receita Federal do Brasil	198
2018	KURY, Lorelai (org.)	Lugares de memória: a França no Rio de Janeiro	Andrea Jakobsson	334

			Estúdio Editorial	
2018	SILVA, Alexandra Lima da	Sujeitos em movimento: instituições, circulação de saberes, práticas educativas e culturais	Appris Curitiba	287
2018	REZZUTTI, Paulo	Mulheres do Brasil - A história não contada	Leya - RJ	315
2019	SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin	Memórias de uma mulher viajante do século XIX Maria do Carmo de Mello Rego	Paco - SP	268
2019	TURAZZI, Maria Inez	O Oriental-Hydrographe. A primeira expedição ao redor do mundo com uma “arte ao alcance de todos”	CdF	380
2020	PORTO, Denise G.	Maria Graham: Uma inglesa na Independência do Brasil	CRV Curitiba	201
2020	BANDEIRA, Julio; DO LAGO, Pedro Corrêa	Debret e o Brasil	Capivara Editora	717
2020	RIDLEY, GLYNIS	O segredo de Jeanne Baret	Editora Europa	302
2022	DEL PRIORE, Mary	A viajante inglesa, o senhor dos mares e o imperador na Independência do Brasil	Vestígio	207

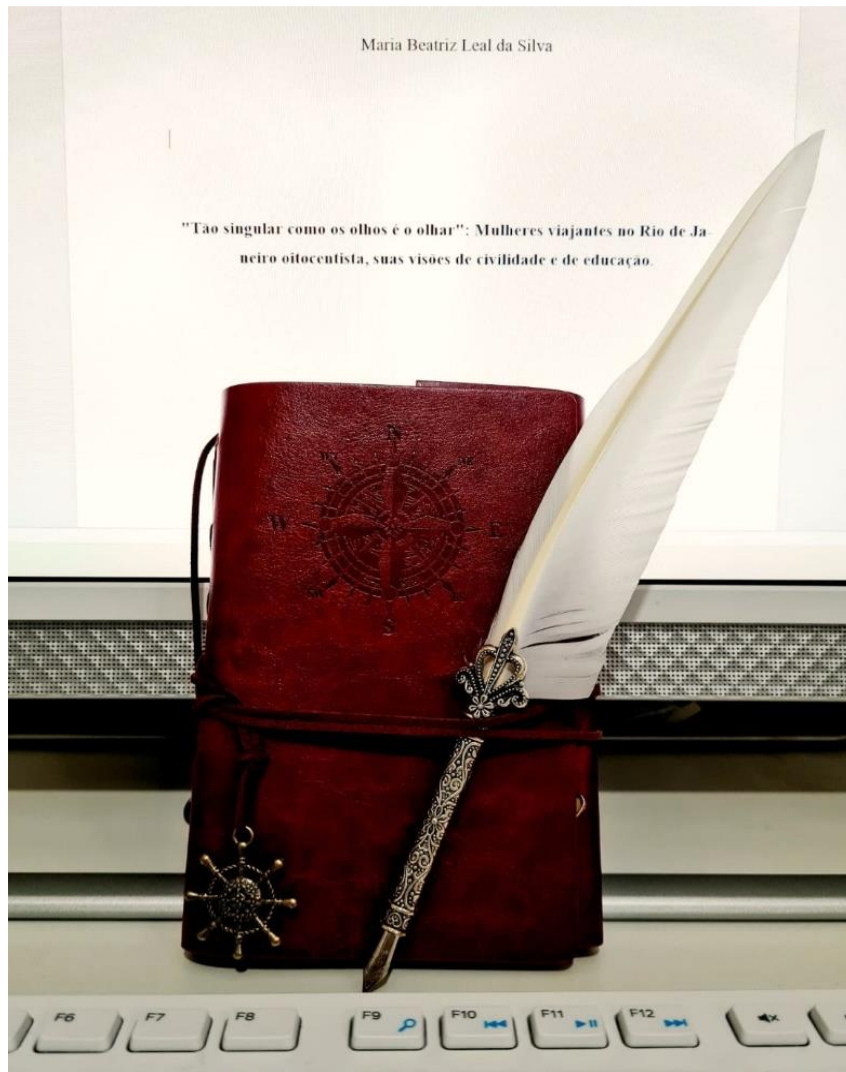
Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Como já referido, a partir da revisão da literatura realizada sobre a temática, percebe-se que os diários e cartas de mulheres viajantes do século XIX em sua maioria, são objetos de interesse dos pesquisadores das Ciências da Natureza e demais cursos das Ciências Humanas, ainda sendo poucos os pesquisadores da História da Educação que se debruçam sobre o assunto. Portanto, este estudo é relevante no sentido de dar visibilidade às mulheres que ao longo do tempo lutaram para não se encaixarem na inferioridade de gênero que lhes era reservada, por investigar suas trajetórias na Corte e, como essas trajetórias (escritas) contribuíram direta ou indiretamente para a História da Educação em nosso país, de modo mais específico, no Rio de Janeiro oitocentista.

Voltando aos trabalhos examinados, nota-se que, mesmo em número inferior aos dos viajantes do gênero masculino, conta-se com uma significativa parcela de mulheres viajantes de perfis diversos que desafiaram os padrões da época e se lançaram ao desconhecido. Com um grande potencial de observação, essas mulheres se colocavam como aquelas que vieram conhecer, explorar, trabalhar e contribuir com o projeto civilizador do Brasil do oitocentos, pois, seja qual for o motivo da vinda, o viajante, em geral, trazia consigo a postura do “civilizado” diante de um país e sua gente “atrasada”.

Assim como as viajantes que registravam com suas penas as subjetividades e emoções, como mulher do século XXI, profissional, esposa, mãe e avó que pesquisa sobre o cotidiano das mulheres do século XIX, também não deixei de lado a sensibilidade e o envolvimento durante a escrita. Ao ler seus diários, chamou minha atenção como elas descreveram as despedidas de seus filhos e me inquietou os relatos das dificuldades vividas em alto mar. Por vezes me vi olhando com seus olhos e sentindo suas emoções. Desse modo, utilizando todos os aparatos tecnológicos disponíveis nos dias de hoje, resolvi fazer as anotações necessárias ao andamento desta pesquisa igualmente as oitocentistas: com um diário e uma pena como companheiros inseparáveis (Figura 3). Tão singular como os olhos, é o olhar! Tão singular como o fazer, é o se envolver!

Figura 3 - Diário e caneta tinteiro usados para a pesquisa.



Fonte: Acervo pessoal.

Observa-se neste estudo que, da mesma forma que a grande maioria das personagens mulheres foram secundarizadas ao longo da história, suas literaturas de viagem, apesar de toda singularidade, também foram sendo deixadas em segundo plano em relação a produção dos cientistas e artistas do gênero masculino. “Os heróis naturalistas não são mulheres – nenhum mundo é mais androcêntrico do que o da história natural (o que não é dizer que não existem mulheres naturalistas)” (Pratt *apud* Eberspächer, 2019, p. 32).

O estudo apresenta-se organizado em três capítulos. Na introdução, foi apontado além da temática e sua justificativa, o problema, assim como o marco temporal, os objetivos e o caminho metodológico utilizado durante a pesquisa por meio de quadros, onde constam a revisão da literatura, a revisão teórica e as fontes utilizadas.

No Capítulo 1 denominado *A viagem e a chegada ao Rio de Janeiro: “Um paraíso de natureza exuberante”*, serão descritos a viagem ao Rio de Janeiro, as adversidades, perigos e aventuras enfrentados durante a longa travessia e como elas usavam o tempo durante o percurso. Serão descritos também as primeiras impressões da terra avistada ainda a bordo e após o desembarque no Cais Pharoux. Os contrastes observados por essas viajantes advindas, em sua maioria, de grandes cidades do Velho Mundo, assim como o olhar delas para a elite brasileira que em tudo copiava os modos franceses também serão tratados neste capítulo. Os Guias de Viagem que surgiram no Brasil e no mundo também serão tratados neste capítulo.

Aspectos de civilidade e educação: viajantes acompanhadas e os relatos do Novo Mundo é o título do Capítulo 2 desta pesquisa. Nele serão destacadas as razões que levaram essas mulheres a deixarem, mesmo que por um tempo específico, as suas raízes e, se lançarem numa aventura extrema num país, visto por elas como “atrasado” culturalmente. Serão apresentadas também as mulheres viajantes que estiveram no Rio de Janeiro durante o Período Monárquico (1808-1889), acompanhando seus maridos. As esposas dos militares, diplomatas e cientistas que chegaram ao Rio de Janeiro tiveram que se adaptar às condições de vida do Brasil do século XIX, um país com cultura e sociedade totalmente diferente da sua. Algumas dessas mulheres levaram uma vida mais isolada e voltada para círculo de convivência entre seus conterrâneos, outras acabaram contribuindo para a transformação da vida social da cidade. Essas são algumas das questões que serão analisadas neste capítulo.

A seguir, o Capítulo 3 intitulado *Mulheres viajantes e a missão de educar: professoras, naturalistas e “aventureiras”*, evidencia as mulheres viajantes que estiveram no Brasil durante o período monárquico com a missão de educar e suas práticas educativas, tendo o modelo europeu como o único que, segundo elas, poderia “salvar” as crianças do “atraso cultural” ao

qual estavam inseridas. Serão apresentadas também as viajantes naturalistas e as “aventureiras” que aqui estiveram para juntar fortuna, interrogando nas narrativas de suas viagens, o contexto educacional e suas impressões sobre civilidade no Rio de Janeiro oitocentista.

Por fim, a pesquisa foi concluída com as considerações percebidas durante o estudo destacando a relevância dessa temática para a História da Educação devido ao ineditismo pela problemática abordada, tendo nos diários íntimos de viajantes estrangeiras e demais documentos por elas produzidos, importantes elementos que possibilitam uma interpretação histórica sobre impressões e experiências registradas acerca dos aspectos de civilidade, caracterizada como uma experiência educativa.

1 A VIAGEM E A CHEGADA AO RIO DE JANEIRO: “UM PARAÍSO DE NATUREZA EXUBERANTE”

A esquerda da entrada da barra do Rio de Janeiro, depara-se, chamando desde logo a atenção do viajante, com o famoso penhasco de granito, despido de vegetação, de 385 metros de altura e pela fôrma do seu cume, chamado o Pão de Assucar.

*Guia do Viajante no Rio de Janeiro, 1884*⁵.

A entrada ao Rio de Janeiro, descrita por Alfredo do Valle Cabral em seu *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, publicado em 1884 e, mencionada na epígrafe acima, retratava a primeira impressão que o estrangeiro teria ao chegar à cidade. No final do oitocentos, quando este guia foi escrito, a paisagem do Rio de Janeiro já havia sofrido muitas transformações, ainda assim, a entrada que os viajantes encontravam era uma cena bucólica, paradisíaca e muito diferente da Europa.

A experiência da entrada no Rio de Janeiro oitocentista também foi eternizada nas gravuras dos viajantes que chegavam à urbe. Evidencia-se que, as imagens e pinturas utilizadas nesta pesquisa, como indicou Peter Burke (2017), não são meras ilustrações, elas têm um espaço bem específico, dependendo principalmente do seu contexto social.

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo. [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante) [...]. No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos, mas significativos - incluindo ausências significativas - usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir (Burke, 2017, p. 282).

Muitos, ao adentrarem pelas águas calmas da Baía de Guanabara e avistarem o “paraíso de natureza exuberante”, registraram suas primeiras impressões ainda de dentro dos navios (Figura 4).

⁵ VALLE CABRAL, 1884, p. 1.

Figura 4 – Visão do Pão de Açúcar e da baía do Rio de Janeiro através da escotilha de um navio (Século XIX).



Fonte: Autor Anônimo, s.d. *In*: TURAZZI, 2019, p. 250.

No entanto, ao prosseguirem com suas embarcações e chegarem mais próximos à urbe, toda beleza e exuberância da natureza entrava em contraste com cenas que os impactavam negativamente, algo totalmente oposto àquela primeira visão idílica, como pode ser observado no trecho a seguir descrito pelo cirurgião irlandês James Prior que visitou as três maiores cidades portuárias do XIX: Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Misturados ao belo, harmonioso e grandioso cenário natural, encontramos, por exemplo, edifícios imundos, fortes desmantelados, habitações em ruínas e muros sem pintura. O mais belo esboço não poderia contar com um pior finalizador do desenho. Por sorte, tal é o poder redentor do cenário natural, dos infindáveis regatos - que formam pequenas ilhas e adentram as matas ou correm sinuosos por lugares sombreados -, das incontáveis paisagens românticas, da refrescante combinação de água e vegetação - divididas por praias de seixos brancos, que se misturam com a plantas e com a relva -, que acabamos por esquecer a negligência e o péssimo gosto para as obras de arte dos portugueses (Prior *in* França, 2013, p. 61).

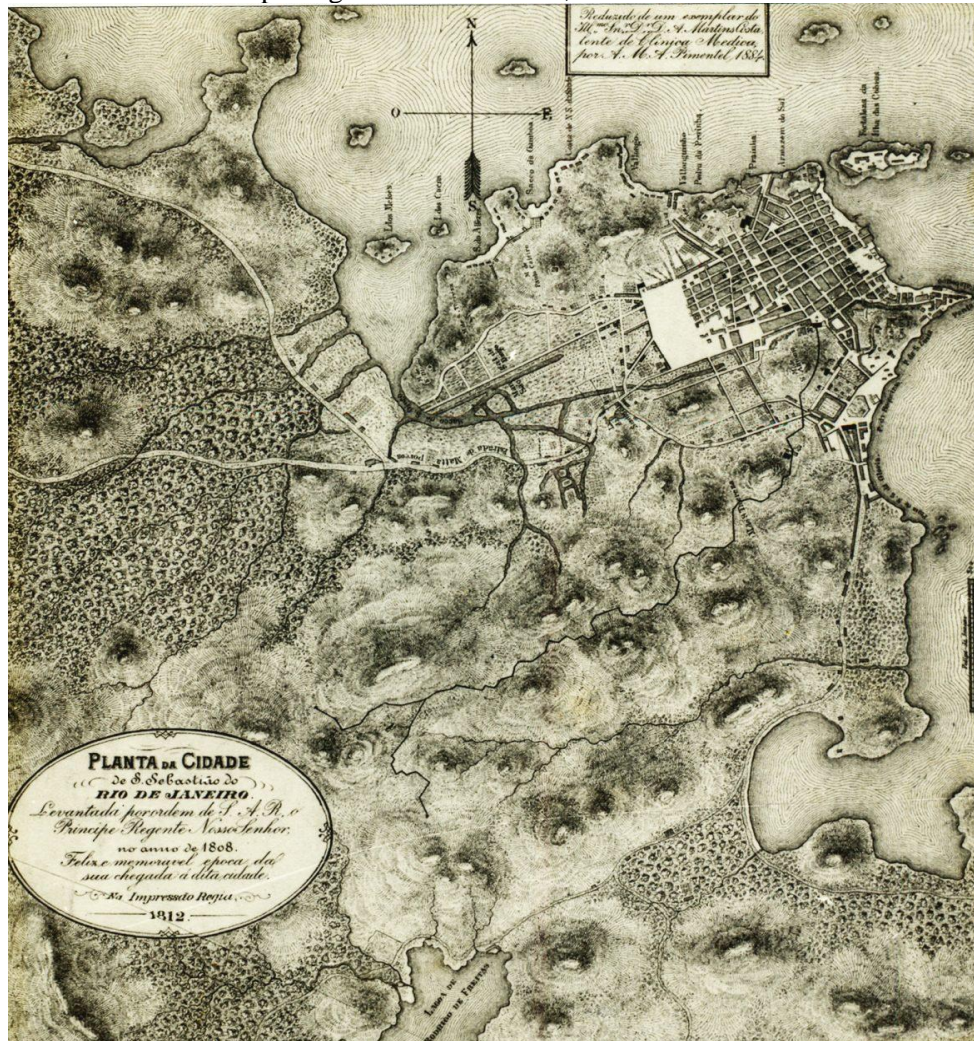
O cenário paradisíaco registrado nas primeiras impressões era desconstruído à medida que os viajantes desciam dos navios, pegavam as chalanas e se aproximavam do porto, sentindo o terrível odor das ruas sujas e apertadas, presenciando, além das construções mal-acabadas, como mencionou James Prior, cenas incompreensíveis aos olhos do europeu. Além da sujeira,

desordem e mal cheiro, a enorme quantidade de escravizados nas ruas e a falta de bons modos dos habitantes também chocavam os recém-chegados.

A partir de 1808, com a vinda da Família Real, o Brasil passou por intensas transformações que mudariam para sempre a história dos brasileiros. O país teve que se adaptar para atender aos interesses da Família Real, da Corte, dos milhares de portugueses que os acompanharam e de seus parceiros comerciais. Toda essa transformação, literalmente, ocorrida de uma hora para a outra, deixaria consequências como destacou o jornalista e cronista do século XIX, Luiz Edmundo: “A época de D. João VI estava destinada a ser na História brasileira, pelo que me diz respeito à administração, uma era de muita corrupção e peculato, e, quanto aos costumes privados, uma era de muita depravação e frouxidão” (1956, p. 187).

Mesmo sem muito planejamento, dentre as medidas adotadas no período joanino, estavam melhoramentos no Rio de Janeiro, lugar escolhido para ser a sede da monarquia portuguesa. Com a presença dos novos habitantes “ilustres”, observou-se um grande esforço para tentar mudar os hábitos, costumes e aparência da cidade, tornando-a ao mesmo tempo mais “digna” da Família Real e mais moderna. Dentre as primeiras medidas de impacto, no que diz respeito à organização da cidade, estão a criação de uma Intendência Geral de Polícia da Corte, que tinha como objetivo principal a manutenção da ordem pública na cidade do Rio de Janeiro. Para ocupar o cargo de primeiro Intendente Geral, o Príncipe-Regente D. João VI nomeou Paulo Fernandes Viana. A Intendência era a responsável por fiscalizar a segurança, o comércio, a higiene pública, além de controlar e restringir a circulação de pessoas e mercadorias. Foi uma medida importante para a organização da cidade e para garantir a segurança da população. Também foi sua atribuição a elaboração de um mapa oficial necessário para o planejamento das futuras transformações (Figura 5). Enfim, uma cidade e sua gente a serem transformadas e civilizadas.

Figura 5 - Planta da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro levantada por ordem de sua Alteza o Príncipe Regente Nosso Senhor, no ano de 1808.



Fonte: Autor Anônimo, 1808. Acervo Fundação Biblioteca Nacional Digital.

Com a vinda da Família Real e a abertura dos portos, os estrangeiros viram nesta configuração a oportunidade para novas experiências, descobertas, redescobertas e acordos. Com o decreto de abertura dos portos, publicado logo após a chegada da Corte, ficou autorizada não apenas o comércio com as nações amigas, como também a liberação da entrada de viajantes, que até então era proibida. Mantido por muito tempo isolado, o Brasil passou a acolher além de aventureiros e curiosos, muitos diplomatas, militares, professores, comerciantes, artistas e cientistas, impulsionando a pesquisa, as artes e a ciência. O Rio de Janeiro passou a ser o ponto em que se dirigiam a maior parte das expedições científicas, lugar onde os naturalistas tinham um interesse especial devido a sua rica biodiversidade e natureza exuberante. De uma forma ou de outra, esses viajantes se tornaram importantes testemunhas de uma época.

Depois de 1808, os escritos e as imagens dedicados ao país e aos seus habitantes se multiplicaram. As narrativas circularam pela Europa, pelo restante da América e mesmo pela Ásia, e foram produzidas por homens que viram, não raro por meses ou anos seguidos, os lugares e os tipos humanos que descreviam ou retratavam (França *in* Pinheiro, 2010, Vol. 2, p. 10).

Entre a chegada de Dom João VI e a partida de Dom Pedro II, recorte deste estudo, o Brasil foi visitado por uma quantidade significativa de estrangeiros. Seus portos que até então recebiam majoritariamente navios portugueses, começaram a receber embarcações de várias partes do mundo. “E já nesse ano de 1808 entravam no Rio 90 navios estrangeiros de comércio. Dois anos depois êsse número subia a 422” (Luccock, 1975, p. XI).

O pesquisador brasileiro Rubens Borba de Moraes, autor de obras como a *Bibliographia Brasiliana* e a *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, organizou em 1949, o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Nesta obra, Borba de Moraes catalogou 266 viajantes que visitaram o Brasil após a abertura dos portos e que escreveram sobre o seu povo, seus costumes e as riquezas naturais aqui existentes. Ao registrarem suas impressões em diários, cartas e relatórios oficiais, este período tornou-se, segundo o autor, um dos mais documentados da história brasileira. Mesmo não tendo me aprofundado no catálogo de Rubens Borba de Moraes, pode-se afirmar que, desse total, a maioria dos viajantes passou e registrou suas impressões no Rio de Janeiro oitocentista, por ser a sede da Corte Portuguesa no país e um lugar atrativo pela sua exuberante natureza, desse total, o número de mulheres era incomparavelmente inferior ao de homens.

No entanto, o Rio de Janeiro não estava preparado para a vinda da Família Real. Tudo na cidade que estava ainda por ser feito começou a mudar repentinamente e sem muita organização: o porto do Rio foi reformulado, as ruas estreitas melhoradas, novos bairros surgiram, os costumes da população, procurando seguir os moldes europeus, principalmente os franceses, foram sendo “requintados”. Aos poucos foram surgindo hotéis para receber os estrangeiros que chegavam, o que ocasionou a melhoria dos transportes e demais serviços como restaurantes e o comércio. Tudo isso foi acontecendo lentamente, no decorrer do século XIX e registrado pelos viajantes.

Em relação aos hábitos e costumes, as literaturas de viagem descreveram a falta de higiene e de “boas maneiras” da população, tanto no que diz respeito ao asseio pessoal, como aos cuidados com suas casas, o que, para os observadores estrangeiros, em especial os que chegaram no início do século XIX, estava relacionado à ausência de civilidade e educação.

“Enfim, a percepção que prevalece é de moradias sujas, desordenadas, carentes de senso estético” (Quintaneiro, 1996, p. 51).

Um dos estrangeiros que chegou no Brasil logo após a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro foi o inglês John Luccock. Anotando tudo o que presenciou durante os dez anos que esteve no país (1808-1818), escreveu uma obra denominada *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes Meridionais do Brasil*, onde fez um detalhado registro sobre a população do Rio de Janeiro e seus costumes, além de narrar as transformações ocorridas após a instalação da Família Real e a elevação do Brasil, em 1815, de colônia a Reino Unido. De acordo com Luccock, sua intenção era descrever “ao leitor a opinião imparcial sobre os usos e costumes do povo, sobre os acontecimentos políticos, sobre toda a paisagem social de um país imenso e desconhecido” (1976, p. XIII). Observa-se também em seus escritos o dualismo presente também em tantos outros registros de visitantes: um país que fascinava pela exuberância de sua natureza, mas que causava repugnância pelos maus hábitos de seus moradores, pela forma como tratavam os escravizados e pelo relaxamento com suas casas e com a cidade. A chegada ao Rio de Janeiro foi assim registrada por Luccock.

Igrejas e mosteiros, fortes e casas de campo, faiscentes de brancura coroam cada colina e enfeitam as faldas das suas alturas simétricas e caprichosas, enquanto que, fazendo fundo, uma cortina de matas a tudo ensombra. Mas é em vão que se tenta descrever; não pode a pena imitar o lápis, nem o lápis à natureza em cenários tais como esse. Acham, contudo, os juízes competentes, que eles formam um panorama de magnificência e beleza quase sem par (Luccock, 1976, 23).

O encanto registrado ao entrar na baía e avistar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, segundo o inglês, foi atribuído às belezas naturais, à novidade avistada e ao contraste de seu lugar de origem, pois, logo em seguida, todo o deslumbramento cai literalmente por terra ao se deparar com uma cidade suja, escura e perigosa.

Meu primeiro desembarque em São Sebastião foi na Alfândega, em cujas escadas encontrei-me com um senhor que me conhecia e de quem recebi as primeiras demonstrações dessa bondade ativa e solícita de que não fica aquém um negociante em inglês, onde quer que o encontre. Havia chegado uns poucos dias antes de mim e já fôra iniciado nas cenas de descuido e sujeira mescladas de ostentação aborrecida e esfarrapada que diariamente ocorrem no local em que nos encontramos (Luccock, 1976, p. 24).

Alguns dos protagonistas das primeiras transformações ocorridas no Rio de Janeiro após a chegada da Família Real foram os estrangeiros que vieram com a Missão Artística Francesa em 1816, contratados por Dom João VI, os primeiros franceses que se estabeleceram no Brasil

depois da paz geral da Europa definida no Congresso de Viena, em 1815. Da Missão Artística faziam parte Jean Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay. Mesmo tendo que atender muitas vezes às exigências da Corte, que solicitavam obras retratando cerimônias, seus registros e gravuras são importantes referências da sociedade brasileira, em especial do Rio de Janeiro, de seus costumes e “natureza exuberante”.

Os artistas não pouparam esforços para tornar o Rio de Janeiro cada vez mais parecido com o Velho Mundo e “digno” dos representantes da monarquia portuguesa e dos inúmeros europeus que passaram a habitar a cidade de São Sebastião. Caberia aos artistas franceses não apenas a difusão do estilo neoclássico, mas trazer a modernidade para o Rio de Janeiro e torná-lo mais civilizado. Um dos objetivos principais da missão seria criar uma Academia de Belas Artes na cidade, o que só aconteceu anos depois. Com um contrato de pelo menos seis anos e uma pensão anual, os intelectuais e artistas franceses também foram os responsáveis por organizar as principais celebrações da Corte portuguesa. Na Figura 6, a seguir, o artista francês Nicolas-Antoine Taunay retratou a passagem de Dom João VI sob os arcos construídos na principal rua do Rio de Janeiro, uma das cerimônias organizadas pela Missão.

Figura 6 - Passagem de Sua Majestade, D. João VI, sob os arcos da Rua Direita (atual Primeiro de Março), em frente à Rua do Ouvidor.



Fonte: Taunay, 1817. Domínio público. Biblioteca Nacional Digital.

As obras de Jean Baptiste Debret, podem ser consideradas um dos grandes legados da Missão Francesa. Sua ampla coleção de gravuras e desenhos retrataram uma visão antropológica e sociológica do cotidiano do Rio de Janeiro oitocentista, seus hábitos, costumes e relações sociais que caracterizavam a cidade naquele período.

Em *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, o artista não apenas apresentou ao mundo cenas do cotidiano da Corte portuguesa, mas também dos nativos e escravizados, priorizando em suas pinturas as gentes brasileiras mais do que as belezas naturais da terra. Toda ação humana para Debret se tornava uma obra de arte, como pode ser visto na Figura 7 a seguir, onde registrou os “negros de carro”, como eram chamadas as várias carruagens que ficavam na porta da Alfândega para o carregamento das bagagens dos estrangeiros. A intensa movimentação dos escravizados e a variedade de serviços por eles ofertados no porto do Rio de Janeiro, chamavam a atenção dos artistas e de quem chegava na cidade.

Figura 7 – Negros de carro.



Fonte: Debret, 1835. In: *Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil*, 1980, p. 291.

Sobre o pintor-viajante Jean Baptiste Debret, a pesquisadora Flora Süssekind, em sua obra *O Brasil não é longe daqui*, destacou a importância do francês tanto para o ponto de vista artístico como histórico.

As pranchas do pintor-viajante não só figuram um Brasil, como ensinam a figurá-lo, a descrevê-lo. E se mostram bastante eficazes. Não é à toa que o seu relato e o seu modo de observar o país literalmente fazem escola. [...] O que importa fundamentalmente? O fato de o viajante ensinar a ver, organizar para olhos nativos a própria paisagem e definir maneiras de descrevê-la. E desenhá-la (Süssekind, 1990, p. 39)

Em 1817, junto com a comitiva que acompanhou a chegada da princesa Leopoldina, desposada com o herdeiro do trono português Dom Pedro de Alcântara, veio mais um grupo de artistas e cientistas que compunham a denominada Missão Austríaca, esta financiada pelo imperador Francisco I, pai de Leopoldina. Assim como na Missão Francesa, os artistas registraram tudo o que viram pela frente, reproduzindo importantes imagens sobre o Brasil oitocentista, principalmente sobre a fauna e a flora. Compunham a missão austríaca de 1817 nomes que ficaram muito conhecidos no Brasil como Johan Baptiste Von Spix, Karl Friedrich Philipp von Martius, Johann Emanuel Pohl e Thomas Ender.

Sobre a efervescência populacional na sede da monarquia portuguesa, ocasionada pela abertura dos portos, o cientista Johann Emanuel Pohl, que esteve no Brasil entre os anos de 1817 e 1821, comentou a importância da presença de habitantes do mundo civilizado na cidade, possivelmente, para trazer ao Novo Mundo a civilidade que, segundo eles, aqui faltava:

Aliás, é natural que, numa cidade de tanta importância marítima e comercial, se achem reunidos habitantes de todas as regiões e países do mundo civilizado. [...] Os mais numerosos entre eles são os antigos aliados de Portugal, os ingleses. Aos franceses, com os quais têm afinidade de religião. [...] Os alemães têm boa fama de probidade. [...] Vêm-se também com frequência, italianos, espanhóis, holandeses e até suíços, e os ativos filhos da América do Norte fazem aqui muito comércio. Como os nossos ferros velhos judeus, que fazem pequenos negócios, aqui os chineses percorrem as ruas do Rio e do interior (Pohl, 1976, p. 42).

Foi durante o período joanino que o Brasil recebeu as primeiras viajantes mulheres que estiveram no Rio de Janeiro e deixaram registros de sua passagem, são elas: a inglesa Elizabeth Macquarie em 1809 e a francesa Rose de Freycinet entre 1817 e 1820.

Apesar de todo empenho e empreitadas de Dom João VI para transformar o Brasil em um país mais “civilizado”, não foi uma tarefa fácil. A razão para tal dificuldade pode ter sido observada pelo francês Auguste de Saint-Hilaire que esteve no país entre 1816 e 1822. A pesquisadora, Lilia Moritz Schwarcz, destacou que Auguste de Saint-Hilaire resumiu a

impressão deixada em sua passagem por esse imenso Império: “Havia um país chamado Brasil, mas absolutamente não havia brasileiros. [...] uma sociedade centralizada a partir da presença do monarca, mas destituída de unidade cultural”⁶.

Em 1818, John Luccock, prestes a voltar para sua terra natal, deixou registros das transformações que presenciou durante os dez anos de sua estada no país. Com muitas dificuldades e morosidade, o Brasil e a sede da Corte, iam se desenvolvendo.

[...] antes de deixar a América do Sul, talvez para sempre, fiz uma nova revista do Brasil e de sua Capital. De 1813 para cá, época de que vem datada a última descrição em detalhe das transformações por que passou a Capital, o número de habitantes portugueses e brasileiros aumentou consideravelmente; muitos estrangeiros, também chegaram [...] Foram-lhe concedidos importantes privilégios [...] Desse aumento na população, dessa acumulação de habilidade e indústria, proveio grande acrescentamento no conforto e mesmo nos luxos, em todas as suas variedades, tanto naturais como de combinação artificial. Os habitantes da Cidade estavam providos de residências melhores que, progredindo em proporção mais adequada ao número crescente de moradores, permitia-lhes viver com menos aperto. Surgiram novos grupos de casas, novas ruas se abriram por quase todos os pontos dos arredores, meios pelos quais se obtiveram cenas mais agradáveis para passeios, introduzindo-se um gosto maior pelo exercício. [...] As casas particulares revelavam quantidade maior de mobília, seu estilo estava modernizado e adaptado à situação superior de seus possuidores. Sua maneira de vestir-se fizera-se mais respeitável; suas mesas apareciam cobertas de variedade maior; os mercados eram supridos mais e melhor, não somente com os comuns artigos sólidos de primeira necessidade, como ainda de aves, caças e frutas (Luccock, 1975, p. 363).

Ao retornar para Portugal em 1821, Dom João VI nomeou seu filho Dom Pedro I como regente do Brasil em seu nome. Neste momento de transição e de crises políticas, esteve pela primeira vez no país a inglesa Maria Graham. Sobre as transformações ocorridas na cidade após a instalação da Corte, observou Graham:

O Rio era, pois, o local mais conveniente para asilar a casa de Bragança. [...] O primeiro efeito visível da chegada da família real ao Brasil foi a abertura dos portos; logo no primeiro ano (1808) noventa navios estrangeiros entraram só no porto do Rio. [...] Os efeitos da presença da corte em breve se fizeram sentir na cidade do Rio de Janeiro. [...] Em um dos lados da praça começara-se a construção de um teatro, não inferior aos da Europa em tamanho e em acomodações, e colocado sob o patrocínio de São João. Várias casas magníficas ergueram-se nas vizinhanças; a praça ficou pronta; uma outra, muito maior ficava adiante dela, num dos limites da cidade. No outro lado, entro sopé da montanha do Corcovado, com seus contrafortes e o mar, as boas posições foram ocupadas por deliciosas casas de campo. A linda enseada de Boto Fogo [Botafogo], onde antes só havia pescadores e ciganos, tornou-se em breve um subúrbio arejado e populoso (Graham, 1990, p. 73-74).

⁶ O artigo intitulado *Império desenha país civilizado e exótico* se encontra disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/imagens8.htm>. Acesso em 05 de janeiro de 2022.

Durante sua estadia no Brasil, Maria Graham presenciou de perto os eventos que levaram à independência do país proclamada por Dom Pedro I, no ano de 1822. Uma mulher muito interessada nas questões sociais e políticas e muito próxima da Corte, em especial da princesa Leopoldina, tornando-se grande amiga e confidente da imperatriz. A amizade de Maria Graham com a princesa Leopoldina foi especialmente significativa. Leopoldina era uma mulher instruída e intelectualmente curiosa, que compartilhava muitos interesses em comum com Graham. As duas trocavam frequentemente ideias sobre literatura, política e questões sociais, construindo uma relação de confiança e intimidade.

Segundo todos os depoimentos, Suas Majestades parecem ser extremamente populares. A mocidade, a graça, a situação singular em questão colocados, tudo interessa. É raro que um príncipe herdeiro ouse pôr-se à frente da causa da libertação ou independência, e o fato de um filho da casa de Bragança e uma filha da casa d'Áustria encaminharem para o caminho da independência este grande império, não pode senão excitar tanto o amor quanto a admiração de seus felizes súditos (Graham, 1990, p. 264).

Sobre os registros de Graham, observa-se que a inglesa não fez muitas críticas ao Rio de Janeiro, ao contrário, descreveu em seu diário no ano de 1822, que a cidade havia adquirido um tom mais europeu, tanto em sua arquitetura quanto em relação a seus habitantes. Todavia, por sua proximidade com a Família Real, nota-se uma parcialidade em alguns trechos de seu *Diário de uma viagem ao Brasil*, obra em que relatou suas experiências no país durante sua estada.

Os edifícios públicos do Rio nada têm de muito notável. Até as igrejas não apresentam beleza arquitetônica e devem o bom efeito que produzem na vista gera, ao tamanho e à colocação. [...] No conjunto, o aspecto do largo do Paço é extremamente belo. [...] A cidade do Rio é uma cidade mais européia do que Bahia ou Pernambuco. As casas são de três ou quatro pavimentos, com tetos salientes, toleravelmente belas. [...] Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável aos nossos olhos europeus (Graham, 1990, p. 205 a 208).

Durante todo o século XIX, diversos viajantes que visitaram o Brasil, registraram suas impressões sobre a escravidão. Em relação a escravidão, Graham uma abolicionista declarada, descreveu cenas terríveis que a marcaram profundamente. Seu primeiro registro foi logo ao desembarcar no Recife, em 1821, expondo seu repúdio e indignação ao se deparar com um mercado de escravizados: “por mais que sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos” (1990, p. 134). No Rio de Janeiro ela esteve na região chamada *Val-*

longo - Valongo⁷, lugar também visitado por outros estrangeiros e registrado por vários artistas do oitocentos, como pode ser observado na Figura 8, a seguir.

Figura 8 - Mercado e escravos de Valongo (Século XIX).



Fonte: Autor Anônimo, s.d. In: BANDEIRA; DO LAGO, 2020, p. 76.

A tela acima, de autor desconhecido, assemelha-se em muito à pintura de Debret, porém, não há garantias que tenha sido o francês quem a pintou. Na obra *Debret e o Brasil*, Júlio Bandeira e Pedro Corrêa do Lago, discorrem sobre a obra.

Trata-se, em nossa opinião, de um quadro executado no início da estada de Debret, provavelmente por encomenda de algum casal europeu que queria retratar-se inserido numa das situações que mais chamava a atenção dos visitantes estrangeiros, adquirindo escravos que pretendiam tratar com benevolência. O personagem central

⁷ A recente descoberta do Cais do Valongo - atracadouro para o tráfico negreiro no século XIX, se deu com a revitalização da região portuária em 2011. Desde 2017 o sítio arqueológico do Cais do Valongo se tornou Patrimônio Histórico da Humanidade pela Unesco por sua relevância para o estudo da escravidão no país. O cais do Valongo funcionou com este fim de 1811 a 1831, ano da primeira lei proibindo o tráfico transatlântico de escravizados, passando a acontecer clandestinamente em outros portos mais distantes. O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, localizado na região, realiza um trabalho de pesquisa e preservação do patrimônio material e imaterial africano, em especial no sítio histórico e arqueológico do Cemitério dos Pretos e no Cais do Valongo. Fonte: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/quarentena-isolamento-cais-valongo-quarentena-longo> Acesso em 20/01/2022.

– que parece um oficial ou diplomata francês – passa carinhosamente a mão na cabeça de um jovem negro no centro da composição, enquanto sua mulher examina com aparente consideração uma jovem negra, mais coberta do que as outras escravas a venda.[...] Na cena pintada a óleo, a dramaticidade foi propositalmente atenuada para permitir ao casal europeu ali retratado - uma vez de volta a Europa – representar-se na posição civilizatória que o quadro lhes dá (Bandeira; Do Lago, 2020, p. 76).

Embora não seja confirmado que a pintura intitulada “Mercado e escravos de Valongo” tenha sido realmente feita por Debret, ela assemelha-se em muito ao estilo e tema abordado pelo artista francês em suas obras. Ela refletiu a terrível realidade da época em que o comércio de escravizados era comum no Brasil, porém chamava a atenção para a postura dos visitantes estrangeiros que fizeram questão de serem retratados neste cenário de forma piedosa e paternalista (o homem) e, talvez, a mulher, questionando algo a respeito da vestimenta da escravizada seminua. Observa-se nesta obra uma situação concreta no oitocentos, a contradição entre a oposição à escravidão e a aquisição de escravizados por europeus. Essa contradição pode ser analisada pelo fato de que ser proprietário de escravizados era um símbolo de riqueza e prestígio para muitas pessoas no país, por isso, era essencial tê-los.

A região do principal porto do Rio de Janeiro, localizado no Largo do Paço, era o local onde a Família Real havia se instalado e que recebia todos os viajantes que desembarcavam na cidade, sendo dessa forma, a sala de visitas do Rio de Janeiro. Para não impactar os estrangeiros com cenas tão repugnantes e não misturar o comércio de escravizados com as demais atividades comerciais existentes naquela região, a chegada dos africanos escravizados e sua comercialização foi deslocada para o Cais do Valongo.

A região que era lugar de chegada dos africanos vindo amontoados nos navios negreiros também era lugar de morte. Próximo aos cais existia o Cemitério dos Pretos Novos, como eram denominados os africanos recém-chegados. Aqueles que não sobreviviam ao trajeto, eram ali jogados em valas e queimados. Vários viajantes visitaram essa região e anotaram suas impressões. A construção do Cais do Valongo pode ser considerada como uma das medidas higienistas adotadas na cidade.

[...] Lembrem aos outros aqui o menos possível a triste condição servil, a não ser quando se passa pela rua do Valongo. Então todo o tráfico de escravos surge com todos os seus horrores perante nossos olhos. De ambos os lados estão armazéns de escravos novos, chamados aqui *peças*, e aqui as desgraçadas criaturas ficam sujeitas a todas as misérias da vida de um negro novo, escassa dieta exame brutal e açoite (Graham, 1990, p. 208).

Nota-se que diversos viajantes estrangeiros, no decorrer do século XIX, documentaram sobre a realidade da escravidão no país, as condições de trabalho exaustivas dos escravizados e a violência por eles enfrentada.

Além de Graham, durante o reinado de Dom Pedro I, esteve no país para tentar a sorte e fazer fortuna, a francesa Alexandrine Langlet Drufrasnoy e seu marido, atuando, entre outras funções, como comerciantes e mineradores.

Durante o reinado de Dom Pedro II (1840-1889), é que se encontra o maior número de registros de mulheres que estiveram no Rio de Janeiro e deixaram suas impressões, no total, foram dez viajantes. Uma delas que esteve na cidade quando o imperador era “um jovem com voz de criança”, como ela mesmo o descreveu, foi a francesa Émile de Langsdorff. Sua primeira impressão não foi diferente dos primeiros estrangeiros que o visitaram. Seus relatos mostraram que apesar de todos os melhoramentos, o Rio de Janeiro ainda não estava à altura, de ser comparado a uma grande cidade europeia, como a Paris dos franceses ou a Londres dos ingleses, de onde vieram a maioria das viajantes pesquisadas.

Além de E. de Langsdorff, estiveram no Brasil durante o reinado de Dom Pedro II, a viajante austríaca Ida Laura Pfeiffer, as francesas Adèle Toussaint-Samson e Virginie Léontine B., a norte-americana Elizabeth Agassiz, as inglesas Isabel Burton e Marianne North, a espanhola Carmem Oliver de Gelabert e as alemãs Ina von Binzer e princesa Teresa da Baviera.

O cronista Luiz Edmundo, em sua obra *Recordações do Rio Antigo*, descreveu o Rio que os viajantes encontravam em meados do século XIX que, mesmo com todos os problemas, ainda encantava como encantou os primeiros viajantes que aqui estiveram no passado:

Vista do mar a cidade apresenta o atrevido esplendor de cem anos atrás. A mesma natureza exuberante e teatral. Tôda uma flora desenvolva e ativa, rica de viço e côr galhuda, desordenada, impetuosa, revestindo de troncos e folhagens, vales, picos, planuras, nas montanhas em torno. São grussais, são coqueiros, são muricis, suinhães, sapucaias, ingás, guaripurus, ipês... O quadro da paisagem portentosa ainda é, como se vê, o mesmo nada tendo perdido em sua espetacular grandiosidade. Ainda estarrece, encanta e empolga o viajante chegado de outras plagas e outros climas (Edmundo, 1956, p.131).

Em linhas gerais, esta era a cidade que os viajantes encontraram no século XIX ao adentrar pela Baía de Guanabara e chegar ao Rio de Janeiro, uma cidade em transição, no qual o charme e a beleza conviviam com os problemas sociais e infraestruturais. No entanto, mesmo com todas as dificuldades, a cidade continuava a encantar os visitantes, mantendo viva a imagem de um “paraíso de natureza exuberante”.

1.1 A viagem ao Rio de Janeiro: um oceano de azuis do céu e mar

Viajar significa se deslocar para fora de seu país ou região e, no século XIX, as quatorze mulheres selecionadas nesta pesquisa empreenderam esta ação, acompanhadas ou sozinhas, utilizando a rota marítima. Mas, como era para essas mulheres enfrentarem a longa viagem dentro das embarcações? Como passavam o tempo? Que desconfortos e perigos enfrentaram? Serão destacados em seus diários alguns trechos para responder a essas perguntas e indicar como era difícil para uma mulher atravessar o Atlântico no oitocentos. Para melhor compreensão em relação à viagem dessas estrangeiras, no Quadro 11, a seguir, estão dispostas as viajantes, os portos de onde embarcaram e desembarcaram, assim como o tempo da viagem.

Quadro 11 – Viajantes, portos de saída e chegada e duração da viagem.

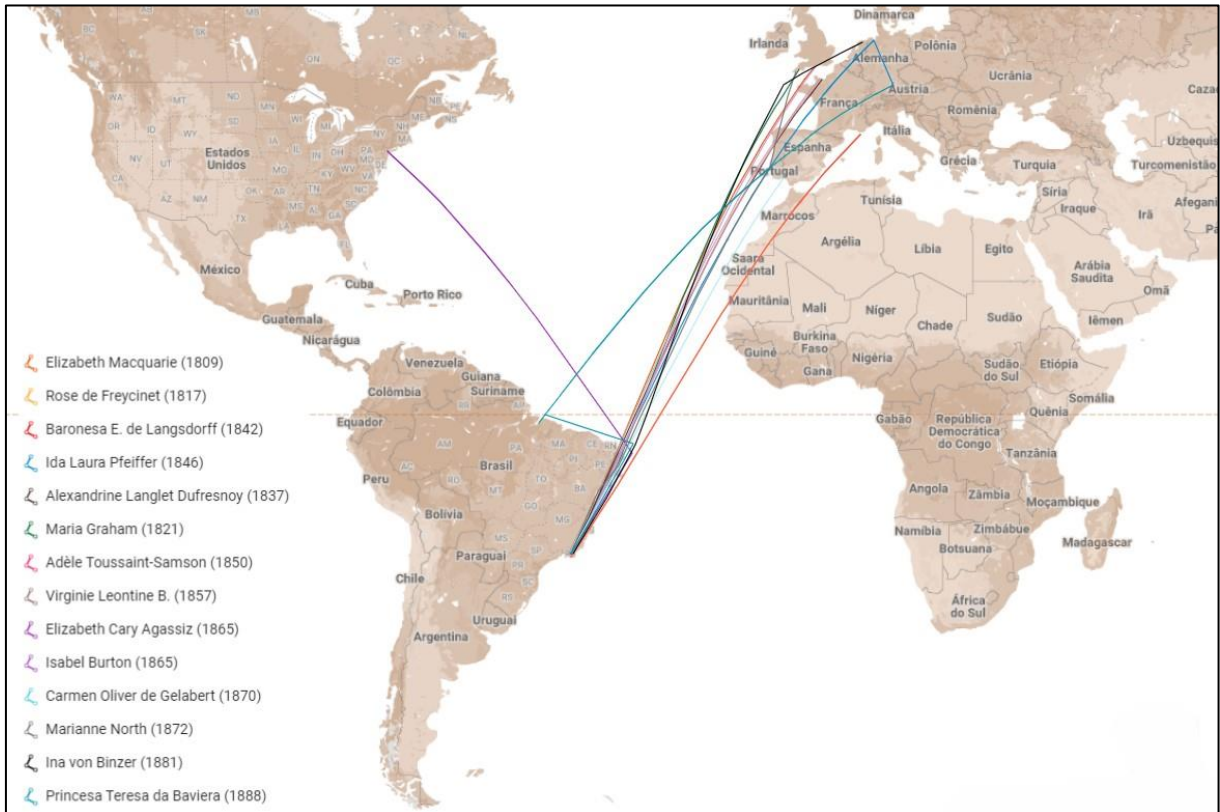
VIAJANTE	PORTO DE PARTIDA / DATA	PORTO DE CHEGADA / DATA	TEMPO DE VIAGEM
Elizabeth Macquarie 1809	Porto de Portsmouth (Inglaterra), em 22 de maio de 1809	Rio de Janeiro 06 de agosto de 1809	76 dias
Rose Freycinet 1817 - 1820	Porto de Toulon (França), em 17 de setembro de 1817	Rio de Janeiro 05 de dezembro de 1817	79 dias
Maria Graham 1821 - 1822 1ª viagem	Porto de Plymouth (Inglaterra), em 31 de julho de 1821	Pernambuco 22 de setembro de 1821 Rio de Janeiro 17 de outubro de 1821	53 dias
Alexandrine Langlet Dufresnoy 1837 - 1852	Porto de Le Havre (França), em 06 de julho de 1837	Rio de Janeiro 25 de agosto de 1837	50 dias
Baronesa E.de Langsdorff 1842 - 1843	Porto de Toulon (França), em 26 de setembro de 1842	Rio de Janeiro 26 de novembro de 1842	61 dias
Ida Laura Pfeiffer 1846	Partiu de Viena (Áustria), em 01 de maio de 1846 para Hamburgo. De Hamburgo em 05 de julho de 1846 para o Rio	Rio de Janeiro 16 de setembro de 1846 (Em Hamburgo de 12/05 a 05/07)	62 dias
Adèle Toussaint-Samson 1850-1862	Porto de Le Havre (França), sem referência a data	Rio de Janeiro sem referência a data	---
Virginie Léontine B. 1857	Porto de Le Havre (França), sem referência a data	Rio de Janeiro 02 de agosto de 1857	---
Elizabeth Cary Agassiz 1865-1866	Porto de Nova York (EUA), 01 de abril de 1865	Rio de Janeiro 23 de abril de 1865	22 dias

Isabel Burton 1865-1868	Porto de Southampton (Inglaterra), em julho de 1865	Pernambuco 27 de agosto de 1865 Rio de Janeiro dias depois	---
Carmen Oliver de Gelabert 1870	Porto de Plaza de la Peña (Espanha), sem referência a data	Rio de Janeiro sem referência a data.	---
Marianne North 1872-1873	Da Inglaterra, sem referência a porto em 09 de agosto de 1872. Parada em Lisboa em 13 de agosto de 1872	Pernambuco 28 de agosto de 1872 De Bahia para o Rio de Janeiro/ sem data	19 dias
Ina von Binzer 1881-1884	Da Alemanha, sem referência	Sem referência	---
Princesa Teresa da Baviera 1888	Porto de Lisboa em 14 de junho de 1888 Sem referência de quando saiu da Alemanha	Belém do Pará 25 de junho de 1888 Rio de Janeiro 14 de agosto de 1888	11 dias

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Como pode ser observado, o tempo de viagem variava entre cerca de 50 e 10 dias. Essa diferença demonstra os avanços que as embarcações passaram ao longo do século. As viagens antes realizadas em navios a vela passaram a ser feitas em navios a motor, em especial, a partir da segunda metade do século XIX, o que levou à redução do tempo, do custo e, conseqüentemente, dos perigos. Outro ponto a ser observado no quadro acima é a supremacia da França e da Inglaterra entre as viajantes. Para melhor visualização do país de onde cada viajante partiu, a data e o local onde aportaram no Brasil, a partir das informações contidas no Quadro acima, foi construído o mapa a seguir (Figura 9).

Figura 9 – Rota das Mulheres Viajantes do século XIX e ano de sua chegada ao Brasil.



Fonte: Mapa elaborado pela autora no site Google My Maps.

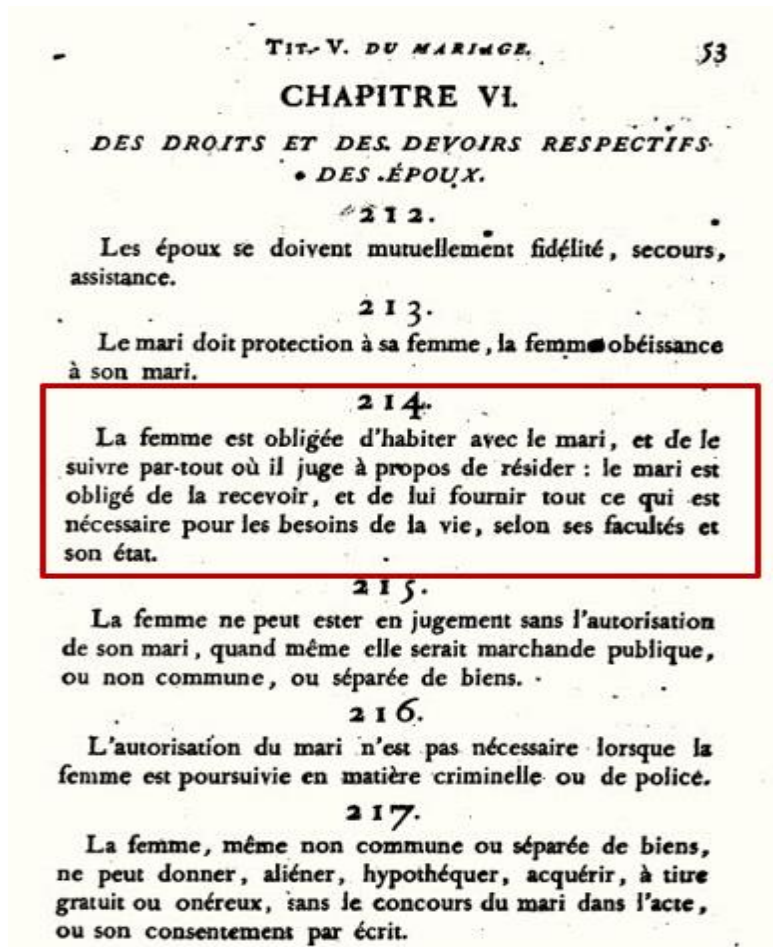
Nota-se que, da Inglaterra vieram quatro viajantes, seguida da França com cinco viajantes, Áustria, Estados Unidos e Espanha com uma viajante cada e Alemanha com duas viajantes. Das quatorze mulheres, seis chegaram na primeira metade do século XIX e oito na segunda metade. A maioria aportou no Rio de Janeiro, apenas quatro fizeram escala em outra província antes de desembarcarem na capital do país. Algumas não registraram as datas de partida e chegada em seus diários, dessa maneira, não se sabe ao certo quanto tempo durou a travessia.

No entanto, a viagem para as mulheres oitocentistas não iniciava quando elas colocavam seus pés na rampa de acesso aos navios. Antes de entrarem nas embarcações e atravessarem o Atlântico, muitas precisaram de autorizações para viajar, quando esta, por algum motivo, não era concedida, algumas se arriscavam com disfarces, aumentando ainda mais o risco da travessia.

As normas sociais e culturais da época restringiam a liberdade das mulheres, dificultando suas oportunidades de viajarem sozinhas ou até mesmo acompanhadas. As mulheres eram consideradas frágeis e incapazes de cuidar de si mesmas e, as viagens eram

arriscadas e perigosas, o que aumentava ainda mais os obstáculos enfrentados pelas mulheres que desejavam se aventurar pelo Oceano. Outra dificuldade era a falta de acesso às informações e recursos necessários para planejar a viagem. As mulheres, muitas vezes, não tinham acesso à educação formal, dessa forma, eram consideradas incapazes de lidar com as complexidades de um deslocamento, como compra de passagens, aluguel de acomodação e planejamento de rotas.

Outro fator que dificultava as mulheres a se tornarem viajantes era a legislação da época. Começando pelo exemplo francês, país de origem da maioria das estrangeiras que estiveram no Rio de Janeiro no século XIX. O Código Civil de 1804, mais conhecido como Código Napoleônico, foi dividido em duas categorias: o da propriedade e o da família. Na categoria dedicada às famílias, observa-se o aumento da autoridade do homem sobre suas famílias, em especial às mulheres, que deveriam ser submissas aos seus pais, irmãos ou marido. No capítulo sobre os direitos e deveres das pessoas casadas, as mulheres eram tratadas juridicamente como submissas aos homens. O artigo 214 do Código Civil (Figura 10) abordava a questão de que as mulheres casadas tinham que viver com os maridos no lugar que eles quisessem. Pelo menos na França do início do oitocentos, elas tinham que ter autorização para viajar e eram proibidas de participarem de expedições organizadas pelo governo.

Figura 10 – Código Napoleônico – 1804.⁸

Fonte: FRANÇA. Code Civil des Français. Paris: De L'Imprimerie de la République, 1804.

Na Inglaterra vitoriana (1837 a 1901), a sociedade patriarcal ensinava que o casamento era o propósito da vida, porém, para a mulher, ele representava o fim de sua autonomia. Já as mulheres solteiras, possuíam os mesmos direitos dos homens, talvez tenha sido por esse motivo que muitas inglesas abriram mão de se casar para poder seguir a sua vocação de viajante ou só começaram a viajar após ficarem viúvas. Em seu diário, a inglesa Marianne North, que abriu mão do matrimônio, escreveu que o casamento era uma instituição “que levava a uma experiência terrível, na qual a mulher era transformada numa espécie de criada eminente” (Bandeira, 2012, p. 11).

⁸ Tradução livre da autora: 214 - A mulher é obrigada a habitar com o marido e a segui-lo onde quer que ele ache conveniente residir: o marido é obrigado a recebê-la e a fornecer-lhe tudo o que for necessário para as necessidades da vida, de acordo com suas faculdades e condição.

Além disso, mulheres num navio, cuja tripulação e passageiros era composta praticamente de homens já seria inadequado para os padrões sociais da época. Apesar dos preconceitos, estereótipos e dificuldades, algumas conseguiram superar as barreiras e se tornaram mulheres viajantes do século XIX. Essas mulheres enfrentaram os desafios impostos pela sociedade da época, abrindo caminho para futuras viajantes e até mesmo dando início às mudanças, tanto na legislação, quanto na forma como as mulheres eram vistas e tratadas a bordo.

Superando a fase burocrática das autorizações, tinha início a viagem. Muitas mulheres fizeram questão de registrar o dia a dia nos navios, como será descrito a seguir. Vale mencionar que esses registros são importantes como análise das experiências e dos desafios enfrentados bem como a forma como elas se adaptaram às condições adversas. Além do mais, os escritos das mulheres viajantes forneceram detalhes significativos sobre as condições nos navios, descrevendo, por exemplo, como passavam o tempo durante a viagem, como era o espaço confinado, as dificuldades da vida no mar, as interações com a tripulação e com os outros passageiros, as celebrações e rituais a bordo, as lendas e superstições dos marinheiros, dentre outros.

A primeira das mulheres viajantes a relatar alguns detalhes de sua travessia foi a francesa Rose de Freycinet, que saiu do Porto de Toulon, em 17 de setembro de 1817, chegando ao Rio de Janeiro em 05 de dezembro de 1817, cerca de 70 dias navegando. No período de sua viagem (1817), as mulheres não podiam participar de expedições científicas organizadas pelo governo francês, dessa forma, precisou se vestir de marinheiro para acompanhar a expedição de seu marido Louis de Freycinet. A francesa, além de se preocupar com a viagem, tinha que se preocupar com o disfarce, o que piorava ainda mais a sua condição a bordo. Mesmo durando pouco tempo o disfarce, uma das atividades descritas por Freycinet que aconteciam diariamente a bordo era a missa, inclusive, a condição para participar da expedição comandada por Louis de Freycinet era ser batizado. Quem não o era, antes de entrar a bordo do *Uranie*, recebeu o sacramento.

Enquanto acompanhamos as costas da Europa, Louis quis que eu conservasse minhas roupas masculinas para aparecer diante da tripulação. Então eu sempre assistia à missa vestida dessa maneira, até que tive a ideia de assisti-la pela janela do salão que dá para o convés, perto do lugar em que é montado o altar. Eu achava muito melhor, pois a roupa masculina me incomodava (Freycinet, 2013, p. 33).

Chegando ao Rio de Janeiro em dezembro de 1817, poucos dias depois, continuaram sua viagem de circum-navegação. Foi então que Rose de Freycinet vivenciou o que seria um dos maiores temores dos viajantes: um naufrágio nas ilhas Malvinas.

Retirada no meu apartamento, entregue a todo o horror da nossa situação, eu não podia fazer nada de útil pela salvação de todos. Eu estava concentrada em minhas reflexões, bem aflitivas, sobre que maneira poderia terminar o acontecimento que nos afetava; a embarcação talvez afundasse e com grande dificuldade salvaríamos as nossas pessoas. Qual seria, em seguida, nosso destino? Jogados, sem nenhum recurso, sobre essa ilha deserta! Fui arrancada de meus pensamentos pela chegada do senhor abade que, cansado de ter bombeado, vinha para perto de mim para me consolar em minha solidão e rezar comigo para o Ser supremo a fim de que lançasse um olhar de piedade sobre nós (Freycinet, 2013, p. 175).

Charles Duplomb, a quem se deve as notas contidas na publicação do diário de Rose de Freycinet, assim descreveu a conduta da francesa durante o drama vivido a bordo. “Enquanto durou esse drama tão terrível, o que fazia a bordo a jovem e piedosa senhora que tinha enfrentado tantos cansaços? Ela rezava, mas sem fraqueza; ela chorava, mas sem covardia” (Duplomb *in* Freycinet, 2013, p. 175).

Alguns anos depois chegou ao Brasil a inglesa Maria Graham (1821), a bordo do navio-escola *Doris*, comandado por seu marido, o capitão da Marinha Real Inglesa Thomas Graham. A fragata partiu do Porto de Plymouth, em 31 de julho de 1821, aportando em Pernambuco no dia 22 de setembro de 1821, permanecendo em alto mar cerca de 50 dias. No longo período da viagem o tempo era ocupado com aulas e observações, principalmente por ser um navio que preparava futuros guardas-marinhas.

Nossa escola para os rapazes de bordo está agora bem organizada [...] nossos dias passam rápidos porque ocupados. O trabalho regular no navio, a escola, as observações astronômicas, o estudo da história, das línguas modernas, e a atenção em observar tudo o que se passa, enchem completamente o nosso tempo (Graham, 1990, p. 118).

O passar do tempo a bordo era algo que Graham não precisava se preocupar, pois a lista dos livros que ela pretendia ler com os rapazes era longa, ia desde história, particularmente da Grécia, Roma, Inglaterra e França; um esboço da história geral, viagens e descobertas, poesia, literatura geral em francês e inglês, história da lei e da constituição da Inglaterra, os Ensaios dos filósofos Bacon, e Paley, incluindo matemática, álgebra, astronomia náutica, teoria e prática de navegação, e deveres dos oficiais, com todos os aperfeiçoamentos técnicos a ela ligados.

Outro costume registrado por Graham e que, ela mesmo escreveu que com o tempo deveria desaparecer, foi o festival dos homens do mar, uma festa realizada pelos marinheiros ao atravessar a Linha do Equador. Para os marinheiros do século XIX, atravessar a linha era considerado um rito de passagem importante. Os rituais variavam de navio para navio, mas geralmente envolviam encenações cômicas, onde marinheiros vestidos de deuses marinhos ou autoridades fictícias apareciam para "julgar" e "punir" os marinheiros que nunca haviam cruzado o Equador antes.

[...] O capitão foi logo para o tombadilho e Netuno gritou da parte dianteira da cordoalha - "Qual é este navio?" - "Doris" - "Quem comanda?" - "Capitão T. G." - "De onde vem?" - "De Whitehall" - "Para onde vai?" - "Para um cruzeiro de navio de guerra". Ao que Tritão, montado em um cavalo marinho, admiravelmente representado, apareceu como portador de uma carta contendo os nomes de todos que não haviam ainda cruzado a linha e que deviam, em consequência, ser iniciados nos mistérios do deus do mar. Tendo dado desempenho à sua comissão, Tritão retirou-se, e não foi visto senão às 8 horas da manhã de hoje, quando, ao anunciar-se Netuno, o capitão foi ao tombadilho recebê-lo [...] (Graham, 1990, p. 123).

Do Porto de Toulon partiu a francesa E. de Langsdorff, em 26 de setembro de 1842, chegando ao Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1842. Os dois meses que esteve a bordo do *Ville de Marseille*, renderam em seu diário trechos relevantes sobre os últimos tempos da navegação a vela. De acordo com Miriam Lifchitz Moreira Leite, as narrativas da Baronesa E. de Langsdorff sobre a navegação à vela são do maior interesse histórico para os pesquisadores pelas minúcias dos detalhes descritos.

O aprendiz-marinheiro que nos conduzia mandara abandonar os remos e recolher as velas. A rapidez e a clareza de suas ordens me espantaram. Não podia compreender nem deixar de me dizer que, se para fazer uma pequena milha no mar era preciso tão frequentemente virar a vela, retirar os rizes, inclinar o escaler a bombordo e a estibordo, enfim, se dezesseis homens, conduzidos por um chefe, despendem tanto esforço para um trajeto tão pequeno, como seria ir até o Brasil? (Langsdorff, 2000, p. 41).

Como a maioria das mulheres que vieram acompanhando seus maridos, E. de Langsdorff passava o tempo a bordo com leituras, música e desenho. Inclusive, no relato abaixo a francesa, além dos contratempos de uma longa viagem, descreveu os imprevistos que poderiam passar numa embarcação à vela.

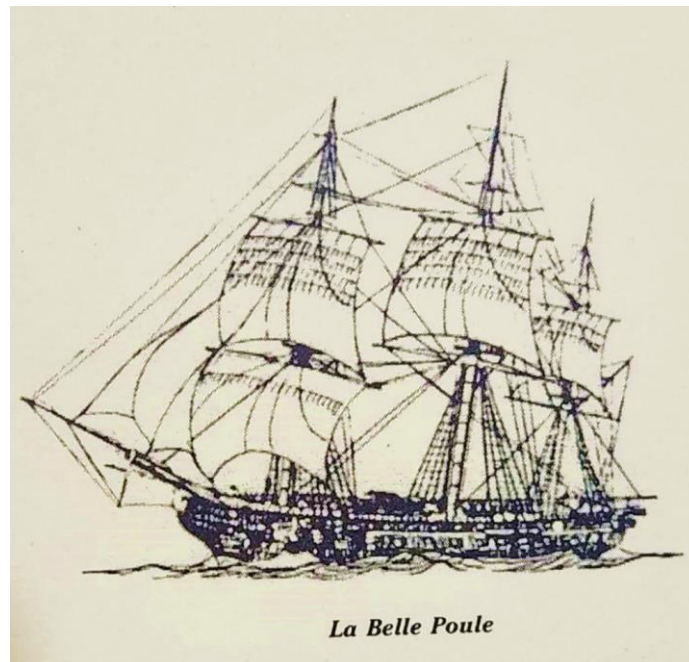
Nada se assemelha mais à vida de bordo do que a regularidade que é preciso imprimir a um relato: nada há de diferente entre eles, tal qual dois dias no mar. Há dias cheios de esperanças frustradas, de desânimo. Tudo termina mal, sempre ocorrem contratempos. Deseja-se ler? Não há nenhuma disposição. Deseja-se caminhar? Os

ventos levam para onde não se quer ir! Chega a hora do jantar e o vaivém do navio faz balançar tudo o que não está fortemente amarrado, faz dançar o vinho nas garrafas, a lâmpada acima da cabeça. Aliás, que importaria que o jantar caísse todo debaixo da mesa? O aspecto dos pratos, por si só, é odioso. Então, não há remédio (Langsdorff, 2000, p. 47).

A expressão “cuidado”, de acordo com a baronesa, era o que mais se ouvia em alto mar. Inclusive em seu diário registrou o que deveria ser muito comum numa embarcação, mas para uma mulher viajante da elite francesa chocava: a morte acidental de um marinheiro. O fato deveria ser algo tão comum que a viajante comentou curiosamente que na manhã seguinte ao ocorrido, a tripulação agiu normalmente, nada comentavam sobre o ocorrido da véspera. O assunto na verdade era a passagem pela Linha do Equador. Os marujos do *Ville de Marseille* também comemoraram este feito com a encenação de uma peça, que muito divertiu o casal Langsdorff. Após o teatro houve a bordo festa com muita dança e cantos.

Depois de uma estadia de seis meses no Rio de Janeiro, o retorno à França aconteceu, desta vez no navio *Belle Poule* (Figura 11), em companhia do príncipe de Joinville e, agora a sua princesa D. Francisca.

Figura 11 – Navio *La Belle Poule*



Fonte: Autor Anônimo, s.d. In: LANGSDORFF, 2000.

O tempo a bordo, desta vez foi empregado em aulas sobre a História e os costumes da França para preparar a princesa para sua chegada ao Velho Mundo. “Começamos a adotar hábitos mais regulares para fazer passar o tempo. [...] O Príncipe de Joinville e meu marido estabeleceram horas de leitura para ensinar História da França à princesa (Langsdorff, 2000, p. 210). Como o príncipe de Joinville era muito espirituoso, a baronesa descreveu diversos jogos e brincadeiras que ele inventava para passar o tempo. Tudo isso amenizava o desconforto de uma longa viagem a bordo de um lento e sacolejante navio à vela.

Outra viajante que fez um registro meticuloso de sua viagem a bordo do brigue dinamarquês chamado *Caroline* foi a austríaca Ida Laura Pfeiffer. Ela partiu de Viena em 01 de maio de 1846, em direção a Hamburgo, ficando lá até 05 de julho de 1846, chegando ao Rio de Janeiro em 16 de setembro de 1846. Ao todo, foram 62 dias de viagem.

Mesmo neste período já existindo barcos a vapor, sua viagem foi realizada num barco à vela. O motivo para essa escolha, segundo a austríaca, era que já estava familiarizada com esse tipo de embarcação, mesmo sabendo que o tempo que gastaria para a travessia seria de dois meses, podendo facilmente chegar a três ou quatro, dependendo dos ventos. Pelo visto, luxo não era sua prioridade, porém, a viajante reconheceu que os barcos a vapor, mesmo com o cheiro do óleo e do carvão, são muito mais confortáveis para o passageiro que os movidos à vela. Pelo visto, Pfeiffer sabia o que iria enfrentar a bordo, como pode ser observado em seu relato:

Em barcos a vapor, tudo é luxuoso e confortável, a viagem em si prossegue em frente de forma rápida, independente do vento, e os viajantes encontram provisões boas e frescas, camarotes espaçosos uma excelente sociedade. Isso tudo é muito diferente em um veleiro [...] despreparados para receber viajantes. A prioridade é cuidar da carga e, para a tripulação, os passageiros são um incômodo a mais cujo conforto não merece nenhuma atenção. [...] O espaço das cabines é tão escasso que nelas não é possível nem virar-se nem ficar de pé. Além disso, os movimentos são mais fortes em barcos a vela do que nos a vapor, ainda que muitos afirmem que, no último, o odor desagradável de óleo e do carvão e a constante sensação de vibração são completamente insuportáveis. Eu não concordo com isso; estas coisas são certamente desagradáveis, mas ainda assim mais fáceis do que as inconveniências presentes a bordo de um veleiro (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 113).

Além da descrição sobre as acomodações, tanto no barco a vapor quanto à vela, Pfeiffer deu dicas em seu diário aos futuros viajantes, principalmente aos que nunca estiveram no mar, em relação a alimentação, principalmente aos que optaram em travessias mais simples como a dela. Para complementar o cardápio do navio, era aconselhável ao passageiro levar alguns alimentos, como caldo de carne e torradas finas, ovos, além de arroz, batatas, açúcar, manteiga

e todos os ingredientes necessários para se fazer uma sopa de vinho e uma salada de batatas. A primeira fortalecia, a segunda refrescava. Ainda complementou que aqueles que viajavam com crianças, fariam bem levar uma cabra. Além da comida e bebida, Pfeiffer aconselhou também levar colchões e cobertores. No entanto, segundo a austríaca, todos esses incômodos seriam mínimos comparados aos que iriam passar ao final da viagem: “A embarcação é a amante do capitão” (2019, p. 114), comentou em seu diário, dessa forma, antes de aportar, para mostrar uma bela aparência de sua “amante”, o navio é tomado por barulhos incessantes de ferramentas e cheiro de tinta a óleo para diminuir as avarias de uma longa viagem, segundo Pfeiffer, isso sim seria insuportável.

Toda essa descrição demonstrou o quão desconfortável era viajar num barco a vela com passagens, pelo visto, mais acessíveis. “O preço da passagem nos camarotes era de 100 dólares, e nos cômodos do andar intermediário era de 50 dólares” (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 113). De acordo com Eberspächer, o deque inferior do navio foi usado de forma diferente ao longo do tempo: de espaço para a carga de transporte de escravizados, no século XIX, começou a ser usado para transporte de passageiros com passagens mais baratas, por se tratar de um espaço menos confortável do que as cabines construídas para este fim (2019, p. 116).

Não só de incômodos são seus registros durante a viagem. Pfeiffer descreveu a beleza dos peixes e moluscos avistados, dentre eles o cardume de peixes voadores, retratado pela maioria das viajantes. Descreveu também as constelações observadas, dentre elas o Cruzeiro do Sul e fenômenos raros da natureza como o relato a seguir:

Durante a noite, fui chamada repentinamente ao deque. Logo imaginei uma desgraça. Vesti algumas roupas e subi com pressa - então tive a surpreendente visão de uma maré vermelha; na esteira da vela havia uma faixa de fogo tão forte que seria possível ler com sua luz, a água ao redor do navio parecia uma correnteza de lava e todas as ondas que levantavam pareciam soltar centelhas de fogo. O rastro dos peixes era envolvido por uma luz inimitável - tudo em volta brilhava até onde o olhar alcançava. Esse brilho extraordinário do mar é uma ocorrência muito pouco frequente, e, quando ocorre, é sempre depois de temporais longos e violentos. O capitão me disse que ele mesmo nunca vira o mar tão iluminado antes. Para mim, essa imagem permanecerá para sempre inesquecível (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 119).

Para a autora, todos os sinais acima os prepararam para o momento mais interessante da viagem: a passagem pela Linha do Equador. Para a tripulação e para os passageiros, esse momento foi como um grande ato heroico, onde todos se cumprimentavam, parabenizavam e comemoravam com champagne – menos a tripulação, para não se tornar um pretexto para

bebedeira e desordem. Houve também o batismo de um marinheiro que atravessou o hemisfério sul pela primeira vez. A descrição da travessia mostrou também um senso de humor de Ida Pfeiffer, um dos poucos registros neste estilo em seu texto.

Já antes de passar pela linha, nós, os passageiros, havíamos conversado com frequência sobre os sofrimentos e torturas aos quais estaríamos sujeitos abaixo da Linha do Equador. Todos tinham lido ou ouvido coisas horríveis e insistiam em contá-las para os outros. Um esperava sofrer dores de cabeça e cólicas; o segundo imaginava que os marinheiros desfalecessem de exaustão; um terceiro receava um calor tão intenso que não só derreteria o alcatrão, mas também secaria o navio, sendo que só jogar água continuamente nele evitaria sua combustão; um quarto temia que todas as provisões estragassem e todos morressem de fome. Quanto a mim, esperava juntar histórias trágicas para apresentar aos meus leitores - já os via vertendo lágrimas com as narrações dos nossos sofrimentos e me via como uma quase mártir! Ah, tristemente me enganei (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 125).

Por fim, a viajante também mencionou as superstições dos homens do mar. Um dos passageiros queria empalhar um pássaro e os marinheiros não permitiram, pois, um pássaro morto a bordo traria longas calmarias, o que, numa embarcação a vela, seria terrível. Os marinheiros deram outros exemplos de superstição: dependendo do capitão da embarcação, não poderiam jogar jogos de azar a bordo, escrever cartas aos domingos e deveriam arremessar ao mar barris, provavelmente como oferendas aos deuses dos ventos.

De todos os relatos de mulheres viajantes, talvez a mais impressionante foi o da francesa Adèle Toussaint-Samson. Os perigos e inconveniências que os viajantes enfrentavam durante a travessia em meados do século XIX são conhecidos, mas passar tudo isso com um bebê lactente de um ano e meio é por si só angustiante. A família Samson, Adèle, Jules e seu filho Paul, partiram em 1850, sem referência ao dia e mês, do Porto de Le Havre para Rio de Janeiro, no clíper *Normandia*. Como não fez referência à data, não se pode definir o tempo que durou a travessia. Um dia antes de embarcarem, visitaram o navio para conhecer as instalações, onde permaneceriam, aproximadamente os próximos dois meses. Assim a francesa descreveu sua visita:

Quanto à nossa cabine, quando vi aqueles dois catres superpostos, nos quais um pequeno colchão de sessenta centímetros de largura, posto sobre uma tábua entre duas outras tábuas, formava toda a cama, pensei que devia ser impossível repousar ali, e não estava muito enganada. Uma vaca estava instalada em um compartimento da proa, carneiros estavam já amalhados na grande chalupa de salvamento posta sobre o camarote de convés; pernas de carneiro e presuntos pendiam dos cordames; a copa e os armários estavam repletos de conservas de todo tipo. Os botes, amarrados nos dois lados do navio, enchiam-se de legumes e de frutas, que os camponeses traziam. Isso nos tranquilizou pelo menos quanto à questão alimentar. Retornamos ao hotel em silêncio, tão preocupados com a grave resolução que havíamos tomado que não ousávamos trocar uma palavra a esse respeito, meu marido e eu. O que mais me atormentava era meu filho; pois levava comigo meu primeiro filho, que ainda

amamentava, e perguntava-me com ansiedade como nutriz e criança de peito suportariam uma viagem tão longa. Não preguei o olho à noite, e no dia seguinte, às oito horas da manhã, subíamos a bordo do Normandia (Toussaint-Samson, 2003, p. 55).

No dia seguinte, em meio aos abraços, choros e soluços, ouve-se o apito do contramestre, era o sinal da partida. Por um tempo, relatou Adèle Toussaint-Samson, os lenços ainda se agitavam: adeus pátria, adeus parentes e amigos! Logo em seguida, não havia mais nada, nada mais que o céu e a água no horizonte (2003, p. 56). A angústia da partida logo foi substituída pelos enjoos. A francesa descreveu este primeiro dia a bordo como “um antegosto do inferno”.

É preciso ter estômago forte para resistir a tudo isso; assim, eu lutava apenas respirando a plenos pulmões aquele ar vivo do mar que me fustigava o rosto. Mas o vento tornara-se violento demais, tive de deixar a ponte e descer à câmara, onde um espetáculo dos mais pitorescos surpreendeu meu olhar. Homens estavam estendidos nos canapés do fundo, uns meio sonolentos, outros segurando a cabeça nas mãos, enquanto os mais corajosos percorriam a câmara a passos largos, impelidos pelo balanço ora à direita, ora à esquerda. De cada cabine saíam, no meio dos soluços e das queixas, estas palavras incessantes: "Grumete! Grumete!", e o pobre rapaz, assim chamado de todos os lados, entregava-se a um vaivém de bacias que, devemos dizê-lo, era totalmente destituído de poesia. No meio de tudo isso, soara a hora do jantar (Toussaint-Samson, 2003, p. 57).

Adèle Toussaint-Samson foi a primeira viajante, das selecionadas, a citar a função de um grumete a bordo de um navio. Os grumetes (Figura 12) ou meninos do navio, geralmente tinham entre doze e dezesseis anos e vinham de famílias pobres. Eles eram os encarregados de tarefas servis como a limpeza dos navios. De acordo com a francesa, principalmente na primeira noite, a palavra mais ouvida a bordo era “grumete”.

Figura 12 - Cabin-boy (Grumete)



Fonte: Rowlandson Thomas, 1799. In: National Maritime Museum, Greenwich, Londres, Caird Collection.

Sobre a conduta das mulheres no navio, a francesa deixou importantes observações e, até mesmo conselhos às viajantes que fariam a travessia sozinhas. Em suas observações Toussaint-Samson descreveu que, durante o jantar, a dama que sentava à direita do capitão era a mais marcante de suas passageiras, seja pela beleza, riqueza ou posição social. A da esquerda era a segunda mais marcante. As demais, sentavam-se como bem entendiam. Para as viajantes sem acompanhantes, a francesa deixou o seguinte conselho:

[...] se algum dia viajarem sós, sejam, a bordo, o mais reservadas possível, pois não há cidadezinha de província ou mesmo cubículo de porteiro onde se façam tantas bisbilhotices quanto ali. [...] Desconfiem principalmente, senhoras, desconfiem dos oficiais de bordo. Nada iguala a vaidade desses senhores; precisam, a cada travessia,

inscrever uma conquista a mais em sua lista [...] Quando, em uma dessas longas travessias, há a bordo uma ou duas mulheres ... como diremos? ... frívolas? ... sim... pois bem, é uma disputa entre elas para saber quem levará a melhor, quem cativará o capitão [...] De fato, cair nas boas graças do capitão é ter o melhor lugar, o melhor bocado [...] é, enfim e sobretudo, sobressair a todas as outras mulheres (Toussaint-Samson, 2003, p. 62-63).

Permanecendo no Brasil durante doze anos, Adèle Toussaint-Samson fez ao todo cinco viagens como esta, desta forma, ela teve condições de observar bem os tripulantes e tipos de passageiros, descrevendo-os em suas anotações. E ainda continuou sobre as mulheres a bordo, avaliando e aconselhando.

Há geralmente a bordo três ou quatro espécies de viajantes, que encontrei em todas as minhas viagens. A primeira é a que chamarei a “posuda”. Essa por causa de sua posição ou de sua fortuna, acredita-se tão acima de seus companheiros de rota que não se digna aparecer à mesa mais que muito raramente. [...] Digna-se trocar algumas palavras apenas com o capitão [...] A segunda pertence à classe chamada “cocote”. Essa muda de vestido duas ou três vezes por dia e fala muito alto [...] toma ares de ingênua um dia e, no dia seguinte, diz coisas que fariam corar um dragão. [...] A terceira é a viajante “séria” ou artista, que troca palavras com todos sem se ligar a ninguém [...] É nessa classe, senhoras, que as aconselhamos a colocarem-se, se algum dia lhes acontecer de viajarem sós, o que lhe desejamos (Toussaint-Samson, 2003, p. 63-64).

Entre os homens, Adèle Toussaint-Samson também fez suas classificações. Segundo a francesa, entre os passageiros havia o comunicativo, o melancólico, o jocoso e o enfadonho. Ao fim de oito dias, já se conhecia os gostos e os hábitos de cada um (2003, p. 66).

Como todas as demais viajantes, Toussaint-Samson descreveu a passagem pela Linha do Equador e o batismo dos que a cruzavam pela primeira vez. Ela havia lido que os marinheiros costumavam se fantasiar, mas nada disso viu. Quando a inglesa Maria Graham presenciou a travessia pela Linha do Equador, sinalizou que o costume da encenação feita pelos marinheiros em pouco tempo iria desaparecer e, pelo visto, ela estava certa.

Não se sabe quantos dias a família Toussaint-Samson permaneceu em viagem a bordo do *Normandia*, porém a francesa descreveu que se a travessia fosse propícia, chegava-se ao Rio de Janeiro em aproximadamente 30 dias e, em 20 dias por um vapor; mas quando se tem ventos contrários, esse tempo pode chegar a 40 dias. Ela terminou seu relato a bordo dizendo que “Os que não passaram noites no Oceano, docemente erguidos pelas ondas, iluminados por uma lua esplêndida e acalentados pelos cantos dos marinheiros, não podem fazer ideia do que há de maior e de mais poético no mundo” (2003, p. 69).

A escritora norte-americana Elizabeth Cary Agassiz e seu marido, o naturalista Louis Agassiz, partiram do Porto de Nova York em 01 de abril de 1865, chegando ao Rio de Janeiro em 23 de abril, realizando a travessia entre Estados Unidos e Brasil, em 22 dias.

Elizabeth Agassiz registrou o dia a dia da expedição científica chefiada por seu marido Louis Agassiz, composta por quinze pessoas e, esses registros iniciaram no primeiro dia a bordo do navio *Colorado*. Durante a viagem, Agassiz e sua equipe coletaram espécimes e fizeram observações detalhadas da fauna e flora marinha. Como cientista, nada a bordo passava despercebido, desde a temperatura da água, os ventos e a posição dos astros. Tudo era observado por ele e registrado por sua esposa: “Eis os grandes acontecimentos da vida a bordo; quanto ao mais, algumas linhas a escrever no nosso diário, comer, beber, dormir, e a isto se limitam nossas ocupações” (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 20).

No terceiro dia de viagem, Louis Agassiz teve a ideia de fazer para seus jovens acompanhantes algumas conferências a bordo a fim de prepará-los para a expedição no Brasil. Pelo visto a ideia das palestras foi bem aceita não apenas pelos membros da expedição, pois, de acordo com a norte-americana, no auditório do navio, além dos integrantes, participavam alguns passageiros, o bispo Potter, o capitão Bradbury, comandante do navio e alguns oficiais, “todos parecem pensar que este é um meio excelente de quebrar a monotonia da viagem” (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 20). Foram ao todo quatorze palestras científicas como pode ser conferido no Quadro 12, a seguir.

Quadro 12 – Palestras ministradas por Louis Agassiz a bordo do *Colorado*.

Palestra	Tema	Data
1ª e 2ª palestras	Sobre o Gulf-Stream no Gulf-Stream	04 de abril 06 de abril
3ª palestra	O que a expedição deve fazer no Brasil	06 de abril
4ª palestra	Plano de pesquisas geológicas a executar sob o ponto de vista especial dos fenômenos glaciários na América do Sul	7 de abril
5ª palestra	Ainda os fenômenos glaciários	9 de abril
6ª palestra	Os estudos embriológicos como guia para o estabelecimento duma classificação	10 de abril
7ª palestra	Aos ornitólogos da expedição	12 de abril
8ª palestra	Importância e necessidade de precisar bem a origem local dos espécimes	13 de abril
9ª palestra	Os peixes de água doce do Brasil	14 de abril
10ª e 11ª palestras	Como se colecciona. A classificação dos peixes à luz da Embriologia	16 de abril

12ª e 13ª palestras	Formação e desenvolvimento do ovo. A época da reprodução em alguns animais do Brasil	20 de abril
14ª palestra	A teoria das transformações da espécie. Independência intelectual e política	21 de abril

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Em sua terceira palestra, sobre o que a expedição deveria fazer no Brasil, Agassiz destacou o papel do naturalista do século XIX: “A tarefa do naturalista em nossos dias é explorar mundos cuja existência já é conhecida, aprofundar e não descobrir” (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 22), destacando que antes deles existiram exploradores pioneiros, dessa forma, a missão do cientista oitocentista seria aprofundar aquilo que já havia sido estudado.

Para os viajantes do século XIX, os peixes voadores, com certeza, eram criaturas que lhes intrigavam, pois na maioria dos registros a bordo se encontravam algumas linhas para descrever esse exótico peixe que saltava fora da água e deslizava pelo ar por algum tempo antes de voltar para a água. Com o casal Agassiz, não foi diferente.

Hoje, do alto do tombadilho, avistamos numerosos peixes-voadores. Admirou-me sua beleza e a graça de seus movimentos. Sempre acreditei que saltassem em vez de voar. Realmente não voam: a sua nadadeira peitoral não é uma asa, mas sim uma vela que os transporta com o vento. Conservam-se rentes à água desse modo, durante longo tempo; o Capitão Bradbury me disse que acompanhou um com sua luneta e o perdeu de vista a distância considerável, sem que, nesse intervalo, o peixe mergulhasse no mar. Nosso naturalista teve grande satisfação em observá-los. Como nunca viajou em mares tropicais, cada dia tem surpresas novas e agradáveis desse gênero (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 27).

O domingo de Páscoa, celebrado no dia 17 de abril de 1865, foi o último domingo que o casal Agassiz passou a bordo do *Colorado*. No dia 23 de abril, o navio adentrou pela baía do Rio de Janeiro.

A última viajante selecionada a registrar sua viagem dentro de um navio foi a princesa Teresa da Baviera, que partiu do porto de Lisboa em 14 de junho de 1888, a bordo do *Manauense*, sem ter feito nenhuma referência de sua partida da Alemanha. Sua primeira parada no Brasil foi em Belém do Pará, no dia 25 de junho de 1888, portanto, uma viagem de apenas onze dias.

Como viajante naturalista interessada, especialmente, em recolher plantas, animais e objetos etnográficos, anotou em seu diário o nome científico de vários exemplares encontrados no Brasil e, no mar não foi diferente. Sobre o exótico peixe voador além de registrar o interesse, relatou a variedade de espécies existentes no Oceano Atlântico e o nome científico de alguns

deles: *Exocoetus*, *Dactylopterus* e *Prionotus*. A gaiivota avistada era a *Larus gelastes*, a andorinha do mar a *Anous stolidus* e assim por diante. De acordo com Christian Heimpel, responsável pela tradução e estudo introdutório para o leitor brasileiro do diário de princesa da Baviera, as diversas enumerações de nomes latinos de plantas e animais em sua obra, às vezes exigiram a paciência do leitor, principalmente os não interessados em História Natural.

Ao descrever os passageiros do *Manauense*, seus companheiros de viagem, relatou a heterogeneidade racial e social não apenas deles, mas da sociedade brasileira e como o preconceito era algo visto como natural. Acabou por descrever também como ainda no final do século a região Norte atraía imigrantes pelas perspectivas de trabalho que surgiram, principalmente, a partir da exploração de atividades extrativistas, em especial, da borracha na Amazônia. Ente os passageiros havia uma judia de Viena que seguia para o Pará como modista; um jovem proveniente de Stuttgart, comerciante de vinho que também se dirigia ao Pará para tratar de negócios. Frisou a princesa que além dela, estes eram os únicos passageiros de língua alemã. Também estavam no navio um modesto alfaiate francês que também iria tentar a sorte no Pará e uma jovem mulher portuguesa que se juntaria ao marido em Manaus. Espanholas haviam duas, pelo visto dançarinas, que divertiam a todos durante as noites com suas danças pátrias de braços estendidos. Passageiros brasileiros havia um comerciante muito distinto do Pará que fora educado na Alemanha, um senhor de Manaus pertencente à classe mercantil, um jovem médico que ostentava em seu dedo um anel adornado com uma serpente e um funcionário dos correios paraense. Este último viajava com sua esposa e cunhada, “belas mulatas”, acompanhadas por sua mãe “grande e horrivelmente corpulenta”. Sobre esta passageira, destaca-se o trecho a seguir do diário da princesa Teresa da Baviera:

Essa velha faz parte do grupo daqueles negros que nunca foram escravos, mas que, somente por causa do lucro, se passavam e passam da África para o Brasil por um período. Apesar da posição privilegiada que estes negros ocupavam em confronto com os escravos negros até agora, não parecem, contudo, ser considerados no mesmo patamar social dos brancos. Pelo menos nossa velha negra, por exemplo, não come, como suas filhas o fazem, na mesma mesa conosco, mas sim na mesa da criadagem; também não tem ela beliche algum à disposição, antes dorme no piso, na soleira do camarote de suas filhas. E quando as mulatas falam da irmã da mãe delas evitam a denominação "negra", que é, talvez, considerada humilhante, e a chamam, por perífrase, "a tia da África" (Princesa, 2014, p. 45).

Princesa Teresa da Baviera terminou sua descrição sobre os passageiros dizendo que eram, geralmente, viajantes por obrigação e não por recreação, como ela. O que indica que, mesmo vindo ao país como naturalista para pesquisar a fauna, a flora e sua gente, não era uma

expedição oficial e nem financiada como foi a do casal Louis e Elizabeth Agassiz. Em sua pesquisa intitulada “*Onde a natureza reuniu suas mais ricas dádivas em uma imagem*”: os trópicos brasileiros no relato de viagem da princesa Therese von Bayern, Jéssica Uhlig de Araújo, destacou a vantagem que princesa Teresa da Baviera tinha em relação aos demais naturalistas.

A origem nobre de Therese permitia o financiamento próprio de suas viagens, sem que dependesse do patrocínio de instituições científicas ou da venda de objetos coletados em viagem que pagasse os custos de suas viagens, como muitos viajantes fizeram [...] A disposição de dinheiro era um privilégio da princesa, que não economizava em suas viagens se precisasse de bons equipamentos ou um meio de transporte mais rápido ou mais confortável (Araújo, 2022, p. 45).

Mesmo com os avanços da navegação, no final do século XIX, a travessia pelo Atlântico ainda era um empreendimento arriscado. Alguns dos medos e perigos enfrentados pelos viajantes incluíam tempestades, pirataria, naufrágio e o terrível isolamento do restante do mundo. Durante longos dias ou até meses era somente o barco, o céu e o mar, nada mais além disso, por isso as ocupações a bordo eram essenciais ao viajante. Para afastar os fantasmas que o medo poderia trazer. Princesa Teresa da Baviera descreveu também seu receio durante a travessia, totalmente compreensível a nós ainda nos dias atuais.

Mas nosso cruzeiro não foi rico somente em impressões agradavelmente interessantes, também não faltaram desagradavelmente emocionantes. Quando se cruza o oceano pela primeira vez e se está deitado insone à noite em seu beliche com o murmúrio do mar, então brotam de vez em quando na imaginação todos os espectros de uma viagem em alto mar e crescem de uma forma colossal. Somente finas paredes separam o ousado senhor da criação de um escancarado pélagos que desce à profundidade de 6.000 - 7.000 metros. Nas jornadas marítimas, adiante e atrás do navio não há terra alguma, socorro algum. Sabe-se que a oscilante embarcação está abandonada à mercê dos elementos e se ocorrer alguma desventura o navio pode ir a pique com toda a carga sem que qualquer pessoa saiba onde e como. Em tais reflexões o ser humano sente sua irresponsável temeridade, sente-se impotente e desamparado; disposições de espírito geradas somente por uma imaginação semidesperta (Princesa, 2014, p. 49).

Com o findar do século XIX, provavelmente, os festejos feitos pela passagem da Linha do Equador também chegavam ao fim. Princesa Teresa comentou durante a passagem que em seu navio “não houve, para glorificar o festivo momento, batismo por ocasião do cruzamento da linha. Pelo menos neste mercante qualquer festa humorística é supressa pelo prosaísmo da idade moderna” (Princesa, 2014, p. 50). No dia 25 de junho de 1888, depois de 11 dias a bordo do *Manauense*, aportam em segurança em Belém do Pará, chegando ao Rio de Janeiro em 14 de agosto de 1888.

Como pode ser verificado, nem todas as mulheres viajantes selecionadas nesta pesquisa fizeram registro de sua viagem a bordo de seus navios. Dos relatos descritos, além dos avanços da navegação e da transição do barco a vela para o barco a vapor, que encurtou consideravelmente o tempo de viagem, observam-se em seus escritos, as características de cada viajante: as naturalistas e esposas de naturalistas passavam o tempo observando a natureza, os animais marinhos e coletando espécimes para suas coleções, as que acompanhavam seus maridos, se ocupavam com leituras, bordados e escritas de seus diários íntimos, as professoras, até a bordo ensinavam ou passavam o tempo a estudar qualidades e atributos dos passageiros e tripulação. Seja como passavam o tempo a bordo de seus navios, tendo apenas entre elas um oceano de azuis do céu e do mar, a expectativa da chegada ao país e o que encontrariam no Novo Mundo, era comum a todas. O medo e a insegurança da travessia ficaram para trás. Agora suas penas registrariam o que seus olhos iriam ver de seus navios: a experiência encantadora da entrada na Baía de Guanabara com suas paisagens deslumbrantes, que deixavam uma primeira impressão marcante em todos que a avistaram.

1.2 A entrada na Baía de Guanabara: “uma experiência encantadora”

No século XIX, para que os viajantes e comerciantes oitocentistas chegassem a um destino, utilizavam, predominantemente, a rota marítima. A rota de entrada no Rio de Janeiro era pela “encantadora” Baía de Guanabara, que chamava a atenção dos estrangeiros pela beleza de sua natureza e pelas águas calmas, “compondo um cenário de grande diversidade e beleza”, como escreveu a inglesa Elizabeth Macquarie, a primeira mulher que se tem notícia a registrar sua impressão ao entrar pela baía do Rio de Janeiro no começo do oitocentos (Macquarie *in* França, 2008, p. 57).

Assim como Elizabeth Macquarie, outras mulheres oitocentistas, algumas até sozinhas, também utilizaram essas rotas marítimas que eram frequentadas hegemonicamente pelos homens, tanto em relação a tripulação dos navios, quanto pelos passageiros. Atravessar o Atlântico, além de ser um acontecimento aventureiro para uma mulher da época, era também muito perigoso, pois, transpor o oceano era embarcar ao desconhecido em navios que poderiam ser atacados por piratas ou naufragarem em alto mar. Essas viajantes estrangeiras, registraram suas impressões ao avistarem pela primeira vez as águas límpidas da Baía de Guanabara com um toque de sensibilidade e singularidade.

As narrativas de viajantes e os registros deixados pelos artistas e cartógrafos que estiveram no Rio de Janeiro durante o século XIX, são importantes não só por permitirem analisar a visão do estrangeiro, mas também por identificarem elementos que possibilitem uma interpretação histórica da cidade e do país. “Se pudéssemos postar um observador em uma de suas janelas redondas, a lembrar escotilhas de navios, e se pudéssemos dotá-lo não só de longevidade extraordinária, como também de uma aguçada capacidade de percepção, o que ele poderia nos contar? (Capella, 2017, p. 18).

Num trabalho que discorre sobre mulheres viajantes oitocentistas, analisar a primeira impressão deixada por elas ao adentrar pela Baía de Guanabara é fundamental para verificar, não apenas a anotação em si, mas para analisar todo o processo que viria logo depois de sua chegada. Assim sendo, será descrito a seguir, de acordo com a ordem de sua vinda ao Rio de Janeiro, as experiências por elas registradas ao chegarem na cidade. Seus registros muito nos contam sobre esse primeiro contato do estrangeiro em território brasileiro.

Durante o período joanino, como mencionado, a primeira mulher que registrou sua experiência ao entrar pela baía do Rio de Janeiro foi a inglesa Elizabeth Macquarie, em 1809, logo após a chegada da Corte ao país e a abertura dos portos. A senhora Macquarie acompanhava seu marido, o coronel Lachlan Macquarie, a bordo do navio *Dromedary*, com destino a Austrália, onde ocuparia entre os anos de 1810 e 1822, o posto de Governador. Assim Madame Macquarie descreveu sua entrada na Baía de Guanabara:

[...] Creio que nenhuma descrição pode dar à pessoa que nunca pôs os olhos neste Porto uma boa idéia de sua admirável beleza e grandiosidade. [...] A entrada, a meu ver, é a mais bonita que há no mundo. descortina-se diante dos olhos uma das mais belas cenas da natureza: um imenso lençol de água, adentrando por cerca de 30 milhas no coração de uma região encantadora, emoldurado por imponentes montanhas [...] compondo um cenário de grande diversidade e beleza (Macquarie in França, 2008, p. 56-57).

“Que lindo o Rio de Janeiro! Que paisagem!”, mencionou em 1817 a francesa Rose de Freycinet, a segunda mulher a dar a volta ao mundo e a primeira a registrar seus feitos em um diário a ser publicado. Sobre sua entrada na “soberba baía do Rio de Janeiro”, continuou a francesa: “O tempo estava magnífico e pudemos, à vontade, repousar nossa vista sobre a bela vegetação desta parte do novo mundo” (2013. p. 42). Rose de Freycinet era a jovem esposa do capitão de fragata e naturalista Louis de Freycinet, que, por duas vezes, na ida e na volta de sua viagem científica, esteve na sede da monarquia portuguesa. Junto com a francesa, Arago, o cronista da expedição da qual faziam parte, diante da paisagem à sua frente, escreveram:

Gênova, a soberba, com todos os seus palácios de mármore e jardins; Nápoles, risonha com as suas águas límpidas, o seu Vesúvio e as suas vilas; Veneza, a rica com suas cúpulas e monumentos; o Bósforo, mesmo, com os seus imensos minaretes – nada oferece ao olhar deslumbrado tão magnífico panorama. Eis o Brasil! Terra fecunda entre as mais fecundas, natureza à parte, natureza privilegiada! (Arago *apud* Edmundo, 1956, p. 66).

Pouco tempo depois, no período em que governava Dom Pedro I, chegando ao Rio de Janeiro pela primeira vez, a inglesa Maria Graham escreveu detalhadas impressões sobre a cidade e outras partes do Brasil. Este detalhamento, segundo França “é fruto de uma longa permanência aqui e de um íntimo contato com os brasileiros, experiência muitíssimo diferente da vivida pelas suas antecessoras” (2008, p. 14). A entrada pela Baía de Guanabara foi assim descrita pela inglesa:

Nada do que vi até agora é comparável em beleza a baía. [...] Altas montanhas, rochedos como colunas superpostas, florestas luxuriantes, ilhas de flores brilhantes, margens de verdura, tudo misturado com construções brancas, cada pequena eminência coroada com sua igreja ou fortaleza, navios ancorados, ou em movimento, e inúmeros barcos movimentando-se em um tão delicioso clima, tudo isso se reúne para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que uma imaginação pode conceber (Graham, 1990, p. 194).

Maria Graham, não só registrou em seu diário a sua experiência ao entrar pela Baía de Guanabara como também é dela a belíssima vista panorâmica feita em 1825 (Figura 13), o que demonstra segundo Beluzzo, “a visão do todo ou de um espaço amplo [...] As rotundas dos panoramas do século XIX são lugares onde se constrói a aura da imagem” (1999, p. 50).

Figura 13 - Panorama da baía de Guanabara.



Fonte: Maria Graham, 1825. Museu de Arte de São Paulo (Ampliação no Anexo 1).

Graham chegou ao Brasil pela primeira vez em 1821, acompanhando seu marido Thomas Graham, voltando logo a seguir, já viúva, contratada por Dom Pedro I, como preceptora

da princesa Maria da Glória. Graham foi a única estrangeira que esteve no Brasil e registrou suas experiências durante o Primeiro Reinado, talvez por ter sido este um período de muita instabilidade e agitação política. Em seus escritos apresentou um profundo conhecimento do país. Para melhor compreensão dos acontecimentos políticos de que foi testemunha ocular, a inglesa julgou necessário apresentar um esboço da história do Brasil ao seu diário de viagem, o que é um diferencial em relação aos demais diários pesquisados.

Na segunda metade do século XIX, durante o reinado de Dom Pedro II, a francesa Émille de Langsdorff esteve no Rio de Janeiro acompanhando seu marido, o ministro da Casa Real de França, com plenos poderes para tratar, em 1842, do contrato de casamento entre o príncipe de Joinville e a irmã mais nova de Dom Pedro II, a princesa Dona Francisca de Orleans e Bragança. A baronesa, ao se deparar com a “belíssima” cena, anotou em seu diário que “a entrada na baía é a coisa mais linda que se possa imaginar” (2000, p. 91).

Ao descrever a baía do Rio de Janeiro, a maioria das mulheres não abriram mão do uso de hipérbole para enfatizar a paisagem à sua frente. Assim como as demais mulheres viajantes, os escritos da baronesa de Langsdorff são profusos em detalhes e com uma boa pitada de romantismo:

De manhã, pegamos um dourado que vimos morrer no convés nele se distinguiram todas as nuances do azul ao violeta-escuro. As montanhas que víamos tinham as mesmas cores variadas. Apesar do calor do sol, fiquei no mesmo lugar durante mais de três horas, não podendo tirar meus olhos daquela magnificência absolutamente esplêndida. O céu era de um azul ardente e o mar, de um verde muito claro e a transparente [...] (Langsdorff, 2000, p. 95. Grifo meu).

Mesmo permanecendo pouco tempo no Brasil, cerca de seis meses, período que seu marido tratava das questões do casamento, seus escritos se tornaram uma importante fonte de pesquisa para quem estuda o Rio de Janeiro Imperial e os últimos anos da embarcação à vela, visto que a mesma fez uma descrição detalhada da navegação durante a travessia do Atlântico.

Anos mais tarde, de Viena, capital da Áustria, partiu para Hamburgo e, em seguida, para o Brasil, a naturalista Ida Laura Pfeiffer, uma senhora de 45 anos, que após criar seus filhos e se separar do marido, resolveu se aventurar sozinha pelo mundo, quebrando muitos paradigmas para a época. Anotando tudo que via pela frente, suas publicações de viagens lhe renderam reconhecimento e notoriedade na Áustria. A receita de seu primeiro livro lhe possibilitou fazer outras viagens, incluindo duas voltas ao mundo, outro feito impressionante para a época.

Em 1846, quando Ida Pfeiffer esteve no Rio de Janeiro, a mulher que tudo anotava, diante do fascínio da Baía de Guanabara, quase não conseguiu registrar o que viu, admirada

pelo cenário paradisíaco: “a vegetação rica e exuberante e a aparência estrangeira e estranha de tudo formam uma imagem cuja beleza minha caneta, infelizmente, nunca será capaz de capturar adequadamente” (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 129).

Anos depois, a francesa Adèle Toussaint-Samson, esteve e permaneceu com seu marido Jules Toussaint longos doze anos no país (1851-1863). Em seu diário, descreveu o motivo de sua vinda ao Brasil: uma tentativa de ganhar a vida e fazer fortuna (2003, p. 53). Ao chegar ao país e se aproximar da cidade, a francesa foi a primeira mulher a comparar a cadeia de montanhas que se vê ao adentrar na “esplêndida baía” do Rio de Janeiro e que guarda a sua entrada com um “Gigante, que de fato representa bastante bem um homem de estatura colossal estendido em todo seu comprimento” (2003, p. 71). Utilizando elementos comparativos em seu texto, Adèle descreveu o perfil do gigante muito parecido com o do rei da França Luís XVI, como pode ser visto na Figura 14, a seguir.

Figura 14 – Le Géant Couché (Século XIX).



Fonte: Debret, 1835. *In*: Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil, 1980, p. 147.

Observa-se na Figura 15, a semelhança que até hoje pode ser encontrada.

Figura 15 – O Gigante adormecido (Século XXI).



Fonte: cidadedorio.com

O Gigante mencionado por Adèle Toussaint-Samson e registrado por Debret, faz parte da lenda do Gigante Adormecido, muito conhecida entre os cariocas⁹. O conjunto de rochas

⁹ A partir da chegada do colonizador no Rio de Janeiro (Século XVI), os que nasciam cidade do Rio de Janeiro eram chamados de “carioca”. Uma das explicações para a origem deste nome remete-se ao Rio Carioca, importante rio que abastecia a cidade com água potável.

que compõe o relevo da cidade aparenta ter o formato de um gigante deitado e repousando. Sua cabeça seria representada pela Pedra da Gávea e seus pés pelo Pão de Açúcar. Parafraseando o Hino Nacional Brasileiro, composto em 1822 por Joaquim Osório Duque Estrada, mas sem nenhuma relação comprovada com o *Le Géant Couché*, um gigante esculpido pela própria natureza, deitado num berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo.

Outra viajante que deixou registros de sua entrada na baía do Rio de Janeiro foi a jovem Virginie Léontine B., que veio ao Brasil acompanhando seus pais em viagem no ano de 1857. Ao chegar no Rio de Janeiro, assim descreveu sua primeira impressão:

Nós saudamos a terra do Brasil e entramos na baía do Rio de Janeiro, tão vaidosa o que é confirmado pelos navegadores. Dois ou três fortes (dos quais um serve de prisão) defendem a entrada nessa baía, admiravelmente, protegida pela natureza de um vasto alcance [...] Rio de Janeiro é de um aspecto muito pitoresco (Virginie Léontine, 1872, p. 5. Tradução livre da autora).¹⁰

O termo "pitoresco" foi muito utilizado pelos viajantes para descrever as características singulares que tornavam o país "único" e "fascinante" aos olhos dos estrangeiros. Devido a enorme diversidade e exuberância da natureza, os visitantes viam e descreviam o Brasil como um lugar exótico e encantador.

A escritora norte-americana Elizabeth Cary Agassiz, esposa do naturalista Louis Agassiz, ajudava seu marido organizando e gerenciando muitas das suas expedições, editando suas publicações e sendo muito participativa em sua vida profissional. Dessa forma, a viajante acompanhou seu cônjuge numa expedição ao país durante os anos de 1865 e 1866.

Como esposa de um pesquisador da história natural, o olhar de Elizabeth Agassiz e de seu marido ao adentrar pela Baía de Guanabara foi mais técnico, citando inclusive que, não perderam o interesse e nem a motivação em pesquisar a baía do Rio de Janeiro, mesmo sendo esta alvo de muitos outros estudos de naturalistas que os antecederam.

O Rio de Janeiro é o ponto que se tem dirigido, de preferência, a maior parte das expedições científicas e, por isso mesmo, o naturalista encontra aí um interesse todo especial. À primeira vista poderia parecer que, franceses ingleses alemães, russos, americanos, tendo-se sucedido uns aos outros nessa região, de um século a esta data, e todos eles colhidos uma rica messe de espécimes, o número de coisas novas deverá ter diminuído, e antes baixado que aumentado o interesse que esta província desperta. Dá-se justamente o contrário. [...] Nesse ponto de vista, a baía do Rio de Janeiro constitui um centro de comparação de primeira ordem e é por isso que não hesitaremos em prolongar a nossa permanência nessa cidade. Eu sabia muito bem que as

¹⁰ No original: nous saluâmes la terre du Brésil et entrâmes dans la rade de Rio de Janeiro, tant vantée à juste titre par tous les navigateurs. Deux ou trois forts (dont l'un sert de prison) défendent l'entrée de cette baie, admirablement, protégée par la nature et d'une vaste étendue [...] Rio de Janeiro est d'un aspect très-pittoresque.

probabilidades de descobertas haviam sido muito reduzidas pelos trabalhos de nossos predecessores, mas pensei com razão que tudo o que aí recolhêssemos aumentaria o valor das nossas demais coleções (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 33).

Mesmo sem o ineditismo que deslumbrava o viajante, o casal Agassiz descreveu o “espetáculo maravilhoso” ao avistarem a Baía de Guanabara.

A baía imensa, por todos os lados comprida pelas terras, com a sua grande porta aberta para o Oceano; o mar fugindo a perder de vista; o negro arquipélago das ilhas interiores; o círculo de montanhas a cujos picos se prendem os flocos de lã das nuvens; tudo isso forma um quadro de espetáculo maravilhoso (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 56).

Fazendo um paralelo entre a natureza do Brasil e seu povo, o casal afirmou: “Se algum dia as faculdades morais e intelectuais do povo brasileiro se puserem em harmonia com a maravilhosa beleza e as riquezas imensas que o país recebeu da natureza, não haverá outra região mais feliz sobre o globo” (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 289). Ao escrever “se algum dia”, os norte-americanos insinuaram que entre os brasileiros, suas faculdades morais e intelectuais não acompanhavam a grandiosidade de sua natureza. O Brasil, para o casal Agassiz, seria então um país rico em belezas naturais, porém, pobre em civilidade e educação.

Viaje poético a Petrópolis, foi o diário escrito pela espanhola Carmem Oliver de Gelabert, que esteve no Brasil em 1870 para visitar seu filho que estudava no Colégio Kopke, em Petrópolis. Com um toque de romantismo nas palavras, Carmem Oliver narrou sua entrada na Baía de Guanabara que, palavras da própria autora, a fazia sentir rodeada de poesia e cheia de admiração.

Oh, quão bonito é viajar pelo mar, ter a terra por perto e em tempos tão tranquilos! Sente-se um poder sobrenatural como se o Deus das águas conduzisse o navio, o qual vai navegando sem sequer balançar; o viajante pensador, permanece quieto e fisicamente distraído com a vista dos variados e lindíssimos panoramas que apresenta a baía do Rio de Janeiro, que é sem comparação, o porto mais delicioso do mundo. Um velho “milord”, que fazia 19 anos viajava sem parar unicamente por diversão, quando se deparou com a costa do Rio de Janeiro, exclamou: “Valei-me Deus, paisagem mais marcante nunca vi e jamais verei, porque nunca sairei daqui!” [...] Como dizia, os dias de bonança formam aquelas lindas faixas entre as águas transparentes onde se vem enormes espelhos que tanto refletem, como o sol que embeleza as árvores, sempre verdejantes, sem que o rigor das estações se atreva a diminuir seus formosos ramos e folhagens, as palmeiras e as outras árvores, as plantas com flores, tudo é fértil e produtivo, em virtude da riqueza da terra mãe que os produz. As rochas, mais firmes que sentinelas, saem daquele líquido salgado, apresentam sua superfície coberta de uma grama verde enfeitada de flores, assemelhando-se por sua perfeição, ao rico tapete da Pérsia, mostram a sabedoria do Supremo artífice que a executou. Quanto mais meus olhos penetravam aquelas paisagens, vislumbrando os ramos em um fundo de um quadro magnífico, mais aumentava minha admiração, chegando a me sentir comovida como se houvesse escapado de um naufrágio e minha alma agradecia à Deus o gozo que me fazia sentir me rodeando de tanta poesia, que

não parecia estar embarcada, como estava tão perto da terra, sentia a ilusão de que estava em um teatro universal, contemplando as mais perfeitas decorações (Gelabert, 1872, p. 18-19. Tradução livre da autora).¹¹

A artista inglesa Marianne North que visitou o Brasil entre os anos de 1872 e 1873, deixou um grande legado ao retratar em suas telas a natureza do Brasil e do Rio de Janeiro oitocentista. No país, Marianne North se tornou mais conhecida após a publicação de *A viagem ao Brasil de Marianne North (1872-1873)* de Julio Bandeira, um catálogo que contou a vida e a obra da viajante.

Ao entrar na Baía de Guanabara, North comparou a cidade do Rio de Janeiro e a sua baía com as paisagens de outras cidades europeias, colocando-as em segundo plano no que diz respeito à beleza. Em relação ao que viu sobre a sua entrada na cidade, descreveu a artista:

Bastaram mais dois dias para que o vapor nos levasse a salvo para a bela baía do Rio de Janeiro, que é certamente *a mais bonita paisagem marítima do mundo*: até Nápoles e Palermo devem se contentar com o segundo lugar em termo de beleza natural. [...] Logo me senti em casa no Rio, bastando poucos dias para que tivesse um aposento grande arejado no alto do hotel, com quarto de vestir e janelas cuja vista, a cada mudança do tempo, era um verdadeiro prazer para o estudo, tanto o Pão de Açúcar como o Corcovado, além de parte da baía, também fazia parte da paisagem (North *in* Bandeira, 2012, p. 157).

Mesmo não alcançando a mesma notoriedade que os artistas do gênero masculino que estiveram no país neste período, como por exemplo Jean Baptiste Debret e Thomas Ender, pode-se afirmar que nenhum pintor conseguiu captar a paisagem do Brasil com o colorido e a intensidade que Marianne North captou, como observa-se em uma de suas telas a seguir, onde aparece um pouco da encantadora Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar ao fundo (Figura 16).

¹¹ No original: ¡ Oh, cuan bello es viajar por mar, cerca la tierra y en tiempo bonancible! Siéntese un poder sobrenatura como si el Dios de las aguas conduciese el navio, el cual vá vogando sin el menor balanceo; el viajero pensador, permanece quieto y físicamente distraído con la vista de los variados y hermosísimos panoramas que presenta la bahía de Rio-Janeiro, que es sin comparación el puerto mas delicioso del mundo. Un viejo milord, que hacia 19 años viajaba sin cesar, únicamente por recreo, cuando entró por la barra de Rio-Janeiro exclamó : Válgame Dios, vista mas pintoresca nunca vi ni jamás veré, porque nunca saldré de este pais! [...] Pues comodecia, los días de bonanza forman aquellas lindas riberas entre las aguas transparencia en donde se ven inmensos espejos que despiden reflejos tantos como el sol que hermosea los árboles, siempre ricos de verdura, sin que el rigor de las estaciones se atreva á desnudarlos de su hermosa frondosidad; las palmeras y otros árboles, las plantas con flores, todo es fértil- y productivo, en virtud de la riqueza de la tierra madre que los produce. Las rocas, que firmes mas que centinelas salen de aquel liquido salado, presentan su superficie cubiertas de un verde césped matizado de flores, asemejándose por su perfección á la rica alfombra de la Persia, muestran la sabiduría del Supremo artífice que la ejecutó. Cuanto mas se internaban mis ojos por aquellas riberas, divisando porentre el ramaje el fondo de tan bello cuadro, mas aumentaba mi admiración profunda, llegando a sentirme conmovida como si hubiese escapado de un naufragio, y mi alma agradecía á Dios el gozo que me hacia sentir rodeándome de tan encantadora poesía, que no me parecía «star embarcada; como estaba tan cerca de tierra, sentía la ilusión de que estaba en un teatro universal, contemplando las mas perfectas decoraciones.

Figura 16 – Folhagem e flores de uma trepadeira com palmeiras-reais e o Pão de Açúcar ao fundo.



Fonte: Pintura de Marianne North, 1872-1873. In: BANDEIRA, 2012, p. 109

Tempos depois, a educadora alemã Ina von Binzer esteve no Brasil entre os anos de 1881 e 1884, contratada, a princípio, por um fazendeiro do interior do Rio de Janeiro para cuidar da formação de sete de seus doze filhos. Usando o pseudônimo de Ulla von Eck, suas memórias foram escritas através de cartas enviadas à sua amiga alemã Grete. Sobre a entrada na Baía de Guanabara e suas primeiras impressões, relatou à sua amiga em carta datada de 8 de fevereiro de 1882:

[...] é preciso confessar que êste Rio é fantasticamente lindo e maravilhoso, visto da baía, como o vi na minha chegada e novamente agora, na minha volta de Petrópolis. Como num conto de fadas, êle surge aos nossos humildes olhos alemães do norte: a cidade apresenta-se em “terrasses” nas montanhas da costa brasileira, dentro da suntuosa enseada, formada por um mar de luz resplandecente, apenas interrompido, ou melhor, ainda ampliado pela variedade das palmeiras esbeltas e das bananeiras de fôlhas largas espalhadas por toda parte. [...] Até as fortalezas que ficam nas ilhas internas do pôrto escondidas entre palmeiras e vegetação, não se parecem com fortificações de defesa, mas com bucólicos recantos de fantástica aparência. [...] À primeira vista, a parte interior da cidade corresponde à exterior: meridional, estranha, fantástica, magnificamente encantadora! (Binzer, 1956, p.61).

No ano em que o Brasil presenciou a assinatura da Lei Áurea (1888), chegou ao país para pesquisar sobre a fauna, flora e a nossa gente, a naturalista princesa Teresa da Baviera. Seu

diário publicado no país tem início com um texto escrito por Christian Heimpel, intitulado *Uma introdução para o leitor brasileiro*. Nele o autor destacou que no diário da princesa Teresa da Baviera “a beleza da baía do Rio de Janeiro é descrita diversas vezes de modo impressionante, semelhantemente a grandiosidade da floresta úmida na Amazônia” (Heimpel *in* Princesa, 2014, p. 35). Ao adentrar na baía do Rio de Janeiro, princesa Teresa anotou: “Pouco a pouco toda pitoresca serrania litorânea desenvolvia-se diante de nossos olhares admirados. [...] Estávamos agora diante da entrada da baía de fama mundial” (2014, p. 252).

Essas descrições, registros e pinturas acima destacados e que foram produzidos pelas viajantes estrangeiras no século XIX, contribuíram para a construção da imagem “encantadora” da Baía de Guanabara para o restante do mundo. Muitas vezes não conseguindo suas penas registrarem de forma precisa tamanha beleza avistada, seus relato e obras foram fundamentais para a criação de um imaginário sobre o Rio de Janeiro, ajudando a difundir a beleza da região.

No entanto, ao virar as páginas de seus diários e ler os registros do desembarque das viajantes estrangeiras no Rio de Janeiro, o encantamento de suas primeiras impressões são anuladas. Ao aportar, a realidade que encontravam era algo que muitas vezes as impactava. Em sua maioria, tendiam a repudiar o que para elas fugia dos padrões europeus: uma cidade agitada e caótica, com ruas estreitas, sujas e malconservadas, mau cheiro e péssimos hábitos da população, sem falar da escravidão, visto por elas como um ato cruel e desumano. Tudo isso dava a impressão de uma sociedade menos “civilizada” em comparação com a sociedade europeia. Enfim, segundo suas impressões, um país rodeado por uma “natureza fascinante”, um lugar de beleza única, que contrastava com a “falta de civilidade”.

1.3 O desembarque no Cais Pharoux

No século XIX, o Cais Pharoux se tornou a porta de entrada para o Rio de Janeiro, presenciando a chegada da Família Real em 1808 e também a chegada na cidade de milhares de estrangeiros após a abertura dos portos. Em *Viagens ao Interior do Brasil*, o inglês John Mawe descreveu a importância da abertura dos portos para o intercâmbio comercial e cultural entre o Brasil e os demais países do Velho Mundo.

Nenhum porto colonial do mundo está tão bem localizado para o comércio em geral, quanto o Rio de Janeiro. Ele goza, mais do que qualquer outro, de iguais facilidades

de intercâmbio com a Europa, América, África, Índias Orientais e as Ilhas dos Mares do Sul, e parece ter sido criado pela natureza para se constituir o grande elo de união entre o comércio dessas grandes regiões do globo. Dominando também, como capital de vasto e rico território, imensos e valiosos recursos, exigia somente um governo eficiente, que lhe desse prestígio político e, agora adquiriu esta vantagem ao ser escolhida para residência da Corte de Portugal (Mawe, 1978, p.82).

Não somente pela vinda da Família Real e a abertura dos portos, mas principalmente por sua posição estratégica, o Cais do Largo do Paço, como anteriormente era chamado o Cais Pharoux, se tornou o principal desembarcadouro de todo o Rio de Janeiro. A região e seu entorno, assim como toda a cidade, foi crescendo, se reformulando e sofisticando para atender a nova realidade que se instaurou no oitocentos.

O Largo do Paço, que nos primórdios também já foi chamado de Largo do Terreiro do Ó, Largo da Polé e Terreiro do Carmo, durante o Império passou a ser conhecido como Terreiro do Paço Imperial e, mais tarde, Largo do Paço Imperial. Durante o governo de Luiz de Vasconcelos e Sousa, que administrou a cidade entre os anos de 1778 e 1790, o Largo do Paço passou pela primeira reforma no ano de 1789. Neste período foi construído o Cais do Largo do Paço com seu chafariz projetado por mestre Valentim, localizado à beira mar, para fornecer a quem embarcava e desembarcava, água limpa e fresca. O Largo era um local muito movimentado. Com a proclamação da República em 1889, o Largo passou a se chamar Praça XV de Novembro.

A partir de 1838, ano em que ali foi instalado o Hotel Pharoux, pertencente ao francês Louis Adolphe Pharoux, considerado o primeiro hotel de luxo e de grande porte no Rio de Janeiro oitocentista, o Cais do Largo do Paço, passou a ser identificado como Cais Pharoux, ou aportuguesando, *Cais Faru*. Sabe-se que Mr. Pharoux era um bonapartista que chegou ao Brasil em 1816, após a derrota de Napoleão Bonaparte em Waterloo e sua abdicação ao trono francês. Luiz Edmundo, em seu livro *O Rio de Janeiro do meu tempo*, mencionou que não se sabe o motivo que trouxe Mr. Pharoux ao país, no entanto, muito a ele este mesmo país deve (2009, p. 55). Em função do renomado hotel frequentado pela elite do Rio de Janeiro, o francês criou fama (Figura 17), tornando-se personagem muito popular na cidade, a ponto de, como referido, o principal porto do Rio de Janeiro receber o seu nome.

Figura 17 – Louis Adolphe Pharoux.



Fonte: Boulange R, s.d. Biblioteca Nacional. *In*: CARVALHO, 2000, p. 88.

O desembarque no Cais Pharoux foi mencionado por diversos viajantes, deixando não somente sua impressão como o registro histórico de como era e o que encontravam naquela região tão estratégica do Rio de Janeiro. Sobre o desembarque no cais do Rio de Janeiro no início do século XIX, a inglesa Elizabeth Macquarie não registrou os pontos negativos observados ao aportar, diferente das demais viajantes que vieram a seguir, descreveu de forma romantizada, provavelmente, impactada pelo “admirável” cenário.

No dia 6 de agosto de 1809, avistamos terra e, no dia seguinte, lançamos âncora no porto do Rio de Janeiro. Creio que nenhuma descrição pode dar à pessoa que nunca pôs os olhos neste Porto uma boa idéia de sua admirável beleza e grandiosidade. A entrada, a meu ver, é a mais bonita que há no mundo. [...] a tarde estava clara, uma brisa constante e suave impulsionava-nos e o sol punha-se atrás do Pão de Açúcar, tornando a cena ainda mais bela e impressionante (Macquarie *in* França, 2008, p. 56).

Ainda no período joanino, um dos estrangeiros que melhor retratou o Largo do Paço e seu cais foi o francês Jean-Baptiste Debret, como pode ser visto na Figura 18, a seguir. Na imagem de Debret observa-se o chafariz do Mestre Valentim. Suas gravuras são fundamentais

para a análise das questões sociais, econômicas, políticas, culturais e a imagem do cotidiano da cidade entre os anos 1816 e 1831, período em que esteve no país.

Figura 18 – Uma tarde na praça do Palácio.



Fonte: Debret, 1826. In: BANDEIRA; DO LAGO, 2020, p. 173.

Ao analisar as imagens de Debret e demais artistas que registraram o cotidiano do Rio de Janeiro no século XIX, leva-se em consideração o que o historiador inglês Peter Burke mencionou: as “imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida” (2017, p.24). Isso significa que as imagens podem nos ajudar a analisar o contexto histórico retratado ao visualizarmos as pessoas, os espaços, os objetos e as atividades do período em questão. Completou ainda o autor, “pinturas não são feitas para serem observadas, mas também para serem ‘lidas’” (2017, p. 56). No entanto, é necessário considerar que as imagens são interpretações subjetivas, influenciadas pelo viés e pela perspectiva do artista. Portanto, se possível, é importante analisá-las considerando outras fontes, como por exemplo, os próprios diários produzidos pelos viajantes.

Em relação a região do cais do Rio de Janeiro, fazendo a leitura através das gravuras de artistas europeus como Debret, observa-se a intensa movimentação dos escravizados e como eles atuavam na economia local com a venda de suas mercadorias e prestação de serviços, não apenas no porto, como em suas proximidades. Como por exemplo, a Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, considerada a principal rua da cidade devido a sua localização estratégica e onde eram concentradas as principais atividades comerciais (Figura 19). Através das gravuras imagina-se o “barulho ensurdecador” na região do Cais descrito por várias mulheres viajantes em seus diários e cartas. Toda essa agitação no cais encontrada pelo viajante ao desembarcar, pode ter contribuído para a reputação de “pessoas exóticas” e “pouco civilizadas” que habitavam o país e circulavam pelas ruas.

Figura 19 – Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março.



Fonte: Félix-Émile Taunay, 1823. In: CAPELLA, 2017, p. 62.

O cronista Luiz Edmundo em *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*, chamou a atenção para esse grande movimento no cais do Rio de Janeiro e para o notável número de barcos a vapor que nele aportava. Considerado como um dos portos mais importantes do mundo, devido a sua localização privilegiada: “O movimento pelo mar, outrossim, é bem grande. Chegam

proas de todos os recantos do universo. Naus francesas, alemãs, inglesas, espanholas, italianas, portuguesas... Carga que embarca, carga que desembarca” (1956, p. 132).

Ao desembarcar no Cais Pharoux, os viajantes também avistavam em suas proximidades o Paço Real, residência que abrigou os monarcas portugueses ao chegarem ao Brasil; o Chafariz do mestre Valentim – com o mar chegando em suas escadarias, cenário que mais tarde foi transformado, após as obras que aumentaram a área de desembarque e recuaram o mar; o Convento do Carmo, a Catedral e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo; o Arco do Telles, lugar considerado pelos estrangeiros muito perigoso por ser frequentado por “marginais e meretrizes”; a Rua Direita, principal via da cidade e descrita como uma das mais belas; a Alfândega e a Casa da Moeda, assim como o mercado, visto por muitos viajantes como um lugar pitoresco, com suas negras Minas, vestidas com seus ombros de fora e seios quase a mostra, que quando necessário, amamentavam seus filhos e filhas totalmente nus (Toussaint-Samson, 2003, p. 82). No mercado eram vendidos todo tipo de coisa, desde frutas típicas, quitutes, papagaios, tatus e saguis. Toda descrição acima da região portuária foi feita por viajantes. Sobre o palácio do imperador e o mercado, a francesa Adèle Toussaint-Samson, usando a palavra “pitoresca”, como mencionado, muito utilizada por viajantes para descrever o que viam no país, anotou:

O palácio do Imperador foi o primeiro edifício que tocou nosso olhar. Ele é pouco feito para despertar a admiração: é uma grande construção quadrada que, ao desembarcar, tomei por uma caserna. Na frente do palácio encontra-se o Mercado, que realmente é um dos locais mais pitorescos da cidade (Toussaint-Samson, 2003, p. 74).

Ainda na primeira metade do século XIX, a austríaca Ida Pfeiffer, numa visão bem menos romântica que sua antecessora Elizabeth Macquarie, não economizou adjetivos para descrever seu desembarque:

Desembarcamos na Praya dos Mineiros, uma praça suja e repulsiva povoada por algumas dúzias de pretos sujos e repulsivos, acorados no chão gritando a todo pulmão as ofertas das frutas e dos doces que vendiam. — De lá fomos direto para a rua principal (Rua Direita), cuja única beleza é a largura. Ela contém várias construções públicas, como a Alfândega, os Correios, a Bolsa, a Guarda e outros, que são, porém, tão modestos que nem seriam notados caso um aglomerado de pessoas não estivesse sempre em sua frente (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 188).

Pfeiffer e a maior parte dos viajantes, não deixaram de descrever a aversão que sentiram durante o desembarque no cais em relação à sujeira e ao mal cheiro do lugar e, em relação aos “pretos sujos e repulsivos” ali encontrados, como citado pela austríaca. Essa descrição revela o

preconceito enraizado na sociedade da época e o impacto que a escravidão tinha sobre a visão dos viajantes. Apesar de muitos desses viajantes serem contrários à escravidão, eles ainda compartilhavam dos estereótipos e ideias racistas predominantes na época.

Outro impasse que os viajantes podiam enfrentar logo ao desembarcar na cidade foi em relação às enfermidades. Quando a austríaca Ida Pfeiffer e a francesa Adèle Toussaint-Samson chegaram ao Brasil, o país estava passando por uma epidemia de febre amarela, deixando a população e os visitantes apavorados. Dessa forma, o desembarque no cais teve que ser adaptado pelos governantes que adotaram várias medidas necessárias. Nenhum viajante desembarcava sem antes passar pela inspeção sanitária e, quando preciso, ficavam em quarentena para evitar a proliferação da febre e de outras doenças que também poderiam ser trazidas pelos estrangeiros. A febre amarela foi um tema registrado pela maioria dos viajantes, inclusive, muitos foram vitimados pela doença. Ida Pfeiffer, sobre o assunto, descreveu:

Já estava quase escuro quando alcançamos o lugar de ancoragem. Fomos obrigados a parar em Santa Cruz antes, para que os papéis do navio fossem analisados, e então nos apresentarmos a um oficial, que pegou nossos passaportes e cartas lacradas. Depois, um médico nos examinou para ver se algum de nós trouxera consigo a praga ou a febre amarela; e então, por último, outro oficial, após receber várias embalagens e caixas, nos designou um lugar para ancorar (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 129).

Assim a francesa Adèle Toussaint-Samson descreveu seu desembarque:

Logo o navio entra no canal, tendo à direita a Fortaleza de Santa Cruz e, à esquerda, o Forte Laje, de onde é chamado quando passa. Se demora a deter-se, um tiro de canhão o adverte a não continuar sua rota. Então ele hasteia sua bandeira. “De onde vem?”, pergunta-se-lhe. “Quantos dias de mar? Qual é o seu nome e o de seu capitão? Há doentes a bordo?” Depois de haver atendido a todas essas perguntas, ele entra na baía e lança âncora [...] Imediatamente, dois pequenos botes são atracados a ele, um é o da Alfândega, o outro da Saúde [...] comandado por um dos médicos-chefe da marinha, vem informar -se do estado sanitário de bordo, para saber se há motivo para mandar a tripulação fazer quarentena (Toussaint-Samson, 2003, p. 71).

A febre amarela foi uma doença que assolou o Rio de Janeiro praticamente durante toda a segunda metade do século XIX, tornando-se, no dizer de Oswaldo Cruz, “a túnica de Nessus que nos degradava e humilhava” ou, segundo Manoel Vitorino, “o pano negro que envolvia a grandeza do Brasil futuro” (Franco, 1969, p. 28). O primeiro registro da doença no país foi do ano de 1849, tornando-se logo epidêmica. Além do controle sanitário no porto, como mencionado pela francesa Adèle Samson, diversas outras medidas sanitárias foram tomadas na

cidade para combater a febre amarela, inclusive o estabelecimento de medidas de higiene pública.

Quando a educadora alemã Ina von Binzer, uma nórdica rigidamente educada, como se auto intitulou, chegou ao Rio de Janeiro, não era a febre amarela que a incomodava, mas o barulho ensurdecedor. Numa carta escrita em 1882 e direcionada à sua amiga Grete, mencionou esse barulho ensurdecedor não só da cidade, como também de sua gente:

Além do barulho ensurdecedor, algumas coisas mais seriam dispensáveis: a sujeira e a desordem. As ruas são estreitas e mal calçadas. Passei de carro uma vez mas nunca mais o farei. As calçadas, principalmente nos bairros comerciais, são tão sujas como leito das ruas. As fachadas das casas de diversas cores, são interessantes de se ver, mas em sua maior parte estão mal cuidadas e há um desequilíbrio qualquer entre os telhados e a base. Para nós, os nórdicos rigidamente educados, tudo nos parece negligente, mesmo o próprio povo, não como qualifica-lo - creio que indisciplinado, seria a melhor palavra (Binzer, 1956, p. 61-62).

A descrição da região portuária no século XIX feita pelos estrangeiros trouxe importantes contribuições acerca da situação do escravizado no Brasil. Praticamente todos os viajantes dedicaram algumas linhas de seus diários para descreverem a escravidão no país. Adèle Toussaint-Samson fez um registro muito curioso, primeiro por destacar a fisionomia estranha do escravizado que conduzia a falua, depois, por descrever a impressão sobre seu comportamento “impassível”. Ao especificar sobre esse comportamento, acabou por registrar o estado psicológico que abatia a tantos deles, uma tristeza profunda que levou muitos à morte.

Durante esse tempo, chegam de todos os lados diferentes embarcações, as maiorias das quais, chamadas faluas, vêm buscar os passageiros, [...] A bagagem pesada é encaminhada à Alfândega, e lhes será devolvida apenas no dia seguinte, depois da inspeção. [...] Essas faluas, uma espécie de grandes barcas[...] são tripuladas geralmente por cinco negros robustos [...]. Essa foi uma das minhas primeiras surpresas, aqueles negros nus até a cintura, de cara achatada e bestial, sulcada por largas cicatrizes, o suor escorrendo pelo corpo, impassíveis como estátua, olhando-o sem curiosidade e sem espanto, e não parecendo preocupar-se com você nem com nada no mundo, além de comer e de dormir, aquelas faces estranhas impressionam (Toussaint-Samson, 2003, p. 72).

Embora os viajantes, em especial as mulheres, mostrassem várias restrições em relação a escravidão no Brasil, registrando em seus diários sua indignação por essa prática pouco “civilizada”, muitos utilizaram os serviços de ex escravizados, libertos ou escravizados, em suas expedições, de modo especial, os naturalistas, como pode ser observado na gravura de Debret a seguir (Figura 20). Esse serviço podia ser contratado logo na chegada ao Rio de Janeiro

e era uma mão de obra fundamental ao estrangeiro pelo conhecimento que eles tinham do país e de suas matas.

Figura 20 – Retorno dos escravos de um naturalista.



Fonte: Debret, 1826. In: BANDEIRA; DO LAGO, 2020, p. 250.


Analisando a primeira impressão de alguns viajantes, observa-se uma uniformidade em seus relatos no que diz respeito à beleza e suntuosidade da entrada da Baía de Guanabara. No entanto, após sua primeira impressão, a visão idílica registrada era logo desconstruída ao desembarcar no cais do Rio de Janeiro.

O viajante que desembarcava no Cais Pharoux encontrava um intenso movimento de comerciantes que de tudo ofereciam aos recém-chegados. O que fosse preciso para desembarcar, pousar, se alimentar ou transportar era ali disponibilizado, o que fazia da região portuária, como citado, um local agitado e barulhento: - Quer um bote, freguês? Gritava um. - Quer uma carroça freguesa? Gritava mais ainda outro, um alvoroço constante, porém, “na hora do ajuste, pedem o que querem e se lhes paga, porque tabela não existe. Ganham por isso verdadeiras fortunas! (Edmundo, 2009, p. 58).

A seguir, pode ser observado, notas de alguns serviços oferecidos no movimentado desembarque no Cais Pharoux. Na Figura 21, verifica-se a nota de aluguel de um bote para carregar mercadorias dos navios para o cais, como mencionado acima por Luiz Edmundo.

Figura 21 – Nota de aluguel de embarcações (1891).

No Caes
dos Mineiros



No Caes
dos Mineiros

Embarcações grandes e pequenas

O Illm. Sm. *Monteiro* Dout.

a ANTONIO J. S. SEARA

Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1891

17	1	<i>bataia</i>	<i>carregar soda para terra</i>	<i>15000</i>
18	1	<i>Ditta</i>	<i>demorada</i>	<i>15000</i>
				<i>BA 30000</i>

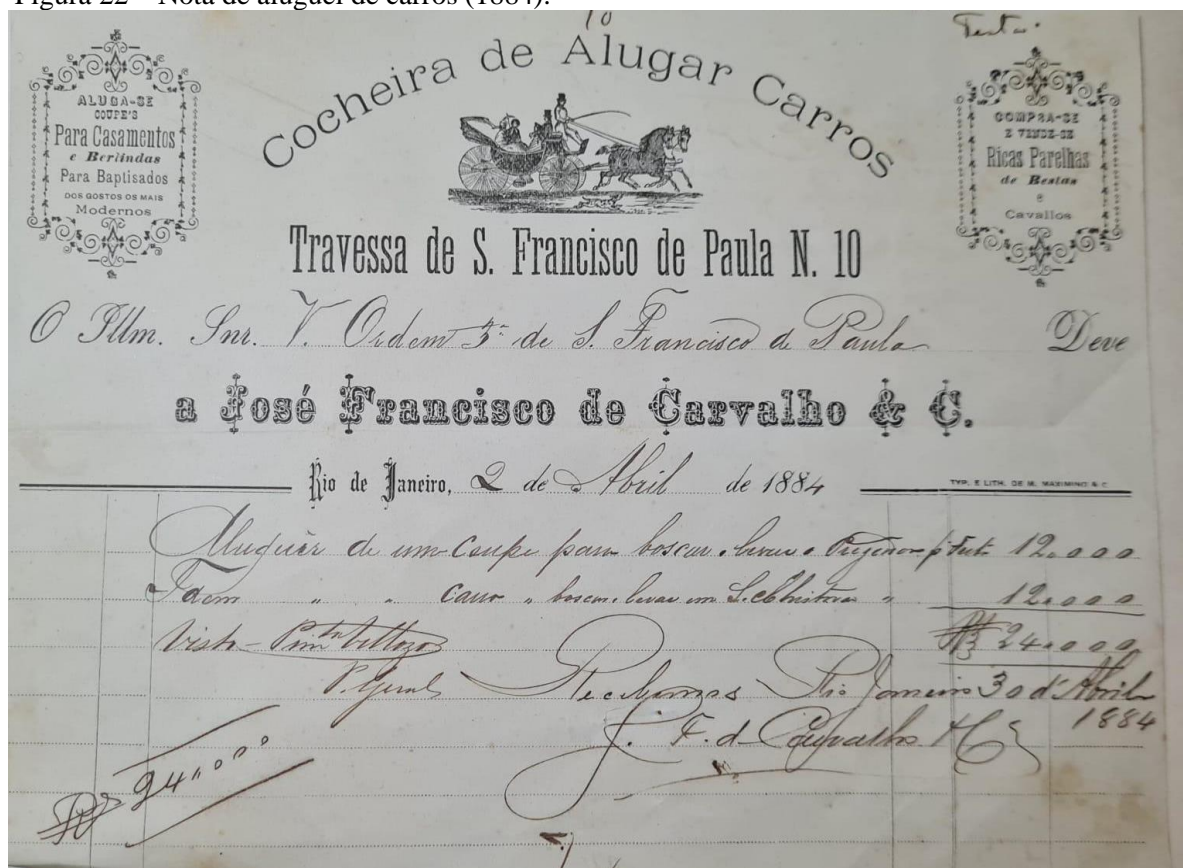
Recebi em 19 de Novembro de 1891
Antonio Seara

Fonte: Acervo NHEMPE/UERJ¹².

¹² A nota de aluguel de embarcações datada do ano de 1891, faz parte do acervo do Núcleo de Pesquisa História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense – Nhempe/UERJ, vinculado à Linha de Pesquisa “Instituições, Práticas Educativas e História” do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). O Nhempe/UERJ é coordenado pela Profa. Dra. Maria Celi Chaves Vasconcelos e é composto por estudantes de graduação, pós-graduação e professores. O Nhempe tem como objetivo “refletir acerca do fenômeno da educação, na perspectiva da história. Os estudos desenvolvidos no âmbito da linha de pesquisa voltam-se para objetos que atravessam a recente literatura especializada, recobrando objetos associados à história de diferentes tipos de instituições e de práticas educativas a elas correlatas. Imprensa pedagógica, história da profissão docente, práticas educativas, história da leitura e da escrita, história dos livros e manuais escolares, arquitetura escolar, das instituições, das políticas educacionais, dos saberes escolares, relações entre religião e educação, infância e família integram as temáticas que a linha de pesquisa investiga, objetivando ampliar o conhecimento da história da educação, bem como promover e estimular iniciativas voltadas para a preservação da memória da educação”. Disponível em <https://historiaememoria.com/>

No porto do Rio de Janeiro havia uma constante movimentação de comerciantes e uma variada oferta de atividades por receber mercadorias de diversos lugares do mundo, o que o levou a ser considerado, o principal entreposto comercial do país. Dentre as diversas atividades e serviços portuários oferecidos, estavam os serviços de transporte e armazenagem, entre outros. Toda essa movimentação impulsionou o consumo e a diversificação do mercado local, contribuindo para o desenvolvimento econômico do Rio de Janeiro e impulsionando outros serviços, como o de hotéis, restaurantes e transporte. Na Figura 22 abaixo, verifica-se a nota de cocheira de alugar carros no Largo de São Francisco de Paula, uma das ruas mais antigas da cidade. Além desses, encontrava-se uma variedade de oferta de serviços que agitava a economia do Rio de Janeiro e do país.

Figura 22 – Nota de aluguel de carros (1884).



Fonte: Acervo NHEMPE/UERJ.

Analisar o desembarque no Cais Pharoux, a porta de entrada para a cidade, foi fundamental neste trabalho, cujo objetivo central consiste em buscar evidências acerca dos aspectos de educação e de civilidade registrados pelas viajantes estrangeiras e, a região portuária era o local ideal para tal observação. A diversidade de produtos e pessoas presentes

no local oferecia uma visão panorâmica da época, revelando detalhes importantes sobre o cotidiano da cidade. Ali tudo se via, tudo se oferecia e tudo se fazia, até o que não era para ser feito em público, como o costume de urinar onde estivesse. Os viajantes estrangeiros achavam esse e outros hábitos bastante chocantes e deixaram diversos relatos em seus diários, mencionando quão surpresos e desagradados ficavam com essa prática. Eles associavam essas atitudes à falta de higiene e de civilização, contrastando com os padrões de comportamento que estavam acostumados em seus países de origem. “Não raro essa gente que chega, mal põe o pé em terra, o lenço no nariz” (Edmundo, 2009, p. 57).

De carroças a quitutes, de frutas típicas a macacos, de tudo o que o estrangeiro precisava e o que ele nem sonhava que existia, ali também tinha. Os viajantes anotavam, registravam e desenhavam, deixando evidências importantes da história do Rio de Janeiro e do país.

1.4 A recepção da cidade: primeiras impressões e alojamentos

Após a chegada da Corte portuguesa e a abertura dos portos, o Brasil, em especial, o Rio de Janeiro, passou por diversas transformações. A cidade foi se modernizando e o aumento de circulação de pessoas levou à necessidade de investimentos relacionados ao acolhimento e mobilidade de quem chegava na cidade. Todas essas mudanças foram sendo observadas e registradas pelos viajantes, em especial pelo olhar atento das mulheres, que descreveram essas modificações como o início de um “processo civilizatório”, ou seja, um país, em especial um Rio de Janeiro que buscava cada vez mais se assemelhar aos padrões de civilidade do Velho Mundo.

É verdade também que a população local, embora tenha se tornado, aos olhos dos viajantes, um pouco mais civilizada, um pouco mais próxima dos padrões culturais do Velho Mundo, ainda suscitava adjetivos pouco elogiosos na maioria das vezes. Mas as mudanças foram significativas, como o tempo de permanência e a qualidade da observação desses viajantes, por exemplo (França *in* Pinheiro, 2010, Vol. 2, p. 9).

Dentre as diversas transformações ocorridas no Rio de Janeiro após a chegada da Corte portuguesa, destacam-se a instalação de hospedarias para receber os viajantes que chegavam em grande número. Nas primeiras décadas do oitocentos, não se encontrava com facilidade registros de estrangeiros hospedados em hotéis no Rio de Janeiro. França, no livro *Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino*, faz referência a um hotel mencionado pelo inglês Henry Sidney, que visitou a cidade entre 1809 e 1811: “encontramos acomodações no hotel da

Marinha, situado no cais principal” (Sidney *in* França, 2013, p. 18). O Rio de Janeiro, após a chegada da Corte se tornou sede da esquadra da Marinha de Guerra portuguesa no Brasil, dessa maneira, ter um lugar de pouso para os ingleses era necessário.

Os viajantes que foram atraídos ao país, tanto pela presença da monarquia quanto pela abertura dos portos, ficavam geralmente alojados em casas de famílias que abriam suas portas para recepcionar os estrangeiros que chegavam com objetivos diversos, dentre eles conhecer e explorar este pedaço do Novo Mundo que se abriu após 300 anos fechado aos estrangeiros.

Além de casas de família, os mosteiros e conventos do Rio de Janeiro eram outra opção para alojar os viajantes, principalmente os que estavam localizados próximos ao porto, como por exemplo, o Mosteiro de São Bento fundado em 1589 e o Convento de Santo Antônio fundado em 1615 (Figura 23).

Figura 23 – Entrada da baía e a cidade do Rio de Janeiro, a partir do terraço do Convento de Santo Antônio.



Fonte: Nicolas-Antoine Taunay, 1816. *In*: CAPELLA, 2017, p. 58.

A falta de alojamentos provavelmente foi um grande inconveniente para quem aportava no Rio de Janeiro, além de contribuir na construção de uma visão negativa da urbe. Aos poucos, alguns comerciantes, em geral europeus, arriscaram a montar hospedarias,

aposentos e casas de pasto¹³ de pequeno e médio porte na região central da cidade, que atraía cada vez mais pessoas de toda parte do mundo.

[...] já em 1818, com a afluência dos estrangeiros, vários proprietários transformaram os portões em lojas, alugando-as a uns franceses donos de café, que logo utilizaram o primeiro andar para bilhares e mais tarde o resto do edifício para casas de cômodos. Elegantes tabuletas bem pintadas e vitrinas com colunas de mármore, vindas de Paris, enfeitam hoje esses estabelecimentos procurados pelos estrangeiros que desejam passar um momento na cidade ou se hospedar de modo a comunicar-se facilmente com seus navios. Vê-se, no mesmo lado, uma galeria (passagem muito freqüentada) que conduz a pequenas ruas muito antigas, onde se encontra o tipo primitivo de albergue português, cujo balcão se orna de uma enorme lanterna de zinco enfeitada com folhagens do mesmo metal e artisticamente pintadas de cor-de-rosa ou verde. A lanterna encima um braço de ferro ao qual se suspende uma tabuleta donde se destaca, em fundo branco, a efígie de um animal cujo nome se inscreve ainda embaixo, nos seguintes termos: “isto é um gato, um leão, uma cobra”, inscrição ingênua que bem demonstra a ingenuidade do quadro. Essas hospedarias destinadas aos habitantes do interior e situadas perto dos lugares de desembarque comportam armazéns para depósitos provisórios das mercadorias e assemelham-se bastante às da Itália. Vê-se na cidade o mesmo gênero de tabuleta, sem a lanterna, à porta das casas de pasto (Debret *apud* CNC, 2005, p. 18).

Vale mencionar que alguns desses comerciantes “arrojados” que montaram hospedarias eram mulheres. No livro *Memórias da Rua do Ouvidor*, Joaquim Manoel de Macedo fez referência a uma pequena casa de pasto no final do XVIII, pertencente a Perpétua Mineira, como ficou conhecida a mulher. Macedo mencionou em sua obra que a jovem ganhou fama pelos seus serviços prestados – a primeira costureira da Rua do Ouvidor e mais tarde dona de um estabelecimento que oferecia pouso e comida mineira. Porém, além dos quitutes, os registros deixados sobre Perpétua Mineira fazem referência à quantidade de amantes que teve, sendo, o mais famoso deles, o inconfidente Tiradentes.

Uma mulher moça e bonita, a quem chamavam *Perpétua Mineira*, vivera durante anos dos vice-reinados de Luiz de Vasconcelos e do conde de Resende, morando na Rua do *Ouvidor* entre as ruas *Direita e Detrás do Carmo (hoje do Carmo)*, e que em sua casa abria *saleta de pasto*, ou de jantar e ceias de *cozinha a mineira* [...] Perpétua pôs a *costurar*, foi a primeira, não modista, mas *costureira da rua do Ouvidor*; tão pouco, porém, renderam-lhe as costuras, que para viver começou a explorar outro recurso, abrindo ao concurso do público uma pequena saleta de sua casa, mesmo muito aseada, na qual vendia lombo de porco em vários guizados primorosamente preparados, linguiças e bolos e diversos acepipes culinários de farinha de milho (Macedo, 2011, p. 69).

¹³ Uma casa destinada a servir refeições, correspondente hoje a um restaurante ou petiscaria.

Como mencionado, para se adaptar à função de sede da Corte portuguesa e se modernizar, na primeira metade do século XIX, muitas transformações na cidade começaram a acontecer, inclusive no que se refere ao administrativo e à urbanização, sempre procurando reproduzir os padrões de civilidade importados da Inglaterra e da França. “Além disso pode-se destacar o sucesso econômico do plantio de café, que equilibrou as contas externas do país, permitindo a formação de capital nacional que, em conjunto com o capital estrangeiro, estimularam o progresso e desenvolvimento” (Carvalho, 2014). Também foi neste período que a área da cidade aumentou consideravelmente, novos bairros surgiram, estradas foram construídas, novos meios de transporte se consolidaram, fábricas e comércios foram estabelecidos, uma nova elite urbana despontou e, por consequência, a instalação de hotéis e casas de pasto foram fundamentais.

Para se ter uma noção dos alojamentos existentes na Corte na primeira metade do século XIX, foi realizada uma busca no sítio eletrônico da Biblioteca Nacional Digital, em edições do Jornal do Commercio. A pesquisa foi iniciada no ano de 1827 - quando começou a circulação desse periódico, década também em que os hotéis começaram a surgir em maior quantidade. Como referido, o resultado da busca corresponde aos hotéis mencionados no periódico acima, sendo, portanto, uma estimativa bem próxima das instalações existentes na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Observa-se no Quadro 13 abaixo a relação dos hotéis encontrados.

Quadro 13 - Hotéis, alojamento e casas de pasto na primeira metade do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, de acordo com os anúncios do Jornal do Commercio (1827-1849).

	Hotel	Endereço	Ano do anúncio	Edição
1	Hotel de l'Empire Hotel do Imperio	Rua Direita	1827	00015
		Largo do Paço, 42	1841	00194
2	L'Hotel du Nord Hotel do Norte	Rua Direita, 17	1827	00031
		Rua Direita, 9	1840	00054
3	Hotel de France	Rua do Ouvidor, 99	1827	00034
4	Hotel Imperial	Rua do Cano, 111	1827	00037
5	Globe Hotel - Hotel do Globo	Rua da Quitanda, 74	1828	00336
6	Hotel Francez	Praia Grande	1829	00484
7	Hotel du Petit Trianon	Rua do Ouvidor, 156	1829	00600
8	Hotel d'Ottani	Rua do Caminho Novo de Botafogo, 15	1829	00632
9	Albion Hotel	Rua Direita, 193	1829	00645
10	Hotel de Europe Hotel da Europa	Rua do Ouvidor, 156	1830	00116
		Rua detraz do Carmo, 69	1839	00245
11	Hotel da Coroa	Rua da Cadêa, 167	1830	00004

12	Hotel da Marinha	Rua da Cadêa, 3 Rua Direita, 6 Rua de D. Manoel, 38	1831 1837 1847	00151 00240 00033
13	Hotel de la Coronne	Rua da Cadêa, 167	1831	00278
14	Hotel Inglez Jonnston's Hotel	Rua do Ouvidor, 215	1832 1833	00258 00077
15	Hotel Tivoli	Jardim Botanico na Lagoa de Freitas	1833	00158
16	Hotel de Geddes	Rua detraz do Carmo, 24	1833	00162
17	Hotel Johnston	Rua do Ouvidor, 215	1834	00164
18	Hotel d'Italia Hotel de Italia	Rua do Espírito Santo, 27 Praça da Constituição, 1 Largo do Rocio, 1	1835 1839 1840	00028 00181 00018
19	Hotel de Neuville	Largo do Paço	1835	00099
20	Hotel Pharoux	Rua da Quitanda, 99 Rua da Quitanda, 55 Rua Fresca da praia de D. Manoel, 3	1836 1837 1838	00185 00073 00039
21	Hotel Maritimo da Liberdade	Praia dos Mineiros, 19	1836	00190
22	Hotel Fluminense	Largo da Constituição, 30	1836	00195
23	Hotel Fillieul	Rua do Rozario, 72	1836	00223
24	Hotel Rocher de Cancalle Hotel dos Estrangeiros	Rua da Cadêa, 69	1838 1842	00286 00345
25	Hotel Ravot (outrora Johnston)	Rua do Ouvidor, 163	1839	00205
26	Navy Hotel	Sem endereço Rua do Inga, 5	1840 1844	00008 00111
27	Hotel de Nice	Rua da Cadêa, 11	1840	00024
28	Hotel da Paz	Rua do Carmo, 4	1841	00172
29	Hotel de S. Christovão	Praia do Lazaro, 9	1842	00010
30	Hotel do Botafogo	Praia do Botafogo, 72	1842	00130
31	Hotel Gradil Hotel Novo Gradil	Rua da Alfandega, 10 Rua da Prainha, 9	1842 1845	00255 00186
32	Hotel de Espanha	Praça da Constituição	1843	00098
33	Hotel Girard	Rua da Cadea, 10	1844	00142
34	Hotel Leão de Ouro	Rua da Alfandega, 91	1845	00037
35	Hotel da Boa União Hotel da União Commercial	Campo da Aclamação Jardim Botanico	1845 1845	00125 00176
36	Hotel do Universo Hotel de L'Univers	Largo do Paço, 14	1845	00133
37	Hotel da Cruz de Malta	Rua da Quitanda, 51	1845	00304
38	Hotel da Boa Vista	Rua da Alfandega, 308	1846	00240
39	Hotel do Barrigudo	Rua de São José, 45	1846	00257
40	Hotel da Villa Hotel da Bola de Ouro Hotel Parisiense	Rua do Ouvidor, 50	1847 1848 1849	00037 00249 00216
41	Hotel do Amaral	Jardim Botanico	1847	00181
42	Hotel da Paz	Rua Nova da Prainha, 4	1847	00273
43	Hotel Lambert	Rua do Sabão, 155	1847	00340
44	Hotel da Praça Hotel de La Bourse	Rua da Alfandega, 8	1848 1848	00017 00075
45	Hotel do Mercado	Rua da Praia do Peixe, 7	1848	00328

46	Hotel de S. Domingos	Rua do Sabão, 233	1848	00353
47	Hotel da Estrella	Rua São José, 9	1849	00002
48	Palacete da Ponte do Catete	Largo do Catete, 1	1849	00005
49	Hotel de L’Etoile	Rua de S. José, 9	1849	00005
50	Hotel Damiani	Rua do Ouvidor, 155	1849	00046
51	Hotel da Providência	Rua de Cima, 27 e 29	1849	00160
52	Hotel e Café Lion	Rua do Theatro de S. Francisco de Paula	1849	00229
53	Foreigners’ Hotel	Catete Square, 2 e 3	1849	00230
54	Hotel des Etats-Unis	Rua de D. Manoel, 38	1849	00350
55	Hotel de Londres	Largo do Paço, 12	1849	00354

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Através da consulta, obteve-se a seguinte informação sobre alojamentos na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX: entre 1827 e 1829, foram instalados cerca de 9 (nove) hotéis; 16 (dezesesseis) entre 1830 e 1839; e 31 (trinta e um) hotéis entre 1840 e 1849. Constata-se um aumento considerável de hospedagens a cada década, demonstrando que este aumento corresponde à demanda que crescia anualmente. O aumento da demanda muito se deve à literatura de viagens produzidas sobre o país a partir do início do século que despertou a curiosidade e a vontade de conhecer o Rio de Janeiro. Observa-se também na tabela que algumas instalações mudaram de localização, como por exemplo, o Hotel de l’Empire (Hotel do Imperio), que no anúncio do ano de 1827 localizava-se à Rua Direita e, em 1841 no Largo do Paço. Outros permaneciam no mesmo endereço, mas com nome diferente, talvez devido a troca de proprietário, como por exemplo, o hotel instalado na Rua do Ouvidor nº15 que, em 1832, apresenta-se no anúncio como Hotel Inglez e, em 1833, como Jonnston’s Hotel. Outra constatação foi o fato de que boa parte desses hotéis estavam localizados na Rua do Ouvidor, que se tornou, a partir dos anos 1820, a rua da elegância, dos encontros e das grandes novidades.

Vale destacar que a quantidade de hotéis não significava qualidade de oferta.

[...] Ao longo do século 19, mesmo com toda a demanda de estrangeiros que uma corte europeia atraía, os hotéis cariocas ainda eram poucos, pequenos e simples. Para alguns viajantes que deixaram registros sobre o Rio, eram “mais que medíocres”. Localizavam-se, em geral, no centro da cidade, funcionando em prédios adaptados (Perrota, 2015, p. 116).

Sobre a qualidade das hospedagens, na obra *Promenades do Rio – a turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939*, Isabela Perrota mencionou um fato ocorrido com o viajante Ernest Ebel que, por não achar vaga num hotel de melhor qualidade, teve que

pernoitar numa pensão francesa com a companhia de ratos e mosquitos, deitado num colchão de palha sobre uma mesa, em um quarto sem porta que dava diretamente para um pátio imundo (2015, p. 117).

Não só de críticas viviam os hotéis da cidade. Em viagem ao Rio de Janeiro no ano de 1841, Gustavo Horner escreveu a seguinte observação em relação ao Hotel Ravot, localizado na Rua do Ouvidor.

[...] após uma visita superficial à Academia (de Belas Artes), saímos e jantamos no Hotel Ravot - nome da dona, segundo o costume da cidade. Uma senhora gorda, bem arrumada, bonita, estava na extremidade do vestibulo, atrás do balcão, anotando as dívidas dos fregueses. Depois de elogiarmos as ervilhas, aspargos, laranjas e outras coisas boas fornecidas - pelas quais ela cuidava que se pagasse muito bem - fomos a fonte da Carioca (Horner *in* Moreira Leite, 1984, p. 102).

Como referido, dentre os hotéis instalados no Rio de Janeiro nesta primeira metade do século XIX, destacou-se o Pharoux, primeiro hotel de grande porte e de luxo instalado a partir de 1838 na Rua Fresca da praia de Dom Manoel, ao lado do Cais do Largo do Paço. Quando este mesmo hotel surgiu em 1817, sua localização era à Rua da Quitanda, uma hospedaria de médio porte com casa de pasto. Sua transferência e reformulação trouxeram o requinte e a suntuosidade dos hotéis da Europa para a cidade. A propriedade de luxo de Mr. Pharoux, “tornou-se ponto de reunião muito frequentado pela gente boa do tempo e gozava de alta reputação” (Coaracy, 1955, p. 75). O hotel ficou também muito conhecido pela qualidade de suas instalações e pela excelente cozinha francesa.

O casal francês E. de Langsdorff, recém-chegado ao Rio de Janeiro, hospedou-se no Hotel Pharoux, em 1842. Sobre o hotel e as primeiras impressões da cidade, a baronesa E. de Langsdorff teceu elogios sobre a “magnífica” paisagem do país ao conhecer o Corcovado, praticamente um local de visita obrigatória a todos os estrangeiros. Em relação às belezas naturais do Rio de Janeiro, não há nenhuma discordância entre os relatos dos viajantes estrangeiros, todos foram unânimes ao descreverem as belezas naturais e paradisíacas da cidade.

Antes de deixar o hotel Pharoux, fizemos uma caminhada ao Corcovado. Foi o grande passeio durante todo este mês, o único, também, que nos deu a justa idéia deste magnífico país. [...] A vegetação, além de seu grande porte, tem uma vida de cujo vigor não fazíamos idéia (Langsdorff, 2000, p. 111).

O Hotel Pharoux chamava a atenção dos estrangeiros que desembarcavam no porto devido a grandiosidade e requinte de sua arquitetura. O prédio foi registrado por vários artistas

da época, como pode ser visto na Figura 24, a seguir. Como atualmente ele não existe mais, estas imagens são a única evidência de uma parte importante da história do Rio de Janeiro.

Figura 24 - Hotel Pharoux¹⁴.



Fonte: Sébastien Auguste Sisson, s.d. Acervo Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro/MHCRJ.

Observa-se nesta gravura, tanto pelo projeto arquitetônico do hotel como pela vestimenta do elegante grupo retratado, indícios do avanço de “civilidade”. A cidade estava se transformando, ganhando novos hábitos de convivência e buscando sempre a Europa como modelo a seguir.

O estabelecimento se tornou muito concorrido, tanto entre os moradores da cidade como entre os viajantes europeus que chegavam ao Rio de Janeiro, principalmente os vindos da

¹⁴ Transcrição livre da autora: Este estabelecimento inteiramente reformado pelo novo proprietario oferece toda a comodidade necessaria no serviço as pessoas que se dignarem procurá-lo. Na proximidade de um bom desembarque, tendo banhos e bilhares, uma vasta sala de jantar dominando a bahia, e as e os preços fixos, moderados, é o unico no seu genero na capital do Império. O serviço de refeições também é feito nos aposentos e quartos.

França, por encontrar nesta parte dos trópicos a culinária de sua terra natal, com uma grande variedade de vinhos e bebidas servidos aos seus fregueses. Uma novidade ofertada no Hotel Pharoux, graças à chegada do gelo ao Brasil, foi a venda de sorvete aos seus clientes, outra novidade foi a instalação de uma casa de banho própria, evitando que seus hóspedes utilizassem as casas de banho públicas, um diferencial em relação aos demais hotéis da época. Prontamente, outros hotéis passaram também a oferecer este serviço para concorrer com o francês.

O Hotel Pharoux foi o local em que aconteceu o primeiro registro daguerreótipo¹⁵ do país em 1840, pelo abade francês Louis Compte, que se hospedou no hotel assim que o navio que lhe trouxe - *L'Oriental-Hydrographe*, uma espécie de universidade flutuante que fazia uma viagem de instrução ao redor do mundo, aportou no Rio de Janeiro. Da janela do seu quarto, o abade apontou o daguerreótipo para o Largo do Paço, registrando pela primeira vez em fotografia, o chafariz do mestre Valentim, o Arco do Telles, a praia Dom Manoel e ao fundo, o Mosteiro de São Bento, como pode ser visto na Figura 25, abaixo

¹⁵ O daguerreótipo foi o primeiro processo fotográfico conhecido e anunciado na França apenas cinco meses antes do primeiro registro feito no Brasil.

Figura 25 – Primeiro daguerreotipo no Rio de Janeiro.



Fonte: Louis Comte, 1840. In: TURAZZI, 2019, p. 265

No anúncio publicado no *Jornal do Commercio* (Figura 26), em 1842, foi instalado no Hotel Pharoux o primeiro *atelier* dos ingleses *Morand & Smith* oferecendo o serviço com daguerreotipo na cidade, como pode ser verificado a seguir.

Figura 26 - Anúncio do Jornal do Commercio sobre o atelier dos ingleses Morand & Smith no Hotel Pharoux (1842)¹⁶.

O DAGUERREOTYPO NA SUA PERFEIÇÃO.
 Morand e Smith, artistas no daguerreotypo, tem a honra de informar ao respeitavel publico desta corte que estabelecêrao o seu gabinete no hotel Pharoux, salao n. 52, casa nova, 2º andar, onde trabalhao todos os dias, das 8 horas da manhaa ás 3 da tarde
 Os annunciantes, tendo a convicção de poder satisfazer completamente as pessoas que se dignarem honra los, convidão os amadares das artes, e todos os que desejarem ter um retrato perfeito, um quadro de familia ou uma vista qualquer, a visitar o seu gabinete.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

No Rio de Janeiro no século XIX, a fotografia era uma técnica relativamente nova e revolucionária, sendo utilizada como uma forma de documentar e retratar a realidade de maneira mais precisa. As fotografias, assim como as pinturas e iconografias, nos permitem observar e estudar aspectos diversos da cidade, como sua arquitetura, a paisagem urbana, as transformações sociais e econômicas, as relações de poder e as classes sociais da época. Além disso ela também desempenhou um papel fundamental na preservação da memória histórica, já que muitos locais e construções retratados nas imagens não existem mais.

Uma década depois, o francês Revert Henrique Klumb, se instalou no Rio de Janeiro, mudando-se anos mais tarde para Petrópolis, onde publicou o guia de viagem intitulado *Doze horas em diligencia, guia do Viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*, considerado um dos primeiros livros de fotografia do Brasil. No Município Neutro da Corte, é dele o ensaio fotográfico realizado em frente ao Hotel Pharoux no ano de 1860 (Figura 27), destaque para o anúncio na fachada frontal da Casa de Banhos, como referido anteriormente.

¹⁶ Transcrição livre da autora: O DAGUERREOTYPO NA SUA PERFEIÇÃO – Morand e Smith, artistas do daguerreotypo, tem a honra de informar ao respeitável publico desta corte que estabelecêrao o seu gabinete no hotel Pharoux., salao n.32, casa nova, 2º andar, onde trabalhao todos os dias, das 8 horas da manha ás 3 da tarde. Os annunciantes, tendo a convicção de poder satisfazer completamente as pessoas que se dignarem honra los, convidao os amadores das artes, e todos os que desejarem ter um retrato perfeito, um quadro de família ou uma vista qualquer, a visitar o seu gabinete.

Figura 27 - Hotel Pharoux.



Fonte: Foto de R.H Klumb, 1860. In: Acervo Digital /Biblioteca Nacional Digital.

Na segunda metade do século XIX, com o crescimento populacional e urbanístico, a cidade já contava com uma numerosa quantidade de hotéis, alojamentos e *restaurants*¹⁷. Como muitas instalações surgiram neste período, uma pesquisa no *Jornal do Commercio*, como realizada na primeira metade do oitocentos, se tornou inviável. Para selecionar os hotéis da segunda metade do século XIX, foi utilizado o *Guia do Viajante no Rio de Janeiro* publicado em 1884, por Alfredo do Valle Cabral, e que integra a coleção de obras raras do Arquivo Nacional. Nele foram registrados os principais hotéis da cidade, além de conter informações precisas, sobre a chegada, a estadia e a partida do visitante que vinha para o Rio de Janeiro. Observa-se no Quadro 14 abaixo a relação das principais hospedagens da cidade e que estão contidas no guia de Alfredo do Valle Cabral.

¹⁷ O termo “casas de pasto” é de origem portuguesa e se refere aos estabelecimentos que serviam refeições. Devido a influência francesa no Brasil, este tipo de estabelecimento passou a ser chamado de *restaurant* (restaurante - aquilo que restaura).

Quadro 14 – Relação dos principais hotéis, alojamento e casas de pasto na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro contidos no *Guia do Viajante no Rio de Janeiro* de Alfredo do Valle Cabral, 1884.

	Hotel	Endereço
1	Grande Hotel Giorelli	Campo da Aclamação
2	Hotel Coroa do Ouro	Rua de D. Manoel, 4
3	Hotel de France	Praça de D. Pedro II, 12
4	Hotel de Cintra	Rua do Ouvidor, 33
5	Hotel Aguia de Ouro	Rua da Alfandega, 7
6	Hotel Rio de Janeiro	Rua da Alfandega, 8
7	Hotel das Quatro Nações	Rua da Assembleia, 70
8	Royal Hotel	Rua Fresca, 3
9	Hotel dell’Universo	Rua da Assembleia, 50
10	Grande Hotel Sancta Theresa	Rua do Aqueduto, 48
11	Hotel da Vista Alegre	Rua do Aqueduto, 68
12	Hotel D. Luiz	Rua do Aqueduto, 47
13	Carson’s Hotel	Rua do Catete, 160
14	Hotel dos Extrangeiros	Largo do Catete
15	Grande Hotel	Rua do Marquez de Abrantes, 20
16	Hotel d’Angleterre	Praia de Botafogo, 140
17	Royal Hotel	Praia de Botafogo, 152
18	Hotel Balneario	Rua do Marquez de Olinda
19	Hotel Aurora	Tijuca
20	Hotel Tijuca do Amorim	Rua de Sancta Carolina
21	Seatons Hotel	Rua do Conde de Bonfim, 117
22	Ville Moreau	Andarahy-Pequeno
23	Hotel Jourdain	Alto da Tijuca
24	Whyte’s Hotel	Alto da Tijuca

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

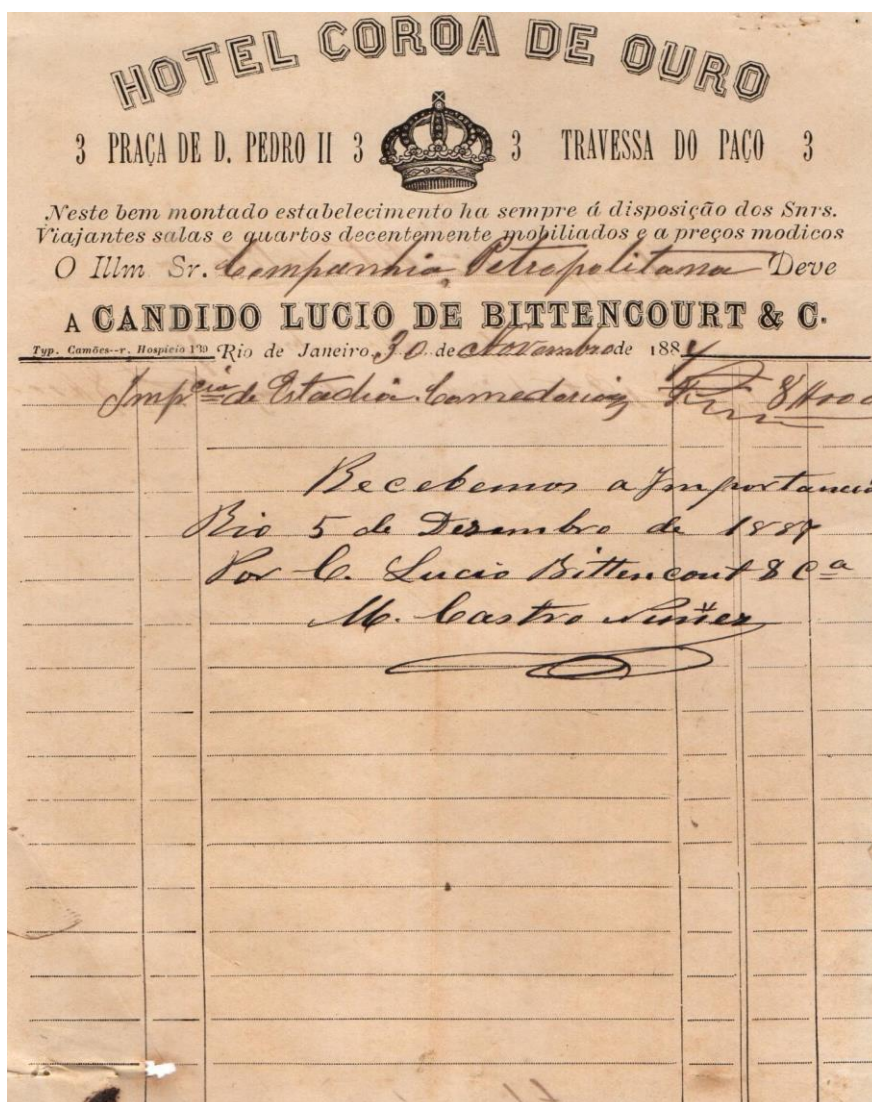
O Guia de Alfredo do Valle Cabral também mencionou duas casas de pensão na cidade: Casa de D. Maria uma localizada à Rua da Ajuda, n. 179, a outra na Rua da Lapa, n. 101 e uma no bairro do Catete, n. 186. No entanto, os hóspedes também deixaram registrados a falta de higiene nas casas, mesmo sendo estas preparadas para recebê-los. Assim descreveu seu alojamento o viajante inglês Charles Mansfield, quando esteve no Brasil, no ano de 1852.

Nossa hospedeira é uma viúva já madura, cujo marido dono de uma boa propriedade local, deixou-a endividada; ela recebe hóspedes em troca de pagamento. A casa está construída como um hotel [...]. O vestibulo ou o salão aqui era tão sujo, quanto os que tenho encontrado há algum tempo. Estava ocupado por um peru e uma ou duas galinhas, e umas crianças negras e mulatas correndo de cá para lá; o chão e as mesas estavam num estado glorioso de falta de asseio [...]. Em dois compartimentos que abriam para fora da sala comprida, havia três camas sujas, onde devíamos dormir (Mansfield *apud* Moreira Leite, 1984, p. 60).

O surgimento de guias de viagem são indícios do “processo civilizatório”, tendo em vista que, essa literatura começou a existir porque começou a haver um mercado para isso.

Viajantes precisavam de um local para pousar e se alimentar, por isso, muitos hotéis no Rio de Janeiro foram se sofisticando para atender as demandas de seus hóspedes, sendo boa parte, de estrangeiros. Os estabelecimentos ofereciam aos viajantes o que eles precisavam para seu pouso. Lê-se numa nota do Hotel Coroa de Ouro, datada de 30 de novembro de 1887, um dos estabelecimentos mencionados por Alfredo do Valle Cabral e que consta no Quadro anterior, que: “Neste bem montado estabelecimento há sempre á disposição dos Snrs. Viajantes salas e quartos decentemente mobiliados e a preços módicos”, como pode ser conferido na Figura 28, a seguir.

Figura 28 – Nota do Hotel Coroa de Ouro (1887).



Fonte: Acervo NHEMPE/UERJ.

O costume dos moradores do Rio de Janeiro de comer fora de casa, muito se deve aos hotéis, que além do pouso passaram a oferecer refeições variadas, onde os membros da elite da cidade se reuniam para conversar e apreciar um bom vinho e uma refeição de qualidade.

Os hotéis destacados neste estudo correspondem aos localizados na cidade do Rio de Janeiro, principal porta de entrada dos viajantes. Todavia, tanto nos lugares mais afastados do centro, quanto fora da cidade, foram construídos hotéis para atender a essa freguesia que queria “fugir da agitação” ou conhecer outras regiões da província. Segue abaixo (Figura 29), a nota datada de 20 de janeiro de 1887, do Hotel Bragança, localizado em Petrópolis, com a descrição de alguns pratos oferecidos em seu estabelecimento. A partir da segunda metade do século XIX a região serrana foi muito procurada pelos estrangeiros, não apenas por abrigar a residência de verão da Família Imperial, como por sua beleza e clima muito parecido com o da Europa.

Figura 29 – Nota do Hotel Bragança (1887).

HOTEL BRAGANÇA		
Companhia Petropolitana		Deve
a Antonio Pereira Campos		
Petrópolis, 20 de Janeiro de 1887		
Lunch, constante do seguinte:		
2	Pratos - Perdrix Rotis	14 000
1	D. - Jambonneau	10 000
1	Porco recheado	15 000
	Frango assado	8 000
	Maigraisse de gallinha	8 000
	Fait au vent	10 000
2	Vidro doce francez	6 000
2	Queijos de Brie	3 000
	Queijos Suizzo	2 000
	Wolby, singly e Mostarda - 2 vidros	2 000
	Pão	1 000
12	Porto de Bordeaux f.º 1.º (16.º)	40 000
6	Porto de Campagne f.º 1.º	30 000
6	Porto de Porto fino f.º 1.º	30 000
		20 000
Recallio imp. desta casa.		
Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1887.		
Por Antonio Pereira Campos.		
W. Frank & Sequerra.		

Fonte: Acervo NHEMPE/UERJ.

À medida que a cidade foi crescendo e se modernizando, seguindo os moldes europeus, os hotéis também se tornaram cada vez mais requintados. A pesquisadora Miriam Lifchitz Moreira Leite, destacou que um marco significativo para a europeização da sociedade brasileira foi a proibição do tráfico negreiro a partir de 1850 (1997, p. 12). No entanto, ao olhar de alguns exigentes viajantes, esse requinte não chegava aos pés das grandes cidades estrangeiras. O casal americano Luiz e Elizabeth Agassiz, que esteve no Brasil entre os anos de 1865 e 1866, relatou sua primeira impressão ao desembarcar na cidade do Rio de Janeiro. Era o dia 24 de abril de 1865 e o casal não poupou críticas ao Rio de Janeiro e sua gente, olhar comum vindo de um viajante “civilizado” em relação a um país, considerado por eles, “atrasado” culturalmente.

Hoje, algumas senhoras e eu fomos à terra, e, depois de nos termos detido em nossos alojamentos, demos algumas voltas de carro pela cidade. O que desde logo impressiona no Rio de Janeiro é a negligência e a incúria. Que contraste quando se pensa na ordem, na limpeza, na regularidade de nossas grandes cidades! Ruas estreitas, infalivelmente cortadas, no meio, por uma vala onde se acumulam imundícies de toda espécie; esgotos de nenhum tipo, um aspecto de descabro geral, resultante, em parte, sem dúvida, da extrema umidade do clima; uma expressão uniforme de indolência nos transeuntes: eis o bastante para causar uma impressão singular a quem acaba de deixar nossa população ativa e enérgica (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 46).

O casal também comentou que permaneceu a bordo do navio, mencionado como “palácio flutuante”, até que achassem um alojamento conveniente. O que demonstrou que, de acordo com suas impressões, as instalações no Rio de Janeiro não ofereciam o conforto adequado aos exigentes americanos.

Em relação aos transportes, na segunda metade do século XIX, o viajante já contava com os bondes e diligências para o deslocamento do porto ao seu local de pouso, o que impulsionou a abertura de estabelecimentos em regiões mais afastadas do centro da cidade. De acordo com informações contidas no guia de Alfredo do Valle Cabral, a primeira linha de bondes que começou a funcionar foi a *Campanhia Botancial Garden*, inaugurada a 9 de outubro de 1968. Neste período os bondes eram puxados por burros e tinham a capacidade para trinta passageiros. A primeira linha criada ligava a Rua do Ouvidor até o Largo do Machado. Somente no final do oitocentos é que os bondes passaram a ser de tração elétrica.

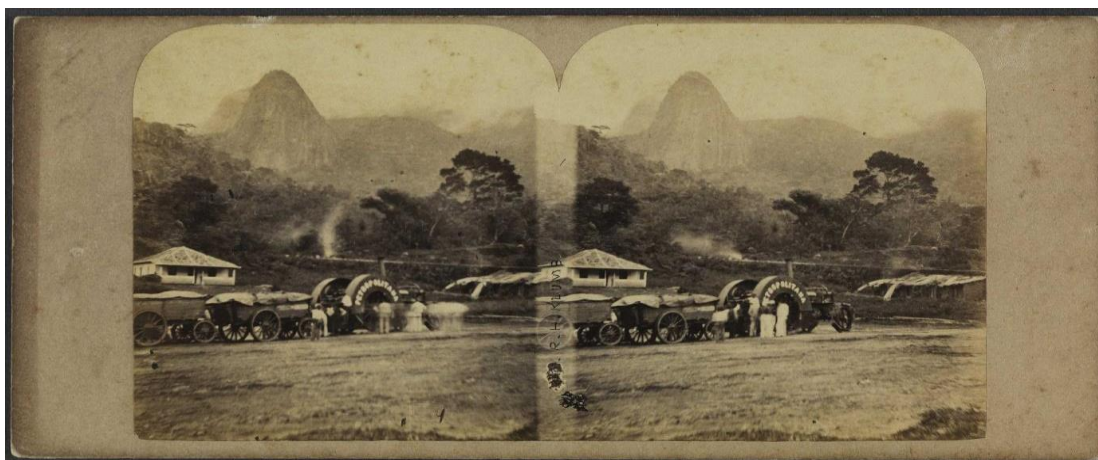
Além da linha de bondes, a cidade passou a contar também, nesta segunda metade do século XIX, com o serviço de barcas feita pela *Companhia Ferry*, que partia do Cais Pharoux para Niterói. Outra inovação no transporte de passageiros internos e visitantes estrangeiros foi a inauguração da primeira estrada de ferro do Brasil, em abril de 1854, que ligava através de

um sistema de baldeação (barco e locomotiva), o cais do Rio de Janeiro ao fundo da Baía de Guanabara (Guia de Pacobaíba, atual município de Magé) e de lá, de trem até Raiz da Serra. A concessão da estrada de ferro foi dada a Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá. Sua intenção era construir o segundo trecho da ferrovia ligando o pé da serra até Petrópolis, projeto que só aconteceu em fevereiro de 1883, pela Companhia Grão-Pará. A estrada de ferro, seu trajeto e a impressionante vista ao seu redor, foram mencionados por diversos viajantes.

Embarcamos no Rio, pelas duas horas da tarde, numa pequena barca a vapor que nos transportou do outro lado da baía [...] Ao cabo de uma hora e um quarto de navegação pusemos pé em terra na aldeia de Mauá. Aí tomamos o trem e um novo percurso de uma hora, entre terrenos baixos e pantanosos, nos levou até o sopé da montanha (Raiz da Serra). Tivemos então que deixar a via férrea e tomar a diligência que parte regularmente dessa estação. A subida foi encantadora: estávamos num excelente cupê aberto, com quatro mulas galopando a toda brida, numa estrada unida como um assoalho. O caminho descreve numerosas voltas nos flancos das montanhas, sobe e desce nas verdes colinas que parecem um mar ondulado. Aos nossos pés se estende o vale; à nossa frente, a cadeia litorânea; e, ao longe, a baía como que se funde suavemente à luz do sol. Para completar tal quadro, desdobra-se sobre todo o solo um manto de palmeiras, acácias e fetos arborescentes, caprichosamente bordado de epífitas e colorido por uma profusão de flores purpúreas da quaresmeira, de Bignonáceas azuis e amarelas, ou tumbérgias rasteiras pendurando suas florezinhas amarelo-palha em todas as moitas e pedras. A cada instante admiramos a grande variedade de palmeiras (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 59).

O registro feito pelo fotógrafo Revert Henrique Klumb na década de 1860 (Figura 30), apresentava a Estação Mauá na Raiz da Serra. Somente em 1883, entrou em uso a parte da estrada de ferro que ligava Raiz da Serra a Petrópolis

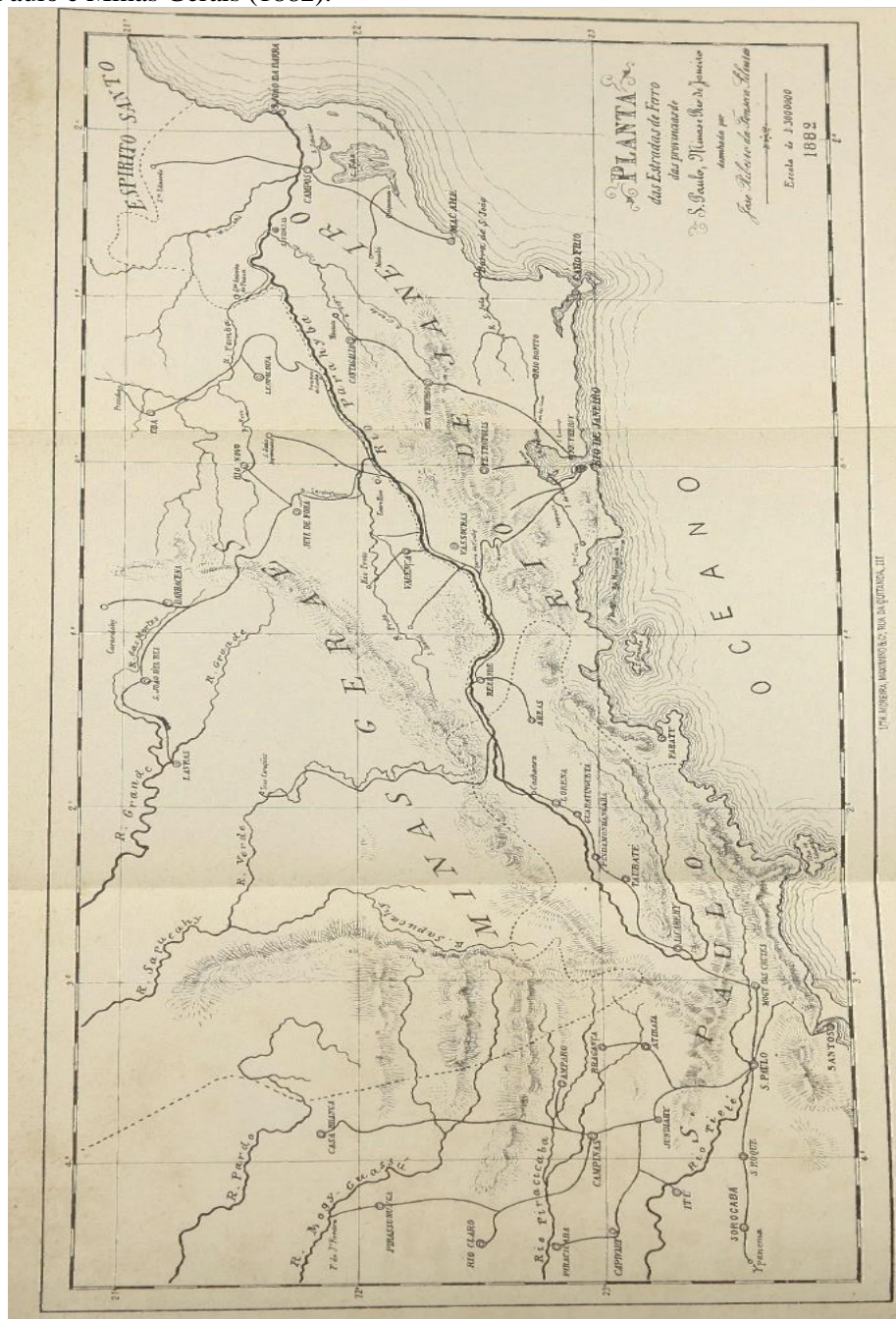
Figura 30 – Estação Mauá e a Raiz da Serra de Petrópolis.



Fonte: Foto de Revert Henrique Klumb, 1860; Coleção D. Teresa Cristina Maria. In: Acervo Digital / Biblioteca Nacional Digital.

Sobre as ferrovias, o guia de Alfredo do Valle Cabral contava com uma planta datada de 1882 com as estradas de ferro das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, muitas vezes utilizadas pelos viajantes estrangeiros deste período e, por eles registrada e elogiada. Observa-se na Figura 31 a seguir, a planta mencionada na obra.

Figura 31- Planta das estradas de ferro das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (1882).



Fonte: Planta das estradas de ferro das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais desenhada por José Ribeiro da Fonseca Silveira (1882). VALLE CABRAL, 1884.

Uma das mulheres viajantes que utilizou a estrada de ferro em sua passagem pelo Rio de Janeiro e teceu elogios à obra, em especial aos seus túneis, foi a espanhola Carmem Oliver de Gelabert.

Se foi muito grande a surpresa que me causou, mais ainda a estranheza, por ser de certa forma extraordinário, o magnífico passo que me proporcionou um ambiente delicioso e fresco, curtindo aquela atmosfera pela primeira vez cuja umidade era como o orvalho que cai do céu; Esse frescor era muito mais agradável por ser emanado das entranhas de montanhas tão soberbas; me refiro com isso aos túneis; ah, como é poético tudo isso! grandes e longas cavernas sem fim, são as ousadas aberturas que, minam das montanhas e servem para dar passagem aos vagões nas estradas de ferro. As magníficas obras destes túneis honram por certo aos filhos deste país, porque elas são testemunhas de seu talento, certificando a mais inteligência aprovada para acampar com tão rica natureza (Gelabert, 1872, p. 10. Tradução livre da autora)¹⁸

Apesar dos avanços e transformações ocorridas na arquitetura urbanística do Rio de Janeiro, a questão da higiene ainda era um sério problema a ser enfrentado no final do oitocentos, visto que as linhas de esgoto só chegaram na cidade em 1866 e, o abastecimento de água, somente em 1880.

A introdução, por volta da década de 1850, do hábito do banho diário impunha, numa casa sem água encanada, todo um processo de transporte de jarras, baldes e bacias. Como todas as demais tarefas da administração doméstica [...] é possível avaliar os esforços necessários para manter o funcionamento das casas (Moreira Leite, 1997, p. 74).

A partir dos relatos acima, verifica-se, a todo instante, a dualidade na impressão dos viajantes acerca da cidade, em especial nos escritos das mulheres que faziam questão de registrar os detalhes e as particularidades observadas: a beleza de sua natureza exótica, chamada pelos estrangeiros de “paraíso tropical”, que divergia com as construções feias e mal-acabadas; o aroma das flores e frutas típicas em contraste com a fetidez das ruas insalubres e sem saneamento; a crueldade da escravidão e os padrões de civilidade e educação tão primitivos, em desencontro com o progresso que se desejava. Este era o Rio de Janeiro, registrado pelo olhar das mulheres viajantes estrangeiras do século XIX.

¹⁸ No original: Si fué muy grande la sorpresa que me causó, mas aunestrañé, por ser en cierto modo extraordinario el magnífico paso que me facilitó un delicioso y fresco ambiente, gozando por la primera vez aquella atmosfera cuya humedad era tal como el rocío que cae del cielo; esta frescura era mucho mas agradable por ser emanada de las entrañas de tan soberbias montañas ; refiérome con esto á los tunels; ¡oh, cuan poético es todo aquello! grandes y prolongadas cuevas sin fin, son las atrevidas aberturas que, minando las montañas, sirven para dar paso á los wagoes de los caminos de hierro. Las magníficas obras de estes tunels, honran por cierto á los hijos de este país, porque ellas son otros tantos testimonios de su talento, certificando la mas aprobada inteligencia para campear con tan rica natura, que brota sin cultivo zéfiros y brillantes.

1.5 Guias de Viagem

No século XIX, a repercussão da literatura publicada por viajantes, estimulou a curiosidade e o desejo de leitores em conhecer terras distantes descritas nesses relatos. “A rapidez com que a maioria das obras foi publicada, as reedições e as traduções a outros idiomas indicavam o vivo interesse que existia em torno desse tipo de literatura” (Quintaneiro, 1996, p. 18).

Ao mesmo tempo em que o interesse por esta variada literatura foi aumentando, a modernização dos meios de transportes a cada ano ia se aprimorando, principalmente quando a travessia pelo Oceano passou a ser feita em embarcações a motor, o que diminuiu consideravelmente o tempo de viagem, como barateou as passagens, estimulando o “curioso” leitor estrangeiro a se tornar um “viajante”.

Para atender a essa nova demanda, surgiram os primeiros Guias de Viagem pelo mundo. Portanto, Guias de Viagem estão diretamente relacionados aos avanços da modernidade e às facilidades trazidas por ela. Os guias surgiram porque outros fatores impulsionaram. A literatura de viagem e os guias, ao mesmo tempo em que se relacionavam, se diferenciavam, pois enquanto a primeira era uma descrição do que foi visitado, o segundo era uma orientação do que poderia vir a ser conhecido.

Na obra *Promenades do Rio – a turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939*, Isabela Perrota (2015), fez um apanhado sobre os primeiros guias de viagem publicados no mundo a partir de 1820, até chegar aos primeiros publicados no Rio de Janeiro. “Então, o turismo é filho da modernidade... E o Rio demorou a se tornar uma cidade moderna” (Perrota, 2015, p. 39). Como mencionado, tudo na cidade começou a mudar a partir da vinda da Família Real e, a inclusão do turismo no Rio de Janeiro foi acontecendo lentamente, à medida que a cidade e sua sociedade iam se transformando. Dessa forma, os guias de viagem foram fundamentais por demonstrarem essa transformação urbanística e os avanços na oferta de lazer, de hospedagem e demais serviços para atender não somente a uma nova leva de viajantes e profissionais que vieram tentar a sorte por um tempo determinado na cidade, até os possíveis investidores dispostos a se instalar definitivamente. Para esta pesquisa, o levantamento e a leitura dos principais Guias de Viagem publicados no Rio de Janeiro foi essencial para trazer detalhes importantes do cotidiano, em especial, sobre os aspectos de civilidade e educação.

Em sua obra, Perrota evidenciou a transformação do viajante em turista e da literatura de viagem em guia, sem que uma substituísse totalmente a outra. Pode-se dizer que se deslocar para terras distantes, sempre fez parte da história da humanidade, porém, a autora destacou que a viagem como turismo era algo mais recente.

Não existe um marco claro para introdução ou a definição do conceito de turista e turismo, em contraponto ao de viajante e viagem, mas os primeiros registros do vocábulo *tourist* aparecem entre o início do século 19 e a década de 1830, entre os ingleses que já tinham o hábito de fazer a volta (*tour*) ao continente (Perrota, 2015, p. 35).

Não foi possível demarcar exatamente quando surgiu o primeiro guia para o viajante, visto que, muitas literaturas foram escritas para descrever ou apenas situar a quem desejava fazer uma viagem pelo mundo. Mas foi ainda na primeira metade do século XIX, que obras desse tipo começaram a ter grande repercussão, tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa, onde foram publicados os mais conhecidos guias do período. No Quadro 15 adiante, observa-se algumas das principais obras publicadas no exterior e que se tornaram referências editoriais no oitocentos.

Quadro 15 – Principais Guias de Viagem publicados no século XIX na Europa e Estados Unidos.

Guia de Viagem	Ano de Publicação	País	Autor/Editor
<i>The Fashionable Tour – or a trip to the Springs, Niagara, Quebec and Boston in the Summer of 1821</i>	1822	Estados Unidos	Gideon Minor Davison
<i>The Northern Traveller</i>	1825	Estados Unidos	Theodore Dwight
<i>The Northern Tour</i>	1825	Estados Unidos	Henry Gilpin
<i>Information and Directions for Travellers on the Continent</i>	1824	Inglaterra	Mariana Starke
<i>The Modern traveler a popular description geographical, historical and topographical of various countries of the globe</i>	1824	Inglaterra	James Ducan
<i>Murray Handbook – Guias Murray</i>	1836	Inglaterra	Editora Murray
<i>Rheireise von Mainz bis Cöln; ein Handbuch für Schnellreisende – Guias Baedeker</i>	1828	Alemanha	Editora Baedeker
<i>Guias Joanne</i>	1855	França	Adolphe Joanne / Louis Hachette
<i>Gazeta dos caminhos de ferro de Portugal e Espanha</i>	1888	Portugal	Leonildo Mendonça e Costa Fernando de Sousa / Carlos d'Ornelas

Fonte: PERROTTA, 2015, p. 55-65.

No Brasil, antes de surgir o primeiro guia para o viajante na segunda metade do século XIX, a literatura produzida pelos estrangeiros que aqui estiveram, serviu como um norteador a quem quisesse se aventurar na sede da monarquia portuguesa. Perrota destacou que o alemão naturalizado russo, George Heinrich Von Langsdorff, que esteve no Brasil na primeira metade do século, escreveu em 1820 *Memória sobre o Brasil, para servir de guia aqueles que nele se desejam estabelecer*, sendo a primeira literatura de viagem onde aparece a palavra “guia” no país. Pouco depois, o viajante Ernest Ebel, autor de *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824*, mencionou em sua obra que “para atender ao desejo de vários amigos que são de opinião que elas [as notícias] podem servir de guia útil a futuros visitantes daquela cidade” (Ebel *apud* Perrota, 2015, p. 104).

Gisele Jordana Eberspächer, que pesquisou a obra de Ida Pfeiffer, destacou em seu estudo que, o estilo da narrativa da francesa algumas vezes se assemelhava a um guia de viagem por dar dicas de hospedagem, lugares e alimentação a outros possíveis viajantes, como pode ser observado no trecho a seguir:

Para melhorar a qualidade da comida, especialmente em viagens longas, é recomendável levar alguns itens para complementar o cardápio do navio. Os mais adequados são caldo de carne e torradas finas — ambos devem ser armazenados em latas para evitar que fiquem úmidos ou entrem em contato com insetos —, uma quantidade razoável de ovos que, caso a viagem seja até o hemisfério sul, devem ser mergulhados em um recipiente com água ou embalados em pó de carvão, além de arroz, batatas, açúcar, manteiga e todos os ingredientes necessários para se fazer uma sopa de vinho e uma salada de batatas. A primeira fortalece, a segunda refresca. Aqueles que viajam com crianças fariam bem em viajar com uma cabra (Pfeiffer *apud* Eberspächer, 2019, p. 84).

Assim como as obras mencionadas acima, mesmo não pertencendo a categoria de guias de viagem, o *Almanak Laemmert*, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos 1844 e 1889, continha informações sobre o cotidiano do Rio de Janeiro e seus estabelecimentos comerciais, sendo considerado importante publicação para o viajante oitocentista. No Brasil, o almanaque dos irmãos Laemmert abriu as portas para as obras que viriam a seguir com informações para os estrangeiros.

Os primeiros guias para o viajante no Brasil não surgiram no Rio de Janeiro, centro administrativo do país e que já havia passado por várias transformações e melhorias, o que o tornava muito mais atrativo ao estrangeiro. Surgiu em sua vizinha Petrópolis, escolhida como cidade veraneio da Família Imperial a partir da década de 1840. Petrópolis era uma região que atraía muitos estrangeiros, não apenas pela presença constante do imperador e sua família, mas

pelo seu clima ameno. Nesta época também começaram a ser instalados na região alguns hotéis para atender a esse novo grupo que ali chegava. Segue o Quadro 16 com as primeiras publicações desse tipo no país.

Quadro 16 – Primeiros Guias de Viagem publicados no Brasil - Século XIX.

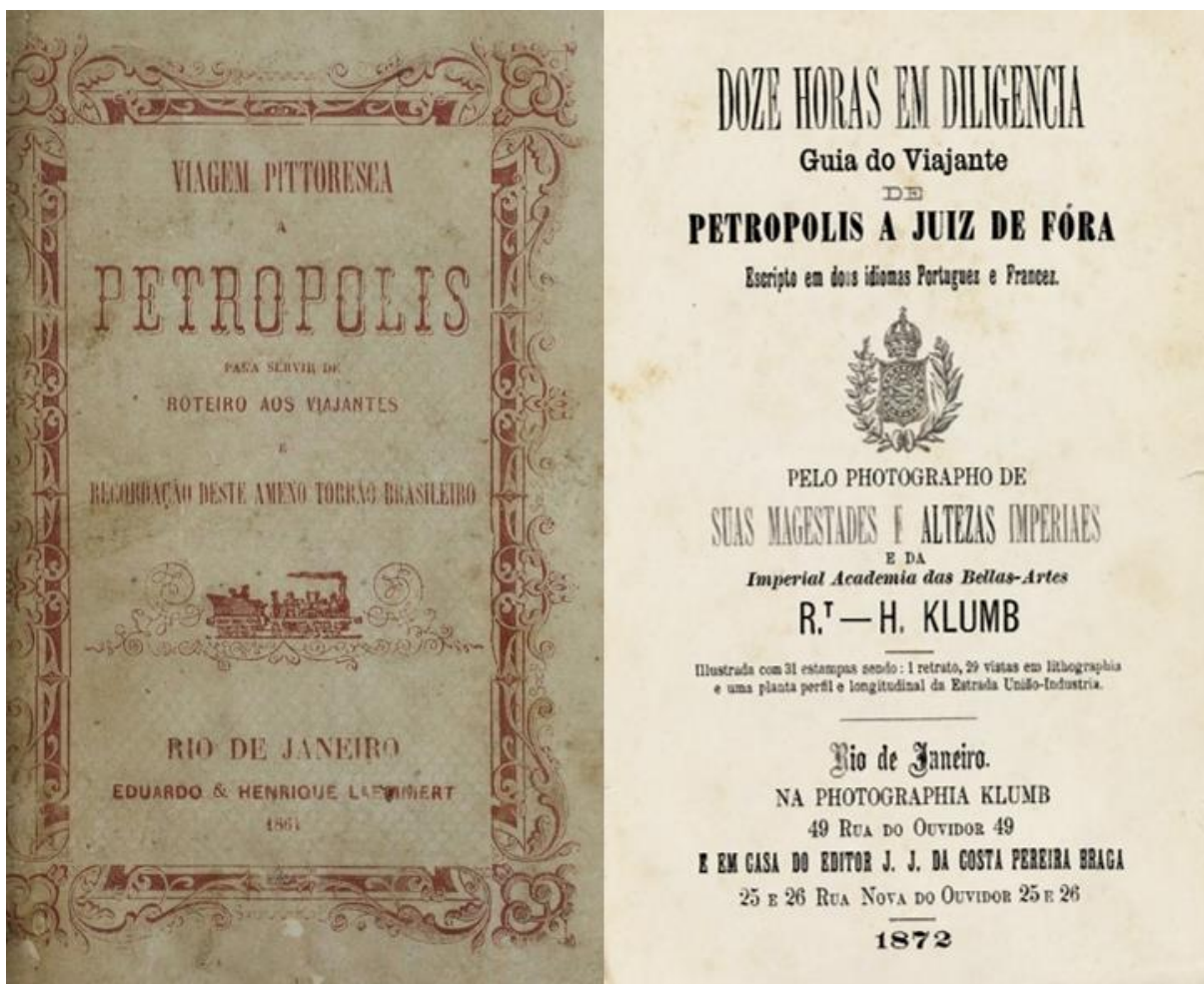
Guia de Viagem	Ano de Publicação	Autor/Editor
<i>Viagem pitoresca a Petrópolis para servir de roteiro aos viajantes e recordação deste ameno torrão brasileiro</i>	1862	Carlos Augusto Taunay / Eduardo e Henrique Laemmert
<i>Doze horas em diligencia, guia do Viajante de Petrópolis a Juiz de Fora</i>	1872	Revert Henrique Klumb / Tipografia J.J. da Costa Pereira Graga
<i>Guia do Estrangeiro no Rio de Janeiro e uma Notícia Histórica sobre os Principais Monumentos</i>	1873	Felix Ferreira / Editora Garnier
<i>Guia do Viajante no Rio de Janeiro</i>	1882	Alfredo do Valle Cabral/ Tipografia da Gazeta de Notícias
<i>Petrópolis – Guia de Viagem</i>	1885	J. Tinoco / Tipografia L. Winter
<i>Impressões de viagem Brazil-Europa. Ida e volta</i>	1887	E.M. Giolma / Tipografia Perseverança
<i>Hand book of Rio de Janeiro</i>	1887	A. J. Lamoureux
<i>La Província de Rio de Janeiro. Notizie all'Emigrante</i>	1888	Félix Ferreira e Antonio Leão/ Tipografia H. Lombaerts e Comp.
<i>Guide de l'emigrant au Brésil</i>	1889	Império Brasileiro / Librairie Charles Delagrave

Fonte: PERROTTA, 2015.

O primeiro guia especificamente para o estrangeiro que visitava a cidade foi intitulado *Viagem pitoresca a Petrópolis para servir de roteiro aos viajantes e recordação deste ameno torrão brasileiro*, identificado como sendo autoria do francês Carlos Augusto Taunay, filho do pintor Nicolas-Antoine Taunay, editado em 1862 por Eduardo e Henrique Laemmert.

Uma década depois, foi publicado *Doze horas em diligencia, guia do Viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*, escrito em português e francês no ano de 1872, pelo fotógrafo Revert Henrique Klumb, professor de fotografia das princesas Isabel e Leopoldina e que descreveu o trajeto na Estrada União e Indústria de Petrópolis a Juiz de Fora, feito entre seis horas da manhã e seis horas da tarde nas diligências da Companhia União Indústria. Deduz-se que os primeiros guias de viagens para o estrangeiro (Figura 32), muito contribuíram para despertar a atenção do viajante que já estava interessado em conhecer o país, porém, não tinha informações suficientes para sua vinda.

Figura 32 – Guias de viagem sobre a cidade Imperial (1862 e 1872).



Fonte: Acervo Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Somente em 1873, o primeiro guia para o viajante do Rio de Janeiro intitulado *Guia do Estrangeiro no Rio de Janeiro e uma Notícia Histórica sobre os Principais Monumentos*, foi lançado pela editora Garnier. Os guias no Brasil, em sua maioria, foram iniciativas de comerciantes que tentavam atrair o estrangeiro ao mostrá-lo mais “civilizado e sofisticado”. Em seu texto introdutório, o autor Felix Ferreira mencionou que muitos viajantes devem ter passado por embaraços na cidade pela falta de informação, visto que até a presente data, não havia sido publicada nenhuma obra como esta para guiar o visitante. Esta pequena obra de apenas 56 páginas e que não continha nenhuma ilustração ou mapa, seria um esboço de um trabalho completo a ser lançado no ano seguinte, o que não aconteceu.

Com uma lacuna de quase 10 anos, foi publicado em 1882 e republicado em 1884, o *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, de Alfredo do Valle Cabral, o segundo guia do Rio de Janeiro, contendo informações pertinentes ao viajante, como o endereço de hotéis e restaurantes.

O espaço de quase uma década desde a última publicação deve ter gerado inúmeros inconvenientes para quem chegava ao país. Tentando suprir essa carência, o guia de Alfredo Cabral, uma obra completa de 488 páginas, foi didaticamente dividido em três partes que, além de descrever os pontos a serem visitados e “prestar facilidade a qualquer informação que se busque”, traçava um perfil da cidade e de seus habitantes (Valle Cabral, 1884).

A primeira parte tratava da chegada do estrangeiro com descrições da entrada baía do Rio de Janeiro, de seu porto e o desembarque no Cais Pharoux, onde o viajante logo que chegava, se deparava com o Paço Imperial, o Chafariz do Mestre Valentim e o Passeio Público, descritos na obra. O guia ia direcionando o leitor dando informações sobre como se locomover, onde se hospedar e alimentar, locais para a higiene do corpo e indicação de ruas. Assim estava dividida a primeira parte do Guia do Viajante de A. do Valle Cabral: I. Entrada do porto; II. Locomoção; III. Hospedagem; IV. Alimentação e bebidas; V. Asseio; VI. Informações; VII. Comunicações; VIII. Indicador das ruas.

Na segunda parte achava-se referências importantes para a estadia do viajante como monumentos e edifícios para conhecer, além de locais de divertimento e estabelecimentos públicos. Nesta parte foram apresentadas secretarias, praças de comércio, escolas, hospitais e igrejas como locais que mereciam ser visitados, divididos da seguinte forma: I. Dos estrangeiros; II. Da naturalização; III. Visita á cidade; IV. Divertimentos; V. Commercio; VI. Artes e Industria; VII. Administração; VIII. Parlamento; IX. Municipalidade; X. Policia; XI. Justiça; XII. Religião; XIII. Estudo e Consulta; XIV. Estabelecimentos e associações scientificas, litterarias, industriaes; XV. Bellas Artes; XVI. Instrucção Superior; XVII. Instrucção Secundaria; XVIII. Instrucção Primaria; XIX. Instrucção elementar practica; XX. Instrucção e educação; XXI. Estabelecimentos de beneficencia; XXII. Associações de beneficencia e caixas de socorros nacionais; XXIII. Associações de beneficencia e caixas de socorros estrangeiras; XXIV. Maçonaria; XXV. Saúde.

Na terceira e última parte, encontrava-se instruções sobre a partida do estrangeiro assim descritos: I. Artigos para viagem; II. Communicações marítimas; III. Exterior; IV. Interior; V. Cidades e logares importantes da província do Rio de Janeiro considerados como passeios e restauradores de saúde. Dentre os lugares citados nesta última parte está Petrópolis, a região escolhida para a construção do palácio de verão da Família Imperial.

Enquanto o guia de Felix Ferreira, segundo o próprio autor, com suas modestas 56 páginas, demonstrava que era um “esboço incompleto” sobre os principais monumentos e locais a serem visitados na cidade, o de Valle Cabral, com suas quase 500 páginas, demonstrava ser

uma obra completa para quem pretendia, não apenas visitar a cidade, como também aqui fixar moradia. A segunda parte dedicada a estadia do estrangeiro trazia informações relativas à naturalização daqueles que foram acolhidos no país, como pode ser observado a seguir.

A naturalização obtem-se, actualmente no Brazil, com máxima facilidade. O assumpto acha-se regulado pela lei de 12 de Julho de 1871, que modificou as anteriores, em sentido mais liberal. Por ella ficou o Governo autorizado a conceder carta de naturalização a todo o estrangeiro maior de 21 annos, que, tendo residido no Brazil ou fora d'elle em seu serviço por mais de dois annos, a requerer, com a intenção manifesta de continuar a residir no Império ou a servi-lo depois de naturalizado. O Governo pôde dispensar do tempo de residência: 1.º Ao casado com brasileira; 2.º Ao que possuir bens de raiz no Império, ou tiver parte, em algum estabelecimento industrial; 3.º Ao que fôr inventor ou introductor de um gênero de industria qualquer; 4.º Ao que se recommendar por seus talentos, letras ou aptidão profissional, em qualquer ramo de industria; 5. Ao filho do estrangeiro naturalizado nascido fora do Imperio antes da naturalização de seu pae (Valle Cabral, 1884, p. 254)

Para enriquecer as páginas, o guia de A. do Valle Cabral também continha uma planta da cidade, uma carta das estradas de ferro do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo e uma vista da Montanha Dois Irmãos.

Depois da republicação do guia de Alfredo do Valle Cabral, no ano seguinte, 1885, foi lançada mais uma obra sobre a cidade Imperial, intitulada *Petrópolis – Guia de Viagem*, do jornalista J. Tinoco. Como correspondente do Jornal do Commercio, o jornalista foi incumbido de acompanhar as altezas reais em algumas viagens, inclusive a Petrópolis. Nessa empreitada, Tinoco sentiu a necessidade de criar um guia para os viajantes, julgando ter sido mais difícil obter as informações sobre a cidade do que propriamente elaborá-lo.

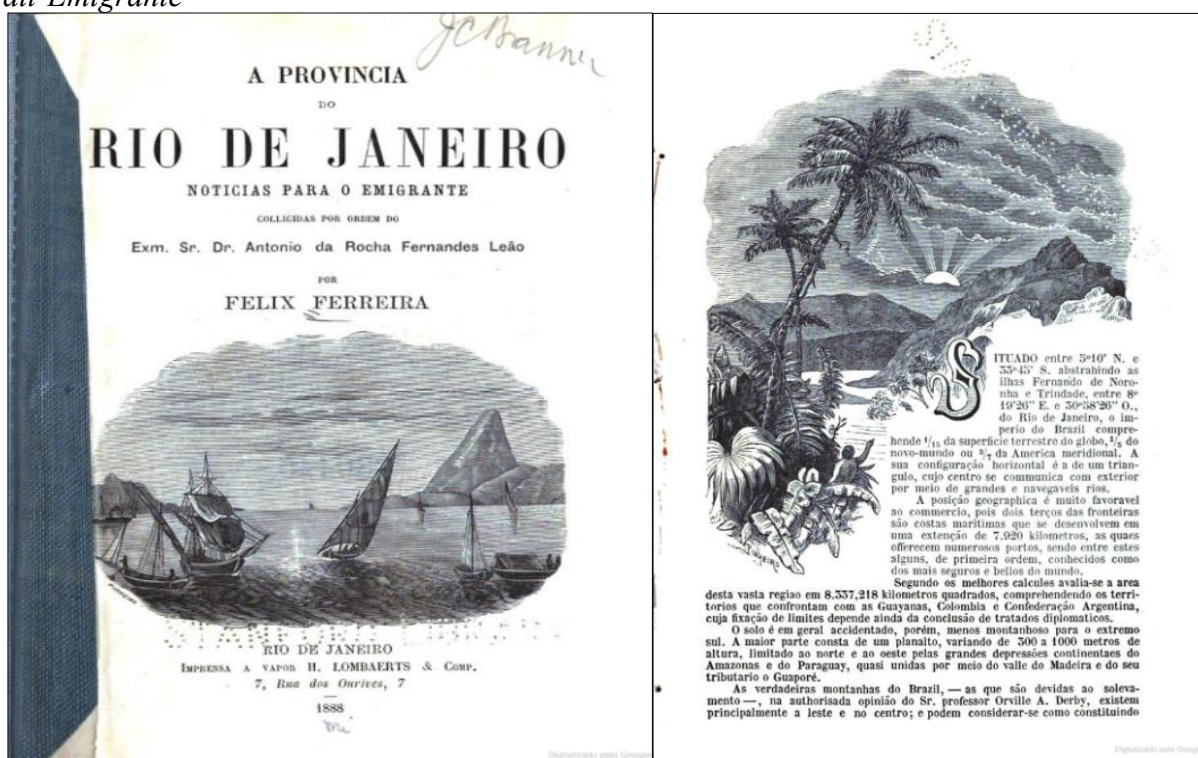
Nas breves linhas com que apresentou o seu Guia, diz que, em falta de melhor, seria ele de proveito, pois fôra muito penoso elaborá-lo, sendo mais difícil obter dados e informações do que fazer obra própria. Conclui a sua apresentação dizendo que obedeceu ao velho preceito: “*Bien choisir parmi les vieilles choses c’est presque inventer des choses nouvelles*”, julgando ter feito trabalho útil e digno de Petrópolis. Preocupado, de fato, em fazer obra de divulgação, seu livro é um verdadeiro guia de viagem (Anuário do Museu Imperial, Ed. Comemorativa, 1995, p. 11).

Ainda nesta década, foi lançada em 1887 as *Impressões de viagem Brazil-Europa. Ida e volta*, um guia publicado em português com 184 páginas, sem ilustrações, mapa ou publicidade. Apesar do título Brazil-Europa, de acordo com Perrota, o Rio de Janeiro foi o conteúdo principal desta obra “onde os assuntos de ordem turística vão sendo tratados sem títulos que facilitem a consulta e sem muitas informações de ordem prática” (2015, p. 231). Já em 1887, *Hand book of Rio de Janeiro*, foi publicado em inglês por A. J. Lamoureux. Um guia

contendo 204 páginas que percorreu assuntos diversos, que iam desde informações sobre a baía do Rio de Janeiro até a história da cidade e suas instituições.

A última obra do século XIX, foi lançada em 1888 e teve a participação de Felix Ferreira, autor do primeiro guia do Rio de Janeiro. *La Província de Rio de Janeiro – Notizie all'Emigrante* (Figura 33), publicação em italiano de 80 páginas contendo um mapa e diversas ilustrações. Era uma obra que ajudava o visitador a conhecer e se interessar pela cidade ou, até mesmo, no caso de imigrantes, passar a morar definitivamente no país.

Figura 33 – Contracapa e primeira página de *La Província de Rio de Janeiro – Notizie all'Emigrante*



Fonte: <https://books.google.com.br/>.

Vale mencionar que, em 1889, foi publicado pelo Império, não no Brasil, mas em Paris, o *Guide de l'emigrant au Brésil*. Como a publicação anterior, um guia especificamente criado como propaganda do país para os imigrantes.

Com o número crescente de estrangeiros dispostos a visitar, explorar e até mesmo morar no Brasil, em especial, na capital do Império, os Guias de Viagem foram publicações fundamentais por trazerem informações sobre a cidade durante sua estadia. As impressões contidas nos guias também demonstravam o que os viajantes iriam encontrar ao desembarcarem

na cidade, preparando-os para as cenas não muito “agradáveis” que presenciariam ao desembarcarem no Cais Pharoux.

Quem aporta no Rio de Janeiro não recebe ás vezes uma impressão agradável, tanto quanto era de esperar, mas depois que se começa a observar todas as suas minudencias, indo-se a um logar mais de uma vez, fica-se então conhecendo quanto é magestosa e encantadora a capital do Imperio (Valle Cabral, 1884, p. 322).

Enquanto os livros de viagem descreviam as belezas da fauna e flora, os hábitos e costumes da população brasileira, os Guias de Viagem davam preferência em destacar os prédios, monumentos, empresas, comércio, hotéis, como se locomover e o que a cidade oferecia ao viajante, enfim, informações necessárias sobre locomoção, onde se hospedar e como se divertir. Falando em divertimento, as praias, mesmo tendo sido citadas em alguns guias, não eram consideradas no século XIX um dos atrativos principais. O lazer no Rio de Janeiro oitocentista mostrado nos guias, em geral, estava resumido aos Passeios Públicos, teatros e visitas às confeitarias, restaurantes e festas religiosas, locais de encontros e convivência social.

Com informações primordiais para o viajante ou imigrante e, contendo anúncios de alguns serviços prestados na cidade, mostrando quem eram os principais financiadores destas obras, investigar os guias de viagem do século XIX e ter acesso aos roteiros neles descritos, como locais indispensáveis de serem visitados, foi importante para se observar, com o olhar do viajante, o que merecia ser conhecido neste período, além de ser fundamental para examinar o cotidiano do Rio de Janeiro oitocentista. Por fim, os Guias de Viagem tinham a incumbência de mostrar uma nova cidade que foi sendo transformada ao longo do oitocentos, mais “requintada” e “civilizada”, em outros termos, mais apropriada para receber visitantes.

1.6 O olhar europeu: uma elite que copiava os modos franceses e a “população exótica”

As histórias contadas sobre a viagem ou “fuga” da Família Real portuguesa para o Brasil em 1808, são no mínimo interessantes e curiosas. Antes de mais nada, uma viagem que não foi planejada, um embarque feito às pressas, que durou cerca de três meses em alto mar, com condições totalmente insalubres, com ratos, baratas e insetos dividindo o espaço com a nobreza amontoada nos compartimentos dos navios. Com toda essa conjuntura, os membros da Família Real não passariam ilesos.

D. Carlota Joaquina, esposa de Dom João VI e suas filhas, assim como outras damas da Corte, tiveram que cortar rentes seus cabelos durante a viagem devido uma infestação de piolhos que atingiu sua embarcação. Com cabelos curtos e sem perucas, a solução foi desembarcar no Rio de Janeiro usando turbantes. As mulheres que habitavam a colônia, achando serem os turbantes a última moda na Europa, começaram a imitar as portuguesas recém-chegadas. Observa-se na Figura 34, Dona Carlota Joaquina com seu deselegante turbante que virou moda entre as brasileiras.

Figura 34 - Rainha Carlota Joaquina.



Fonte: Rainha Carlota Joaquina, 1816. Jean-Baptiste Debret
Aquarela 17,20 cm x 14,60 cm Museu Castro Maya -
IPHAN/MinC (Rio de Janeiro).

Com uma população, em sua maioria iletrada e desinformada, observa-se nos escritos de viajantes oitocentistas, que copiar o que vinha da Europa era a solução para tentar equiparar-se culturalmente ao máximo possível dos habitantes do Velho Mundo.

Ao chegar à cidade, John Luccock (1975) fez uma descrição minuciosa do Rio de Janeiro e de sua “população exótica”. Assim descreveu o inglês: “em geral os brasileiros eram violentos” (p. 69); “seus comércios eram singelos e abarrotados de produtos de exportação que

o estado de desespero da mãe-pátria tinha acumulado em suas mãos” (p. 71); “profissionais ignorantes de orgulho tolo e presunçoso, que dominava em todas as classes da sociedade brasileira” (p.73).

Sendo convidado para jantar em algumas residências de brasileiros, anotou o inglês que as casas não eram arejadas, quase nunca varridas e toda espécie de detrito eram jogados no pátio, porém, as louças e os móveis eram ingleses. Durante as refeições, “não há grande limpeza nem boas-maneiras” (1975, p. 84). Em relação às mulheres brasileiras, o estrangeiro não poupou sua pena para descrever em suas anotações, seu comportamento e conduta na sociedade:

Seria absurdo pretendermos a um relato igualmente detalhado das diferentes ordens de mulheres e de suas várias ocupações [...]. O pouco contacto que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põem a nu a sua falta de educação e instrução. Isto, aliás, fazia parte do sistema declarado; estava assentado que o saber ler para elas não devia ir além do livro de rezas, pois que isso lhes seria inútil, nem tão-pouco se desejava que escrevessem a-fim-de que não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte. A ignorância entre elas predominava, ao tempo em que vieram o Regente com seu séquito [...] De sua aparência e modos de vestir, nós outros, estrangeiros, éramos melhores juízes que de suas mentalidades. [...] Suas maneiras são o oposto de qualquer coisa de grácil [...] Falam com fluência, mas em geral em tom alto e agudo. Sua aparência geral é maliciosa e faceira; não parecem ter a mínima idéia de que os modos delas possam provocar repulsa ou, mesmo, que possam deixar de ser objetos de admiração. [...] O fato é que, aos dezoito, uma dama brasileira já atingiu sua plena maturidade. [...] Começa a decair, perde o bom-humor das suas maneiras, assumindo em seu lugar uma carranca desagradável; [...] aos vinte e cinco anos, trinta, no máximo, já se tornaram perfeitas velhas enrugadas. [...] O exercício físico que essas damas fazem se reduz ao caseiro; [...] Entre as ocupações casuais das damas de categoria acham-se o bordado de bastidor e as flôres artificiais. [...] Que é que se pode esperar das mulheres desta terra quando transformadas em mães? [...] Quanto à instrução caseira, que pode ensinar, quem nada sabe? (Luccock, 1975, p. 75-79).

O estrangeiro descreveu as mulheres brasileiras como desleixadas, pouco educadas e descuidadas em relação à sua aparência pessoal. Ele observou que elas não se preocupavam em se vestir de forma adequada em suas residências, muito menos, seguir as normas sociais de etiqueta. No entanto, as poucas vezes que saíam de casa, em especial para as missas dominicais, havia uma tendência de exibir mulheres como objeto de luxo, usando roupas extravagantes e joias caras, sempre procurando imitar o estilo de moda europeia.

Num país com uma especificidade como o Brasil, que de colônia se transformou em sede da monarquia, os estrangeiros que aqui estiveram durante o século XIX, encontraram uma realidade onde os hábitos, valores e modelos de comportamento estavam em desacordo com suas referências. No entanto, John Luccock terminou sua descrição acima sobre os hábitos de higiene, salientando que, pouco a pouco, os modos e usos ingleses foram sendo introduzidos,

ou seja, lentamente “noções de civilidade” foram sendo incluídas entre os brasileiros e, deve-se a esta mudança, não somente ao contato com o europeu, mas principalmente, a imitação de seus hábitos e costumes.

Como referido, o modelo de civilidade a ser seguido era o europeu, entretanto, mesmo sendo o século XIX o período de supremacia inglesa, que revelou ao mundo o padrão de modernidade oriundo da Revolução Industrial, o exemplo de civilidade para a população dos trópicos vinha da França.

Depois da vinda da Família Real para o Brasil e a abertura dos portos, sabe-se que praticamente todo comércio do país ficou a cargo da Inglaterra e, a Rua do Ouvidor, foi uma das primeiras ruas do Rio de Janeiro a ter estabelecimentos de comerciantes ingleses. Porém, a partir de 1815, com a derrota do exército de Napoleão Bonaparte e firmada a paz entre as nações, os produtos franceses foram conquistando o mercado do Rio de Janeiro, principalmente em relação à moda.

As consequências da abertura dos portos para o comércio europeu foram registradas por alguns pesquisadores. Rubens Borba de Moraes, no texto de apresentação da obra *Notas sobre o Rio de Janeiro*, de John Luccock, descreveu o franqueamento dos portos do Brasil ao comércio estrangeiro. “Os primeiros navios entrados no porto vinham carregados das mais esquisitas mercadorias, tais como pesado cobertores de lã, fogões para calefação de apartamentos, bacias de cobre para aquecer a cama e... patins para gelo! (1975, p. XI). O Rio de Janeiro do início do século XIX, descrito pelos visitantes, estava longe de ser comparado às grandes cidades europeias, como Londres e Paris, mas a partir desse momento, o que era consumido lá, poderia ser vendido aqui, até produtos totalmente dispensáveis a um país tropical, como os especificados acima.

Em um anúncio publicado na Gazeta do Rio de Janeiro (Figura 35), na edição de 25 de outubro de 1817, constatava-se que as lojas da cidade estavam repletas de novidades vindas da Europa. Os novos modelos adquiridos por uma pequena parcela da população que poderia comprá-los, eram exibidos, principalmente, nas procissões e missas dominicais, onde as mulheres da Corte saíam de suas “clausuras” para exibir toda pompa que podiam mostrar.

Figura 35 – Anúncio de jornal oferecendo produtos europeus (1817)¹⁹

Joaquim Martins Pinto, na rua *Direita* N.º 20, tem para vender, além do grande sortimento de fazendas de bom gosto e qualidade, do que o publico está bem persuadido, chegadas ultimamente de *França*, para senhoras, vestidos de seda de todas as cores lavrados de ouro, prata, e matiz, ditos de escomilhas, e filós, e sedas arrendadas, bordados de ouro, prata, e matiz, ditos de filós brancos de seda, e linha. Ricas guarnições de flores, rendis, e filós, inclusivas de ouro, e prata, muito ricas. Sedas em peças, que vendem a covados, filós bordados de ouro e prata, ditos lizos, escomilhas de todas as cores precisas, gargantilhas de cambraia bordadas, Murças, ornamentos ricos para cabeça, muitos chales de lã fingindo a de camelo. De *Lisboa* hum grande sortimento de chapéos para homem de castor á ultima moda da *Fabrica de Salgado*. De *Inglaterra* hum rico e grande sortimento de galões para guarnições de seges, e carruagens.

Fonte: Fonte: Biblioteca Nacional Digital/ Acervo Digital.

A influência francesa no Rio de Janeiro era tamanha, seja no vestuário, na cozinha, nos hábitos e na conversação que um jornal local que circulava na primeira metade do século, continha o seguinte anúncio publicado em francês: “A louer, à des Français seulement, le deuxième étage de la Maison rue des Ourives, 20” (Renault, 1969, p. 3)²⁰. Até mesmo fora da capital do país, a influência francesa era notada. Ao chegar no Brasil e desembarcar em Recife, a inglesa Maria Graham fez a seguinte observação sobre uma “pitoresca” família de sertanejos que encontrou em Boa Vista:

A família que encontramos formava um grupo muito pitoresco: os homens vestidos de couro dos pés à cabeça. A jaqueta leve e as calças são tão apertadas como as roupas dos mármores de Egina, e produzem mais ou menos o mesmo efeito; o pequeno chapéu redondo tem a forma do petaso de Mercúrio. Os sapatos e polainas da maior parte eram excelentemente adaptados para a defesa das pernas e dos pés no cavalgar por entre as asperezas. O tom geral do conjunto era um belo castanho queimado. Fiquei aborrecida porque a mulher do grupo vestia uma roupa evidentemente à moda francesa. Estragava a unidade do grupo (Graham, 1990, p. 135).

Os sertanejos, de acordo com a inglesa, constituíam uma casta de homens rudes. A decepção da estrangeira ao observar as mulheres do grupo vestidas à francesa demonstrava que os estrangeiros que aqui chegaram pretendiam ver as curiosidades e costumes da cultura local, no falar, no agir e no vestir, porém, acabaram por encontrar uma população que em tudo procurava imitar os hábitos europeus, até mesmo fora da capital do país.

¹⁹ Transcrição livre da autora: Joaquim Martins Pinto, na rua Direita N. 20, tem para vender, além do grande sortimento de fazendas de bom gosto e qualidade, do que o publico está bem persuadido, chegadas ultimamente de França, para senhoras, vestidos de seda de todas as cores, lavradas de ouro, prata, e matiz, ditos de escomilhas, e filós, e sedas arrendadas, bordados de ouro, prata, e matiz, ditos de filós brancos de seda, e linha. Ricas guarnições de flores, rendas, e filós, inclusivas de ouro, e prata, muito ricas. Sedas em peças, que vendem a covados, filós bordados de ouro e prata, ditos lizos, escomilhas de todas as cores precisas, gargantilhas de cambraia bordadas, murças, ornamentos ricos para cabeça, muitos chales de lã fingindo a de camelo. De Lisboa hum grande sortimento de chapéos para homem de castor á última moda da Fábrica de Salgado. De Inglaterra hum rico e grande sortimento de galões para guarnições de seges, e carruagens.

²⁰ Tradução livre da autora: “Aluga-se, apenas para franceses, o segundo andar da Maison rua dos Ourives, 20”.

A francesa E. de Langsdorff, descreveu em seu diário a respeito da preferência dos moradores do Brasil pelos franceses. “No momento, a Inglaterra é detestada por aqui, e, em contra-partida, cresce o amor pela França, e isto faz com que as diferenças que há entre as duas nações se façam sentir mais acentuadamente” (2000, p. 153).

A rivalidade entre ingleses e franceses na primeira metade do século XIX, está associada, principalmente, às questões políticas e econômicas. Uma das principais questões que alimentou a rivalidade foi a competição pelo domínio colonial. Além disso, havia também rivalidades econômicas. A Revolução Industrial na Inglaterra fez com que o país se tornasse uma potência econômica global, enquanto a França buscava recuperar sua posição como uma grande nação. Isso resultou em competição comercial e disputas por mercados internacionais.

O contato maior de E. de Langsdorff enquanto esteve no Brasil foi com a Família Imperial, em especial, com a princesa D. Francisca de Bragança, escolhida para ser a esposa do príncipe Joinville. Coube a baronesa de Langsdorff a missão de preparar a jovem esposa do príncipe durante a viagem de retorno à França. Durante o longo percurso, a princesa D. Francisca, apesar de toda instrução que recebeu como uma nobre da Casa dos Bragança, confidenciou à sua companheira de viagem o receio de não ser aceita na Europa por ser brasileira e a considerarem “sem cultura”: “O príncipe disse-me que na França acreditam que os brasileiros sejam todos selvagens, que comam gente! Todos pensarão que tenho hábitos bizarros!” (D. Francisca *in* Langsdorff, 2000, p. 259). A própria baronesa de Langsdorff, mesmo muito afeiçoada a “pura, inocente e piedosa” Francisca, anotou em seu diário que as princesas europeias, eram certamente e sem dúvida, mais instruídas do que as do Brasil (2000, p. 146). Ou seja, por mais educada que fossem, nunca estariam à altura das princesas europeias.

Ainda sobre os costumes observados pelas viajantes, a austríaca Ida Pfeiffer descreveu a falta de zelo nas casas, a indolência e o desprezo pelo trabalho da população brasileira, principalmente das mulheres.

Não existem aqui, como em outros países quentes, terraços e varandas ordenadas com balaustradas e flores. O que se vê são sacadas sem gosto e postigos de madeira maciça fecham as janelas, para impedir a entrada do menor raio de sol nos aposentos. Fica-se numa obscuridade quase completa, o que aliás, é indiferente para as senhoras brasileiras, pois não se cansam os olhos lendo ou trabalhando (Pfeiffer *apud* Moreira Leite, 1997, p. 54).

O comportamento e os costumes das mulheres brasileiras chamaram a atenção de muitas estrangeiras. Algumas viajantes anotaram em seus escritos que as brasileiras quase nunca saíam

sozinhas às ruas, viviam “enclausuradas” por seus maridos, cuidando dos filhos e da casa, saindo praticamente para participar das missas de domingo, dias santos e das procissões. Rose de Freycinet, em sua breve estada no Rio de Janeiro, observou que “as mulheres, proibidas de ir a espetáculos, substituem-nos por essas festas; elas vão lá, enfeitadas e decotadas como para um baile” (2013, p. 51). Raramente, quando era permitido às mulheres irem a algum espetáculo, jamais poderiam ser admitidas na plateia, seu lugar estava reservado nos camarotes, “reprodução provisória da casa e da família” (Moreira Leite, 1997, p. 60). A situação da mulher no país e a atração das cerimônias religiosas, foram mencionadas mais de uma vez pela francesa.

Parece, aliás, que a igreja lhes dá muitas ocasiões de fazê-lo, pois há festas quase todos os dias, sobretudo à noite. As mulheres se enfeitam, então, de acordo com a importância da festa. Eu fui a uma dessas assembleias brilhantes, que não posso chamar de cerimônias religiosas, pois mais pareciam uma representação de ópera (Freycinet, 2013, p. 51).

Mesmo tendo pouco contato com as mulheres no Brasil do início do século XIX, os viajantes as descreveram como sem instrução e sem educação, pois, o único livro que lhes era permitido ler era o das rezas ou o de boas maneiras. A viajante francesa Adèle Toussaint-Samson sobre o costume no Brasil de que mulheres não deveriam sair às ruas, observou que as estrangeiras, por caminharem sozinhas, foram muitas vezes comparadas à uma *madame*, ou seja, uma cortesã. No entanto, devido à grande circulação de estrangeiras no país durante o século XIX, aos poucos essa percepção foi sendo alterada.

Como as brasileiras jamais saíam sozinhas às ruas naquela época, na cidade eram encontradas apenas francesas ou inglesas que, por esse único fato de saírem sós, viam-se expostas a muitas aventuras: “É uma Madame!”, diziam sorrindo os brasileiros, o que significava uma francesa e subentendia uma cortesã [...] Os sul-americanos compreenderam, enfim, que há mulheres que, por ir a pé, sozinhas, ganhar a vida a ensinar sob aquele sol de fogo, não são por isso menos honradas, e começam a não dizer mais, como aquele ar de profundo desdém: “É uma Madame!”, porque mais de uma madame os ensinou a viver (Toussaint-Samson, 2003, p. 19).

Entretanto, completou a francesa, “não se deve acreditar que sejam por isso mais virtuosas que outras! Apenas, têm a arte de parece-lo” (Toussaint-Samson, 2003, p. 153). Assim como Luccock, a francesa descreveu em seu diário a situação das mulheres no Brasil que, muito cedo envelheciam e se tornavam mais do que antes, uma “pária” para a sociedade.

Ora, para os brasileiros, toda mulher que passou dos trinta anos é uma velha, e não terão receio de dizer-lhe, então: “Está acabada”! Não se poderia ser mais amável, como vêem! A partir desse momento, a mulher não conta mais. Assim, as brasileiras chegadas a essa idade geralmente se tornam desleixadas. Prendem os cabelos sem cuidado, de qualquer jeito, quase já não frequentam a sociedade, e passam um dia inteiro de penhoares soltos e sem corpete (Toussaint-Samson, 2003, p. 166).

Com a chegada da Família Real, alguns hábitos começaram lentamente a mudar no país, inclusive podia-se encontrar algumas mulheres pertencentes aos grupos da elite frequentando as festas, óperas e cerimônias oficiais da Corte. De acordo com Mary del Priore, no século XIX, o país começava a sair de uma profunda sonolência, principalmente após a chegada da Família Real, onde foram introduzidos hábitos sociais até então inexistentes

Mas para aqueles que não faziam parte do círculo da nobreza, ou seja, a maior parte da população do Rio de Janeiro, não havia muitas formas de divertimento e interação, restando apenas as cerimônias religiosas católicas como meio de convívio social. Como mencionado, a participação nas missas de domingo e dias santos também era uma das poucas oportunidades que a família brasileira tinha para expor os modelos que copiavam dos estrangeiros, como pode ser observado na Figura 36, de autoria do pintor brasileiro Joaquim Lopes de Barros Cabral.

Figura 36 – Família indo à Missa (1841).



Fonte: Litografia, aquarela e lápis de cor sobre papel (23,0 x 19,3 x 2,0 cm). Atribuído a Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, 1841. Acervo de Iconografia / Instituto Moreira Passos.

O carioca Joaquim Lopes de Barros Cabral, frequentou a primeira turma da Academia de Belas-Artes, tendo como um de seus professores o artista francês Jean-Baptiste Debret. Na gravura acima, percebe-se traços bem parecidos com as obras de seu professor. Como referido anteriormente, um dos objetivos da Missão Artística Francesa, contratada por Dom Joao VI em 1816, seria criar a Academia, o que só aconteceu, em 1826. É de Cabral o *Álbum Costumes Brasileiros*²¹, com pinturas vendidas como suvenires para os estrangeiros que visitavam o Rio de Janeiro. Assim como as obras de seu professor, seu álbum destacou-se por representar os hábitos e costumes da população do Rio de Janeiro que, ao longo do século XIX, foram se transformando.

Em relação aos costumes e comportamento da mulher na sociedade, a mínima mudança para elas significava muito. Um exemplo disso foi a publicação do decreto de 1809, editado pelo Intendente Geral da Polícia, que eliminava o uso das rótulas²² nas casas. Essa simples mudança num costume arquitetônico antigo das moradias, significou, para as mulheres em especial, o começo do fim do enclausuramento.

A mulher, que vivia ensombrada por detrás das rótulas, recebe um sôpro leve de espiritualidade, de liberdade, liberdade de poder sair à rua, num dia de festa, que não fosse somente para seguir algum cortejo religioso ou orar na igreja mais próxima. Este dia significa muito na evolução do meio familiar do Rio, pois, desde que a mulher pôde sair à rua, "todo o velho edifício colonial da família passou por completa reforma (Renault, 1969, p. 12).

Os responsáveis pela organização da cidade após a vinda da Família Real, se esforçavam para tornar o país, em especial a sede da Corte, num lugar mais europeizado, portanto, mais “civilizado” para aqueles padrões. O olhar do viajante em relação à população dos trópicos, em especial, da elite, era um olhar que descrevia uma gente que em tudo copiava os modos europeus, principalmente os franceses, seja na forma de vestir, de falar, na alimentação, nos costumes, na cultura e também na educação, o que acabou ajudando a formular

²¹ Joaquim Lopes de Barros Cabral foi um pintor, desenhista, cenógrafo, caricaturista e professor. Aluno da primeira turma da Academia Imperial de Belas Artes, matriculou-se nas aulas de pintura de Jean-Baptiste Debret e de arquitetura de Grandjean de Montigny, em 1826. É dele o *Álbum Costumes Brasileiros*, uma obra com 50 litogravuras contendo imagens do cotidiano do Rio de Janeiro e de sua gente, em especial os escravizados. O álbum completo está disponível no site <https://www.brasilianaiconografica.art.br/autores/19094/joachim-lopes-de-barros-cabral-teive>

²² Herança da arquitetura árabe, rótulas são estruturas de madeira com detalhes em forma de semicírculo ou retângulo que se projetavam nas fachadas das casas, geralmente localizadas no segundo andar. Elas possuíam uma função estética, proporcionando um elemento decorativo, mas também possuíam uma função prática, diminuindo tanto a circulação do ar e a entrada do sol, quanto a exposição das mulheres da casa.

essa ideia de “população exótica”, pois nem tudo o que era considerado o ideal na Europa poderia ser aplicado aqui.

A partir daí, em quase tudo, o brasileiro procurou imitar os franceses, nos hábitos e no vestuário, falando em francês e andando de casaca preta e cartola, mesmo em pleno calor do verão carioca. Os anúncios e os nomes das casas comerciais, como demonstração de requinte, eram também em francês (Cohen, 2001, p. 47).

A Rua do Ouvidor, que já abrigava desde o início do século XIX um número considerável de comerciantes ingleses, foi invadida pelos comerciantes franceses: modistas, alfaiates, cabeleireiros, artesãos, doceiros e etc. De acordo com Macedo, “depois da paz geral da Europa e dos tratados de Viena d’Áustria, em 1815, os franceses entraram, pois, com o pé direito e três vezes com o pé direito no Rio de Janeiro” (2011, p. 96). Mas foi a partir da década de 1820, no reinado de Dom Pedro I, que a Rua do Ouvidor se consagrou como a rua da moda, talvez essa fama teve início devido ao *atelier* de *Mme. Joséphine*, a modista da imperatriz consorte do Brasil, D. Leopoldina. Todas as senhoras da Corte, gozando agora de um pouco mais de liberdade, passaram a frequentar o *atelier* de *Mme. Joséphine* e demais lojas que ali fora instalada. A Rua do Ouvidor se tornou a Paris dos brasileiros, de *Mme. Joséphine* e de *Mlle. Lucy*, das casas de moda Saisset e Masset, da casa de fundas de *Mme. Vannet*, da famosa loja de flores de *Mme. Finot* e assim por diante (Cohen, 2001, p. 33). Onde antes se ouvia *good morning*, passou a se ouvir *bonjour*, onde antes se falava *thanks*, passou-se a falar *merci*. Ao folhear os jornais da época (Figura 37), se tem uma noção de como os estrangeiros, em especial os franceses, dominavam o comércio na Ouvidor, principalmente, o da moda.

Figura 37 – Anúncio no Jornal do Commercio (Ano 1840\Edição 00016)²³

— **MME. SEURAT**, modista, rua do Ouvidor n. 114, recebeu, pelo ultimo navio chegado do Hâvre, huma porção de chapéos e toucas de senhoras, do gosto mais moderno de Paris: na mesma casa faz-se chapéos e toucas dos feitios mais modernos, e também vestidos no ultimo gosto, sendo os preços razoáveis.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

²³ Transcrição livre da autora: Mme. SEURAT, modista, rua do Ouvidor n. 114, recebeu, pelo ultimo navio chegado do Hâvre, huma porção de chapéos e toucas de senhoras, de gosto mais moderno de Paris: na mesma casa faz-se chapéos e tocas dos feitios mais modernos, e também vestidos no ultimo gosto, sendo os preços razoáveis.

Além dos tecidos finos para as modistas francesas, dos navios vindos do Porto de Havre chegavam todo tipo de acessórios como luvas, leques, chapéus e sombrinhas para completar o visual. Os chapéus eram bastante ornamentados, com penas, flores e fitas, e ajudavam a demonstrar o status social da mulher. Tudo isso podia ser encontrado na Ouvidor. Além das roupas e acessórios, o comportamento refinado e cortês passou a ser muito valorizado. Não bastava se vestir à francesa, precisava se comportar como à francesa.

Sobre a Rua do Ouvidor, destacou a parisiense Adèle Toussaint-Samson em seu diário, a única rua citada por ela, talvez por ter lhe chamado a atenção pela forma como foi organizada.

Não sendo minha intenção fazer aqui a nomenclatura das ruas do Rio de Janeiro e de seus monumentos, abandonarei esse assunto depois de ter dito uma palavra, porém, sobre a rua do Ouvidor, rua essencialmente francesa, onde os estabelecimentos de nossas modistas, de nossos cabeleireiros, de nossos floristas e de nossos confeitores exibem-se em todo seu esplendor. É o ponto de encontro habitual dos jovens da cidade que, a pretexto de comprar charutos ou gravatas, ali vão fazer a corte às francesas, que eles adoram. Essa rua, embora estreita e feia, é de alguma maneira o *Boulevard des Italiens* da capital do Brasil; lá só se ouve falar francês, e que francês, meu Deus! É lá que a vaidade de nossos compatriotas, que partiram trabalhadores e tornaram-se chefes é risível de se ver! Todos orgulhosos de ter dinheiro e escravos. É a custo que se dignam honrá-lo com um pequeno cumprimento protetor com a ponta dos dedos (Toussaint-Samson, 2003, p. 85).

De acordo com Tania Quintaneiro, ao findar o século XIX, os que visitavam o país já notavam uma certa mudança de comportamento da população e fortes indícios de modernidade, chamada por eles de “europeização” da sociedade. Inclusive para a autora, a adoção do padrão de moda europeia, mesmo não sendo apropriada ao clima brasileiro, aos olhos dos viajantes, era uma prova de esforço de “civilidade”. No que diz respeito à flexibilização dos costumes em relação às mulheres, aos poucos elas foram deixando sua clausura e assumindo um protagonismo maior na vida social. Enfim, convivendo com tantos estrangeiros e estrangeiras ao longo do século, era praticamente impossível que alguns hábitos e costumes não fossem incorporados ao cotidiano do brasileiro.

Entre os motivos apontados para os avanços em direção à maior mobilidade feminina nos logradouros públicos estava a influência exercida pelo comportamento dos numerosos residentes estrangeiros e pessoas que afluíam ao país, inclusive do sexo feminino. A viúva Graham, que se fazia acompanhar de seus amigos em prolongadas excursões a cavalo pelos arredores do Rio desde a década de 20, pode servir de exemplo (Quintaneiro, 1995, p. 76).

O Rio de Janeiro experimentou significativas mudanças na urbanização, com inúmeras reformas e melhorias que transformaram e melhoraram a cidade, tornando-a mais adequada ao seu status de Município Neutro da Corte. No decorrer do século XIX, foi surgindo uma nova

ordem urbana, em que as cidades, os habitantes e os costumes eram regidos pelo modelo europeu, exalando, de acordo com o estrangeiro, um ar mais “civilizado”. Foi pelo olhar do viajante e pelo que eles escreviam, que o morador da cidade passou a se enxergar e ao mesmo tempo, a se adaptar a uma nova etapa. “O viajante, em sua qualidade de estrangeiro, como não fazia parte do grupo cultural visitado, tinha condições de perceber aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se incapaz de perceber” (Moreira Leite, 1997, p. 9). No entanto, houve também uma troca de “conhecimentos”, pois assim como os que vinham de fora ensinavam aos habitantes novos costumes e boas maneiras, os daqui apresentaram aspectos importantes do cotidiano para o visitante. Enfim, o intercâmbio cultural aconteceu, não de forma equilibrada e igualitária, mas essa troca trouxe impactos significativos na formação da identidade brasileira.

2 ASPECTOS DE CIVILIDADE E EDUCAÇÃO: VIAJANTES ACOMPANHADAS E OS RELATOS DO NOVO MUNDO

Com efeito, ela [a civilidade] é aquilo que distingue o homem do animal, constituindo a característica de sua natureza.

*Roger Chartier*²⁴

Como especificado, esta tese defende que os registros das mulheres viajantes do século XIX, contribuíram para configurar as ações/impressões e movimentações nos planos da civilidade, caracterizada como uma experiência educativa. No entanto, o que as pessoas do século XIX entendiam por civilidade? A partir desse entendimento, o que era considerado “civilizado” ou “não-civilizado” neste período?

De acordo com Jacques Revel (2009), a civilidade pode ser entendida como um conjunto de normas e comportamentos que regem as interações sociais em uma determinada comunidade ou sociedade. Essas normas geralmente envolvem um código de conduta e etiqueta que define como as pessoas devem se comportar em diferentes contextos sociais.

Há registros desde a Grécia Antiga de escritos que ensinavam as boas maneiras, entretanto, foi a partir do século XVI que se observou na Europa, “um intenso esforço de codificação e controle dos comportamentos. Submete-os à normas da civilidade, isto é, às exigências do comércio social” (Revel *in* Chartier, 2009, p. 169). Em 1530, o humanista cristão e educador Erasmo de Rotterdam publicou *A civilidade pueril*, obra de referência para os demais textos de “boas maneiras” que viriam a seguir. Os Manuais de Civilidade se tornaram praticamente leitura obrigatória, principalmente entre “os bem-nascidos”, neles estavam contidas as regras de conduta que, para o autor, pareciam ser mais importantes naquele momento. Uma das principais ideias transmitidas por Erasmo de Rotterdam em seu manual foi a importância do equilíbrio entre a natureza humana e a educação. Ele acreditava que, embora as pessoas tivessem tendências naturais para o egoísmo e a violência, através da educação apropriada, seria possível moldar um caráter virtuoso e civilizado.

A arte de educar as crianças divide-se em diversas partes, das quais a primeira e a mais importante é que o espírito, ainda brando, receba os germes da piedade; a

²⁴ CHARTIER, 2004, p. 57.

segunda, que ele se entregue às belas-letas e nelas mergulha profundamente; a terceira, que se inicie nos deveres da vida; a quarta, que ele se habitue, desde muito cedo, às regras da civilidade (Erasmus, 1978, p. 70).

A civilidade pueril, provavelmente, o mais conhecido manual de boas maneiras que se tem registro no Ocidente, se tornou uma obra de referência que marcou a longa trajetória da “história da civilidade”, tendo sua influência estendida até o século XIX.

Como referido, as viajantes oitocentistas destacadas neste estudo, em sua maioria europeias, traziam em suas bagagens, não apenas o desejo de conhecer e observar o Rio de Janeiro, mas, devido a certeza de sua “superioridade”, acreditavam estar contribuindo com o processo civilizador de um país julgado por elas “atrasado” culturalmente e “não-civilizado”.

Além de conhecer a história e trajetória das mulheres viajantes estrangeiras, busca-se nesta pesquisa examinar em suas literaturas, como seu olhar feminino registrou, não apenas as belezas deste paraíso de natureza exuberante, assim como os hábitos e costumes de sua “população exótica”. Como mencionado, suas penas não deixaram escapar a repulsa em relação aos maus hábitos da população, e relação aos maus tratos com os escravizados, com a falta de higiene pessoal e a falta de higiene com suas casas. Com base neste contexto, serão analisados nos escritos das mulheres viajantes e como elas observavam os aspectos de civilidade e educação dos habitantes do Rio de Janeiro a partir de três viés: higiene, pudor e bons modos sociais, que se manifestavam na educação pessoal. A palavra “higiene” nem sempre foi utilizada pelas viajantes do século XIX, mas nem por isso deixaram de citar a sua falta utilizando adjetivos como: “sujos”, “repugnantes”, “poucos limpos” e assim por diante.

Até as primeiras décadas do século XIX, “da higiene pública incumbiam-se as águas da chuva, os raios de sol e os diligentes urubus”, resumiu o historiador Capistrano de Abreu. As relações com a higiene e o pudor refletem como os processos civilizatórios modelaram gradualmente as sensações corporais, aumentando seu refinamento, desenrolando suas sutilezas. E, na observação da falta delas, nada escapou aos viajantes. Pelo buraco da fechadura, viam os brasileiros ainda bem longe das “boas maneiras” (Mary del Priore *in* Pinheiro, 2010, Vol. 2, p. 21)

Um dos primeiros viajantes a detalhar os maus hábitos dos moradores do Rio de Janeiro foi o inglês John Luccock, que esteve na cidade no início do século XIX, logo após a abertura dos portos. Luccock também mencionou a falta de cuidado com a aparência pessoal dos moradores. Segundo ele, as pessoas não se preocupavam com a aparência como os europeus, não cuidavam de suas roupas e o cabelo costumava estar desganhado. Até os hábitos durante as refeições foram por ele observadas:

[...] não há grande limpeza nem boas-maneiras, durante a refeição; os pratos não são trocados, sendo entregues ao copeiro segurando-se o garfo e faca numa mesma mão; por outro lado, os dedos são usados com tanta freqüência quanto o próprio garfo. Considera-se como prova incontestável de amizade alguém comer do prato de seu vizinho; e, assim, não é raro que os dedos de ambos se vejam simultaneamente mergulhados num só prato (Luccock, 1975, p. 84).

Sobre os aspectos de civilidade e educação através dos hábitos de higiene nas casas brasileiras, descreveu o inglês:

É de observação vulgar que os hábitos poucos limpos costumam seguir de perto a ignorância. [...] Uma vez por outra, varrem seus aposentos com uma espécie de vassoura feita de erva; mas raramente se atira água ao soalho [...] As paredes internas das casas, primitivamente rebocadas e caiadas, raras vêzes, recebem uma segunda camada, e por falta dela acabam tornando-se amareletas e esverdeadas de bolor. [...] Entre as piores, acha-se uma tina destinada a receber tôdas as imundícies e refugos da casa; que, nalguns casos, é levada e esvaziada diariamente, noutros, somente uma vez por semana, de acôrdo com o número de escravos, seu asseio relativo e pontualidade, porém, sempre que carregado, já sobremodo insuportável. Se acontece desabar um súbito aguaceiro, logo surgem em geral essas tintas, despeja-se-lhes o conteúdo em plena rua, deixando-se que a enxurrada o leve. Nas casas em que não se usa dêsses barrís, tôda espécie de detrito é atirada ao pátio, formando uma montoeira mais repugnante do que é possível a uma imaginação limpa fazer idéia. E ali fica, ajudando a criar os insetos e originando doenças, à espera de que as chuvas pesadas do clima tropical a levem (Luccock, 1975, p. 87).

O relato feito pelo inglês John Luccock foi o mesmo observado por tantos outros que no Rio de Janeiro aportavam. Assim que desciam dos navios, muitas vezes foi necessário sacarem seus lenços e cobrirem as narinas para evitar o mau cheiro das ruas públicas. Sem sistema de esgotos na cidade, a “tina destinada a receber as imundícies” citada por Luccock eram jogadas nas ruas, nos rios e nas praias pelos tigreiros²⁵, como pode ser observado na Figura 38, a seguir.

²⁵ Os escravizados encarregados de recolher e despejar a urina e as fezes dos moradores da cidade foram apelidados de "tigreiros". Diz-se que a origem desse apelido se deve ao nome do barril que servia para a coleta dos excrementos “tigre”. No entanto, o mais comum é que, parte do conteúdo dos barris (ureia e amônia), escorriam pelas costas dos escravizados deixando listras brancas, daí o apelido "tigres" ou “tigreiros”.

Figura 38 – Despejo na Praia de D. Manoel.



Fonte: Litografia de Henrique Fleiuss, s.d. *In*: aventurasnahistoria.uol.com.br

O olhar atento das mulheres viajantes registrou os hábitos de higiene, ou melhor dizendo, os maus hábitos dos habitantes do Rio de Janeiro e as condições da cidade, o que para a maioria, demonstrava uma sociedade e um país ainda longe de serem considerados “civilizados”.

A viajante francesa Rose de Freycinet, sobre os hábitos das famílias portuguesas moradoras no Rio de Janeiro comentou: “Seus hábitos parecem singulares e até desagradáveis. A sujeira é geral e levada ao seu cúmulo na casa dos fidalgos” (2013, p. 49).

A inglesa Maria Graham fez o seguinte registro a respeito da falta de higiene nas casas dos moradores da colônia utilizando uma hipérbole bem eloquente: “Em primeiro lugar, as casas, na maior parte, são repugnantemente sujas” (1990, p. 168).

“A cidade parece uma vila, não pavimentada, com casas muito baixas, ruas estreitas e sujas, lojas miseráveis e tornados odiosas por um cheiro dos mais desagradáveis, causados sobretudo por pedaços de um animal abatido”, destacou a também francesa Émille de Langsdorff, sobre a aparência das ruas da cidade (2000, p. 98).

A norte-americana Elizabeth Agassiz, ao desembarcar no Rio de Janeiro, observou e comparou o que viu com seu país: “Que contraste quando se pensa na ordem, na limpeza, na regularidade de nossas grandes cidades! Ruas estreitas, infalivelmente cortadas, no meio, por uma vala onde se acumulam imundícies de toda espécie” (1975, p. 46).

A educadora alemã Ina von Binzer elogiou a beleza do Rio de Janeiro, porém também destacou a sujeira da cidade: “As ruas são estreitas e mal calçadas. Passei de carro uma vez, mas nunca mais o farei. As calçadas, principalmente nos bairros comerciais, são tão sujas como leito das ruas” (1956, p. 61-62).

O artista francês Jean Baptiste Debret, que registrou em várias telas o intenso movimento do Rio de Janeiro, não poupou nem o homem fazendo xixi em público na companhia de seu escravizado que, pelas vestes, parecia pertencer a uma classe mais abastada, como pode ser observado na cena de rua a seguir (Figura 39). Tais costumes chocavam os viajantes, em especial as mulheres, tanto pela falta de higiene como pela falta de pudor.

Figura 39 – Cena de rua.



Fonte: Debret, s.d. In: BANDEIRA; DO LAGO, 2020, p. 442.

Tendo a Europa como modelo de civilidade a seguir, no decorrer do século XIX, as transformações urbanísticas e as mudanças nos hábitos e costumes da população do Rio de Janeiro foram sendo registradas pelos viajantes. O próprio John Luccock, que permaneceu uma década no país, foi testemunha das primeiras transformações ocorridas do Rio de Janeiro após a vinda da Família Real, descrevendo as melhorias notadas por ele:

No período que decorreu desde a chegada da Rainha, notaram-se consideráveis progressos para a situação mais favorável da capital do Brasil, a que agora mais comumente chamam pelo seu verdadeiro nome de São Sebastião. Acrescentaram-se ruas novas à cidade e fundaram-se novos mercados, enquanto que os antigos melhoram muito em asseio. As casas fizeram-se mais generalizada e simetricamente caiadas e pintadas; aboliram-se as feias gelosias, e alguns dos balcões, que ficaram, viam-se ornamentados com plantas e flôres. Inúmeras pequenas vivendas e jardins enfeitavam as cercanias, tratos de terras eram cuidadosamente cultivados com grama, verduras e flores. As estradas foram alargadas em várias direções ao mesmo tempo que limpadas de mato [...] (Luccock, 1975, p. 162).

Ao conceito de civilidade, soma-se a questão da urbanização. “A civilidade foi um trabalho coletivo que respondia a uma necessidade cuja importância ela mesmo revelou” (Revel *in* Chartier, 2009, p. 176). Após a vinda da Família Real e a abertura dos portos, o primeiro Intendente Geral de Polícia da Corte, Paulo Fernandes Viana, tinha como uma de suas atribuições, tornar o Rio de Janeiro uma cidade habitável e “mais civilizada” para a Corte recém instalada. Para isso, seria necessário mudanças tanto no aspecto arquitetônico quando nos hábitos e costumes dos moradores da antiga Colônia, agora sede da Corte. Em junho de 1809, para que as habitações adquirissem um aspecto mais europeu, o intendente decretou o fim das rótulas e gelosias²⁶ nos sobrados. De acordo com Joaquim Manoel de Macedo, jornalista e memorialista do século XIX, “A higiene, a arquitetura, o embelezamento da cidade exigia a destruição das malignas e feias gaiolas” (2011, p. 89).

Outro ponto que, de acordo com o olhar das estrangeiras era um obstáculo para que o Rio de Janeiro e o Brasil se tornasse “mais civilizado”, era a escravidão. Como criar uma imagem de um país civilizado em uma cidade e um país cujo a maioria da população era composta de escravizados, submetidos a condições desumanas e privadas de direitos básicos, como a liberdade? A presença da escravidão no Rio de Janeiro e no Brasil, representava um

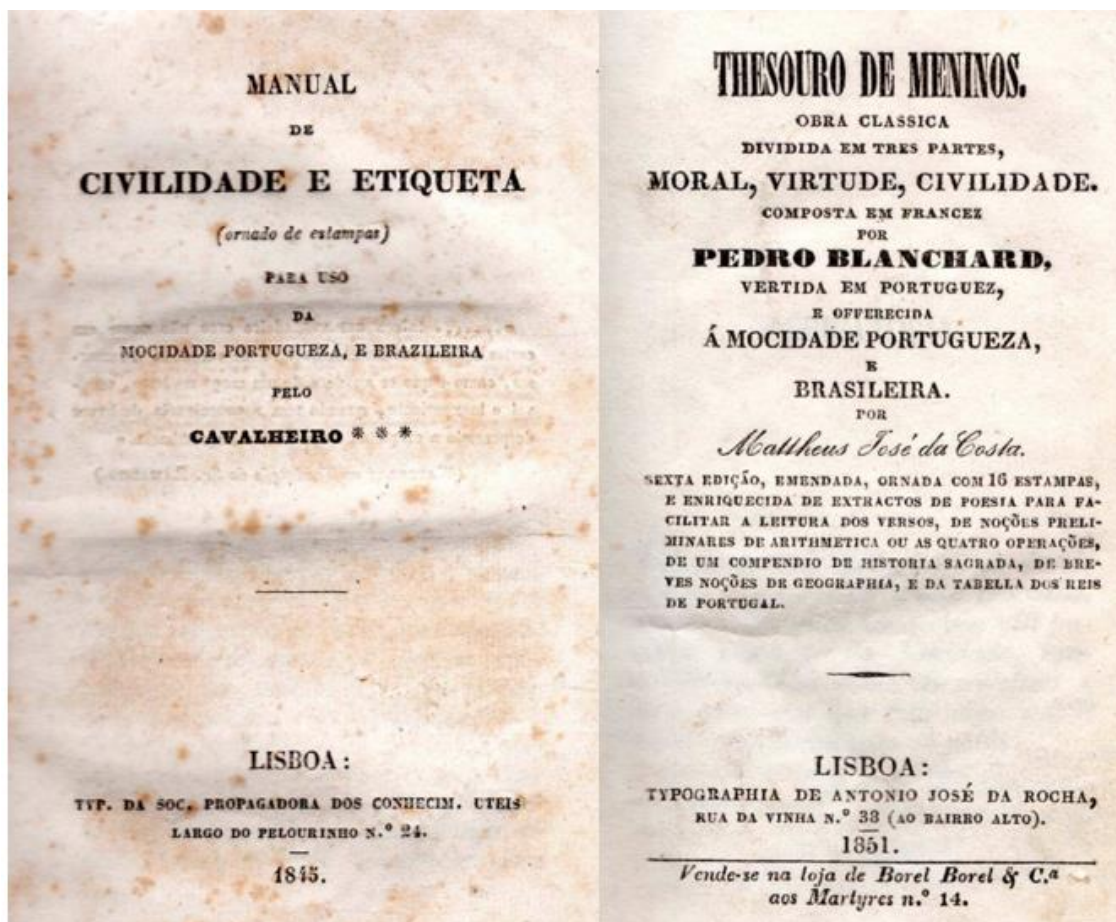
²⁶ Como mencionado, herança da arquitetura árabe, as rótulas e também as gelosias eram painéis de madeira formados por treliças que vedavam os vãos das janelas, diminuindo tanto a circulação do ar quanto a exposição das mulheres da casa por bloquearem a visão externa. Os europeus consideravam essa prática uma demonstração da falta de civilização e a representação concreta de tudo o que havia de mais atrasado, por isso deveriam ser destruídas.

desafio para a construção de uma imagem de país “civilizado”. Essa contradição entre a realidade da escravidão e a busca por uma imagem de civilidade tornava-se especialmente evidente em um contexto em que o mundo ocidental já começava a repudiar cada vez mais a escravidão. Movimentos abolicionistas ganhavam força em diferentes lugares do mundo, e sua influência se refletia também na percepção sobre a civilidade de um país. Por mais que o Rio de Janeiro quisesse se apresentar como uma cidade moderna e “civilizada”, a escravidão era considerada pelos viajantes estrangeiros como uma realidade que contrariava essa imagem.

Os relatos das mulheres viajantes acerca das questões de civilidade no Rio de Janeiro oitocentista demonstraram, segundo Jacques Revel em seu texto *Os usos da civilidade*, “um intenso esforço de codificação e controle de comportamentos” (2009, p. 169). O próprio autor apontou que, cada país e cada cidade, tinha sua civilidade particular, porém, no Rio de Janeiro oitocentista, o modelo de civilidade a ele “imposto” foi o europeu, em especial, o francês: na moda, na arquitetura, na urbanização, no transporte, no saneamento público, no vocabulário, na educação e assim por diante.

No século XIX, em especial na Europa, os bons hábitos sociais e a boa educação passaram a ser altamente valorizados, e as pessoas começaram a ser ensinadas desde cedo a como se portar de maneira respeitosa. A leitura de Manuais de Civilidade que ensinavam os códigos de condutas: como falar, se vestir, comer, e assim por diante se tornou praticamente obrigatória. “É sob essa forma que a civilidade invade as práticas escolares” (Revel *in* Chartier, 2009, p. 180). No entanto, é importante ressaltar que esses manuais refletiam as normas e valores da época (Figura 40).

Figura 40 – Capa de Manuais de Civilidade para a “mocidade” do século XIX.



Fonte: d’AZEVEDO, 2016, p. 161 e 165.

No Brasil, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, os Manuais de Civilidade eram um dos raros livros permitidos às jovens brasileiras. Aos poucos, essa literatura foi sendo utilizada nas escolas e se tornando moda entre as “bem-nascidas”, dentro e fora do país. Os livros de civilidade passaram a ser utilizados nas escolas e nas casas como livros de leitura.

Foi também a partir da segunda metade do século XIX, que na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), *Higiene e história da Medicina* se tornou uma das disciplinas obrigatórias. Sobre esta temática, foram apresentadas oito teses sobre *higienização nos colégios*, sendo sete delas na década de 1850 e apenas uma no ano de 1888. Lembrando que, em meados do século XIX, o Rio de Janeiro passava por uma epidemia de febre amarela e, era comum a associação entre as febres e a falta de higiene da população. Os médicos higienistas defendiam uma educação fundamentada nos sólidos pilares da higiene, seguindo os moldes

européus, porém, com uma característica própria devido ao clima e as condições do país. No Quadro 17, a seguir, pode ser observada as oito teses apresentadas na FMRJ sobre o assunto “higiene no ambiente escolar” e o ano de sua apresentação.

Quadro 17 - Teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1854 e 1888 sobre o tema higienização nos colégios.

Ano	Tese	Autor
1854	Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos; regras tendentes á conservação e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios.	Balbino Candido da Cunha
1855	Esboço de uma hygiene dos collegios aplicável aos nossos.	José Bonifacio C. de Andrada Jr.
1855	Esboço de uma hygiene dos collegios aplicável aos nossos.	Joaquim José de Oliveira Mafra
1857	Esboço de uma hygiene dos collegios aplicável aos nossos.	Candido Teixeira de Azeredo Coutinho
1857	Esboço de uma hygiene dos collegios aplicável aos nossos.	José de Souza Pereira da Cruz Jr.
1857	Esboço de uma hygiene dos collegios aplicável aos nossos.	José de Souza Pereira da Cruz Jr.
1858	Dissertação sobre a hygiene dos collegios.	Antemor Augusto Ribeiro Guimarães
1888	Hygiene Escolar.	Carlos R. de Vasconcellos

Fonte: GONDRA, 2004.

O Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, iniciou um lento, porém, importante processo de transformação rumo à “civilidade”, começando pelo ensino da higiene nas escolas e universidades. Esse processo contribuiu para a melhoria das condições de vida na cidade, embora nem sempre de forma igualitária para toda a população. Isso porque aquilo que se aprendia nos bancos escolares, dificilmente era colocado em prática pelos governantes, o que dificultava o processo civilizador.

Roger Chartier, em sua obra *Livros e leitores na França do Antigo Regime*, também abordou a civilidade como um conjunto de regras e práticas que regulam as interações entre os indivíduos em uma sociedade. Para ele, a civilidade representava “uma virtude maior, garantia e emanção de todas as outras, já que ela supõe o respeito ao próximo, a benevolência, a modéstia, a beneficência” (2004, p. 81). Destaca-se que a civilidade como conjunto de regras variava de acordo com o tempo e o lugar, refletindo as mudanças sociais, políticas e culturais em diferentes contextos, o que Norbert Elias chamou de “processo civilizador”. Segundo Chartier, no século XIX, os livros de civilidade difundidos em massa eram idênticos aos

editados nos séculos anteriores, com mínimas modificações. “Com efeito, a civilidade aqui é definida como o conjunto de regras que tornam agradáveis e fáceis as relações dos homens entre si” (2004, p. 88).

Enfim, no oitocentos não se percebe nenhuma mudança substancial nas regras de civilidade presente na literatura que, desde Erasmo de Rotterdam, poderia ser entendida como suavização de maneiras, polidez, e coisas assim. No entanto, o século XIX trouxe um diferencial em relação à ideia de civilidade, esse diferencial foi chamado por Norbert Elias de “consciência de civilização” (2011, p. 61). As regras não mudaram muito, porém, a certeza da superioridade da civilização europeia em relação às demais culturas estava posta neste período. E, esse modelo de civilização que se acreditava ser o ideal, precisava ser levado a outros povos.

Neste capítulo, considerando o processo civilizador como um processo educativo, serão analisados o olhar das viajantes para os aspectos de civilidade, pois, na qualidade de estrangeiras, seus olhos conseguiam captar e suas penas registrar o que para os habitantes do Rio de Janeiro seria normal e habitual. Por fim, serão analisados como esses registros, de certa forma, contribuíram para a mudança dos hábitos e costumes na cidade ao longo do século XIX.

2.1 As estrangeiras em terras brasileiras: o que vinham fazer aqui?

Fruto da abertura dos portos, a entrada de estrangeiros contribuiu para transformar totalmente a configuração do país. Como mencionado, os olhares do mundo se voltaram para o Brasil que passou a atrair uma grande quantidade de viajantes, “aventureiros”, diplomatas, militares, cientistas, artistas, professores e comerciantes em geral. O movimento no porto do Rio de Janeiro aumentava a cada ano. A literatura dos viajantes e, mais tarde, os Guias de Viagem, passaram a mostrar um país aberto não apenas para os produtos que vinham de fora, como também, aberto para receber seus profissionais.

Por motivos diversos, os estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro do século XIX, de passagem ou os que vieram para residir definitivamente na cidade, contribuíram para o surgimento de novos hábitos e costumes, classes e até mesmo ofícios que até então não existiam neste lado do Atlântico. Homens e mulheres de nacionalidades diferentes, com motivos diferentes, vieram para um país que se abriu para recebê-los, por reconhecer que poderiam, com sua experiência, contribuir para o processo civilizatório. Dentre esse grupo tão diverso e, ao

mesmo tempo análogo, havia uma parcela reduzida, porém, significativa, de mulheres. Segue no Quadro 18, a seguir, as quatorze mulheres viajantes selecionadas nesta pesquisa, que estiveram de passagem pelo Rio de Janeiro monárquico e o motivo que as trouxeram ao país.

Quadro 18 – Mulheres em viagem pelo Rio de Janeiro oitocentista e o motivo que as trouxeram.

Mulheres Viajantes na primeira metade do século XIX	Tempo de permanência no país	Motivo da viagem ao Brasil
Elizabeth Macquarie	17 dias	Acompanhar seu marido, o coronel Lachlan Macquarie.
Rose de Freycinet	55 dias – 1ª passagem 56 dias – 2ª passagem	Acompanhar seu marido, o naturalista Louis Freycinet.
Maria Graham	8 meses – 1ª passagem 7 meses – 2ª passagem 1 ano – 3ª passagem	Na primeira viagem, acompanhar seu marido. Voltando outras duas vezes, já viúva, para atuar como preceptora das princesas.
Alexandrine Langlet Dufresnoy	15 anos	Acompanhar seu marido e fazer fortuna.
Baronesa E.de Langsdorff	6 meses	Acompanhar seu marido, o ministro plenipotenciário da França.
Ida Laura Pfeiffer	2 meses	Viajante naturalista.
Mulheres Viajantes na segunda metade do século XIX	Tempo de permanência no país	Motivo da viagem ao Brasil
Adèle Toussaint-Samson	12 anos	Ganhar a vida atuando como professora junto com seu marido.
Virginie Léontine B.	1 ano	Acompanhar seus pais em viagem.
Elizabeth Cary Agassiz	1 ano	Acompanhar seu marido, o naturalista Louis Agassiz.
Isabel Burton	3 anos	Acompanhar seu marido, o diplomata, escritor e explorador Richard Burton.
Carmen Oliver de Gelabert	---	Visitar seu filho que estudava em um colégio interno em Petrópolis.
Marianne North	1 ano	Artista/ pintora.
Ina von Binzer	3 anos	Atuar como professora.
Princesa Teresa da Baviera	4 meses	Viajante naturalista.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

De acordo com o quadro acima, o tempo de permanência das mulheres viajantes estrangeiras no país variou de dezessete dias a quinze anos. A idade com que as mulheres viajantes empreenderam a viagem é significativa, a maioria tinha em torno de 30 anos. A mais velha era a austríaca Ida Pfeiffer, que tinha 49 anos quando chegou ao Brasil e, a mais nova, era a francesa Alexandrine Langlet Dufresnoy, uma jovem recém-casada que veio ao país com apenas 17 anos, acompanhando seu marido. Mas em geral eram mulheres casadas e maduras. Independentemente do tempo de permanência e de observação, suas penas anotaram as transformações ocorridas na cidade, incluindo as mudanças nos hábitos e costumes da

população carioca. O fato de a maioria das mulheres terem vindo acompanhando seus maridos, não é razão para secundarizar sua importância e atuação durante a viagem. De acordo com Moreira Leite (1997), a profissão ou o motivo da viagem direcionava o tipo de relação do estrangeiro com a população, destacando que cada grupo proporcionava um instrumental característico de observação:

Os cientistas, diplomatas e oficiais da marinha tiveram contato quase exclusivo com a Corte, representantes diplomáticos de outros países e pessoa, a seu serviço, enquanto os artistas [...] relatam relações mais diversificadas com a população. Os naturalistas, por força das distâncias percorridas e da falta de albergues, acabaram se relacionando com pessoas de todas as camadas sociais. Cada profissão proporciona, também, um instrumental característico de observação. O grande número de viajantes constitui a elite intelectual (Moreira Leite, 1997, p. 17).

Um exemplo na interação entre os estrangeiros e a população local foi observada na atuação da inglesa Maria Graham, que por vezes, teve relevante participação nas discussões sobre a independência, tanto no Rio de Janeiro quanto nas províncias por onde passou: Pernambuco e Bahia. Já a baronesa E. de Langsdorff, com sua sagacidade, foi fundamental nas tratativas do acordo de casamento do príncipe de Joinville com a princesa D. Francisca de Bragança, recebendo inclusive a missão de prepará-la para sua chegada à Corte francesa. O que seria das expedições do naturalista Louis Agassiz sem as anotações, edições e aconselhamentos de sua esposa Elizabeth Cary Agassiz? Seja acompanhando seus maridos, de passagem, atuando como preceptoras, artistas, cientistas ou em busca de aventuras, seus escritos registraram as singularidades de seu olhar e ajudaram a “construir” a história do Brasil e do Rio de Janeiro.

As mulheres que vieram por razões econômicas, como foi o caso das francesas Alexandrine Langlet Dufresnoy e Adèle Toussaint-Samson, demonstravam que num país que ainda se estruturava, foram oferecidas várias oportunidades e vantagens especiais aos estrangeiros.

As quatorze mulheres destacadas nesta pesquisa, como já referido, foram as que estiveram no Rio de Janeiro de passagem e registraram sua estadia em cartas e diários, sendo suas escritas publicadas, seja logo após seu retorno à Europa ou pós morte. No entanto, além das quatorze mulheres destacadas, o Rio de Janeiro oitocentista recebeu um número considerável de estrangeiros e estrangeiras que vieram tentar a sorte e fixar residência.

Para analisar as profissões que surgiram a partir de 1808 e o que os estrangeiros vinham fazer aqui, nada melhor que voltar a Rua do Ouvidor. A princípio nas mãos dos ingleses, a Ouvidor foi tomada pelas lojas francesas durante o reinado de Dom Pedro I. Além dos famosos

ateliês de moda, na Ouvidor também se encontrava restaurantes, hotéis e confeitarias, onde os pratos franceses também predominavam. A enorme variedade de trabalho ajudou a transformar não somente a cidade, como seus hábitos e costumes. Basta uma pesquisa nos periódicos da época. De tudo que se imaginava, desde mercadorias até prestação de serviços, na Ouvidor se encontrava.

Uma estatística realizada em 1862 na Rua do Ouvidor resultou em 205 estabelecimentos comerciais, assim distribuídos de acordo com a nacionalidade dos seus proprietários: 91 franceses, 68 portugueses, 35 brasileiros, 4 suíços, 2 norte-americanos, 2 italianos, 1 alemão, 1 inglês e 1 espanhol (Cohen, 2001, p. 33).

Todavia, não só de comércio vivia o Rio de Janeiro. Como referido, um número pequeno, porém, muito relevante de viajantes, em especial mulheres, cuja profissão permitiu, de acordo com Moreira Leite, uma sensível penetração dos inter-relacionamentos familiares e dos vários grupos sociais no Brasil, foram as de educadoras.

Assim como os costumes e as boas maneiras da Europa deveriam ser seguidos no solo brasileiro, principalmente no Município Neutro da Corte, com o ensino não seria diferente. O modelo europeu de educação era o ideal a ser ofertado aos filhos das famílias mais abastadas, dessa forma, caberiam aos professores vindos de fora, a missão de “civilizá-los” e educá-los aos seus moldes. Este deve ter sido um dos motivos que levou o soberano do país, Dom Pedro I e sua esposa Leopoldina, contratarem os serviços educacionais da inglesa Maria Graham para sua filha, a princesa D. Maria da Glória. No entanto, não foi apenas a Corte que contratou estrangeiros para a educação de suas crianças.

De início, esses profissionais, em especial as mulheres, eram contratadas para ensinarem na casa das elites, as famosas preceptoras. Na segunda metade do oitocentos, para atender a nova sociedade que se configurava no século XIX, surgiu no Rio de Janeiro um número considerável de escolas. O *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, de Alfredo do Valle Cabral (1884), mencionou os principais estabelecimentos de instrução técnica, superior e secundária (pública e privada), existentes no Rio de Janeiro na segunda metade do século, como pode ser visto no Quadro 19, a seguir.

Quadro 19 – Relação das principais escolas na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro contidos no *Guia do Viajante no Rio de Janeiro* de Alfredo do Valle Cabral, 1884.

	Escola	Endereço
Instrução Superior	Eschola Polytechnica	Largo de S. Francisco de Paula
	Faculdade de Medicina	Largo da Misericórdia – a esquerda da praia de Sancta Luzia.

	Eschola da Marinha	no Arsenal de Marinha
	Eschola Militar	na Praia Vermelha
	Eschola Normal	na rua do Lavradio, 64 – funciona a noite
	Faculdade de Direito Livre	Acha-se em projecto a sua instalação
	Seminário Episcopal de São José	Ladeira do Seminário
Instrução Secundária Pública	Imperial Collegio D. Pedro II.	É dividido em externato, no edificio a rua de S. Joaquim, esquina da Imperatriz; e internato no Engenho Velho, a rua de S. Francisco Xavier, 3.
	Collegio Naval	no Arsenal de Marinha. Tem por fim o ensino das matérias necessárias á matricula do 1.º anno da Eschola de Marinha.
	Collegio Mosteiro de S. Bento	no referido Mosteiro. Mantém desde 1858 um curso de humanidades, gratuito. É muito frequentado.
	Lyceu Litterario Portuguez	R. da Carioca, 41. Mantém aulas nocturnas, gratuitas, sem distincção.
Instrução Secundária Particular	Abílio	R. do Ypiranga n.º 4. Só admite alumnos menores de 12 annos.
	Alberto Brandão	Largo dos Leões. Cursos completos de preparatórios para as academias do Império e aulas de grego e allemão, desenho e musica. Internato
	Allemão (Deutsche Schule)	R. dos Arcos n.º 19
	Aquino	R. do Lavradio n.º 78 e 80. O ensino neste collegio comprehende quatro cursos: 1.º de instrucção primaria elemental, 2.º idem superior, 3.º de preparatórios, 4.º académico. Tem também professores habilitados a ensinar escripturação mercantil, tachygraphia, telegraphia electrica, agricultura e pinctura.
	Eugénie Leuzinger Masset (para meninas)	R. do Catête n. 208
	Francez	Praça da Constituição n. 26
	Externato Gama	R. da Uruguayana n. 33
	Mme. Geslin (para meninas)	R. Bella do Príncipe n. 32.
	S. Pedro de Alcântara	Praia de Botafogo n.172
	Pujol	R. do Conde de Bomfim n. 95
	Sartorio (para meninas)	R. do Catête n.167
	Tollstadius	R. do Hadock Lobo, n. 25 e 27
	Victorio	Rua Gonçalves Dias, n. 40 e 42 – Instrução primaria e secundaria

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora.

Durante todo o século XIX, coexistiu na cidade, além da educação doméstica, a instituição escolar pública e particular, como consta no Quadro 16 acima. Era comum, em

ambos os casos, a contratação de estrangeiros que ensinavam aos moldes europeus. Sobre as modalidades de educação que eram ofertadas no país, Vasconcelos (2005), especificou:

Considera-se [...] a existência de três modalidades de educação que eram aceitas e reconhecidas como diferentes maneiras de educar crianças e jovens no Brasil de Oitocentos: [...] Ensino Público – refere-se àquele oferecido nas escolas mantidas pelo Estado ou por “associações subordinadas a este”. [...] Ensino Particular - refere-se àquele que era oferecida nos colégios particulares ou na casa dos mestres, que recebiam crianças e jovens para ensinar-lhes os conhecimentos estabelecidos. Educação Doméstica – era aquela que ocorria na Casa do aprendiz, na esfera privada, na qual os pais contratavam, mediante sua livre escolha, os mestres, os conteúdos e as habilidades a serem ensinados a seus filhos, no tempo e na disposição exclusiva, determinados pela casa. Essa modalidade de educação tinha como agentes os professores particulares, os preceptores, os parentes ou agregados e, ainda, padres que ministravam aulas-domésticas (Vasconcelos, 2005, p.17).

No final do oitocentos, a educadora Ina von Binzer chegou ao Brasil, inicialmente contratada por um fazendeiro do interior do Rio de Janeiro, para cuidar da formação de sete de seus doze filhos. Mais tarde também atuou em escolas da cidade. Binzer escreveu suas memórias através de cartas à sua amiga alemã Grete. Provavelmente mesmo sem a intenção de publicar suas missivas, o relato de Ina von Binzer acabou se tornando uma importante fonte de pesquisa para entender o projeto educacional no Brasil do século XIX.

Por mais que o modelo a ser seguido fosse o europeu, a jovem professora reconheceu que não adiantava educar as crianças brasileiras sem uma adaptação da pedagogia a ser adotada. Ina von Binzer em suas cartas teceu inúmeras críticas à educação, disciplina e ao comportamento inadequado das crianças e de suas famílias, mostrando ser muito difícil a tarefa de ensinar no Brasil

Acho sinceramente que sou péssima professora! Não aprendem nada comigo e, se houver inspetores escolares por aqui, vou ficar desmoralizadíssima! Não consigo habituar-me a este ensino superficial; mas, quando começo a aprofundar-me ainda é pior: fico completamente desanimada. A respeito da disciplina, então! Só essa palavra já me faz subir o sangue a cabeça. [...] Reconheço ser indispensável adotar-se uma pedagogia aqui, mas ela deve ser brasileira e não alemã, calcada sobre moldes brasileiros e adaptada ao caráter do povo e às condições de sua vida doméstica. As crianças brasileiras, em absoluto, não devem ser educadas por alemães; é trabalho perdido[...] (Binzer, 1956, p. 67).

Ainda de acordo com Vasconcelos, “No Brasil, o século XIX foi o período em que muitas mulheres europeias, principalmente alemãs, francesas e inglesas aportaram no país, para exercerem o ofício de preceptoras nas casas da Corte Imperial, anunciando seus préstimos pelos jornais de grande circulação na época” (2018, p.285).

Com base numa pesquisa realizada no Jornal do Commercio, sobre a disponibilidade de profissionais da educação no país a partir da segunda metade do século XIX, a procura revelou que, a cada década, o número de notícias relativas à contratação de professores que ensinavam aos moldes europeus aumentava consideravelmente. Na década de 1850 a 1859, a partir da busca da palavra “professora”, foram encontradas 654 referências, em sua maioria, anúncios de oferta dessa profissão na cidade. Segue abaixo um anúncio selecionado referente a esta década (Figura 41).

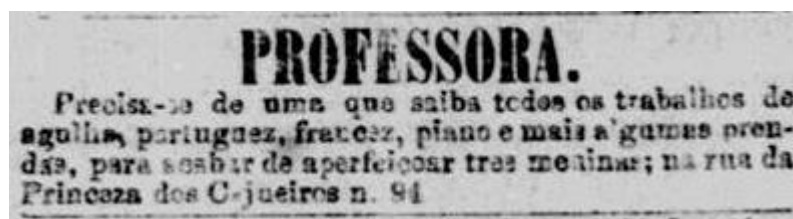
Figura 41 – Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1850).²⁷



Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

Na década de 1860 a 1869, foram encontradas 1.266 referências. Além de ensinar português e francês, como pode ser visto na Figura 42, no anúncio observa-se a oferta de aulas de trabalhos de agulha, piano e mais algumas prendas, demonstrando que uma boa profissional tinha que ter múltiplas habilidades. A inclusão de habilidades relacionadas a trabalhos de agulha e piano entre as atribuições das professoras do século XIX refletia as expectativas sociais da época em relação às mulheres.

Figura 42 – Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1860).²⁸



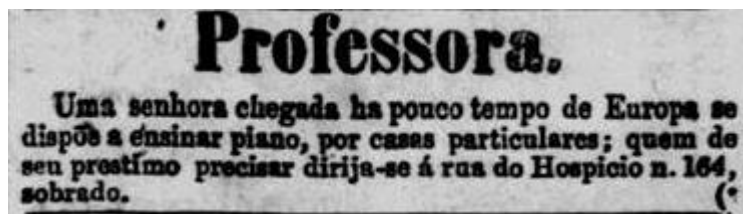
Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

²⁷ Transcrição livre da autora: Lições de Francez e de Italiano. Mme. J. Toussaint, professora de língua franceza e italiana, tem ainda algumas horas disponíveis para lições particulares, ou em collegios. Rua do Rosario n. 96.

²⁸ Transcrição livre da autora: Professora. Precisa-se de uma que saiba todos os trabalhos de agulha, portuguez, francez, piano e mais algumas prendas, para acabar de aperfeicoar três meninas; na rua da Princeza do Cajueiros n. 94.

Foram encontradas 3.061 referências na década de 1870 a 1879, com um aumento considerável de anúncios em relação a década anterior. Segue da Figura 43, um dos selecionados neste período.

Figura 43 – Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1870).²⁹



Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

Na década de 1880 a 1889, período em que a educadora alemã Ina von Binzer chegou ao país, foram encontradas 5.775 referências. No anúncio selecionado (Figura 44), observa-se a oferta de uma professora com muita prática e ensino, porém, como se a prática não bastasse, o anúncio menciona que seu diploma era pela Universidade de França.

Figura 44 – Anúncio no Jornal do Commercio (Década de 1880).³⁰



Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

Cabe destacar que, em todas as referências, o ensino do francês é praticamente obrigatório. A própria educadora alemã, em carta datada de 27 de maio de 1881, citou a admiração de todos os brasileiros por Paris e seus costumes.

²⁹ Transcrição livre da autora: Professora. Uma senhora chegada a pouco tempo de Europa se dispõe a ensinar piano, por casas particulares; quem de seu préstimo precisar dirija-se á rua do Hospicio n. 164, sobrado.

³⁰ Transcrição livre da autora: M^{me} Georges Lardy professora com diploma pela Universidade de França (Academia de Poitiers) Com muita pratica do ensino p lecciona em collegios e casas de familia. Rua do Mattoso n.11.

Parece que não existem quase brasileiros que não falem francês, embora alguns deles possuam apenas uma vaga noção sobre o país a que essa língua pertence, ignorando mesmo que existem mais algumas cidadezinhas além de Paris. Na cabeça da preta que me serve – a minha negra – Paris corresponde a todo o lugar fora do Brasil (BINZER, 1956, p. 20).

Mesmo com a oferta de escolas e profissionais da educação, algumas mulheres viajantes mencionaram o mal comportamento das crianças que não se deixavam “civilizar”, fruto do exemplo que vinha de casa e da criação que era totalmente direcionada às escravizadas, que cuidavam delas até a idade de irem para a escola.

No Período Imperial, a educação estava sob a égide de particulares. Foi pelo Decreto de 2 de dezembro de 1837, que o Seminário de S. Joaquim foi convertido em Collegio de Instrução Secundaria, com a denominação de Collegio de Pedro II, se tornando a primeira instituição pública educacional de ensino secundário do Brasil. Sua inauguração se deu em 25 de março de 1838. A criação de uma escola pública oficial não significou a diminuição do analfabetismo, pois somente aqueles pertencentes a elite brasileira, um percentual pequeno da população, tinha acesso a escolaridade, a grande maioria continuou distante da educação formal no país. “Como chamaria a atenção Machado de Assis em crônica de 15 de agosto de 1876 – em que ‘só 30% dos indivíduos residentes podem ler’, ‘desses uns 9% não têm letra de mão’ e ‘70% jazem em profunda ignorância’” (Süssekind, 1990, p. 88)

O viajante francês Émile Allain, que visitou o Município Neutro da Corte no ano de 1886, em relação às escolas, relatou em seu livro *Rio de Janeiro - Quelques Données sur la Capitale et sur L Administration du Brésil*, publicado no ano de 1886, que:

O ensino primário particular está distribuído em estabelecimentos, dos quais a maior parte tem cursos de instrução secundária. O número deles, em 1884, era de 185, dos quais 27 subvencionados pelo Estado. Deste número 77 são para o sexo masculino, 53 para o sexo feminino e 55 são mistos. Em 1833 foram frequentados por 10.064 alunos, 6.710 do sexo masculino e 3.354 do sexo feminino [...]. O Estado só tem no Rio um estabelecimento de instrução secundária, o Colégio D. Pedro II, dividido em internato e externato [...]. (Allain *apud* Moreira Leite, 1984, p. 80)

Ao finalizar sua observação sobre as escolas no Rio de Janeiro, o viajante observou que esses dados estariam abaixo dos reais por não existir uma estatística escolar séria no país e, continuou dizendo que seria impossível estabelecer a proporção dos analfabetos existentes, consequentemente, também o número exato de instituições escolares.

Os dados acima ainda demonstram a discrepância do número de alunos do sexo masculino em relação aos do sexo feminino. As meninas que frequentavam as escolas

pertenciam as famílias mais cultas da cidade. Mesmo no pouco tempo que estiveram no país, o casal de viajantes Louis e Elizabeth Agassiz escreveram sobre a educação diferenciada que era dada aos meninos e às meninas no Brasil. A elas cabiam “um conhecimento sofrível de francês e música, deixando-as na ignorância de uma multidão de questões gerais” (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 278).

A entrada na escola, tanto para meninos quanto para meninas, significava não apenas o desenvolvimento das capacidades intelectuais, assim como o desenvolvimento das capacidades físicas e morais. Foi dessa forma que as escolas e seus alunos se tornaram no século XIX prioridade na disseminação das concepções sobre a higiene enquanto prática educativa.

No caso da Corte, no Brasil, a produção do espaço escolar esteve amalgamada com a construção do espaço da cidade, sendo aquele um componente decisivo para fundar a clássica idéia de cidade-educadora, conforme defendera Rousseau e muitos higienistas [...]. Aqui, a construção de colégios em edifícios próprios, para funcionarem como lugar de ensino a partir das prescrições da higiene, certamente funcionou como um emblema e um ícone do amplo projeto de modernização - entenda-se, de higienização nacional. A Corte como um laboratório e a escolarização como fundamento de uma cidade higiênica representavam os grandes objetivos de nossos higienistas, daí que prescreviam orientações não só voltadas para ordenar os arredores dos futuros colégios, como também os seus interiores (Gondra, 2004, p. 179-180).

Os colégios passaram a ser alvo da medicina urbana por serem espaços de aglomeração e também de formação de sujeitos e, o ensino da higiene, se tornou componente essencial. Uma sociedade formada nos sólidos pilares da higiene, era uma sociedade “civilizada”.

Não apenas as escolas, como também a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passaram a priorizar o ensino das boas práticas de higiene. Como mencionado anteriormente, vários trabalhos foram apresentados à FMRJ voltados a esta temática, um desses estudos foi a tese de Dr. Candido Teixeira de Azeredo Coutinho (1857), intitulada *Esboço de uma hygiene dos collegios applicável aos nossos*, nela o médico apontou a higiene como preceito para conservar e aperfeiçoar as forças humanas e como importante meio de combate às doenças infecciosas.

O seculo XIX deve dar a hygiene o lugar que ella occupa entre as sciencias, os progressos da chimica, da physica, da physiologia, as observações meteorologicas prestão-lhe o contingente de suas leis, que se convertem em principios higienicos evitando e attenuando a acção dos agentes externos, e corrigindo a sua influencia sobre as funcções do organismo. [...] A hygiene com seus progressos tem sido de influencia incontestavelmente benefica, a humanidade tem ganho por toda a parte, em que sua acção se faz sentir, como se prova com o augmento da vida media, e o desaparecimento de enfermidades endemicas em certas localidades, mas talvez que não seja possivel á sciencia humana obstar o aparecimento de epidemias que caminhando do Oriente se propagão ás populações do Occidente, zombando das melhores condições de localidade, de clima, de estação e de asseio, como vimos no

cholera-morbus, cuja marcha destruidora se estendia nos valles, galgava as collinas, e não respeitava nem condição social, nem sexo, nem idade (Coutinho *apud* Gondra, 2004, p. 242).

Vale ressaltar que mesmo inserindo o ensino da higiene nos colégios e até mesmo como disciplina obrigatória na Faculdade de Medicina, havia muitas críticas dos higienistas aos governantes que não ofereciam à sociedade condições para efetivarem na prática o que se ensinava e aprendia nos bancos escolares. E a civilidade continuava caminhando a passos lentos.

Desde a primeira experiência do viajante oitocentista ao adentrar pela “encantadora” Baía de Guanabara, até o choque de cultura no desembarque no Cais Pharoux, onde o “paraíso tropical” entrava em contraste com uma população de comportamento exótico, com a sujeira e a falta de estrutura da cidade, constata-se que muitos viajantes, em sua maioria europeus, encontraram nesta parte dos trópicos, inúmeras possibilidades que permitiram o desenvolvimento de suas atividades e fazeres no Rio de Janeiro.

2.2 Ver além de seu olhar: narrativas e imagens das mulheres viajantes

Secundarizadas ao longo do tempo, muitas mulheres tiveram um espaço significativo na história de seus países, porém, na maioria das vezes, apareciam à margem dos feitos heroicos dos homens que as cercavam. Não foi diferente com as viajantes do século XIX. Dando voz a estas mulheres: professoras, naturalistas, artistas, as que acompanhavam seus maridos diplomatas, militares ou nobres ou as que se aventuravam à procura de novas oportunidades, esta pesquisa consiste em identificar quem foram essas mulheres, conhecer suas histórias e trajetórias que as trouxeram ao Rio de Janeiro oitocentista.

Como referido, entre 1808 e 1889, que se tem notícia, estiveram no Rio de Janeiro e deixaram registros de sua passagem e de suas experiências, quatorze estrangeiras. Desde a primeira mulher até a última, se passaram quase oitenta anos, ou seja, o país que recebeu as primeiras viajantes não era o mesmo visitado pelas que chegaram no final do século. Muita coisa havia mudado e, foi pelo olhar de cada uma delas que essas mudanças foram narradas. Pode-se dizer que, além de espectadoras, essas viajantes também foram protagonistas dessas mudanças. Conhecer a trajetória dessas mulheres viajantes é fundamental para a análise do

universo que cercava as literaturas de viagem por elas produzidas, um espaço que foi conquistado lentamente ao longo do século e que aqui neste trabalho se encontra em evidência.

Estiveram no Brasil e passaram pelo Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX as viajantes Elizabeth Macquarie, Rose de Freycinet, Maria Graham, Alexandrine Langlet Dufresnoy, Baronesa E.de Langsdorff e Ida Laura Pfeiffer. Na segunda metade estiveram Adèle Toussaint-Samson, Virginie Léontine B., Elizabeth Cary Agassiz, Isabel Burton, Carmen Oliver de Gelabert, Marianne North, Ina von Binzer e princesa Teresa da Baviera.

Das quatorze selecionadas, algumas estiveram no Rio de Janeiro só de passagem, outras permaneceram anos, porém, em comum entre elas estava o fato de que tinham a intenção de voltar à sua terra natal, ou seja, não eram imigrantes e sim viajantes no seu sentido literal. Houve mulheres que mantiveram contato apenas com a elite e outras que circularam por vários setores da sociedade. Seja como for, elas registravam tudo que seus ouvidos captavam e seus olhos de cores singulares viram.

As narrativas de suas viagens são uma fonte valiosa de relatos e observações sobre o país por fornecerem uma visão única da sociedade, cultura, economia, política e geografia brasileira do século XIX. A maneira como esses registros foram feitos variava de uma viajante para outra. Uns foram escritos em forma de diário, outras eram cartas enviadas a amigos e familiares. Um escreveram visando a publicação de suas anotações, outras queriam apenas registrar suas memórias que ficariam guardadas em seus baús. Seja como for, esses registros são importantes para a compreensão histórica da época e para as transformações ocorridas ao longo do século. Permitem, ainda, uma reflexão crítica sobre as diferentes visões que as viajantes tinham, considerando suas origens, contextos sociais e culturais.

Para melhor investigar suas narrativas e relacioná-las com os aspectos de civilidade e educação, esta pesquisa traz uma pequena síntese sobre as quatorze mulheres viajantes, examinando quem elas eram e as razões que as trouxeram ao Brasil, para que, dessa forma, sejam identificadas as diferenças e semelhanças entre elas. Como pode ser observado a seguir, salvo algumas exceções, em sua maioria eram mulheres europeias e casadas que vieram ao país acompanhando seus maridos.

As viajantes serão agrupadas neste capítulo não pela ordem cronológica de sua chegada, mas pelo motivo que as fizeram largar sua terra natal e família, para atravessar o Atlântico numa viagem cheia de perigos e incertezas e, também, pelo grau de dificuldade por elas enfrentadas. Cada grupo gerou um instrumento de observação diferente e, um grau de dificuldade diferente. Por exemplo, as mulheres que vieram acompanhando seus maridos militares, diplomatas e

cientistas tinham seus cônjuges a seu lado para resolver toda a parte burocrática que envolvia uma viagem, assim como os problemas na Alfândega, contratar os serviços, escolher o hotel ou alugar uma casa e assim por diante. As dificuldades por elas enfrentadas foram bem menores por terem seus companheiros a seu lado. Sem falar que elas tiveram contato exclusivamente com a Corte e com a elite que as cercava.

As educadoras enfrentavam um grau de dificuldade um pouco maior, pois, com exceção da francesa Adèle Toussaint-Samson, que estava acompanhada de seu marido, as demais enfrentavam sozinhas a missão de educar, seja na casa ou na escola e, os preconceitos que sua condição de mulher desacompanhada poderia trazer. As naturalistas, aquelas que saíram para pesquisar, conhecer e retratar a fauna e a flora do país, enfrentaram todo tipo de perigo e dificuldade, pois, além de estarem sozinhas na viagem, estavam na floresta, muitas vezes dormindo ao relento ou em pousos totalmente precários para uma mulher. Já quem veio para ganhar a vida, mesmo acompanhadas por seu marido, estavam como um brinquedo nas mãos do destino. Elas contavam com a sorte e, dessa forma, enfrentavam um grau de dificuldades muito maior.

Seja de onde vieram, o que vieram fazer, sozinhas ou acompanhadas, traziam a postura do civilizado diante de uma sociedade “atrasada” culturalmente, sendo assim, era comum encontrar em suas narrativas, comparações entre a realidade do Brasil e de seus países de origem, principalmente quando se deparavam com práticas tradicionais do país, consideradas por elas “repugnantes”. Algumas viajantes, ao olharem para o Brasil, interpretaram e representaram a realidade do país de acordo com suas próprias visões de mundo. Portanto, é fundamental analisar essas narrativas com uma perspectiva crítica e contextualizada.

2.3 Ao lado dos maridos: uma experiência de escrita do além-mar

Das quatorze mulheres viajantes selecionadas para esta pesquisa, como já mencionado, a maioria visitou o Rio de Janeiro oitocentista acompanhando seus maridos. Durante a viagem elas eram apenas “as esposas” dos importantes diplomatas, militares e/ou cientistas, estando sempre ou, na maioria das vezes, à sombra deles. Na primeira metade do século XIX, estiveram no Rio de Janeiro nesta condição de acompanhante a inglesa Elizabeth Macquarie, a primeira mulher viajante a deixar registro de sua passagem no Brasil logo após a abertura dos portos e as francesas Rose de Freycinet e Émile de Langsdorff. Na segunda metade do oitocentos

estiveram a francesa Virginie Léontine B., a norte-americana Elizabeth Agassiz e a inglesa Isabel Burton. Mulheres casadas e pertencentes a uma classe mais privilegiada da sociedade. A jovem francesa Virginie Léontine B., das mencionadas acima, foi a única solteira e que veio em viagem ao Brasil acompanhando seus pais. Ao viajar com os maridos o grau de dificuldades por elas enfrentado era bem menor, visto que eles estavam à frente de tudo e, tudo resolviam.

Essa situação de estar sempre à sombra de seus maridos e seus feitos, gerava como já mencionado, uma anomia social, sem falar que, estava relacionada ao "código de conduta" que regulava a vida social e familiar da época, código este que estabelecia as normas de comportamento aceitáveis para os homens e mulheres. No período que antecedeu a viagem ao Brasil do casal francês Barão e Baronesa de Langsdorff, ainda na França, enquanto seu marido estava nos preparativos da longa viagem, sua esposa passava os dias tranquilamente, como escreveu, mostrando o quão apagadas deveriam ser as mulheres na sociedade:

Os dias em que não fazíamos essas longas incursões eu os despendia de maneira muito tranquila. Desenhava, lia velhas brochuras que encontrava na biblioteca de meu sogro, escrevia cartas, mas sobretudo, ficava calada todo o tempo. Meu marido estava muito ocupado com negócios especialmente importantes (Langsdorff, 2000, p. 34).

A ideia de uma mulher viajando sozinha no século XIX ainda era considerado inadequado pela sociedade, dessa forma, estar ao lado de seus maridos ou de seus pais, como Virginie Léontine B., as resguardava de qualquer comentário malicioso ou preconceituoso. Em comum entre as esposas de militares, diplomatas e cientistas, estava o fato de terem tido maior contato com a Corte e representantes diplomáticos de sua terra natal, deixando importantes registros desta camada da sociedade brasileira.

Elizabeth Cabot Cary Agassiz, a única americana das seis mulheres aqui selecionadas, veio ao Brasil acompanhando seu marido, o naturalista Louis Agassiz. Ela não apenas ilustrou várias publicações de seu marido, como também dividiu com ele a autoria de muitas obras. Sendo assim, Elizabeth Agassiz poderia ter sido categorizada entre as viajantes naturalistas, no entanto, por estar sempre à sombra dele e, não se reconhecer e nem ser reconhecida pelas instituições científicas como tal, foi aqui incluída na categoria de viajantes que acompanharam seus maridos em viagem.

Seja como for, essas mulheres foram na contramão dos padrões preestabelecidos para o século XIX. Elas deixaram parentes, enfrentaram condições de viagem precárias e nada confortáveis, sujeitando-se a vários perigos, dentre os quais, ataques de piratas e naufrágios.

Suas observações e impressões de viagem (cartas e diários) se tornaram importantes evidências de uma época, destacando o protagonismo daquelas que não vieram apenas para acompanhar, mas para fazer a diferença.

A mulher viajante rompia alguns dos padrões mais incorporados e difundidos no século XIX - de condições de vida diferentes entre homens e mulheres. Não apenas a viagem é uma ampliação desmedida do espaço socialmente atribuído às mulheres, como aquelas que escrevem e publicam transgridem outros dois padrões aceitos para a vida feminina que sejam caladas e sofridas e estabeleçam os elos entre as diferentes gerações da família de que fazem parte. Nos casos em que viajaram com os maridos, ainda assim transgrediram essas normas, revelando-se publicamente através dos escritos e delegando aos membros da família que ficaram no país de origem o culto da família e de seus mortos (Moreira Leite, 1991, p. 100).

Neste capítulo, segue um resumo das narrativas das seis mulheres que, mesmo acompanhando seus pais e maridos, como citou Moreira Leite, não deixaram de transgredir normas e fazer contribuições significativas em suas viagens.

2.3.1 A inglesa Elizabeth Macquarie (1809)

Elizabeth Macquarie foi a primeira mulher viajante no país durante o período joanino, logo após a abertura dos portos, período que começou a aumentar consideravelmente o número de estrangeiros no Brasil. Suas impressões de viagem foram registradas num diário manuscrito, atualmente depositado na Biblioteca Mitchell, em Sidney, intitulado *Voyage from England to Australia in 1809*, no qual a senhora Macquarie narrou a sua jornada da Inglaterra à Nova Gales. De acordo com França, a narrativa inédita e em inglês, foi criteriosamente transcrita e franqueada pela Universidade Macquarie e pela Biblioteca Estadual de Nova Gales do Sul (França, 2008, p. 17). No entanto, mesmo após várias buscas, não tive acesso a essa tradução. Sobre as cartas enviadas e o diário de Elizabeth Macquarie, foi publicado o livro *In Her Own Words: The Writings of Elizabeth Macquarie*, sem tradução para o português. Para esta pesquisa, as informações sobre Elizabeth Macquarie foram extraídas da obra *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*, de Jean Marcel Carvalho França, que contém as anotações da viagem de Elizabeth Macquarie ao Brasil.

A inglesa Elizabeth Henrietta Macquarie e seu marido, o coronel Lachlan Macquarie (Figura 45), avistaram o Rio de Janeiro no dia 6 de agosto de 1809, lançando âncora no dia

seguinte em seu porto. A viajante Macquarie chegou na cidade a bordo do navio *Dromedary*, que estava em direção à Nova Gales do Sul (Austrália), onde seu marido assumiria o posto de Governador - cargo que ocupou entre 1810 e 1822. De acordo com França, Elizabeth Macquarie, segunda esposa do militar, o acompanhou em suas principais viagens. Seus registros mostram que era uma mulher culta, corajosa e perspicaz.

Figura 45 –Elizabeth e Lachlan Macquarie.



Fonte: Autor Anônimo, 1819. *In*: State Library of New South Wales.

Os breves relatos da viajante Elizabeth Macquarie apresentam importantes descrições da natureza local, inclusive de sua entrada na Baía de Guanabara e, em especial, uma perspectiva bastante interessante da enorme presença inglesa na Corte. Diferente das demais viajantes que viriam a seguir, teceu diversos elogios ao Brasil e ao Rio de Janeiro, não apenas em relação às suas belezas naturais, o que foi uma unanimidade entre todas as viajantes, mas “inclusive - o que não é lá muito comum - às intervenções que os portugueses haviam realizado no lugar” (França, 2008, p. 21). Dizia a inglesa ser a beleza da cidade não apenas obra da natureza, como também produto da arte dos homens. Vale destacar que os viajantes já chegavam no país com a ideia pré-concebida de que no Brasil não havia povo “civilizado” e que suas construções eram medíocres e mal-acabadas. Macquarie, após elogiar os

melhoramentos observados no Rio de Janeiro, descreveu que embora os portugueses parecessem ter grande inclinação para indolência, o que viu na cidade levava a crer que tal impressão não teria procedência.

O Rio de Janeiro não é, pois, somente privilegiado pela natureza, já que muitos de seus adornos são produtos da arte dos homens. Destarte, embora os portugueses pareçam ter grande inclinação para a indolência, os inúmeros melhoramentos aqui realizados levam a pensar se tal impressão realmente tem procedência (Macquarie *in* França, 2008, p. 58).

Em sua obra, França destacou que a senhora Macquarie esteve restrita praticamente ao círculo de ingleses que se encontravam no Rio de Janeiro e com a Corte portuguesa, deixando um brevíssimo comentário, porém importante, sobre a pitoresca figura de Dom João VI. Durante um espetáculo de ópera, a viajante observou e deixou a seguinte apreciação sobre o monarca: “O Príncipe, um homem gordo, dormiu inclinado sobre sua Princesa a maior parte do tempo” (Macquarie *in* França, 2008, p. 58).

Chegando ao Rio de Janeiro apenas um ano após a Família Real, os “melhoramentos” descritos por ela, em boa parte, haviam sido realizados antes da chegada da Corte portuguesa. Como sua estada no Rio de Janeiro foi de apenas dezessete dias, descreveu apenas o pouco que viu no país. No entanto, em uma saída pela cidade, a senhora Macquarie visitou o Passeio Público, descrevendo-o como um parque muito bem planejado, porém, em péssimas condições de conservação. Visitou também, segundo ela, a principal Igreja da cidade, não mencionando qual seria, mas provavelmente teria sido a Capela Real de Nossa Senhora do Carmo. A inglesa a descreveu como uma igreja bonita, entretanto, incomparável às Igrejas da Inglaterra.

Num passeio a cavalo feito com outros ingleses para conhecer a região, Elizabeth Macquarie relatou um episódio ocorrido com um escravizado que lhes acompanhava, contudo, não teceu nenhum comentário a respeito da escravidão no país.

[...] o capitão Macquarie, o capitão Cleaveland e eu acomodamo-nos numa pequena e antiquíssima carruagem [...] À partida, o preto aparentava bom humor, mas logo nos conduziu para uma rua na qual não se via um único inglês, parou bruscamente a carruagem começou a tagarelar em português, demonstrando grande fúria. [...] Incapazes de compreender uma única palavra, ficamos paralisados no lugar onde estávamos, com muito medo. [...] O preto, então, cansado de sacudir a mão para o alto, como se estivesse encenando uma luta de boxe no meio da rua para entreter a população, começou a ameaçar o carteiro. Ele parecia mais influenciado do que nunca, mas, por fim, resolveu acalmar-se e prosseguir. Concluímos que o negro não gostava de carregar três pessoas na sua carruagem e que o habitual eram dois passageiros (Macquarie *in* França, 2008, p. 62).

Durante o século XIX, os estrangeiros lidavam com a questão da escravidão no Brasil de diversas formas. Alguns estrangeiros compartilhavam os mesmos pensamentos em relação aos escravizados e não tinham problemas em lidar com essa prática, pois viam nela uma “ação natural”. Havia também um número expressivo de estrangeiros que se opunham e registraram em seus diários a crueldade e a injustiça da escravidão. Outros viajantes, simplesmente ignoravam a questão durante suas visitas ao Brasil, preferindo se concentrar em outras áreas, como a “exuberante natureza”, a cultura e a história do país. Como pode ser observado, Elizabeth Macquarie preferiu se omitir sobre o assunto.

Pouco antes de deixarem o Rio de Janeiro, o casal Macquarie foi se despedir de alguns amigos que moravam em Botafogo. Assim descreveu o que viu no percurso.

O caminho para residência do casal, situada numa região denominada Botafogo, é uma das coisas mais belas que vi na minha vida. Uma vez percorrido cerca de um quarto de milha, a estrada começou a subir em relação à praia. Surge à vista o Pão de Açúcar e uma outra rocha fina e pontuda, situada ao fundo, com um primeiro plano de suave beleza, onde está a casa. Certamente, este é um dos mais belos lugares que já vi, ainda que tenha me parecido bastante insalubre (Macquarie *in* França, 2008, p. 64).

No dia 23 de agosto de 1809, citando as palavras da própria viajante, Elizabeth Macquarie e seu marido, deixaram o “esplêndido porto do Rio de Janeiro”. Como ficou pouco tempo no país, não há muitos registros sobre os costumes dos brasileiros, principalmente no que diz respeito aos aspectos de civilidade e educação de seu povo.

2.3.2 A francesa Rose de Freycinet (1817-1820)

A francesa Rose de Saulces de Freycinet, esposa do capitão de fragata e naturalista Louis Freycinet (Figura 46), esteve por duas vezes no Rio de Janeiro. A primeira em 1817, a bordo do navio *Uranie*, logo no início da viagem científica de circum-navegação de seu marido, ficando na cidade por cinquenta e cinco dias. A segunda vez, em 1820, permanecendo praticamente o mesmo período, antes de retornarem à França, ao final da volta ao mundo, dessa vez a bordo do *Physicienne*.

Figura 46 – Rose e Louis de Freycinet.



Fonte: Autor Anônimo, s.d. In: Western Australian Museum.

Freycinet foi a segunda francesa, que se tem notícia, a dar a volta ao mundo e, a primeira a registrar este feito. Seus escritos foram feitos em forma de cartas enviadas à sua amiga Carolina e à sua mãe. O diário de viagem de Freycinet foi publicado em 1927, com o título *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le Manuscrit Original Accompagné de Notes par Charles Duplomb Directeur Honoraire au Ministère de la Marine*. Em português, *Diário de Viagem ao Redor do Mundo - A partir da edição de 1927, anotada por Charles Duplomb, diretor honorário do Ministério da Marinha*. No prefácio da obra, o próprio Duplomb afirmou que o diário de Rose de Freycinet era “um diário íntimo, escrito todo dia, sem nenhuma pretensão de estilo” (2013, p. 21), deixando claro que a francesa não tinha a intenção de publicá-lo. No artigo *A Mulher Viajante: Rose de Freycinet na Corte Portuguesa dos Trópicos*, os autores trazem a seguinte afirmação a respeito de seus manuscritos:

Antes de serem publicadas em forma de diário, as cartas foram conservadas por sua destinatária, Caroline Nanteuil, em seus arquivos de família. Porém, em 1910, a baronesa de Retours, neta de Caroline as entrega ao sobrinho de Rose de Freycinet. Este, cedendo aos estudiosos e ansiosos por um complemento de documentação aos oficiais do naufrágio do L'Uranie, confia os manuscritos que fazem parte da publicação (Rocha; Pereira, 2017).

Uma curiosidade em relação à Rose de Freycinet foi que, assim como a francesa Jeanne Baret, a pioneira na circum-navegação ao planeta, também se disfarçou de marinheiro para embarcar clandestinamente no navio e acompanhar seu marido na longa viagem. Assim como Baret, Rose de Freycinet se disfarçou de homem devido as restrições que as mulheres tinham nesse período em participar de expedições científicas organizadas pelo governo francês. Como ela desejava acompanhar a expedição de seu marido, para contornar essa restrição, se vestiu como um marinheiro. Suas anotações demonstram a ousadia, não apenas pela longa viagem que iriam fazer, como pela forma como foi obrigada a embarcar.

Começarei meu diário no instante em que, deixando, à meia-noite, a casa onde morava em Toulon, fui sozinha até a de uma de minhas amigas. Passei lá uma noite muito agitada, refletindo, na tentativa, um pouco ousada, que ia arriscar, e, sobretudo, lamentando as pessoas que eu deixaria por tanto tempo, pensando até na possibilidade não mais revê-las.

[...]Passei o dia seguinte inteiro escrevendo minhas cartas de despedida e, de noite, em torno de onze e meia, peguei minhas roupas de homem. Acompanhada por Louis e um de seus amigos, fomos até o porto para embarcar. Parecia que a lua queria proteger minha fuga; ela se escondeu para impedir que as pessoas que se encontravam lá me reconhecessem. Entretanto, saindo do porto, foi necessário parar para dar *a senha*; trouxeram luz e eu não sabia onde me esconder. Enfim, toda trêmula, cheguei perto da rampa de embarque e subo o mais devagar possível. Obrigada a passar no meio de oficiais que se encontravam no convés, alguns perguntavam quem eu era: o amigo de Louis que, nos acompanhava, assegurou que eu era seu filho que tem, justamente, mais ou menos o meu tamanho.

Fiquei ainda bem agitada a noite inteira. Eu imaginava ter sido reconhecida e que o Almirante comandante, avisado, teria ordenado que me mandassem de volta a terra. O mínimo ruído me assustava e eu continuei a tremer até estarmos fora da enseada (Freycinet, 2013, p. 31).

O disfarce de Rose de Freycinet durou alguns dias a bordo, o que a incomodava profundamente. Depois de percorrer consideradas léguas em alto mar, Freycinet se apresentou à tripulação, sendo bem aceita entre todos.

Em outubro de 1817, menos de um mês após o casal embarcar no *Uranie*, os jornais franceses noticiavam a ousadia de Rose de Freycinet e o “ato de dedicação conjugal” que merecia ser conhecido. Na introdução da obra *Diário de viagem ao redor do mundo*, Barão de Freycinet, sobrinho-neto do comandante Louis de Freycinet e depositário dos manuscritos da francesa, mencionou a seguinte notícia publicada no periódico *Moniteur officiel*, em 04 outubro de 1817:

Anunciamos a saída, de Toulon, do capitão de Freycinet para sua viagem ao redor do mundo na corveta *Uranie*. Alguns dias depois dessa partida soube-se, em Toulon, que a senhora de Freycinet, que tinha acompanhado o marido até o local de embarque e desaparecido em seguida, tinha se vestido de homem e entrado na embarcação, já de noite, apesar das leis que proibem o embarque de mulheres em navios do Estado sem

autorização especial. Este ato de dedicação conjugal merece ser conhecido (Barão de Freycinet *in* Freycinet, 2013, p. 30).

A chegada ao Rio de Janeiro ocorreu em 06 de dezembro. O adjetivo utilizado pela francesa ao descrever a Baía de Guanabara em seu diário foi “soberba”. Ela mencionou inclusive sua alegria em “ver esse belo país”. Na cidade, Louis e Rose de Freycinet tiveram um maior contato com seus conterrâneos franceses e com a Corte. A francesa também registrou não ter tido proximidade com os portugueses, todavia, em seus escritos, observa-se críticas aos lusitanos e seus costumes desagradáveis e pouco civilizados. Nem o monarca escapou de suas observações, ela o descreveu como um homem que passaria por uma besta, se não fosse rei. Os registros de Rose de Freycinet apresentaram importantes apontamentos sobre os hábitos e costumes da época. Em visita à Capela Real, onde acontecia uma cerimônia religiosa, ao ouvir vozes tão belas que pareciam vir do céu, apontou uma curiosidade que se mostrou, de acordo com a francesa, uma prática cruel.

Depois de duas ou três orações, eu pensava que a cerimônia tivesse acabado. Ia abandonar o local onde tinha visto coisas tão extraordinárias quando vozes, que pareciam descer dos céus, vieram tocar agradavelmente em meus ouvidos. Tinham alguma coisa de singular e até de celeste que não podia desvendar. [...] Eu estava entusiasmada. Acreditava-me transportada ao céu no meio de anjos que louvam, cantando, o Ser supremo. [...] Então estava pensando em pedir explicação dessas vozes. A resposta retraiu, em meu espírito, uma crueldade que eu não tinha podido conceber até aquela data. (Freycinet, 2013, p. 51).

Não se sabe a resposta que Rose de Freycinet recebeu em relação às vozes celestiais e nem a que crueldade ela dizia respeito. Porém, em *Recordações do Rio Antigo*, Luiz Edmundo descreveu o encantamento da viajante francesa na cerimônia pelos “castrados”, que naquela noite em especial, estiveram brilhantes. No artigo *A Mulher Viajante: Rose de Freycinet na Corte Portuguesa dos Trópicos*, os autores evidenciaram que para haver um melhor desempenho no desenvolvimento do canto, era comum a castração de crianças com idade entre sete e doze anos. Assim, elas “conservavam a extensão da voz infantil (cuja tessitura é quase idêntica a das vozes femininas de soprano, mezzo-soprano e contralto) apoiada em pulmões masculinos adultos, com emissão poderosa, ágil e penetrante” (Carvalho *apud* Rocha e Pereira, 2017).

Além dos seus conterrâneos, o casal também manteve contato com outros estrangeiros dentre eles, o cônsul da Rússia George von Langsdorff e sua esposa, o que se pode entender como importantes visitas diplomáticas.

Durante a nossa permanência no Rio, não vimos nenhuma família portuguesa. [...] No entanto, fomos muitas vezes à casa do Cônsul da Rússia, o senhor Langsdorf, cuja mulher é muito boa musicista. Eu assistia a seus serões porque ela falava francês e tinha insistido muito comigo. Eu me aborrecia um pouco lá. Assim sendo, não posso dizer nada, de minha parte, dos costumes portugueses, pois não estive uma única vez no interior de uma de suas famílias. Mas ouvi falar muito deles para pensar que não me agradariam. Seus hábitos parecem singulares e até desagradáveis. A sujeira é geral e levada ao seu cúmulo na casa dos fidalgos (nobres) (Freycinet, 2013, p. 49).

Mantendo o distanciamento dos portugueses, Freycinet registrou não o que viu, mas o que ouviu falar sobre a educação e os aspectos de civilidade dos moradores da cidade do Rio de Janeiro. Sobre as práticas desagradáveis dos portugueses destacadas pela francesa estavam a falta de higiene. De acordo com o que ouviu, a sujeira era geral, mas levada ao cúmulo entre os nobres, os “poderosos do reino”. A ela foi mencionado uns vinte casos em relação aos maus hábitos dos portugueses, mas só transmitiu em seu diário apenas dois, dentre eles, o relato a seguir:

Uma das pessoas mais poderosas do reino padecia com uma grave doença na perna. Muitos médicos portugueses foram chamados e, depois de esgotarem seu saber sem resultados, foram substituídos por um religioso francês que tinha fama de entender de medicina e, sobretudo de curar feridas. O francês convenceu o ilustre personagem a lavar a perna, depois de muita relutância em adotar tão extraordinário remédio. A receita foi seguida e, mediante aplicação de umas bobagens para fechar a ferida, o mal desapareceu em poucos dias. Uma vez curado, porém, doente deixou de lavar a perna, o mal voltou e o religioso foi novamente chamado. Ele recomendou o mesmo remédio, que pareceu tão desagradável ao doente, que este preferiu mandar o doutor e seus estranhos remédios passearem. Durante o tempo que permanecemos no Rio, a grande figura adoentada ainda não podia sair de casa, porque estava imobilizado pelo referido mal (Freycinet, 2013, p.50).

Freycinet registrou ainda a falta de higiene das mulheres e da cidade, destacando que o hábito de se lavar era visto como desnecessário para a camada mais abastada, pois, se suas mãos não se sujavam ou tocavam em algo impuro, não haveria motivo de limpá-las. Sugerir a uma dama no Brasil que se lavasse era praticamente um desrespeito, visto que lavar-se era necessário apenas para os criados.

Uma nobre portuguesa, que tinha acabado de pegar uma camareira francesa, quase a despediu porque ela lhe dava uma bacia para lavar as mãos. Disse-lhe, furiosa, que uma pessoa de sua qualidade nunca tinha necessidade de lavar as mãos, já que não tocava em nada que fosse sujo e que lavar-se era bom para o povo e para os empregados domésticos (Freycinet, 2013, p. 50).

Sua segunda passagem pelo Rio de Janeiro ocorreu em 20 de junho de 1820, pouco antes do término de sua longa viagem de circum-navegação e de seu retorno à França, dessa vez a

bordo do *Physicenne*, pois, o *Uranie* não resistiu a uma forte tempestade nas ilhas Malvinas em fevereiro de 1820 e, foi a naufrágio.

Durante sua segunda estadia, o casal Freycinet se dirigiu à casa do cônsul francês que os convidou para jantar e prometeu levá-los à noite à Capela Real para participarem de uma cerimônia religiosa, onde também estaria a Família Real. Rose de Freycinet comentou ter tido o prazer de sentar bem em frente aos monarcas. Por ter sido a última mulher viajante a estar no Rio de Janeiro no período de Dom João VI, suas observações se tornaram importantes evidências da Corte no período joanino. Assim ela descreveu a Família Real:

O príncipe real é alto e bastante bonito, mas suas maneiras são péssimas e a sua pessoa vulgar. Vestia uma casaca marrom calças de nanquim o que me pareceu um pouco ridículo, às oito horas da noite, em uma grande festa dado ao público. Ainda que mais simples, o traje do rei era bem melhor; além do mais, ele é um homem de idade, a quem se permite mais. As maneiras da princesa real, a meu ver, em nada lembram a postura nobre e cerimoniosa que se cultivava na corte da Áustria; aqui, ao que parece, a princesa é descuidada com seus trajes quanto com sua aparência. Para esta festa - que eu não o posso comparar senão a um concerto dado em nossa ópera-, as princesas e os demais convidados vestiam sedas e tule. A nossa pobre austríaca, porém, estava vestida com um traje de montar, cinzento, feito de uma fazenda ordinária, mostrando uma blusa de pregas, os cabelos em desordem e levantados por um pente de tartaruga. Não é feia, e penso, até que, bem vestida, deve ficar muito bem. As outras princesas estavam com roupas de cetim, flores e plumas na cabeça. A princesa Maria Isabel, agora a mais velha das princesas solteiras, tem 18 anos e é mais bonita do que as duas mais jovens. A caçula tem um ar engraçado e vivo. Isabel é muito bondosa, mas não tem grandes atrativos. A princesa primogênita, viúva de um infante da Espanha, é, ao meu ver, a mais bonita de todas: tem um ar nobre e majestoso (Freycinet *in* França, 2008 p. 93).

Ao se despedir da cidade, mais uma vez deixou registrada uma crítica aos portugueses, mostrando a pouca empatia pelos colonizadores do Brasil: “pena que tão lindo país não seja colonizado por uma nação ativa e inteligente” (Freycinet *in* Edmundo, 1956, p. 66).

A Europa oitocentista foi um período de muitas revoluções e rivalidades internas, mas também um período em que seus países passaram por um desenvolvimento e crescimento econômico acelerado, porém algumas nações se destacaram mais que outras, alcançando uma certa hegemonia no continente. Portugal também se desenvolveu, mas nada comparado aos países como Inglaterra e França. Este desenvolvimento desigual acabou por gerar um sentimento de superioridade também entre os europeus e, este sentimento se tornou nítido na crítica feita pela francesa Rose de Freycinet.

A corajosa jovem apaixonada que ao invés de ficar em casa cuidando de seus afazeres domésticos, se disfarçou de marinheiro para acompanhar seu marido numa longa e penosa expedição científica, sofreu as intempéries de uma viagem de volta ao mundo, incluindo um

naufrágio. Num momento de cansaço e desabafo pela longa expedição, escreveu: “Estou cansada de empacotar coisas, mas sigo adiante. Quando estarei, por algum tempo, tranquilamente estabelecida numa casa e deixarei de perambular sem residência fixa?” (Freycinet *in* França, 2008, p. 90). De volta a Paris, continuou cumprindo sua missão de esposa até contrair cólera e falecer no ano de 1832.

2.3.3 A francesa Baronesa E.de Langsdorff (1842-1843)

A baronesa Émille de Langsdorff, além do sobrenome, nada tem em comum com o médico, diplomata e naturalista alemão Barão George von Langsdorff. No entanto, nem sempre tive essa certeza. Anos atrás comprei o *Diário da Baronesa E. de Langsdorff: relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S.A.R. o Príncipe de Joinville, 1842-1843*, para utilizar como fonte para um artigo que escrevi sobre a Fazenda Mandioca do Barão de Langsdorff, achando que nele encontraria informações sobre a esposa do alemão. Porém, ao iniciar a leitura, me deparei com o seguinte trecho de Miriam Lifchitz Moreira Leite, que prefaciou a obra:

A autora deste Diário permanece desconhecida e ocultada por trás do nome do marido, o Barão Émile de Langsdorff, ministro plenipotenciário do rei da França, na chamada Monarquia de Julho, com agravante de ser confundido com o controvertido naturalista alemão Georg Henrich Langsdorff (1774-1852), que esteve no Brasil em 1803 e entre 1814 e 1830 (Moreira Leite *in* Langsdorff, 2000, p. 11. Grifo meu).

O diário da Baronesa de Langsdorff, que narrou os fatos ocorridos durante os seis meses que esteve no Brasil, foi publicado mais de cem anos após sua morte. Muito da literatura de viagem corresponde a diários escritos com intenção de publicação, outros, ficaram guardados em baús, sendo publicados anos depois, como mencionou Cunha (2007), em seu artigo *Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro*. A Baronesa E. de Langsdorff veio ao Rio de Janeiro acompanhando seu marido, o ministro plenipotenciário da Casa Real de França, ou seja, o intermediário enviado pelo monarca francês, com plenos poderes para negociar o casamento da irmã caçula do jovem imperador Dom Pedro II, a princesa Francisca de Bragança, com o príncipe de Joinville. A baronesa de Langsdorff (Figura 47), teve importante participação na missão dada a seu marido

Figura 47 – Baronesa E. de Langsdorff



Fonte: Autor Anônimo, s.d. *In*: LANGSDORFF, 2000.

De acordo com Moreira Leite (2000), a Baronesa Émille de Langsdorff era uma mulher escondida sob o nome do marido e totalmente consciente da sua missão de esposa de um influente ministro. Ela sabia quando falar (quase nunca), quando calar (quase sempre) e o que podia fazer parar tornar exitosa a missão de seu esposo.

Quanto ao Barão de Langsdorff, devia preparar o caminho a Sua Alteza Real assisti-la no que julgasse oportuno e, em uma conjuntura favorável, negociar formalmente as causas do contrato, a “entrega” da princesa e a sua mudança, a fim de realizar-se o casamento na França (Guiot *in* Langsdorff, 2000, p. 19).

Filha do Conde de Saint-Aulaire, embaixador em Londres, Victorine de Saint-Aulaire, futura baronesa de Langsdorff, nasceu em 1812 e casou-se no ano de 1834 com seu primo Émile de Langsdorff. A jovem francesa iniciou a escrita de seu diário com 15 anos de idade, a conselho de seu pai, continuando a redigi-lo durante toda a sua vida, inclusive no período de sua estadia no Rio de Janeiro, onde encontram-se importantes registros da vida na Corte e da sociedade.

Era dia 26 de setembro de 1842, Émile de Langsdorff e seu marido embarcaram debaixo de muita chuva no navio *Ville de Marseille*, no porto de Toulon. Em tom desolador, escreveu em seu diário: “Enfim, não há mais como recuar. Paciência!” (2000, p. 41).

Mesmo acompanhando seus maridos, é difícil compreender como essas mulheres suportavam fazer uma viagem como a da Europa para o Brasil, num barco a vela, enfrentando várias dificuldades e deixando para trás filhos pequenos, como foi o caso da baronesa. “E eu também, não é mamãe?” (2000, p. 25), perguntou seu pequeno filho Victor, agarrado à sua saia antes da viagem que durou seis longos meses. Assim como tantas outras mulheres que deixaram filhos, família, casa e tudo mais para cumprir sua missão de esposa, cabiam a elas: “*suffer and be still* ou, na versão portuguesa, que sejam caladas e sofridas” (Moreira Leite, 1997, p. 39).

A chegada ao Rio de Janeiro ocorreu a 26 de novembro. Ao aportar em um destino, naturalmente, o viajante demonstra um misto de alívio e ansiedade, não só pelo cansaço da viagem, como pelo novo a ser encontrado, principalmente, por chegar ileso quando essa viagem seria a travessia pelo Atlântico. No entanto, a baronesa relatou um sentimento ruim – a tristeza. Esse sentimento, com toda certeza, foi fruto do que deixou para trás para acompanhar seu marido nesta longa viagem.

Quanto a mim, entristecia-me, sobremaneira, a palavra “chegada”, que retornava a cada instante a meus ouvidos. O que é chegar, quando não é seu país que se revê e, quando em vez de encontrar-se no meio dos seus, deixa-se a pequena colônia de exilados com os quais se conviveu, para se misturar com estrangeiros, pessoas indiferentes, que não trazem à memória uma lembrança sequer (Langsdorff, 2000, p. 96).

Do porto de Brest, partiu a fragata *Belle Poule* com Sua Alteza Francisco d'Orléans, o príncipe de Joinville a bordo, um marinheiro aventureiro e habilidoso. Não seria a sua primeira visita no Brasil, anos antes, o príncipe já havia estado no país e, nesta primeira estadia, não teve uma boa impressão das princesas brasileiras. Caso o príncipe não agradasse novamente da irmã de Dom Pedro II, tanto o casamento quanto o acordo diplomático entre os dois países estariam arruinados, o que causava uma certa apreensão ao casal Langsdorff, pois cabia a eles a missão de acertar todos os detalhes para o enlace matrimonial das duas altezas.

Além das minúcias da viagem na embarcação à vela, descritos no diário da baronesa, encontra-se um rico detalhe da sociedade carioca, dos seus hábitos e costumes, da vida na Corte e da educação dos herdeiros da casa dos Bragança: o jovem imperador Pedro II com 17 anos, a princesa Januária com 20 anos e Francisca com 18 anos (Figura 48). Como a baronesa

mencionou em sua primeira visita ao Paço de São Cristóvão, “três crianças, tão abandonadas, desde o berço, e tão protegidas por Deus” (2000, p. 105), mas que receberam uma boa educação, completou.

Figura 48 - D. Francisca, D. Pedro II, D. Januária - Quarto do estudo em S. Christovan.



Fonte: Félix-Émile Taunay. litografia colorida à mão sobre papel. Século XIX - Período Regencial, 1831-1840. Acervo: Biblioteca Digital Luso-Brasileira.

Assim que deram os primeiros passos, ainda no Porto do Rio de Janeiro, consta em seu diário que “foram cercados por uma grande quantidade negros e mulatos” oferecendo uma enorme variedade de serviços. Toda essa agitação e “a facilidade com que tudo isso aconteceu me espantou muito e me deu a impressão de um país sem leis” (2000, p. 102). Ou seja, a primeira impressão que tiveram do Rio de Janeiro não foi das melhores.

A impressão da baronesa de “um país sem leis”, provavelmente, se deve não apenas pela agitação e movimento da região portuária, que trazia a ideia de falta de segurança e de governança, mas principalmente pela visão eurocêntrica, preconceituosa e carregada por estereótipos, de parte dos viajantes estrangeiros que chegavam ao país e enxergavam as culturas diferentes como inferiores, menos desenvolvidas e, conseqüentemente, desorganizadas.

Até encontrarem uma casa para se instalar durante os meses que permaneceram no país, o casal francês E. de Langsdorff, hospedaram-se no Hotel Pharoux. Enquanto seu marido resolvia as questões da hospedagem, a francesa fez um breve passeio por algumas ruas do Rio de Janeiro, descrevendo não apenas a falta de higiene como a sua decepção pelo que viu nos logradouros:

Nada notei nelas de muito especial. A cidade parece uma vila, não pavimentada em sua maior parte, com casas muito baixas, ruas estreitas e sujas, lojas miseráveis e tornadas odiosas por um cheiro dos mais desagradáveis, causados sobretudo por pedaços de um animal abatido, expostos e secados ao sol diante da porta das casas (Langsdorff, 2000, p. 98).

Três dias após a chegada do casal francês, foram devidamente apresentados na Corte e recebidos de antemão pela Sra. de Magalhães, a dama encarregada pelos filhos de D. Pedro I no Brasil. A “boa” e “adorável” senhora assim descrita pela baronesa, mencionou que temia muito a comparação que fariam de sua menina Francisca com as princesas do Velho Mundo. Disse a senhora: “Outras princesas podem ser mais cultas, tocar piano melhor, desenhar muito bem, mas tudo isso não tem senão um valor secundário. O certo é que, quando se é pura e inocente como um anjo, vale-se mais do que tudo no mundo” (Magalhães *in* Langsdorff, 2000, p. 105). O certo é que, pelo olhar do estrangeiro, sendo culta ou não, os padrões de comportamento das princesas do Velho Mundo em nada se comparavam aos padrões das princesas do Novo Mundo.

A “Sra. de Magalhães”, mais especificamente, Mariana Carlota de Verna Magalhães Coutinho e seu marido, chegaram ao Brasil juntamente com inúmeros portugueses que acompanhavam a Família Real, em 1808. Cunha (2021), em sua pesquisa intitulada *De dama da corte a Condessa de Belmonte: a primeira mestra de D. Pedro II (1808 – 1855)*, discorreu sobre as bases da educação que Dom Pedro II recebeu e os valores que lhe foram ensinados, boa parte deles, pela “Sra. de Magalhães”.

Acredita-se que essa mulher tenha sido um dos alicerces da criação e, por conseguinte, tenha participado de alguns acontecimentos históricos durante a regência e o segundo reinado. Mariana Carlota de Verna acompanhou a vida do jovem monarca até o seu casamento e teve um papel muito importante, influenciando nas tomadas de decisões do imperador e, conseqüentemente, nos rumos do próprio país (Cunha, 2021, p. 154).

Após a apresentação na Corte e devidamente instalados em uma residência, o casal francês teria mais tempo e condições de observar a cidade que os acolheu e a sua gente, em especial os europeus que circulavam a vida palaciana. Sobre a situação das mulheres, a baronesa

observou que saíam muito pouco de casa e quando saíam, era para irem a alguma reunião de família. Assim como sua predecessora Rose de Freycinet, não teve muito contato com os portugueses, sobre eles, em especial, em relação às mulheres, mencionou:

Saem muito raramente e nunca expressam publicamente o menor pensamento nem a menor impressão. Frequentemente, vendo algumas mulheres, jovens ainda, se entregar a uma imobilidade, para mim, sobre-humana e guardar um silêncio que me parece eterno, pergunto-me se estas naturezas já estão mortas, até mesmo se algumas porventura, viveram; mas para compreender, seria necessário interrogá-las, porém jamais responderiam (Langsdorff, 2000, p. 124).

Como descrito, o maior contato do casal francês foi com a Corte, com o jovem imperador e suas irmãs. Nada passou despercebido do olhar da francesa que observava não apenas a educação que os jovens monarcas receberam quanto sua conduta nas cerimônias reais.

Ouvi pessoas zombar da etiqueta da corte, tachando-a de ultrapassada, ridícula, não de nosso tempo, mas vi estas mesmas pessoas, surpreendidas pelo imperador que atravessava a sala, levantar-se precipitadamente, não por submissão a um hábito, mas por obediência a um impulso irresistível. [...] Geralmente, não toma a palavra senão sobre fatos. Quando percebe que alguém tem dúvida sobre um fato qualquer, ou que cometeu um erro, ele interrompe quem fala e prova, quer esclarecendo, quer retificando, que acompanhou e escutou tudo. Fiquei surpresa com a quantidade de coisas que ele sabe. Fizeram-me falar dos palácios do rei da França, das pinturas de Versailles, etc. O imperador sabia tudo melhor do que eu. O que leu, em sua vida, bem curta ainda, é prodigioso, mas a sua ciência tem aquele caráter meio morto do saber adquirido mais pela leitura que pela observação direta. [...] É uma espécie de monstrosidade num jovem de dezoito anos (Langsdorff, 2000, p. 134).

Finalmente, depois de quatro meses da partida do porto de Brest, uma demora inexplicável, visto que à época, uma viagem entre a França e o Brasil durava em torno de dois meses e, sem mencionar os motivos do atraso, chegou ao Rio de Janeiro, em 27 de março, a fragata *Belle Poulle* com o príncipe de Joinville. A demora da chegada do pretendente da princesa, não apenas deixou a jovem noiva e seu irmão imperador apreensivos, como também. o casal Langsdorff, já que os mesmos mencionaram o quanto o herdeiro francês tinha um temperamento independente e impetuoso, o que dificultaria um pouco a missão a eles dada.

Diferente de sua primeira estada no Brasil em 1838, o príncipe se fascinou com a beleza e doçura de sua noiva, agora mais madura e encantadora que a adolescente que ele havia conhecido anos antes. Estando tudo acertado, em especial, o contrato de casamento redigido pelo ministro plenipotenciário da Casa Real de França, o pedido oficial foi feito. “Vou desposar uma princesa”, pronunciou Francisco de Joinville. A princesa disse-o gentilmente: “vou deixar

um país, um irmão e uma irmã queridos” (2000, p. 162). O casamento aconteceu na capela do Paço de São Cristóvão, a 01 de maio de 1843. A partir desta data, a princesa do Brasil por nascimento, passou a ser chamada de princesa de Joinville. Dez dias após o casamento, o príncipe anunciou o retorno à França.

O barão e a baronesa de Langsdorff deixaram o *Ville de Marseille* e retornaram à França a bordo do *Belle Poule*, em companhia do príncipe e da princesa de Joinville. O convite feito pelo príncipe ao casal Langsdorff teve um motivo especial, na verdade seria mais uma missão e, desta vez, a atuação da baronesa foi fundamental. Além de receber a incumbência de ser dama de companhia da jovem princesa durante a viagem, a baronesa de Langsdorff recebeu a missão de instruí-la para sua chegada à França, visto que o cotidiano da Corte brasileira era muito diferente da europeia. Mesmo registrando em seu diário o quanto Francisca era bem-educada, a baronesa sabia que, para os padrões europeus, essa educação nunca estaria à altura de uma princesa francesa. Faziam parte do cotidiano da viagem, além de aulas sobre a História da França, a leitura de escritores franceses e, por conseguinte, aulas de boas maneiras, sempre seguindo o modelo de civilidade da época, o modelo francês. No dia 23 de julho de 1843, chegaram a França onde foram recebidos com muita festividade. A missão do casal de Langsdorff nas tratativas do casamento foi cumprida até o fim e, o êxito desta missão em muito se deve à Baronesa E. de Langsdorff.

2.3.4 A francesa Virginie Léontine B. (1857-1858)

O pouco que se sabe sobre a jovem francesa Virginie Léontine B., que, diferente de suas antecessoras, era solteira e esteve em viagem ao Brasil, entre 1857 e 1858, acompanhando seus pais, está contido na obra *Lettres inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses littéraires*, diário publicado em Évreux, no ano de 1872. Nele estão contidas suas impressões de viagem sobre o Brasil e o Rio de Janeiro, registradas por meio de quatro cartas enviadas à familiares e amigos.

A primeira carta escrita em 06 de agosto de 1857 e direcionada à sua família, relatou as fadigas enfrentadas por ela e seus pais durante a longa viagem de sete semanas, desde o Porto

de La Havre ao embarque “*dans la barque à Caron*”³¹. M^{lle} Virginie Léontine B. descreveu em seu diário, tanto a beleza da viagem, como os perigos nela enfrentada: “Meu pai, minha mãe e eu escapamos a todos os perigos, suportamos bravamente todos as fadigas de uma longa navegação, de sete semanas”³² (1872, p. 1. Tradução livre da autora). Ao desembarcar no Porto do Rio de Janeiro, narrou com detalhes a cidade descrita por ela como “pitoresca” e “alegre” (1872, p. 6), descreveu os habitantes que encontrou, “negros ansiosos por serviço e belos brancos”³³ (1872, p. 9. Tradução livre da autora) e como foi sua acolhida na cidade. Nesta carta, não fez críticas nem à cidade nem a população, diferente de suas antecessoras.

Na segunda missiva, escrita em 6 de dezembro de 1857, bem mais longa que a primeira, foi direcionada a amigos na França. Nela a francesa retomou ao tema da chegada na cidade, da sua instalação em um hotel e da burocracia da papelada no consulado francês. Nesta carta, mencionou *M. Taunay* como um homem generoso que deu a eles o suporte e a providência para seus compatriotas nesta terra estrangeira (1872, p. 14). A falta de higiene foi destacada nesta missiva quando, ao pediram conselhos ao *M. Taunay* de onde deveriam alugar uma boa residência na cidade, foi-lhes indicando a preferência por lugares mais altos e distantes do centro da cidade, por ser esta região insalubre devido à falta de esgotos e os detritos de todos os tipos jogados por todo canto (1872, p. 15).

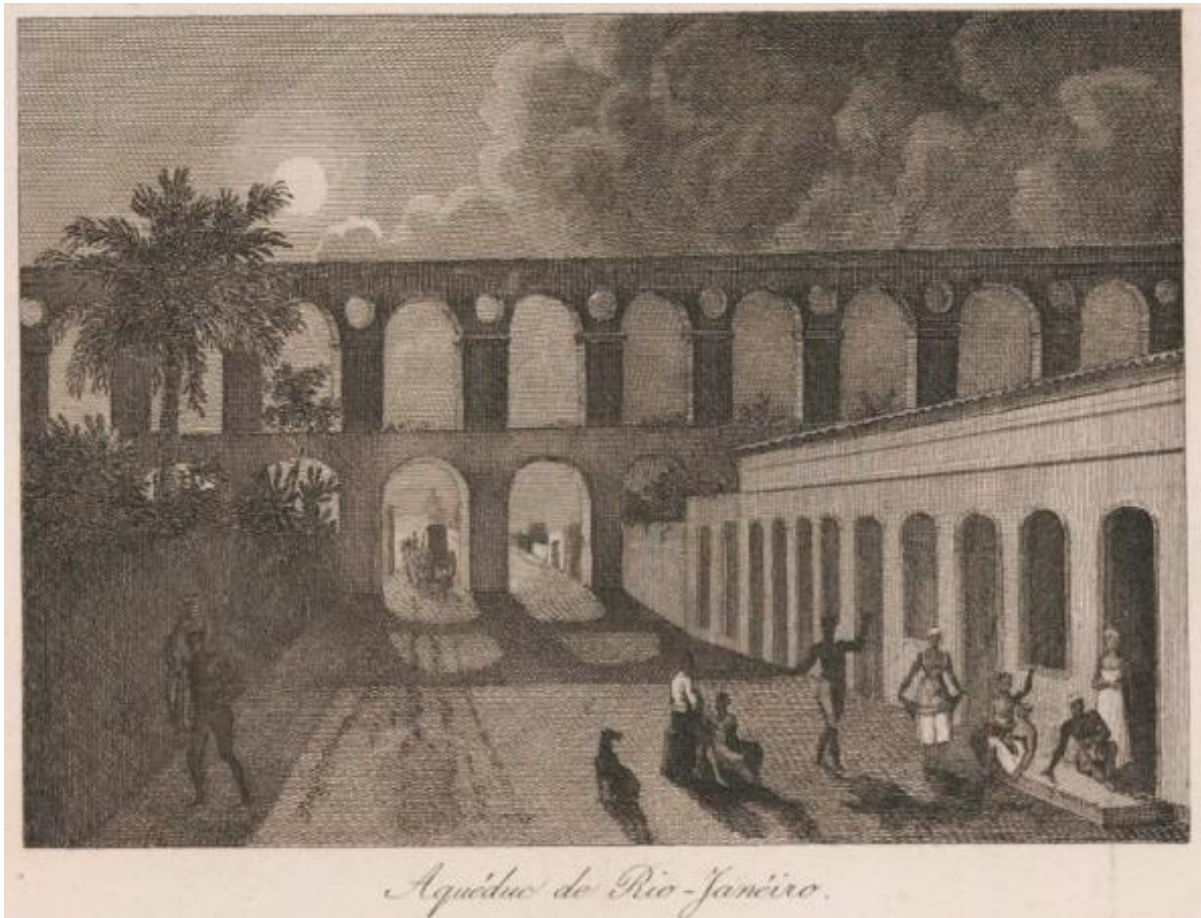
Em 7 de junho de 1858, do Rio de Janeiro, foi escrita pela M^{lle} Virginie Léontine B. a terceira missiva, também direcionada a amigos. Começou relatando que ela e sua mãe haviam contraído febre amarela, um terrível flagelo que, segundo a francesa, vitimava à época muitos jovens na cidade. Por estarem morando na capital por dez meses, esta carta é muito mais rica em detalhes do que as anteriores. Relatou aos amigos que, durante sua estadia, havia explorado todos os bairros do Rio de Janeiro. Nessas visitas destacou a beleza de alguns monumentos, dentre eles o Aqueduto da Carioca como sendo “soberbo”. Este aqueduto, também chamado de Arcos da Lapa ou Aqueduto de Santa Teresa, foi registrado por vários viajantes do século XIX (Figura 49).

³¹ A “barca de Caron”, mencionada no diário de Virginie Léontine B., poderia ser o nome de seu navio, como também, uma simbologia com a barca de Caron (Chárōn) da Mitologia grega, usada para atravessar as almas dos recém mortos pelos rios que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos.

³² No original: Mon père, mamère et moi nous avons échappé à tous les dangers, bravement supporté toutes les fatigues d’une longue navigation, de sept semaines.

³³ No original: nègres empressés pour le servisse des beaux blancs.

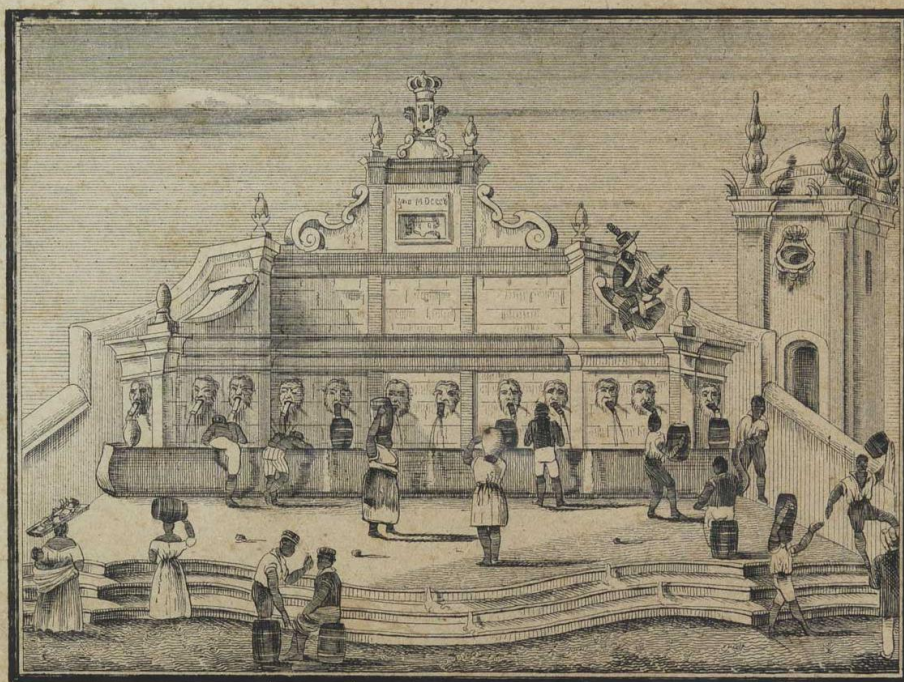
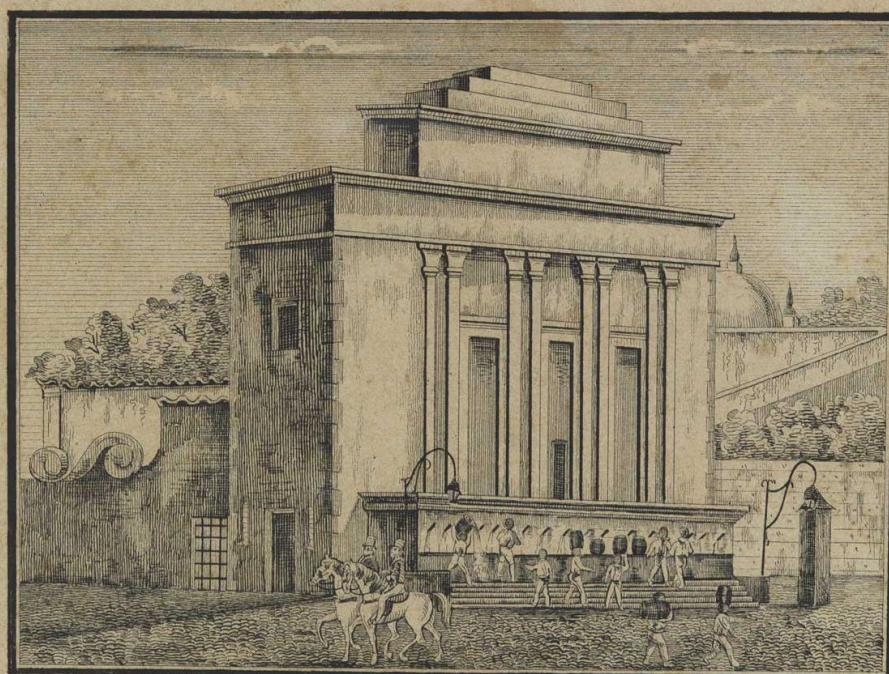
Figura 49 – O Aqueduto do Rio de Janeiro



Fonte: Autor Anônimo, s.d. In: Instituto Moreira Salles - IMS.

A estrutura imponente dos arcos romanos fez dele um importante marco visual da cidade. Os arcos inicialmente serviam como aqueduto para levar água da região de Santa Teresa para o centro da cidade, em especial, para o chafariz localizado no Largo da Carioca. O primeiro chafariz no Largo foi inaugurado em 1750, sendo substituído no século XIX, por um outro maior, contendo trinta e cinco bicas para o abastecimento da população, tanques para as lavadeiras e um bebedouro para animais (Figura 50).

Figura 50 - Antigo e Novo Chafariz da Carioca.

*Antigo Chafariz da Carioca.**Novo Chafariz da Carioca.*

Fonte: Iconografia Ludwig e Briggs, 1845. Biblioteca Nacional Digital.

A francesa descreveu com minúcias de detalhes as festas e as cerimônias cívicas e religiosas que fez questão de participar, dentre elas um casamento e um enterro, eventos bem “pitorescos” aos estrangeiros. Anotou sobre as construções da cidade, mencionando o Palácio Imperial como sendo de muito “mau gosto”. Nesta missiva, destacou também os costumes dos moradores e presença da influência francesa nas lojas da Rua do Ouvidor.

As brasileiras mais ricas usam preto para ir à igreja. As mais velhas cobrem a cabeça com véu de renda, como as andaluzas, e as mais jovens deixam admirar as ricas cabeleiras de ébano, suspensas com arte e encanto pois as mulheres, como os homens, ficam sem chapéu. Na primeira vez que entramos numa igreja, minha mãe e eu, ficamos de chapéu como é de costume na França, mas quase imediatamente bateram em nossas costas e nos pediram, por gestos, que nos descobríssimos. Interessante é que o costume, ou mesmo o sentimento de respeito faça adotar aqui o que se rejeita acolá. Felizmente, a boa intenção se revela aos olhos de Deus (Virginie Léontine, 1872, p. 31. Tradução livre da autora).³⁴

Esta carta contém minuciosos detalhes sobre monumentos, teatros, igrejas, palácios, jardins, festas e cerimônias cívicas e religiosas. Os leitores interessados na categoria Guias de Viagem poderiam até se interessar por esta parte de seu diário por conter interessantes descrições a respeito dos monumentos, das instituições e dos eventos no Rio de Janeiro oitocentista.

Não ficou claro em suas anotações o motivo que trouxe a jovem Virginie Léontine e seus pais ao Rio de Janeiro, porém, em uma das excursões pela cidade, ao se depararem com uma cobra coral morta, a jovem mencionou que sua mãe a recolheu imediatamente para enriquecer sua coleção de história natural, deixando evidente um dos motivos da viagem da família.

A última carta escrita em 7 de novembro de 1858 seguiu o mesmo caminho da anterior. Virginie Léontine mencionou que durante o período em que permaneceram no país, desfrutaram da amizade de algumas famílias de franceses e de brasileiros, mesmo com a dificuldade de entender o português. Nesta missiva a jovem descreveu as viagens que fizeram para conhecer as fazendas pertencentes a dois desses amigos, uma localizada a cerca de cinco ou seis léguas

³⁴ No original: Les Brésiliennes de la haute classe adoptent le noir pour l'église. Les plus âgées se couvrent la tête d'un voile de dentelle comme les Andalouses, et les plus jeunes y font admirer leurs riches chevelures d'ébène, relevées avec beaucoup d'art et de coquetterie, car les femmes restent nu-tête comme les hommes, (c'est l'usage). La première fois que nous entrâmes dans un saint temple, ma mère et moi nous conservions notre chapeau d'après la coutume française, mais on vint presque aussitôt nous frapper sur l'épaule en nous invitant d'un geste à nous découvrir. Chose singulière que l'usage, où le même sentiment de respect fait adopter ici ce qu'on rejette là. La bonne intention heureusementest tout aux yeux de Dieu.

do Rio e a outra a cerca de vinte léguas. Não foram revelados nas cartas nem os nomes das famílias e nem a referência exata de sua localização. As visitas aconteceram não apenas pela delicadeza de retribuir a um convite, mas principalmente por serem viajantes intrépidos (1872, p. 40) e terem a curiosidade de conhecer o interior do Rio de Janeiro.

Na primeira fazenda visitada, puderam observar o tratamento dado aos escravizados, deixando claro o sentimento de repulsa pela forma como eram oprimidos.

Ó meus amigos!!! que coisa imoral, monstruosa e degradante que é a escravidão! dobrar o homem sob o jugo como um anfitrião; quebrando-lhe os direitos da natureza, os laços sagrados da família. O escravo, afastado da sociedade como um proscrito, não é mais uma individualidade, independente em seu testamento, incorrendo na responsabilidade por seus atos perante Deus e diante dos homens, ele é um número, uma cifra que deve ser acoplado, multiplicado, reproduzido para aumentar o capital do mestre; seus braços são máquinas, trabalhando para enriquecê-lo. Ah! quando sob esta carne, muitas vezes açoitada e machucada, bate no coração de um homem saltando sob os golpes; quando um pensamento, inteligente e livre, ilumina esta humilhação a testa humilhada, centelhas de chama naqueles olhos ardentes, que sofrimento! Que tortura moral! Nesta alma, que luta incessante entre revolta e resignação para aceitar esta escravidão odiosa, sem procurar a todo custo para quebrar a corrente! Quando será abolido em todas as partes do globo? (Virginie Léontine, 1872, p. 46. Tradução livre da autora).³⁵

Vale reafirmar que, para boa parte dos viajantes que visitaram o país na segunda metade do século XIX, a escravidão era vista como um entrave para que o Brasil fosse considerado uma “nação civilizada”.

Para chegar na segunda fazenda, essa bem mais distante, precisaram utilizar um barco a vapor saindo do Rio de Janeiro, depois a ferrovia e, por fim, uma diligência com mulas em direção a Petrópolis, uma viagem árdua, cansativa e arriscada, de acordo com a viajante (1872, p. 56).

A dificuldade da língua, mais uma vez, foi um empecilho para esta visita. Tirando o filho do fazendeiro que viajava constantemente ao Rio e tinha contato com os franceses, o que dava a ele a possibilidade de trocar algumas palavras com a viajante, os demais moradores

³⁵ No original: quelle chose immorale, monstrueuse, dégratée que l'esclavage! courbant l'homme sous le joug comme une hôte de somme; brisant en lui les droits de la nature, les liens sacrés de la famille. L'esclave, rayé de la Société comme un paria, n'est plus une individualité, indépendante dans sa volonté, encourant la responsabilité de ses actes devant Dieu et devant les hommes, c'est un numéro, un chiffre qui doit s'accoupler, multiplier, reproduire pour grossir le capital du maître; ses bras sont des machines, fonctionnant pour l'enrichir. Ah! quand sous cette chair, souvent flagellée et meurtrie, bat un Coeur d'homme bondissant sous les coups; quand une pensée, intelligente et libre, éclaire ce front humilié, jaillit en étincelles de flamme dans ces yeux ardents, quelles souffrances! quelles tortures morales! Dans cette âme opprimée, quelle lutte incessante entre la révolte et la résignation pour accepter cet odieux esclavage, sans chercher à tout prix à en briser la chaîne! Quand donc sera-t-il aboli sur tous les points du globe?

quase não saíam da fazenda, estando, de acordo com Virginie Léontine, completamente “estranhos aos hábitos de uma vida civilizada” (1872, p. 60).

“*Fin du voyage au Brésil*” (1872, p. 68), assim terminou sua última carta descritiva sobre sua viagem ao Rio de Janeiro que encaminhou a seus amigos na França em 07 de novembro de 1858 e que compõe a obra *Lettres inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses littéraires*. Mesmo sendo poucos, percebe-se em alguns registros, aspectos de civilidade e educação em seu diário, principalmente quando destacava alguns costumes dos moradores da cidade.

2.3.5 A norte-americana Elizabeth Cary Agassiz (1865-1866)

Elizabeth Cabot Cary, nasceu em Boston no dia 05 de dezembro de 1822. Quando sua irmã mais velha se casou com um professor da Universidade de Harvard, a jovem Elizabeth Cary começou a frequentar um grupo de intelectuais nesta mesma universidade, onde conheceu o cientista suíço Louis Agassiz, um viúvo com três filhos que também lecionava em Harvard. O casamento com o naturalista Louis Agassiz aconteceu em 25 de abril de 1850, passando a ser chamada desde então, Elizabeth Cary Agassiz.

Colaboradora de seu marido em suas pesquisas, Elizabeth Agassiz não só ajudou a organizar a *Expedição Thayer*³⁶ como acompanhou seu marido nesta viagem ao Brasil. Registrando o dia a dia da expedição. O livro *Viagem ao Brasil: 1865-1866*, é uma publicação em conjunto do casal Agassiz (Figura 51), fruto das anotações de Elizabeth e das observações científicas de Louis Agassiz, repleto de detalhes e contendo os mais variados assuntos observados durante a viagem.

³⁶ Louis Agassiz, zoólogo e geólogo, junto com sua esposa Elizabeth Agassiz, organizou e chefiou a Expedição Thayer, que saiu em 1865 de Nova York, passando pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Nordeste do Brasil e terminando na Amazônia no ano de 1866. O nome da expedição se deve a Nathaniel Thayer, quem a financiou. Seu principal objetivo era pesquisar os peixes da Bacia Amazônica para defender a Teoria do Criacionismo e mostrar a natureza como obra do Criador.

Figura 51 –Elizabeth e Louis Agassiz.



Fonte: Autor desconhecido, s/d. In: Harvard Magazine Inc.

Elizabeth Agassiz até poderia ter sido categorizada entre as mulheres naturalistas devido a sua contribuição na pesquisa científica e nas publicações em conjunto com seu marido, todavia, no século XIX ainda não era comum uma mulher ser reconhecida e valorizada como tal pelas instituições científicas.

Existia uma tendência de ignorar contribuições de mulheres que ajudavam suas famílias, frequentemente do marido, trabalhando como coletoras, catalogadoras e ilustradoras [...] estudos do século dezanove no contexto de uma ciência pré-profissional indicavam que mulheres estavam mais envolvidas com o desenvolvimento da história natural do que se suspeitava previamente (Haeper *apud* Oliveira, 2021, p. 94)

Apesar de ser citada como coautora, o próprio Louis Agassiz reconheceu sua esposa como sendo a autora principal da obra. No prefácio do livro *Viagem ao Brasil*, assim escreveu:

A Sra. Agassiz registrou dia a dia as nossas aventuras. Habituei-me logo a fornecer-lhe uma nota quotidiana do resultado dos meus trabalhos, bem certo de que ela nada deixaria perder-se do que merecesse ser conservado. Devido a esse sistema de trabalho nossas contribuições mútuas para o “Diário” tanto se confundiram que nos foi mais ou menos impossível separar a parte de cada qual (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 289).

E, ao término do diário, onde o naturalista registrou as impressões gerais da obra, ele afirmou: “Não devo encerrar este livro, em grande parte escrito por outra mão que não a minha, sem dizer algumas palavras das minhas impressões gerais sobre o Brasil” (1975, p. 289. Grifo meu). Como então não dar a Elizabeth Agassiz o reconhecimento merecido pela sua contribuição para a história natural?

Partindo de Nova York no navio *Colorado*, em 01 de abril de 1865, chegaram ao Rio de Janeiro em 23 de abril. Assim como os demais viajantes que avistavam a Baía de Guanabara, do convés de seus navios, a norte-americana mencionou extasiada sobre a beleza e o aspecto da cidade, uma espécie de efeito cênico. Logo ao desembarcar, um funcionário da Alfândega do Rio de Janeiro lhes comunicou que toda a bagagem da equipe estaria livre de vistoria. Bem diferente de Ida Pfeiffer que, quase duas décadas antes, escreveu em seu diário que em nenhum outro lugar do mundo a Alfândega era tão rigorosa quanto no Rio de Janeiro, esse fato mostrou a relevância que o governo deu à expedição de Agassiz. Inclusive, seu contato direto com o imperador e com os grandes empresários da cidade, assim como as diversas conferências ministradas no Colégio Pedro II, confirmavam essa relevância.

Logo após escrever sobre a beleza cênica da cidade avistada de longe, a viajante descreveu sua primeira impressão ao desembarcar: negligência e incúria, resumiu Agassiz. A norte-americana mencionou também sobre um “grupo de selvagens” que encontrou ao chegar. Seu comentário estava carregado de uma representação racista e preconceituosa a respeito do escravizado e da escravidão.

“Que fará essa gente do dom precioso da liberdade?” O único meio de pôr termo às perplexidades que nos então assaltam é pensar nas consequências do contato dos negros com os brancos. Pense-se o que quiser dos negros e da escravidão, sua perniciosa influência sobre os senhores não pode deixar dúvidas em ninguém (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 45).

Vale ressaltar que um pouco antes de sua chegada ao Brasil, os norte-americanos haviam decretado a abolição da escravatura e, pelos comentários do casal, ficou subentendido que foram contrários à abolição em seu país. Em seu diário, comentou Agassiz que o Brasil, assim como os Estados Unidos, caminhava gradualmente, para as “experiências que fomos forçados a fazer bruscamente e sem estar de forma alguma preparados para elas” (1975, p. 94).

Dando continuidade, afirmou que os brasileiros não estariam tão preparados a lidar com a liberdade dos escravizados por não serem tão enérgicos e poderosos quanto os anglo-

saxões (1975, p. 94). Ou seja, o casal Agassiz, assim como a maioria dos viajantes europeus, tinha a certeza de sua superioridade cultural em relação ao Novo Mundo.

Alguns anos mais tarde, em carta escrita a um amigo em plena Guerra Civil americana, afirmou: "Temos que lutar já contra a influência da igualdade universal a fim de não impedir nosso progresso," referindo-se à inserção dos negros na sociedade, com o fim da escravidão. Quando os Agassiz vieram ao Brasil, este tipo de idéia estava totalmente consolidada para ambos. Seu contato com as populações locais, apesar de afável, foi marcado por esse sentimento de tranquila superioridade (Kury, 2001, p. 166).

Enquanto isso, no Brasil da segunda metade do século XIX, diversas organizações discutiam e lutavam pelo fim da escravidão. Essas organizações eram compostas por estudantes, professores, intelectuais e pessoas de diversas camadas sociais, sendo uma boa parcela, de intelectuais negros que se destacavam na luta pela abolição, como os engenheiros André Rebouças e José Agostinho dos Reis, o jornalista José do Patrocínio, o médico Vicente de Souza e a professora Cacilda Francioni de Souza. De acordo com a pesquisa de Sirlene Ribeiro Alves (2023), intitulada *Para além da liberdade... abolicionismo e educação como um amplo projeto de emancipação*, eram "Intelectuais comprometidos com suas origens e raízes, que olharam e se identificaram com o povo negro do cativo, assumindo responsabilidades e dispostos a ser agentes de transformação" (2023, p. 305).

Enquanto o casal Agassiz defendia a segregação dos negros, julgando-os como "raças inferiores", o movimento abolicionista desejava mostrar a ineficiência do regime escravista e seus efeitos nefastos para a sociedade, criando organizações que tinham o objetivo, não apenas de libertar os escravizados, como também instruí-los.

A presente tese que discorre sobre mulheres, portanto, vale destacar que a atuação das mulheres no movimento abolicionista brasileiro foi fundamental para o sucesso da luta contra a escravidão. Elas desempenharam um papel importante em diversas frentes de atuação, inclusive na educação. Para Alves (2023), a atuação da professora Cacilda Francioni de Souza foi marcada pela defesa da educação como um instrumento de emancipação dos negros. Ela foi uma das professoras que participou da criação da Sociedade Emancipadora, em 1883, que tinha como objetivo lutar pela abolição da escravidão e pela educação dos negros. A professora Cacilda Francioni também foi uma das fundadoras da Sociedade Propagadora da Instrução Popular, em 1884, que tinha como finalidade promover a educação popular e a alfabetização dos negros. A Sociedade Propagadora da Instrução Popular criou escolas noturnas para adultos e escolas diurnas para crianças, além de oferecer cursos de formação de professores.

Ao se deparar no Rio de Janeiro com organizações e pensamentos que rejeitavam a escravidão e lutavam pela promoção da igualdade racial, Elizabeth Agassiz escrevera à sua família, contando que “não há aqui o sentimento de inferioridade do preto que existe entre nós” (Paton *apud* Kury, 2001, p. 169).

O casal permaneceu na capital do país de abril a julho de 1865, ministrando palestras e conferências que eram muito concorridas. Embora corroborando com as posturas preconceituosas e racistas de seu marido, vale destacar que a presença de Elizabeth Agassiz nos espaços acadêmicos sinalizava que as mulheres poderiam e deveriam ter acesso à educação formal, demonstrando um senso de pertencimento em relação às mulheres. Sua presença e realizações ajudaram a desconstruir a ideia de que elas eram intelectualmente inferiores ou incapazes de entender ou se engajar em atividades antes dominadas apenas pelos homens.

Segundo Elizabeth, as lições ministradas por Agassiz no Rio de Janeiro, antes de partirem para a Amazônia, contaram, graças a ela, com a presença de mulheres, fato totalmente inusitado no Império de Pedro II. Em carta à sua família, Elizabeth acrescenta que a segunda aula de Agassiz fora ainda mais concorrida que a primeira, e que o imperador sancionara a presença de mulheres, levando consigo sua mulher e filha. A presença de Elizabeth reforçou a credibilidade e o papel de pretensa utilidade social dos trabalhos científicos de Agassiz (Kury, 2001, p. 160).

Em julho de 1865, a bordo do *Cruzeiro do Sul*, embarcaram rumo a uma longa jornada pelo Norte e Nordeste do Brasil, que durou cerca de nove meses. Nestas regiões realizou vários estudos sobre os peixes brasileiros, em especial para reafirmar a teoria criacionista contrapondo a teoria evolucionista de Charles Darwin. Estudou também os mestiços e as consequências da miscigenação, a considerando “um fator de decadência para o Brasil e a humanidade”. Seus estudos reforçavam a ideia de superioridade, tanto do branco em relação ao negro e ao índio, quanto do norte-americano em relação ao povo brasileiro. De acordo com Kury (2001), suas observações sobre a miscigenação brasileira ratificavam sua teoria de que as raças não deveriam se misturar, reforçando o campo político de parte da elite norte-americana que defendia a segregação negra.

Essa classe híbrida, ainda mais marcada na Amazônia por causa do elemento índio, é numerosíssima nos povoados e nas grandes plantações; o fato, tão honroso para o Brasil, de o negro ter pleno e inteiro acesso a todos os privilégios do cidadão tende a aumentar antes que diminuir a sua importância numérica.[...] Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo

mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 180).

Na Amazônia, onde tiveram a chance de observar a mestiçagem no seu sentido mais amplo, registraram a diversidade de raças encontradas: “o negro e o branco produzem o mulato, o índio e o branco, o mameluco, o negro e o índio, o cafuso” (1975, p. 184). Com seu olhar eurocêntrico, Agassiz também deixou claro em seus registros a superioridade do branco em relação ao negro e ao índio. Assim o casal definiu o resultado da mestiçagem no Brasil:

[...] O resultado de ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado[...] (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 184).

Como pode ser evidenciado no trecho em destaque, Agassiz aproveitou a sua estadia no Brasil para recolher provas materiais da “degeneração racial” devido a mistura de raças. Para o suíço, o “problema racial” no Brasil, era mais grave na Amazônia. O casal entendia que a civilidade advinha somente da raça superior (a do homem branco), e que no Brasil, em especial, na região amazônica, a classe civilizada, ao se misturar com outras raças, se rebaixava. Por posturas e comentários preconceituosos ao extremo como os destacados acima, Agassiz “começava a ser questionado por jovens naturalistas americanos, que rejeitavam suas interpretações, julgadas por demais teológicas, além de criticarem suas concepções racistas” (Kury, 2001, p. 162).

De volta ao Rio de Janeiro em abril de 1866, o casal não quis deixar o país sem antes visitar os estabelecimentos públicos: hospitais, asilos, instituições de caridade, Casa da Moeda, Academia de Belas-Artes, Arsenal da Marinha e escolas, dentre elas, a Escola Militar e a Escola primária para meninas. Em relação a esta última, discorreu sobre a educação ofertada às mulheres no país, ou melhor, não ofertada, pois, destacou a autora que, pouco se cuida da educação das mulheres no Brasil, sendo no interior, a omissão ainda maior.

Efetivamente, nunca conversei com as senhoras brasileiras com quem mais de perto privei no Brasil sem delas receber as mais tristes confidências acerca de sua existência e estreita e confinada. Não há uma só mulher brasileira, que, tendo refletido um pouco sobre o assunto, não se saiba condenada a uma vida de repressões e constrangimentos. Não podem transpôr a porta de sua casa, senão em determinadas condições, sem provocar escândalo. A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível

de francês e música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais; o mundo dos livros lhes está fechado [...] Pouca coisa sabem da história de seu próprio país, quase nada do de outras nações, e nem parecem a suspeitar que possa haver outro credo religioso além daquele que domina no Brasil; [...] Em suma, além do círculo estreito da existência doméstica, nada existe para elas (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 278).

Depois de visitar a Academia de Belas-Artes, apontou a negligência do brasileiro em relação a cultura, destacando o quanto livros e quadros são raros nas casas dos brasileiros. Apesar de ter no Brasil uma instituição artística como a Academia, para Agassiz, o Brasil ainda estava na “infância”, dessa forma não poderia tecer nenhum comentário ou crítica a respeito. Em relação aos costumes sociais, apesar de mencionar em seu diário as “notáveis” melhorias que se deram no Rio de Janeiro nos últimos quarenta anos, disse que o progresso caminhava ainda a passos muito lentos – ou seja, para Agassiz, somente a partir da década de 1820 os avanços civilizatórios começaram a ser percebidos na cidade.

Após um pouco mais de um ano no Brasil, antes ainda de voltarem para os Estados Unidos em julho de 1866, Louis e Elizabeth Agassiz estiveram em Teresópolis. A viajante anotou em seu diário que um naturalista poderia passar meses a fio nesta região e mesmo assim teria a cada dia ricos resultados, demonstrando a diversidade da natureza da região serrana do Rio de Janeiro. Esta foi a última excursão do casal no país.

Como mencionado, o livro *Diário ao Brasil* terminou com as impressões gerais escritas pelo naturalista Louis Agassiz, na verdade a única parte redigida somente por ele. Nela consta um breve apanhado sobre alguns assuntos observados durante o período em que estiveram no Brasil, como: religião e clero; educação; cultura; instituições; relações sociais e domésticas; economia, entre outros. Assim terminou suas impressões:

Ao lerem esse rápido apanhado, dirão os meus amigos do Brasil que medi parcimoniosamente o elogio de suas instituições e critiquei sem benevolência seu estado social? Espero que não. Estaria contra minha intenção deixar ao leitor de que parti do Brasil com outros sentimentos que não sejam uma calorosa simpatia por esse país, uma fé profunda em seu futuro e em sua prosperidade e uma gratidão pessoal muito sincera para com os seus habitantes. Reconheço nos brasileiros a impressionabilidade pelos movimentos elevados e pelas emoções generosas, o amor teórico da liberdade, a generosidade natural, a aptidão para aprender, a eloquência fácil. Se não encontrei neles algo da energia e a tenacidade das raças do Norte, não me esqueço de que esta é uma distinção tão antiga quanto a que existe entre as próprias zonas temperadas e tórrida (Agassiz e Agassiz, 1975, p. 299).

Apesar de relatar que o país caminhava lentamente em direção a “civilização”, Agassiz elogiou a hospitalidade do brasileiro e reconheceu em suas observações finais o potencial futuro do país, graças, principalmente, a seu governante Dom Pedro II, um homem esclarecido e

humano, de espírito liberal e muito interessado pelas coisas das ciências, embora tenha demonstrado pensar muito diferente do imperador no que se refere à própria abolição da escravidão.

2.3.6 A inglesa Isabel Burton (1865-1868)

Isabel Arundel nasceu em 1831, numa tradicional família católica inglesa. Em 1861, se casou com o britânico Richard Francis Burton (Figura 52), contrariando seus pais, que não viam com bons olhos a união por ele não ser católico. Além do mais, “Muitos notavam em Burton certas maneiras ciganas como um caráter ressentido, inimigo das regras rígidas e espírito vagabundo” (Ferri *in* Burton, 1976). O casamento só aconteceu depois que o pretendente concordou se casar na Igreja Católica e criar seus filhos na mesma tradição. A partir daí a inglesa passou a ser chamada Isabel Burton.

Figura 52 – Isabel e Richard Burton.



Fonte: Autor Anônimo, s.d. *In*: History Today, Volume 25, 5 Maio de 1975.

Richard Burton era uma figura emblemática, uma mistura de diplomata, soldado, etnólogo, tradutor e escritor. Em suas viagens, esteve nos Estados Unidos e em vários países do Oriente Médio, da Ásia, da África e da América do Sul. Por onde passava procurava aprender a língua, conhecer os costumes e a religiosidade do povo.

Isabel Burton além de acompanhar seu marido, era sua principal colaboradora, em especial no registro de suas impressões de viagem. A inglesa publicou em 1893, a biografia do seu marido intitulada *The life of Captain Sir Richard F. Burton*, composta de dois volumes. De seus escritos pessoais (cartas e diários), foi publicado no ano de 1897, a obra *The romance of Isabel Lady Burton: the story of her life told in part by herself and in part by W.H. Wilkins*, também em dois volumes. Esta obra autobiográfica, ainda sem tradução para o português, foi iniciada pela própria Isabel Burton, continuada após sua morte pelo seu amigo William Henry Wilkins e, de onde foram tiradas as principais informações desta pesquisa.

Antes de viajarem para o Brasil, o casal Burton fez um pequeno *tour* em Portugal. De Portugal, Richard Burton seguiu para o Brasil para assumir o cargo de cônsul em Santos, São Paulo. Enquanto isso, sua esposa voltou para a Inglaterra a fim de organizar as coisas para a mudança e encerrar os negócios do casal. Assim que tudo estivesse organizado, se juntaria a ele no Rio de Janeiro. De acordo com este cronograma, embarcaram em Southampton para Lisboa em 10 de maio de 1865, permanecendo no país por dois meses. Ainda em Portugal, Burton insistiu em levar sua esposa a uma tourada, mesmo sendo ela totalmente avessa à crueldade com os animais. Fazendo alusão ao Brasil, “o marido insistiu em levá-la provavelmente para acostumar-se com antecedência às imagens e sons selvagens que poderiam esperá-la no país semicivilizado onde se dirigiam” (Burton; Wilkins, 1897, Vol. I, p. 233). Esta foi a primeira referência ao Brasil como um país que ainda não havia alcançado a “civilidade” tão esperada.

Durante o século XIX, as touradas eram uma prática comum em muitos países, principalmente na Espanha e em Portugal, no entanto, também havia muitas críticas a esse costume, considerando-o como uma prática bárbara, um ato de selvageria. Não diferente do casal Agassiz, Isabel e Richard Burton também consideravam o Brasil um país “não civilizado”. Quando chegassem ao Brasil, Burton, deveria achar que iriam encontrar as mesmas “imagens e sons selvagens” permitidos aos que participavam de touradas, ou seja, gritaria, violência e desordem.

Os escritos de Isabel Burton revelaram uma mulher determinada, que por amor, enfrentou até mesmo sua família para se unir ao seu marido. Revelaram também uma mulher

muito inteligente e com iniciativa. Ao mesmo tempo em que tomava as decisões por ele, era em tudo obediente, como pode ser visto no relato a seguir.

No dia seguinte à procissão real, Burton partiu de Lisboa para o Brasil. Sua esposa subiu a bordo com ele, inspecionou sua cabine e viu que tudo estava confortável, e então “com o coração pesaroso voltou em um barco para o cais, e assistiu o navio lentamente saindo do Tejo”. [...] Burton disse a sua esposa para voltar para a Inglaterra no próximo navio a vapor. Como ela tinha o hábito de obedecer a seus comandos muito literalmente, e como poucas horas depois que ele saiu de Lisboa, um pequeno barco a vapor apareceu, ela embarcou neste barco impróprio para o mar na tarde do mesmo dia (Burton; Wilkins, 1897, Vol. I, p. 239. Tradução livre da autora).³⁷

Chegando a Londres, Isabel Burton pôs-se imediatamente a trabalhar para completar os preparativos da sua partida para o Brasil. Quando seu trabalho terminou, descobriu que ainda tinha dez dias em suas mãos antes que o navio a vapor partisse de Southampton para o Rio. Nesse interim, conseguiu se preparar espiritualmente para a longa jornada que viria a seguir participando de um retiro no Convento de Nossa Senhora da Assunção.

Lady Burton chegou em Pernambuco no dia 27 de agosto de 1865, vindo logo em seguida encontrar seu marido no Rio de Janeiro. O casal permaneceu na cidade por cinco ou seis semanas, alojados no Hotel dos Estrangeiros. No Rio de Janeiro, foram muito bem recebidos pela sociedade europeia. Pelo fato de serem europeus “bem-nascidos” e pelo cargo que ocupava seu marido “ela exigiu e obteve um tratamento altura do que ela esperava por seu nascimento e a seu marido em razão de seu famoso e distinto serviço público” (Burton; Wilkins, 1897, Vol I, p. 245. Tradução livre da autora).³⁸

O Rio de Janeiro foi marcante para a inglesa a ponto de ter anotado em seu diário que foi nesta cidade que ela ofereceu o seu primeiro jantar desde o seu casamento. Em São Paulo, Richard Burton atuou no consulado de Santos, permanecendo até o ano de 1868.

Burton esteve em Santos, São Paulo e Minas Gerais. Escreveu *Explorations of the Highlands of the Brasil*, publicado em 1869. Esta obra é um testemunho privilegiado e repleto de observações preciosas acerca dos significados da escravidão e dos costumes no Brasil. [...] Para conhecer nossa nação estudou o português e o tupi, conhecendo a fundo a literatura erudita e popular do Brasil, fazendo várias traduções para o inglês. Burton era um erudito, antropólogo, naturalista, folclorista e acima de

³⁷ No original: The day after the royal procession Burton sailed from Lisbon for Brazil. His wife went on board with him, inspected his cabin, and saw that everything was comfortable, and then “with a heavy heart returned in a boat to the pier, and watched the vessel slowly steaming away out of the Tagus”. [...] Burton had told his wife to return to England by the next steamer. As she was in the habit of obeying his commands very literally, and as a few hours after he left Lisbon a little cockle-shell of a steamer came in, she embarked in this most unseaworthy boat the afternoon of the same day.

³⁸ No original: [...] she demanded and obtained the position which belonged to her by birth, and to her husband by reason of his famous and distinguished public services.

tudo um grande observador. [...] Frequentemente faz comparações com a Inglaterra. Analisa o aproveitamento dos rios para o transporte, sobre as dificuldades das vias de comunicação e a importância das ferrovias; além dos costumes, religião e festas. Vê a “escola como lugar para a preparação para o futuro”, estando esta ao alcance da maioria da população. Aponta para as deficiências do ensino pelo qual “não se pode adquirir ciência moderna, nem artes mecânicas”. Os livros eram ainda raros e caros, sendo o jornal o “alimento literário” da população, que poderia ser o meio para alcançar o progresso, apesar da linguagem violenta³⁹.

Observadora atenciosa, a situação dos escravizados não passaria despercebida aos olhos de Isabel Burton. Narrou a inglesa: “Os escravos aqui têm que trabalhar noite e dia, e as pessoas os tratam como mulas, com total descaso para seus confortos pessoais” (Burton; Wilkins, 1897, Vol I, p. 242). A Sra. Burton também descreveu a relação interpessoal com o seu servo que se chamava Chico, um “moleque muito curioso, inteligente e honesto”.

Senhor Richard comprava uma roupa nova, (o moleque) levava-a imediatamente ao alfaiate para copiá-la, em tamanho menor, principalmente a roupa de noite. Para ir a um baile ficava a cópia exata do Senhor[...]. Costumávamos fazê-lo vir e se apresentar quando se vestia, para nos divertir. [...] Cada uma das melhores famílias tinha um desses negros inteligentes; costumavam ter ceias, quando se erguiam e faziam discursos, exatamente como nós. [...] como ouvira Richard fazer em suas conferências, nosso Chico declamava sobre “o lugar do Negro na Natureza” e falava sobre a evolução a partir do macaco original (Darwinismo) e como poderiam finalmente os negros esperar atingir a situação do homem branco (Burton *in* Moreira Leite, 1997, p. 122).

O trecho citado pela inglesa descreve a prática da elite oitocentista e que foi copiada por muitos viajantes estrangeiros que se diziam contrários a escravidão, mas que, ao chegar no país, adotaram as mesmas condutas da sociedade local. Como mencionaram, era comum nos eventos, como uma forma de entretenimento, exibir um escravizado inteligente que “copiava” as roupas do seu dono em tamanho menor, uma visão preconceituosa e estereotipada dos escravizados, como se fossem seres infantilizados e incapazes de pensar por si próprios. Na verdade, eles eram obrigados e treinados a fazer discursos e declamações, como o menino Chico foi obrigado a fazer mencionando “o lugar do negro na natureza”. Um entretenimento racista que demonstrava a ideia de que os negros eram inferiores aos brancos e “precisavam evoluir” para atingir a mesma situação social e intelectual.

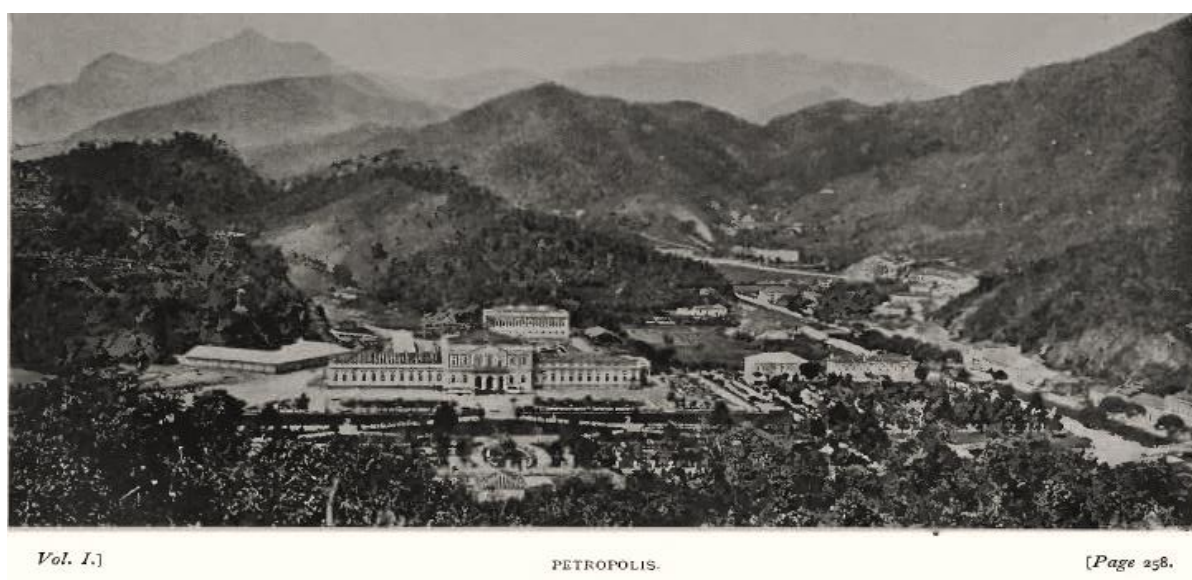
Em relação à educação, bem diferente das viajantes que estiveram no país no início do oitocentos, a inglesa anotou que “o brasileiro é um cidadão, não um súdito - são loucos por

³⁹ A nota acima faz parte de um verbete elaborado por Ana Paula Seco e se encontra na Revista HISTEDBR Online. Do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" da Faculdade de Educação – UNICAMP. Disponível em <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/richard-francis-burton>. Acesso em 29 de março de 2023.

educação, até mesmo pela educação religiosa” (Burton, 1869, p. 105). Apesar do comentário de Isabel Burton sugerir um progresso em relação ao acesso ao ensino no país, por ter tido contato maior com a elite, não se pode estender essa situação às demais classes sociais.

Os três anos em que o casal Burton permaneceu no país foram passados entre São Paulo e Santos, intercalados em longos intervalos de viagens ao Rio. O volume *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* foi resultado de sua excursão de férias à Minas Gerais. Nele, Richard e Isabel Burton descreveram detalhes de várias cidades por onde passaram, dentre elas, Petrópolis (Figura 53), Juiz de Fora e São João d’El Rei.

Figura 53 – Vista de Petrópolis.



Fonte: BURTON; WILKINS, 1897, Vol I, p. 258.

Isabel Burton escreveu com detalhes, numa série de cartas para sua mãe, tudo o que viveu no país, as cidades por onde passou e seu contato com a sociedade brasileira. No Rio de Janeiro, como já mencionado, o contato maior do casal inglês foi com a Corte portuguesa e os diplomatas ingleses.

Numa carta escrita em 14 de maio de 1866, a Sra. Burton relatou que em 1 de junho iriam até o Rio a convite do imperador. “O conde e a condessa d’Eu nos convidaram ao seu palácio; mas eu não acho que vamos lá, pois haverá etiqueta demais para permitir que cuidemos de nossos assuntos” (Burton; Wilkins, 1897, Vol. I, p. 258. Tradução livre da autora)⁴⁰.

⁴⁰ No original: The Comte and Comtesse d’Eu have asked us to their palace; but I do not think we shall go there, as there will be too much etiquette to permit of our attending to our affairs

Já de Petrópolis, no mês seguinte, a carta enviada à sua mãe foi para descrever sua impressão sobre o imperador, o filho de Pedro I, retratado como um bom homem, de modos viris e muito cordial e sobre a imperatriz, a filha de Fernando II de Nápoles, como sendo muito simpática e gentil. Continuou: “e agora estamos em posição de ir sempre que quisermos ao palácio sem nenhuma cerimônia. Nenhum dos outros ingleses aqui tem esse privilégio”⁴¹ (Burton; Wilkins, 1897, Vol. I, p. 259. Tradução livre da autora).

Quando Richard Burton se dirigiu a Santos para estabelecer seu consulado, a Sra. Burton permaneceu em São Paulo. Isabel Burton não gostou de Santos, a descrevendo como um “manguezal”, por isso optou por morar em São Paulo. A inglesa comparou o Rio de Janeiro a São Paulo, descrevendo a sociedade carioca como sendo muito diplomática, um lugar bem movimentado. Enquanto esteve no Rio, participava ativamente de festas e jantares, já para a inglesa, viver em São Paulo era muito chato, era como morar no campo onde não se tem muitos amigos para conversar. Mas foi em São Paulo que ela descreveu a felicidade de “fazer nosso primeiro lar de verdade” (Burton; Wilkins, 1897, Vol I, p. 249. Tradução livre da autora)⁴², demonstrando quão difícil e desapegada deveria ser a vida de uma mulher que optou em viajar acompanhando seus maridos.

Como já referido, no ano de 1867, Richard Burton obteve uma licença de seu consulado para que ele e sua esposa começassem uma expedição ao interior do país. Segundo a inglesa, esta expedição foi o acontecimento mais marcante da vida do casal no Brasil.

Em 24 de julho de 1868, Isabel Burton embarcou para Londres, chegando em Southampton em 1º de setembro. No seu retorno a Inglaterra, foi publicado o relato completo dessa aventura *Explorations of the Highlands of the Brazil*. No Brasil, o volume dedicado à *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, foi publicado com a colaboração da Universidade de São Paulo. No prefácio da obra de Richard Burton, escrito por Isabel Burton, ela mencionou ser este livro de grande valia para os aventureiros que queiram se embrenhar pelo interior do Brasil.

Antes que o leitor se embrenhe pelo interior do Brasil, guiado pelo meu marido, seja-me permitido dizer-lhe duas palavras. Regressei à Pátria, para uma licença de seis meses depois de três anos no Brasil. Um dos muitos encargos que tenho de executar para o Capitão Burton é tratar da publicação das páginas que seguem. Tive o privilégio, durante aqueles três anos, de ter sido a sua companheira quase constante; e penso que viajar, escrever, ler e estudar sob a direção de um tal mestre constitui,

⁴¹ No original: and we are now in a position to go whenever we like to the palace *sans ceremonie*. None of the other English here have the privilege.

⁴² No original: "set up our first real home".

realmente, uma grande dádiva, para todo aquele desejoso de ver e aprender. Embora ele costume dizer-me, com freqüência, à feição oriental, que “o muçulmano não pode admitir a igualdade entre o homem e a mulher”, escolheu-me, mesmo assim, para sua discípula predileta, de preferência a um estranho mais competente. [...] sou uma discípula fidelíssima; [...] (Burton, 1976, p. 14. Grifo meu).

Embora Isabel Burton fosse a responsável pelas publicações de seu marido, havia muitas coisas escritas que ela não aprovava, mas como obediente que era, explicou isso aos leitores, de que havia um acordo mútuo entre o casal e que não concordava com muita coisa publicada.

[...] agora, porém, começo a perceber que, ao passo que ele e seus leitores são velhos amigos, estou humildemente, desconhecida, à sombra de sua glória. É tempo, portanto, para, respeitosa mas firmemente, afirmar que, embora eu aceito, com orgulho, a tarefa que me foi confiada, e me comprometa a não me valer de meus poderes discricionários para alterar uma única palavra do texto original, protesto, com veemência, contra os seus sentimentos religiosos e morais, em desacordo com uma vida plena de correção. Chamo a atenção, indignada particularmente para maneira deturpada de se referir à nossa Santa Igreja Católica Romana e para apoio ao antinatural e repulsivo costume da poligamia, que o Autor tem o cuidado de não praticar, mas que, do alto de um pedestal de moralidade, prega aos ignorantes, como recurso para o povoamento das nações jovens. Sou obrigada a divergir dele em muitos outros assuntos; mas deve ficar entendido, [...] mas graças a um acordo mútuo de divergirmos e nos deleitarmos com as nossas divergências, uma vez que não faltam os pontos de interesse comum. Tendo-me, justificado e feito uma amistosa advertência ao compreensivo ou benevolente leitor - os outros que cuidem de si [...] (Burton, 1976, p. 14).

Mesmo sendo uma reconhecida escritora, viajante, exploradora e tradutora de sua época, fazia questão de se colocar em estado de submissão a seu marido, ao mesmo tempo em que se enobrecia por ter sido a sua discípula predileta. Vindo de uma rica e influente família inglesa, fato que pode ter ajudado a abrir muitas portas para seu marido, ela se colocou como uma “desconhecida à sombra de sua glória”.

As viagens de Richard Burton, recentemente, inspiraram o filme *As Montanhas da Lua*, uma produção de 1990 que tratou sobre o processo de expansão das potências europeias no continente africano no século XIX, em busca da nascente do rio Nilo, tendo além de Burton, o britânico John Hanning Speek, como personagens principais.

3 MULHERES VIAJANTES E A MISSÃO DE EDUCAR: PROFESSORAS, NATURALISTAS E “AVENTUREIRAS”

Confesso que fiquei arrebatada pela ideia de educar uma pessoa de cuja educação e qualidades pessoais a felicidade de todo o Império devia depender. Imaginei que o Brasil poderia, sob um melhor governo, atingir o que nenhum país, salvo o meu, jamais alcançara.

*Maria Graham*⁴³

Durante o século XIX, o Brasil foi “invadido” por diversos viajantes estrangeiros que buscavam conhecer, ensinar, explorar e escrever sobre o país. Entre as mulheres viajantes, professoras, naturalistas ou “aventureiras” que vieram tentar a sorte, nem todas tinham como objetivo, explicitamente, “civilizar” o Brasil, entretanto, muitas traziam consigo ideias e influências que poderiam ser consideradas civilizatórias. Essa missão de “civilizar” o Brasil, estava atrelada à visão etnocêntrica e eurocêntrica, na qual as viajantes europeias consideravam-se superiores e detentoras do conhecimento e da cultura “civilizada”.

As mulheres viajantes oitocentistas desempenharam um papel importante na missão de educar. Como professoras, naturalistas e “aventureiras”, elas enfrentaram desafios e assumiram papéis pioneiros na promoção da educação na sociedade.

Durante esse período, o acesso à educação era limitado, especialmente para as mulheres e as classes “menos favorecidas”. De certa forma, as viajantes estrangeiras contribuíram para o avanço da educação e da ciência, ajudando a expandir o conhecimento e a compreensão do Brasil, dentro e fora do país e contribuindo para a transformação de alguns hábitos e costumes sociais, que passaram a ser vistos e registrados por elas como costumes “atrasados” e que impediam o avanço da “civilização no país”.

No entanto, vale ressaltar que as mulheres viajantes enfrentaram muitos obstáculos, tanto em suas próprias sociedades, quanto no Brasil. Elas tiveram que lidar com estereótipos de

⁴³ Trecho citado por Maria Graham ao ser contratada como preceptora da princesa Maria da Glória, extraído do Escorço biográfico de Dom Pedro I.

gênero, preconceito, restrições e a invisibilidade. Muitas vezes, tiveram que se adaptar às regras culturais que favoreciam geralmente aos homens e superar barreiras para realizar suas missões.

“Uma história sem a mulheres parece impossível. [...] Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas porque esse silêncio?” (Perrot, 2019, p. 13 e 16). Michelle Perrot defende que escrever a história das mulheres é sair do silêncio e da invisibilidade em que elas estavam confinadas. A historiadora argumenta que a exclusão das mulheres da história não se deu por acaso, mas foi resultado de uma construção social que as relegou a um papel secundário na sociedade. Em primeiro lugar porque, cabia às mulheres somente o espaço doméstico e, confinadas em suas casas, se tornavam invisíveis na sociedade. Em consequência disso, como não eram vistas, não se falava delas. São invisíveis, pois sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertence aos homens e poucas mulheres se aventuram nele.

Dessa forma, escrever sobre a história das mulheres viajantes oitocentistas e sobre o que elas produziram, é importante para garantir a representatividade e o reconhecimento das mulheres na sociedade, além de contribuir para uma visão mais plural e diversa da história.

Dessa forma, no capítulo anterior, foi dedicado às narrativas de escrita do além-mar, feito pelas mulheres viajantes que estiveram no país ao lado de seus maridos. Como destacado, mesmo estando em uma situação mais cômoda, elas romperam com as convenções sociais da época ao se aventurarem em terras distantes e desconhecidas, deixando para trás sua família e sua casa, o único espaço que era delas por direito e onde tinham visibilidade. “Para Kant, a mulher é a casa” (Perrot, 2019, p. 134).

Neste capítulo, serão analisados os registros daquelas viajantes que vieram com a missão de educar, assim como o registro das mulheres que tinham a natureza por objeto e as “aventureiras”, aquelas que vieram apenas pela vocação de viajar ou para tentar a sorte em um país que se abria aos estrangeiros, oferecendo várias oportunidades econômicas e sociais. No século XIX, enfim, as mulheres fizeram viagens por diversas razões, enfrentando mais dificuldades que os homens, pois, como mencionou Perrot, sempre precisavam de justificativas, de objetivos ou de apoio.

Seja qual for o motivo da viagem, suas narrativas apresentavam um olhar sensível e singular sobre o que viram no país, trazendo uma perspectiva única que muitas vezes contrastava com as visões masculinas predominantes da época. Ao analisar a trajetória dessas mulheres, percebe-se que a missão de educar não estava apenas nas mãos das professoras e preceptoras estrangeiras. Analisando o papel atuante das mulheres viajantes como atrizes e

agentes sociais de sua própria história, percebe-se o quanto contribuíram para a missão “civilizadora” como prática educativa em terras brasileiras.

3.1 A missão de ensinar: o cenário brasileiro e as práticas educativas

Das quatorze mulheres viajantes selecionadas para esta pesquisa, um grupo pequeno, mas de grande relevância desembarcou no país, para exercerem o ofício de educadoras nas casas da Corte Imperial. Francesa, inglesa ou alemã, cada uma com suas particularidades e atributos, encontraram no Brasil um campo promissor e em alta para seus serviços.

Como destacado, com a chegada da Família Real, iniciou-se um processo lento para a modernização do país e, neste processo, a educação desempenhou um papel fundamental como caminho para a civilidade. Além da educação doméstica, prática comum no período, coexistiam no país escolas públicas e privadas, porém, o acesso ao ensino formal, ainda era restrito basicamente à elite brasileira.

Durante a primeira metade do século XIX, a educadora que esteve no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro oitocentista foi a inglesa Maria Graham. Em sua primeira passagem veio acompanhando seu marido, enquanto viúva, voltou como preceptora da princesa Maria da Glória, filha de Dom Pedro I. Na segunda metade do oitocentos, período em que se observava um aumento na procura e na oferta dessas profissionais, estiveram no país a francesa Adèle Toussaint-Samson e a alemã Ina von Binzer. Das três mencionadas, a única que veio exclusivamente para atuar como preceptora foi a jovem alemã Ina von Binzer, vale mencionar, a única também solteira. De acordo com Vasconcelos:

A influência dessas mulheres no cotidiano das casas estendeu-se para muito além da educação, criando costumes que foram, pouco a pouco, misturando-se aos da terra, tornando-se impossíveis de separar, uns dos outros. Surgidos nas casas, no convívio entre mulheres de diferentes nacionalidades, os hábitos, os valores, as crenças, os castigos, as premiações, os gostos, as práticas presentes na educação doméstica e as formas de aprender e ensinar vão sendo perpetuadas e incorporadas aos rituais educativos, com ressonâncias também nas instituições escolares, que, mais tarde, tornaram-se hegemônicas (Vasconcelos, 2018, p. 295).

Em seu diário, Maria Graham comentou as dificuldades, tanto de ordem financeira quanto moral, ao voltar ao país pela segunda vez, viúva e sozinha. Agora ela não era mais a esposa do comandante de fragata, ela era apenas uma viajante solitária que precisou da ajuda de amigos e conhecidos de seu marido e da amizade da imperatriz para se reerguer. A francesa Adèle Toussaint-Samson, mesmo vindo com seu marido, ambos professores, também enfrentou

os preconceitos e estereótipos, por andar sozinha nas ruas da cidade para lecionar nas casas de seus alunos.

Na época, o brasileiro não via com bons olhos uma mulher andar desacompanhada pelas ruas, mesmo sendo para exercer um ofício tão respeitável. Dificuldade maior deve ter enfrentado a jovem Ina von Binzer, que veio apenas com a companhia de seus papéis e pena, para lecionar. Solitária num país distante e com uma cultura tão diferente.

No final do oitocentos, a educação no Rio de Janeiro, assim como em todo Brasil, passou por grandes transformações. Na cidade do Rio de Janeiro, algumas escolas importantes surgiram, tanto para a educação básica quanto para o ensino superior. No entanto, é importante ressaltar que o cenário no Brasil, nessa época, era um ensino restrito a um número limitado de pessoas, principalmente os filhos dos “bem-nascidos”, e que havia uma grande parcela da população sem acesso à educação formal. Uma das escolas mais conhecidas da época foi o Colégio D. Pedro II, criado em 1837, que foi o primeiro estabelecimento de ensino secundário do Brasil e mencionado por diversos viajantes que nele estiveram ou dele ouviram falar. O colégio foi inicialmente destinado aos filhos dos funcionários públicos do governo, posteriormente abrindo suas portas para os demais interessados. Além desta escola, existiam outras instituições de ensino no Rio de Janeiro do século XIX, como os colégios religiosos e as escolas particulares, frequentadas, como mencionado, principalmente pela elite.

Nas casas ou nas escolas, as práticas educativas das preceptoras e professoras estrangeiras no Brasil eram as baseadas nas práticas pedagógicas europeias, como pode ser observado no trecho destacado, a seguir.

Com efeito, o objetivo maior de contratar mulheres que já haviam vivido no “berço” da civilização, em contato com o que havia de mais sofisticado, era que ensinassem, explicassem e colocassem em prática um programa de educação que pudesse transformar as meninas brasileiras em mulheres educadas, adequadamente, conforme o padrão europeu (Vasconcelos, 2018, p. 300).

Observa-se, a seguir, um resumo da vida e trajetória dessas três mulheres educadoras no Rio de Janeiro oitocentista. Em comum, todas viam o papel da educação na sociedade brasileira como um desafio, uma vez que acreditavam que o sistema brasileiro era atrasado em relação ao europeu, por isso deveriam ensinar aqui de acordo com o padrão de educação europeia, segundo elas, o único modelo que poderia “salvar” as nossas crianças da “barbárie” a qual estavam inseridas.

3.1.1 A inglesa Maria Graham (1821/1822/ 1823 /1824-1825)

Filha de George Dundas e Ann Thomson, a inglesa Maria Dundas (1785-1842), mais conhecida no Brasil como Maria Graham, foi uma escritora, desenhista, pintora, professora e historiadora que ficou conhecida por publicar suas memórias e narrativas de viagens. Numa época em que mulheres ficavam em casa cuidando de seus maridos, filhos e dos afazeres domésticos, Graham publicou cerca de dezesseis livros, dentre eles, diários de viagem, livros de botânica e contos infantis, um grande feito para uma mulher de sua época.

Em 1808, com 23 anos de idade, acompanhou seu pai, um oficial da marinha britânica, a uma viagem à Índia, a primeira de muitas, onde conheceu o oficial Thomas Graham, se casando com ele no ano seguinte. Primeiro acompanhando seu pai e depois seu marido, ali nasceu o interesse pelas viagens e pela história dos lugares visitados. Mary del Priore, ao prefaciar a obra *Maria Graham: uma inglesa na Independência do Brasil*, de Denise G. Porto, destacou que, mesmo não tendo pertencido à aristocracia inglesa, Graham recebeu de seus pais uma educação privilegiada, por esta razão, “ela tecia ricas comparações na realidade que observava, nas singularidades locais que registrava, tentando dar-lhes um sentido, um entendimento” (Porto, 2020).

Ao retornar da Índia com seu marido em 1811, Graham publicou na Inglaterra seu primeiro livro, intitulado *Diário de uma Residência na Índia*. Definitivamente, o trabalho doméstico não era a sua aptidão. Enquanto seu marido estava viajando a serviço da marinha, Maria Graham (Figura 54) se dedicava ao trabalho de tradutora e editora de livros, incluindo os seus próprios.

Figura 54 – Maria Graham (1821).⁴⁴



Fonte: Autor Anônimo, s.d. Coleção Odilon Ribeiro Coutinho. In: MOREIRA LEITE, 1997.

Em 1821, Thomas Graham, comandante da Fragata *Doris*, partiu da Inglaterra com a missão de proteger os interesses mercantis ingleses na América do Sul, que nesta época fervilhava com os movimentos pela independência. Maria Graham acompanhou seu marido nesta empreitada atuando a bordo da fragata *Doris*, durante a viagem, como professora dos guardas-marinha, futuros oficiais ingleses.

Nossa escola para os rapazes de bordo está agora bem organizada [...] a dos guardas-marinhas vai muito bem; funciona na cabine de frente, às vistas do comandante. [...] Nossos dias passam rápidos, porque ocupados. O trabalho regular do navio, a escola, as observações astronômicas, o estudo da história, das línguas modernas e a atenção

⁴⁴ A historiadora e escritora Mary del Priore, num evento organizado pela Fundação Biblioteca Nacional em comemoração aos 200 anos da chegada de Maria Graham ao Brasil (1821 - 2021) e aos 200 anos da Independência (1822 - 2022), descreveu uma curiosidade em relação a vestimenta de Graham: “uma figura diferente que costumava usar um turbante porque parte de seu cabelo havia sido arrancado na infância”, no entanto, o motivo não foi detalhado.

em observar tudo o que se passa, enchem completamente o nosso tempo (Graham, 1990, p. 118).

Exatamente, no dia 21 de setembro, um ano antes da independência, quando o país estava em plena agitação política, Graham avistou a costa do Brasil pela primeira vez. De suas viagens ao Brasil, passando por Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, a primeira em 1821 e a segunda entre 1822-1823, resultou sua publicação intitulada *Diário de uma viagem ao Brasil*.

Assim que a fragata *Doris* aportou em Olinda, capital de Pernambuco em 1821, foram aconselhados a não desembarcar, visto que a cidade estava em estado de sítio devido a uma rebelião. Mesmo com essa recomendação, a viajante inglesa resolveu ir para terra firme, impulsionada pela curiosidade de nunca ter presenciado uma cidade em estado de sítio. Além de encontrar o comércio fechado, o que mais lhe chamou a atenção foi a tenebrosa visão de um mercado de escravizados. Para uma abolicionista declarada, seus olhos registraram uma cena terrível de um país que engatinhava rumo à “civilização”. Por várias vezes, sua pena registrou em seu diário o repúdio e indignação de como os brasileiros tratavam os escravizados, ou melhor, maltratavam, sendo a escravidão, para a autora, um dos principais aspectos que colocava o país numa posição de “atrasado” culturalmente e “não-civilizado”.

Não tínhamos dado cinqüenta passos no Recife quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de escravos.[...] O espetáculo nos fez voltar ao navio com o coração pesado e com a resolução "não ruidosa, mais profunda" de que tudo o que pudéssemos fazer no sentido da abolição ou da atenuação da escravatura seria considerado pouco (Graham, 1990, p. 134).

Ficando em Pernambuco até 14 de outubro de 1821, já com a paz retomada na cidade, a Fragata *Doris* partiu para a Bahia, uma cidade de acordo com Graham, magnífica de aspecto, vista do mar. Ao desembarcar, sua visão magnífica se transformou em desapontamento pela sujeira das ruas, das habitações e pela má educação de seus habitantes.

No dia da festa da Imaculada Conceição, 8 de dezembro, Graham e seu marido se despediram da Bahia, partindo finalmente para o Rio de Janeiro. Sua primeira experiência na cidade foi descrita em seu diário como uma “experiência fascinante”. No Rio de Janeiro, seu primeiro contato com a escravidão também foi registrado em seu diário, mas com uma certa contradição: segundo a inglesa, fora da região do Valongo, os escravizados pareciam felizes.

Porém, ao se deparar com o mercado, o horror da escravidão se mostrou com sua forma mais extrema.

Os negros, tanto livres quanto escravos, parecem alegres e felizes no trabalho. [...] Lembram aos outros aqui o menos possível a triste condição servil, a não ser quando se passa pela rua do Valongo. Então todo o tráfico de escravo surge com todos os seus horrores perante nossos olhos. De ambos os lados estão os armazéns de escravos novos, chamados aqui peças, e aqui as desgraçadas criaturas ficam sujeitas a todas as misérias da vida de um negro novo, escassa dieta, exame brutal e açoite (Graham, 1990, p. 208).

Graham não foi a primeira viajante a escrever que os escravizados pareciam felizes e bem tratados no Brasil. Essa afirmação demonstrava que alguns viajantes registraram observações superficiais sobre a escravidão, provavelmente influenciados pelos interesses de seus proprietários ou governantes. Essa visão romantizada e distorcida da realidade omitia o trabalho forçado, os maus tratos, os castigos físicos e as condições de vida precárias que os escravizados eram submetidos. Porém, na região do Valongo, era impossível disfarçar a realidade da escravidão. A região do Valongo era marcada por cenas deploráveis de violência física e psicológica contra os escravizados, tratados como mercadorias, sendo submetidos a terríveis castigos, torturas e humilhações constantes.

Apesar de todo o horror do tráfico de escravizados, a inglesa ao comparar o Rio de Janeiro com as demais regiões visitadas, relatou em seu diário, num tom elogioso, que “a cidade do Rio era uma cidade mais europeia do que Bahia ou Pernambuco.[...] Há na cidade um ar de pressa e atividade bem agradável ao nossos olhos europeus” (1990, p. 207; 208). Esse “ar mais europeu” pode ser em consequência da presença da Corte e da nobreza portuguesa na cidade.

Permanecendo no Rio de Janeiro poucos dias, em 10 de março de 1822, mesmo com o capitão Graham e o primeiro tenente bem adoentados, partiram em direção ao Chile, chegando à costa chilena no dia 20 de abril. Durante esta viagem, Graham descreveu o suplício que viveu.

Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regulamente, mas ainda que perto de dois anos se tenham passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de 3 de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperanças e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de 9 de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei: quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes (Graham, 1990, p. 251).

Ficar viúva nessas condições, longe de casa, dos parentes e, como ela mesma mencionou, com um hemisfério que os dividia, já seria motivo o suficiente para não continuar

viajando. No entanto, a inglesa encontrou consolo e auxílio suficiente em seus rapazes, como eram chamados os guardas-marinha, entregando ao tempo a missão de apagar as aflições vividas. Continuar sozinha num navio cuja tripulação era composta somente por homens, já demonstrava que a inglesa estava fora dos padrões definidos para o gênero feminino de sua época, essa conduta fez dela, praticamente uma exceção entre as mulheres viajantes da primeira metade do século XIX. Após a morte de seu marido, permaneceu no Chile até janeiro de 1823, voltando novamente ao Brasil a bordo do navio *Coll Allen* e aportando no Rio de Janeiro a 13 de março, em companhia de seu amigo inglês Thomas Cochrane⁴⁵. Em sua segunda passagem pelo Rio, foi apresentada ao imperador D. Pedro I e a imperatriz D. Leopoldina, vindo a se tornarem grandes amigas e confidentes.

Seu retorno ao Brasil não foi nada fácil, a solidão da viuvez em terras estrangeiras, a dificuldade financeira que se encontrava, a ponto de ser forçada a receber favores e, a perda de seu “prestígio”, a levaram a uma profunda tristeza e melancolia, o que demonstrava as dificuldades que as mulheres que viajavam sem a companhia de seus maridos enfrentavam.

Eu, por exemplo, estou sozinha, viúva, em terra estranha, minha saúde está fraca e meus nervos irritados, não tenho riqueza nem posição, sou forçada a receber favores dolorosos e chocantes com os meus hábitos e preconceitos antigos e topo muitas vezes com a impertinência dos que pretendem aproveitar-se de minha situação solitária; mas estou certa, contudo, de que tenho mais meias horas, não ousou mais dizer horas, de verdadeiro prazer, e menos dias de verdadeira miséria, do que a metade desses que o mundo considera felizes. Agradeço a Deus, que me deu um temperamento que sente extranhamente os agravos, mas, ao mesmo tempo, dotou-me com igual capacidade para alegria (Graham, 1990, p. 363).

Mesmo com tão pouco tempo desde a sua última vinda, cerca de um ano, o Rio de Janeiro havia mudado muito. No ano anterior, o príncipe herdeiro português, havia declarado o Brasil independente de Portugal, portanto o cenário político e social estava bem diferente.

⁴⁵ Thomas Cochrane, um aristocrata e almirante inglês, de acordo com Mary del Priore, era o pavor de Napoleão Bonaparte. Durante as guerras napoleônicas foi chamado de o “lobo do mar” e “el diablo”, por ter se destacado rapidamente como um navegador astuto e estrategista. Após rumores de seu envolvimento em fraudes na Bolsa de Valores de Londres, foi expulso da Marinha britânica, indo para o Chile e se tornando importante figura na luta pela independência, tanto do Chile quanto do Peru. Em companhia de Graham, veio para o Brasil em 1822, a serviço da Armada Brasileira de Dom Pedro I. Para as comemorações do bicentenário da independência (1822-2022), Maria Graham, Capitão Cochrane e o Imperador Dom Pedro I são os protagonistas do livro de Mary del Priore, intitulado *A viajante inglesa, o senhor dos mares e o imperador na Independência do Brasil*, onde foi narrado o encontro dos três personagens históricos no momento crepitante da Independência. Fato este explanado pela historiadora e escritora Mary del Priore, no evento organizado pela Fundação Biblioteca Nacional em comemoração aos 200 anos da chegada de Maria Graham ao Brasil e aos 200 anos da Independência.

Desde a primeira vez que Graham esteve no Brasil, foi personagem atuante em várias situações políticas por onde passou, sendo por vezes chamada a participar de assuntos estratégicos, fato que não era comum para uma mulher, nem na Europa, muito menos no Brasil do século XIX. Sempre procurando analisar o comportamento da mulher no Brasil oitocentista, uma personagem que chamou sua atenção foi a baiana Maria de Jesus, mais conhecida por Maria Quitéria⁴⁶. Enquanto a maioria das mulheres estava cuidando da casa e de seus maridos, a Jeanne Baret brasileira, se vestiu de homem para lutar pela independência da Bahia. Graham e Quitéria se encontraram em agosto de 1822, onde a inglesa pôde ouvir da própria baiana as suas histórias e aventuras. Em relação a Maria Quitéria e seus feitos patrióticos, Graham comentou:

Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência, seus modos são delicados e alegres. (...) Uma coisa é certa: seu sexo nunca foi sabido até que seu pai requereu a seu oficial comandante que a procurasse (Graham, 1990, p. 351).

O Brasil que Graham descreveu após a conversa com Maria Quitéria era uma nação com muito amor pela liberdade, porém, com pouca educação. A inglesa destacou em seu diário que encontrou no país uns dois ou três homens bem informados, mas ninguém que a lembrasse as pessoas bem-educadas da Europa, como pode ser observado a seguir:

Encontrei dois ou três homens do mundo bem informados e algumas mulheres vivamente conversáveis, mais ninguém, em nenhum sexo, que me lembrassem os homens e senhoras bem educadas da Europa. Aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível. (...) e a quota de leitura de livros é escassa. Dos que lêem assuntos políticos, a maior parte é discípula de Voltaire e excede-se nas doutrinas sobre política e igualmente em respeito à religião.; por isso, para gente moderada, que tenha passado pela experiência das revoluções européias, suas dissertações são às vezes revoltantes (Graham, 1990, p. 182).

Talvez tenha sido pela atuação de Maria Graham como representante intelectual e política que suas majestades se interessaram em conhecê-la. Além do mais, desde a sua recém-chegada ao Rio de Janeiro, a inglesa foi se articulando até conseguir adentrar à vida palaciana. Sempre circulando em meio a alta sociedade e, com amigos muito influentes, frequentava por vezes os mesmos ambientes que o imperador Dom Pedro I e sua imperatriz, incluindo recepções

⁴⁶ Maria Quitéria (1792-1853) foi considerada uma heroína da guerra pela independência do Brasil. Se vestiu de homem para conseguir se alistar como soldado no batalhão de “Voluntários do Príncipe Dom Pedro” e participar na Bahia nas guerras da independência. Por seus feitos patrióticos, foi condecorada com a Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul.

no Palácio Imperial. De acordo com Porto (2020), em sua aproximação com a vida palaciana, Graham escreveu com riqueza de detalhes o que viu e o que viveu em São Cristóvão. Numa dessas visitas, a 23 de julho de 1823, conheceu as princesinhas, descritas por ela como extremamente belas e muito parecidas com Sua Majestade Imperial, principalmente a mais velha, D. Maria da Glória (Figura 55), que tinha, de acordo com Graham, uma das caras mais inteligentes que já tinha visto.

Figura 55 – Dom Pedro I e sua filha a princesa Maria da Glória.



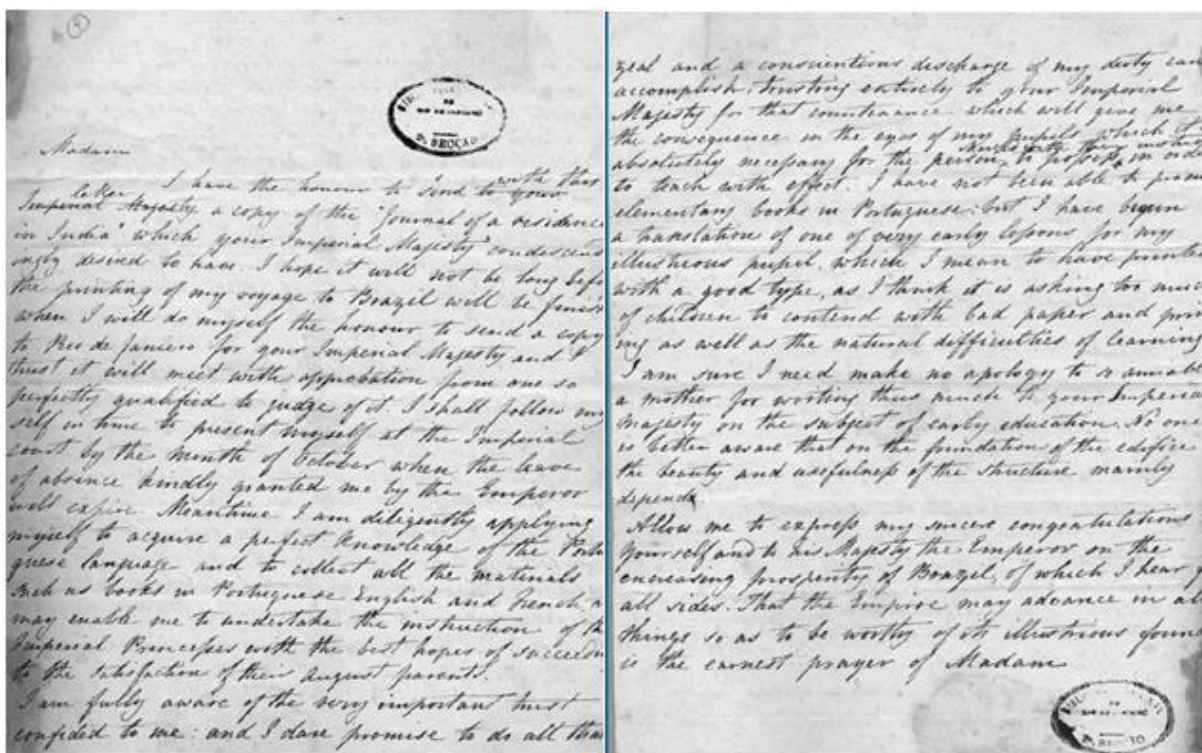
Fonte: Gravura de Domingos Antonio de Sequeira. Paris, 1824.
Divisão de Iconografia / FBN. In: GRAHAM, 2010.

Encantada com a primeira filha do imperador, Graham manifestou à imperatriz o desejo de educar a princesa, visto que, segundo ela, não haveria no país ninguém com a capacidade para tal missão. Sobre a imperatriz Leopoldina, sua futura amiga e protetora, ela discorreu:

[...] não foi pequeno meu prazer em encontrar uma mulher tão bem cultivada e bem educada; fiquei muito triste por deixá-la sem dizer isto: ela é, sob todos os pontos de vista, uma mulher amável e respeitável. [...] e seu comportamento

tanto público como privado, inspira justamente a admiração e o amor de seus súditos a sua família; sua paciência, prudência e coragem, tornam-na digna de sua alta posição (Graham, 1990, p. 316).

Nos festejos do aniversário de Dom Pedro I e também o primeiro de sua coroação, a 12 de outubro de 1823, a imperatriz Leopoldina orientou que Graham escrevesse uma carta ao imperador solicitando o cargo de governante da princesa. Seguindo sua orientação, a inglesa escreveu a seguinte missiva (Figura 56), como pode ser vista abaixo.

Figura 56 - Carta de Maria Graham à Leopoldina⁴⁷

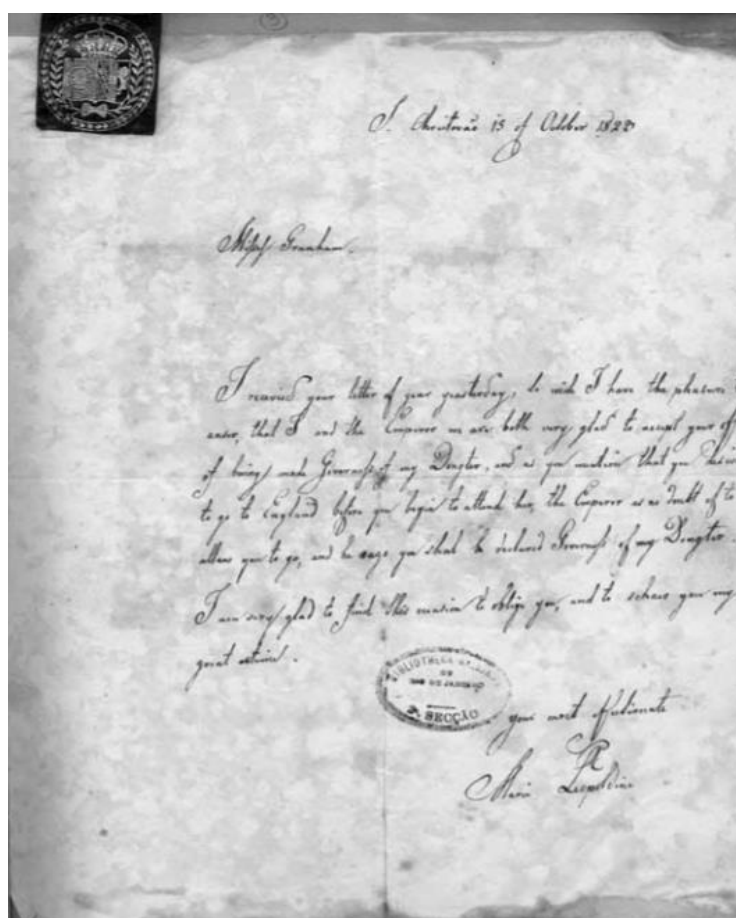
Fonte: Carta de Maria Graham à Leopoldina. Londres, s.d. Divisão de Manuscritos/ FBN. In: GRAHAM, 2010 (Ampliação no Anexo 2 A e B).

No dia seguinte em que a missiva foi entregue, lhe chegou “uma carta da Imperatriz, escrita em inglês, cheias de expressões amáveis, aceitando da maneira mais benévola, em nome

⁴⁷ Transcrição da carta de Maria Graham à Imperatriz Leopoldina: 13 de outubro de 1823 - Rio de Janeiro Ainda que vivamente interessada em falar a Vossa Majestade Imperial com referência ao importante negócio iniciado ontem pela Viscondessa do Rio Seco, por sugestão, segundo ela me informa, do meu conterrâneo Sir Thomas Hardy, não sei se terei coragem de propor-me para uma tão árdua e importante posição. Desde que se tratou disso, peço licença para assegurar a Vossa Majestade Imperial que é minha maior ambição tornar-me governante das Imperiais Crianças do Brasil.[...] Gosto imensamente de crianças e dedicaria todos os meus pensamentos e sentimentos ao meu encargo, se ele me fosse confiado, com o maior ardor, porque não tenho agora nem mesmo os apelos do dever para dividir meu coração ou pensamentos.[...] Ofereço-me a Vossa Majestade Imperial, certa de que uma princesa tão perfeita deve ser a verdadeira diretora dos pontos principais da educação de suas filhas; mas posso prometer ser uma zelosa e fiel assistente [...] Vossa Majestade Imperial tem o direito de fazer as mais minuciosas investigações a meu respeito [...] e envaideço-me de que na Inglaterra, onde sou realmente conhecida, tais investigações darão resultado satisfatório. Nada direi das aptidões e conhecimentos que deve possuir a pessoa tão altamente honrada em ser colocada tão perto das pessoas das jovens princesas. Vossa Majestade Imperial é um juiz competente e eu, e bom grado, confio na opinião de Vossa Majestade Imperial e, se houver algum ponto em que eu seja deficiente, ousou crer que compensarei com o estudo, a que me levam meus hábitos. Caso grande desejo de meu coração se realize, de ficar com as princesinhas, talvez seja vantajoso eu vá para Europa escolher os livros e outras coisas essenciais para o desempenho de minha interessante missão, satisfazendo assim, não só aos augustos pais de minhas discípulas, mas às esperanças desta nação, que olha para a família Imperial como o Paládio do estado, e que há de considerar como um encargo da maior responsabilidade a direção em qualquer grau, a educação de seus filhos (Lacombe, 1997, p. 32).

do Imperador e no seu próprio, os meus serviços como governante de sua filha” (Graham, 1990, p. 380). Nela a imperatriz manifestou sua satisfação e a do imperador pelo oferecimento de Graham para ser a governante de sua filha. Finalmente, a inglesa voltou a ter a evidência no cenário político e social, não mais como a esposa do capitão Thomas Graham, mas agora através de sua atuação como educadora da princesa Maria da Glória. Além do mais, devido a sua condição de viúva solitária, poderia se dedicar inteiramente a ilustre função que lhe era confiada. Segue abaixo a carta (Figura 57) com a resposta da imperatriz à Maria Graham.

Figura 57 - Carta de Leopoldina à Maria Graham.⁴⁸



Fonte: Carta de Leopoldina à Maria Graham. São Cristóvão [Rio de Janeiro], 15 out. 1823. Divisão de Manuscritos/ FBN. In: GRAHAM, 2010 (Ampliação no Anexo 3).

⁴⁸ Transcrição da carta de Leopoldina à Maria Graham: São Cristóvão, 15 de outubro de 1823. Senhora Graham. Recebi vossa carta de ontem, à qual tenho o prazer de responder que eu e o Imperador estamos ambos muito satisfeitos em aceitar o vosso oferecimento para ser governante de minha filha; e como expusestes que desejais ir a Inglaterra antes de começar a servi-la, o Imperador não pôs dúvida em permiti-vos esta ida e diz que sereis nomeada governante de minha filha; e como expusestes que desejais ir à Inglaterra para agradar-vos e mostrar-vos minha grande estima. Vossa afeiçoada Maria Leopoldina (LACOMBE, 1997, p. 34).

Em relação às características da população brasileira, a educação e seus hábitos, Maria Graham anotou em seu diário que, “aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível” (1990, p. 182). Sobre os demais hábitos e comportamentos dos moradores da colônia, explicou:

Em primeiro lugar, as casas, na maior parte, são repugnantemente sujas. O andar térreo consiste geralmente em celas para os escravos [...] esperamos em uma passagem enquanto os criados corriam a abrir portas e janelas das salas de visitas a chamar as patroas que gozavam os trajes caseiros em seus quartos. Quando apareciam, dificilmente poder-se-ia acreditar que a metade delas eram senhoras de sociedade. Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado logo após a primeira juventude; [...] o cabelo preto mal penteado e desgrenhado, amarrado inconvenientemente, ou, ainda pior, em papélotes, e a pessoa toda com a aparência de não ter tomado banho (Graham, 1990, p. 168).

Direta ou indiretamente, os viajantes, em especial as mulheres, acreditavam que traziam a civilidade para a nação, talvez por não se contentarem em serem apenas observadoras e espectadoras. Ao ser convidada para atuar como preceptora da princesa Maria da Glória e de sua irmã, Maria Graham comentou com um conterrâneo:

É estranho, mas verdadeiro: nunca soube como ou quando surgiu a ideia de me tornar governante das princesinhas. Quem primeiro me perguntou se eu aceitaria o cargo foi o Sir Thomas Hardy, que então comandava a esquadra inglesa da região da América do Sul. Sem imaginar que ele tivesse no segredo, respondi: “certamente”. E acrescentei: “que coisa deliciosa, salvar essa linda criança das mãos das criaturas que a cercam, educá-la como uma dama europeia” [...] (Graham, 2010, p. 88).

O comentário acima “salvar essa linda criança”, entre outros do tipo era comum entre os viajantes europeus que visitavam o país, em especial, as educadoras. Tecendo um comentário a respeito de seu amigo brasileiro, o ministro José Bonifácio, Graham disse ser ele um homem culto e de raro talento, porém, isso era devido à educação europeia que havia recebido. Conforme indicado, a maioria dos viajantes trazia consigo não apenas o anseio de conhecer e observar a nova terra, mas, acreditando na sua “superioridade”, trazia também o anseio de contribuir com o processo civilizador de um país considerado “atrasado” culturalmente.

Os escritos no *Diário de uma Viagem ao Brasil* terminaram assim que Graham foi aceita como preceptora da princesa Maria da Glória e de sua irmã, em outubro de 1823. Antes de assumir o cargo, a inglesa recebeu a licença para ir à Inglaterra, dentre outras coisas, para elaborar o material didático a ser utilizado nas aulas, demonstrando que no Brasil não haveria material a altura para educar uma princesa. Suas últimas anotações no diário foram em 18 de

dezembro de 1823. Após uma breve estada em sua terra natal – onze meses, retornou pela terceira vez ao Rio de Janeiro, em 04 de setembro de 1824, a bordo do brigue *Rinaldo*, para iniciar sua função de governanta das princesas, apresentando-se no dia seguinte e sendo recebida pelo próprio imperador nos jardins do Palácio.

As suas experiências durante os meses que esteve na Inglaterra, preparando material pedagógico, o período que esteve no Palácio Imperial e os fatos ocorridos após a morte de Dom Pedro I, estão contidos no *Escorço biográfico de Dom Pedro I*. Pela escrita bem diferenciada do *Diário de uma Viagem ao Brasil*, supõe-se que Graham não tinha a intenção de publicá-lo ou que se tratava de uma obra inacabada. No Brasil, o historiador Américo Jacobina Lacombe, traduziu o *Escorço*, publicado em 2010 pela Biblioteca Nacional.

Nesse seu retorno ao Brasil, o cenário encontrado por Graham nos bastidores da vida palaciana estava bem diferente. Contudo, a inglesa já havia observado alguns sinais de que algo estranho estava acontecendo. Sem respostas para as inquietações que lhe atormentavam, entregou nas mãos do destino sua sorte.

Mas, mesmo não conseguindo as respostas para tais questões, ela voltava seus pensamentos às princesas Imperiais, e a sós com seu *Diário*, narraria sobre tudo o que passava consigo. A escritora vislumbrava que, em breve, quando o brigue alcançasse as águas calmas da Baía de Guanabara, seus olhos reencontrariam naquela paisagem que tanto a inspirou em seus escritos e desenhos, um sentido para seu destino. Enfim, ela haveria de ocupar o lugar a ela destinado: o de ser a governanta das princesas Imperiais. E será deste significativo momento de sua vida, que Maria Graham deixará documentado as mais sensíveis e curiosas narrativas acerca da vida privada no Palácio Imperial, as intrigas que rondavam a corte, a sua verdadeira amizade com a Imperatriz Leopoldina e sobre a vida cotidiana do Rio de Janeiro (Porto, 2020, p. 133).

Logo que se instalou no palácio, constatou que suas inquietações tinham razão de ser. Seu amigo e protetor José Bonifácio de Andrada e Silva havia sido demitido do cargo de ministro e encontrava-se exilado na França. De acordo com Graham, “[...] os tempos eram outros. Eram os de Domitila de Castro, e a favorita do imperador, conspirava contra a imperatriz e o seu Ministro Bonifácio” (Porto, 2020, p. 133). As expectativas que guardava desde a carta de aceite da imperatriz, passando pelo período que esteve na Inglaterra elaborando com esmero o material didático, até sua chegada para assumir o cargo de governanta das princesas, todo esse esforço foi em vão. Foram tempos difíceis para a inglesa, assim como foram para a imperatriz Leopoldina. De acordo com Porto (2020), Leopoldina – “a imperatriz estrangeira”, estava passando por um duplo e cruel exílio, o de sua terra natal e o pior de todos, o exílio dentro de

sua própria casa. Para que este isolamento fosse completo, a amiga e confidente inglesa que acabara de chegar, ou seja, outra estrangeira indesejada no palácio, deveria ser afastada.

Vigiadas o tempo todo por Plácido Antônio Pereira de Abreu, factótum⁴⁹ do imperador e seu confidente, que acumulava os cargos de mordomo, tesoureiro da casa imperial, diretor da cozinha, almoxarife da casa das obras e, acima de todos os cargos, o homem de confiança de Domitila, Graham teve a certeza que sua estadia no Palácio não seria fácil. Sem autonomia para educar as princesas e envolta a uma trama de intrigas, ciúmes e perseguição, a preceptora foi levada a escrever ao imperador sua carta de demissão do cargo de governanta, poucos dias depois de assumi-lo.

Senhor,

É com sentimentos indizíveis que recebi a ordem de hoje, assinada por Vossa Majestade Imperial.

Não deveria nunca ter deixado a Inglaterra, nem uma família honrada naquele distinto país, para ser uma simples professora de Inglês! Se não sou a Governante das Imperiais Princesas, nada tenho que fazer neste país. A pessoa honrada com o título e o emprego de governante em tal família, deveria ter sido garantida contra as impertinências que encontrei desde que estou aqui. Nunca me submeterei a elas. Quanto a mim, não tenho amor próprio, mas quanto às minhas alunas, havia uma necessidade absoluta de não ser eu tratada como uma criada. Peço com empenho que Vossa Majestade me conceda licença para retirar-me. Deixarei o Brasil para sempre pelo primeiro navio que partir.

Lamentando minhas pupilas, lamento também que não tenha podido preencher os desejos manifestados por Vossa Majestade e a Imperatriz, quando VV.MM. me convidaram aqui como Governante.

Quanto a estas Damas, que inventaram tantas falsidades a meu respeito, eu as perdoo e espero que Vossa Majestade nunca encontre razão por ter ouvido demasiado vivamente as suas queixas (Graham, 2010, p. 136).

A própria amiga imperatriz lhe aconselhou este afastamento, inclusive alertando-a a não comer nada que viesse das mãos das criadas, insinuando que, assim como ela, também estaria correndo perigo de vida. Como todos os pagamentos passavam pelas mãos de Plácido, Tesoureiro da Casa Imperial, Graham nada recebeu por seus serviços prestados, o que lhe causou uma situação financeira muito delicada, tendo que vender muitos de seus pertences em leilões para sobreviver enquanto permaneceu no Rio de Janeiro. Em 10 de setembro de 1825, Graham deixou definitivamente o Brasil. Dois dias antes, voltou a São Cristóvão para se despedir de sua grande amiga imperatriz e a encontrou totalmente solitária, fraca de saúde e

⁴⁹ De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, factótum é aquele que se encarrega de todos os negócios de outrem. Pessoa cuja presença e atuação são consideradas indispensáveis. O que se julga ou se considera apto para resolver todos os negócios. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>

abatida. As duas continuaram a trocar correspondências até a morte de Leopoldina, ocorrida em 11 de dezembro de 1826.

De volta à sua terra natal, Graham se casou em 1827, com Augustus Wall Callcott, um famoso artista, passando a ser chamada de Lady Maria Callcott. O quadro a seguir (Figura 58), foi pintado por seu segundo marido, em 1830.

Figura 58 - Maria Callcott.



Fonte: Maria Callcott [Maria Graham]. Óleo de Augustus Wall Callcott, seu segundo marido. Government Art Collection, Reino Unido. *In*: GRAHAM, 2010.

Dundas, Graham ou Callcott, a forte e talentosa Maria, morreu em 21 de novembro de 1842, aos 57 anos, deixando um grande legado para historiografia do Brasil e do mundo: cerca de dezesseis livros publicados, a maioria, relatos de suas viagens pelo mundo, sendo seu último trabalho - *A Scripture Herbal*, lançado no ano de sua morte

3.1.2 A francesa Adèle Toussaint-Samson (1850/1862)

Uma parisiense no Brasil é o livro onde estão contidas a vida, obra e a estadia de Adèle Toussaint-Samson no país. Adèle Samson era filha de Joseph- Isidoro Samson, ator, professor de teatro e autor de peças teatrais de sucesso na capital francesa, entre as décadas de 1820 e 1860. De acordo com a historiadora Maria Ines Turazzi, que prefaciou a obra, a jovem francesa desde muito cedo aprendeu a ver o mundo de forma mais liberal por conviver com o mundo das artes, revelando-se uma mulher de mentalidade avançada diante dos costumes vigentes em sua época. Se casou por volta dos 20 anos de idade com Jules Toussaint, um dançarino de teatro, filho de franceses, porém nascido no Brasil. Assim teve início a história de Adèle Toussaint-Samson com o país.

Adèle e Jules Samson chegaram ao Rio de Janeiro no ano de 1850, deixando a França com seu filho Paul, de apenas um ano e meio de idade, após um período conturbado no país, a revolução de 1848 e a epidemia de cólera em 1849. Não foi uma decisão fácil de ser tomada e não se tem o registro dos motivos que levaram o casal a enfrentar uma longa e perigosa viagem para tentar a sorte num país distante.

Tínhamos um tio na América, e não da América, o que muda muito a tese; no entanto, tendo esse valente tio feito uma boa fortuna no Brasil, tivemos a ideia de tentar, como ele, a aventura. Em dez anos, diziam-nos deveríamos estar ricos. Dez anos de exílio, era realmente alguma coisa, mas o país era tão belo, e voltaríamos tão jovens ainda! Houve muitas hesitações de minha parte, muito choro derramado; em seguida, tomamos nossa resolução (Toussaint-Samson, 2003, p. 53).

No prólogo de *Uma parisiense no Brasil*, Adèle Toussaint-Samson demonstrou a intenção de publicar seu diário. A escritora esclareceu a importância da sua obra para ambos os países (França e Brasil), entretanto, relatou a dificuldade para conseguir publicá-lo na França.

Cabe ao público dizer-me sua opinião sobre ele e julgar, em última instância, se tive razão de tirar esse livro do fundo de minha escrivaninha, onde eu o confinara, e de esperar que esses esboços sobre os costumes brasileiros, absolutamente verdadeiros, pudessem ter algum interesse para meus compatriotas. Desejo-o, e peço também aos brasileiros que os recebam bem; pois o que quer que possam pensar sobre eles, foram escritos por uma pena imparcial, mas amiga (Toussaint-Samson, 2003, p. 51).

Na Primeira parte de seu diário, descreveu com detalhes os desafios e perigos de enfrentar uma viagem transatlântica com seu filho Paul, a bordo do clíper *Normandia*, um bebê de colo e ainda lactante. Logo a seguir, descreveu sua chegada à baía do Rio de Janeiro.

A vida no Rio de Janeiro se encontra na segunda parte de seu diário, com destaque para os suplícios infligidos aos escravizados e a falta de higiene nas ruas da cidade. Chegando na segunda metade do século XIX, muitas melhorias já haviam ocorrido no Rio de Janeiro para atender as demandas que foram surgindo ao longo do oitocentos. Muitos aspectos no centro do Rio de Janeiro haviam mudado e se modernizado, porém, as mudanças, aos olhos da maioria dos europeus, não significavam muito. Mesmo considerando algumas deturpações e exageros, nos escritos dos estrangeiros, o mau odor e a sujeira, que contrastava com a belíssima paisagem natural da cidade, foi registrado pela maioria deles, mesmo após as primeiras reformas, como pode ser confirmado nos escritos da francesa Adèle Toussaint-Samson.

Enfim, a falua atraca, eis que chegamos. Os negros lançam-se à água e levantam-me em seus braços robustos para pôr-me em terra, pois as margens da baía não são mais que vaso infecto, onde detritos de toda espécie apodrecem exalando emanações nauseabundas. Essa foi nossa primeira desilusão. Aquelas praias, que de longe nos pareciam tão belas e tão perfumadas, era um receptáculo das imundícies da cidade. [...] Apeamos no cais Faru [Pharoux], Largo do Paco [Paço] (Toussaint-Samson, 2003, p. 74).

E continuou a francesa sobre a falta de higiene na cidade, descrevendo as ruas como estreitas, sujas e fedidas. Para piorar, uma epidemia de febre amarela assolava o Rio de Janeiro no período de sua chegada, vitimando, de acordo com a francesa, em primeiro lugar os estrangeiros, depois os escravizados e a classe mais pobre, por fim, os mais abastados. Tendo sobrevivido à cólera que assolou a França antes de sua partida, o casal não se livrou da febre amarela que infestava o Rio de Janeiro quando chegaram ao país.

[...] Imaginem que a rua é estreita, jamais varrida ou molhada, que o sol dos trópicos a aquece incessantemente e tentem fazer uma idéia das emanações que dali se desprendem! Foi lá que meu marido e eu caímos doentes de febre amarela, que grassou no Brasil, pela primeira vez no ano de nossa chegada. Até então, o país fora muito são. Quando essa horrível doença abateu-se sobre o Rio de Janeiro", atingiu em primeiro lugar os estrangeiros, depois os negros, em seguida a classe pobre e, enfim, os próprios brasileiros abastados, mas em número muito pequeno. A mortalidade era tanta na cidade e os cemitérios estavam tão cheios que já não se podia enterrar os mortos; nada mais de festas, nada de barulho, nada de alegria, por toda parte o luto. Os teatros estavam fechados, grandes procissões percorriam a cidade todo os dias para pedir a Deus o fim do flagelo[...] (Toussaint-Samson, 2003, p. 93).

A terceira parte de seu diário corresponde às [duas] visitas feitas na Fazenda São José, localizada em Mauá, atual município de Magé. Oportunidade não apenas para descansar e mudar de ares, como conhecer os costumes daquela região do país. Pode-se dizer que a escravidão foi o tema de destaque no relato da maioria das mulheres viajantes e, Adèle Samson deixou vários registros sobre esta prática. Ela descreveu “a mulher escravizada no Mercado” (2003, p.77), “a negra romana” (2003, p. 83) e “a mulata da fazenda” (Figura 59). Outras imagens foram retiradas de sua obra para “baratear a publicação”. Foi na Fazenda São José, destacou a francesa, que as misérias da escravidão apareceram para ela em toda a sua hediondez. “O temor e o ódio, eis que se lia em todos aqueles rostos, que eu nunca vi sorrir” (2003, p. 119).

Figura 59 – Minha negra romana.



Fonte: Foto de Cristiano Jr. S.d. In: TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 83.

Como a maioria das mulheres viajantes estrangeiras, a escravidão foi por ela retratada como uma “*barbarie*”, um ponto que representava o atraso do país em relação às demais nações europeias.

Esse espetáculo da escravidão foi, durante os primeiros anos de minha estada no Brasil, um dos suplícios de minha vida, e não contribui pouco para que pensasse morrer de nostalgia. A cada instante, minha alma revoltava-se ou sangrava, quando

eu passava diante de um daqueles leilões em que pobres negros, em cima de uma mesa, eram leiloados e examinados nos dentes e nas pernas como cavalos ou mulas; quando via o lance ser coberto e uma jovem negra sendo entregue ao fazendeiro que a reservava a seu serviço íntimo, enquanto seu negrinho era algumas vezes vendido a um outro senhor. Diante de todas essas cenas de barbárie, meu coração indignava-se, cóleras generosas inflamavam-se em mim, e eu era obrigada a conter-me para não gritar a todos aqueles homens que faziam comércio de carne humana: “Carrascos!” (Toussaint-Samson, 2003, p. 98).

A quarta parte de seu diário corresponde as gentes dessa terra. Neste capítulo estão contidos fatos importantes do cotidiano do Rio de Janeiro, seus hábitos e costumes. Por fim, relatou seu retorno a França depois de uma longa estadia no país. Esta parte trouxe importantes apontamentos da sociedade brasileira, em especial, ao comportamento da mulher.

Assim que chegaram ao Rio de Janeiro, Adèle e Jules atuaram como professores, ela de francês e italiano e seu marido como professor de dança. Em novembro de 1856, Jules foi escolhido para ser o professor de dança da Família Imperial, título que, sem dúvida, representava uma posição de muito prestígio na Corte.

A condição de professor das princesas Isabel e Leopoldina, possibilitou ao casal Toussaint circular, tanto entre os membros da alta sociedade, como nos demais setores sociais, o que permitiu o registro sobre o cotidiano de diferentes camadas. Seu texto está repleto de observações sobre o universo feminino, principalmente a forma como as mulheres eram tratadas. Sobre o costume no Brasil de que mulheres não deveriam sair às ruas, observou que as estrangeiras, muitas vezes eram comparadas à uma cortesã por não seguirem esse hábito. No entanto, devido à grande circulação de estrangeiras no país durante o século XIX, aos poucos os brasileiros foram entendendo que andar sozinha pelas ruas para ganhar a vida e ensinar - principalmente no seu caso, não significava ser menos honrosa do que as que ficavam enclausuradas em suas casas.

Os longos doze anos em que permaneceu no Rio de Janeiro, com algumas idas e vindas à França, possibilitou a Adèle Toussaint-Samson analisar de forma crítica a sociedade brasileira como um todo. Pontos negativos foram registrados em seu diário, mas também elogios, não apenas às belezas naturais, mas à forma como o povo educou o filho que Dom Pedro I deixou no Brasil. “Esse povo fez o que os franceses não teriam podido fazer. (...) fez dele um homem honrado, um cientista, um imperador liberal” (2003, p. 159). A francesa destacou a sua inteligência e humildade, mesmo num país tão cheio de “soberba”, o imperador se faz acessível a todos os seus súditos. “As mais pobres pessoas são recebidas no palácio” (2003, p. 161).

Ao retornarem para a França em 1862, encontraram muitas dificuldades em se adaptar novamente a um país, segundo ela, “estéril, triste, cinzento, em comparação com aquele que acabava de deixar” (2003, p. 179). De acordo com a francesa, somente uma coisa a consolava em seu retorno: “Eis-me de volta ao país do pensamento e do progresso” (2003, p. 181). O que dava a entender que, apesar de todos os avanços e esforços, o Brasil, no seu entender, principalmente por conta da escravidão, ainda caminhava lentamente rumo à “civilização”.

3.1.3 A alemã Ina von Binzer (1881- 1884)

A educadora Ina von Binzer (Figura 60) chegou ao Brasil no ano de 1881, com apenas 22 anos de idade, para atuar como preceptora de sete dos doze filhos de um rico fazendeiro do interior do Rio de Janeiro, na fazenda denominada São Francisco. Ina von Binzer também lecionou numa escola para meninas no Rio de Janeiro e como preceptora em São Paulo essa missão lhe trouxe muitas alegrias, mas também tristezas, título de seu livro composto por quarenta e duas cartas escritas à sua amiga Grete e que trouxe relatos importantes sobre a atuação de uma professora no Brasil do final do século XIX.

Figura 60 – Ina von Binzer (1882)



Fonte: Autor Anônimo, s.d. *In*: MOREIRA LEITE, 1997, p. 244.

O romance epistolar *Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, publicado em 1956 pela Editora Anhembi, contém um importante retrato da sociedade brasileira do final do século XIX. Como as demais viajantes, seus registros trouxeram críticas à escravidão e confirmavam a crença dos educadores europeus de trazerem a “civilidade” a um país “atrasado culturalmente”.

Uma curiosidade em suas cartas é que Ina von Binzer demonstrou em alguns momentos ser uma pessoa muito espirituosa, não apenas por usar o pseudônimo de Ulla von Eck para assinar suas cartas, mas por utilizar junto a essa assinatura, adjetivos que demonstravam seu estado de espírito no momento da escrita: Sua Ulla, saturada de música (carta enviada em 20 de junho de 1881); Sua Ulla, com dor de dentes (carta enviada em 27 de julho de 1881); Sua Ulla rebelde (carta enviada em 8 de fevereiro de 1882); Sua invencível Ulla (carta enviada em 2 de março de 1882); Sua fiel Ulla, professora ambulante (carta enviada em 1 de julho de 1882); Sua florestal, Ulla (carta enviada em 11 de julho de 1882); Sua elegante amazona, Ulla (carta enviada em 28 de julho de 1882); Sua Ulla, malcriada (carta enviada em 9 de janeiro de 1883).

Inicialmente a alemã atuou na Fazenda São Francisco, de lá foram escritas onze de suas cartas, a primeira datada de 27 de maio de 1881 e a última a 03 de dezembro de 1881. Foram sete meses de uma árdua jornada de trabalho que afetou sua saúde.

Aqui, as aulas são de 7 às 10; depois vem o almoço quente, pelo qual Madame Rameiro nos faz esperar inutilmente até às 10½, de maneira que não posso mais sair, porque logo após o último bocado, tenho de voltar às aulas. Prosseguimos até uma hora, quando temos então trinta minutos para o lanche, a 1½ começam as aulas de piano que vão até às 5, quando servem o jantar. Pergunto-lhe eu: quando poderei passear antes das seis? Veja se consegue descobrir outra hora melhor (Binzer, 1956, p. 29).

Sobre a escravidão, Ina von Binzer manifestou seu repúdio, descrevendo que tal prática era contra as normas de convívio social. Segundo a jovem alemã, os escravizados representavam uma importante função na sociedade, sendo eles, mais senhores do que escravizados dos brasileiros. Ao comentar este fato, provavelmente sabia que a abolição estava muito próxima, todavia, a dependência do trabalho do escravizado nas fazendas ainda era muito visível. Mesmo sendo a favor, reconheceu em suas cartas que a abolição teria consequências econômicas devastadoras para o país.

Todo trabalho é realizado pelos pretos, tôda a riqueza é adquirida por mãos negras, porque o brasileiro não trabalha, e quando é pobre prefere viver como parasita em casa dos parentes e de amigos ricos, em vez de procurar ocupação honesta. [...]

gostaria de saber o que fará essa gente, quando for decretada a completa emancipação dos escravos (Binzer, 1956, p. 36).

Assim como os demais europeus que visitaram o Brasil, mencionou a escravidão como algo que a envergonhava a nação e envergonhava a ela também, por estar vivendo num país que praticava tal ato. Ao escrever sobre essa terrível prática à sua amiga Grete, lhe fez um apelo: “Mas não conte isso aos outros, está ouvindo?”

Além de ensinar o alemão, Binzer dava aulas de piano. Sobre o ensino da música a seus “romanos”, como chamava seus alunos, era inadmissível “um país que começava a civilizar-se, possuir apenas um conservatório!” (1956, p. 28). A partir deste relato, observa-se que, desde o registro das primeiras viajantes do início do oitocentos, até o da professora alemã no findar do século, a cultura não era uma prioridade entre as ações do governo.

O trabalho excessivo, a travessura das crianças e a solidão adoeceram a jovem alemã fazendo com que se afastasse um pouco da fazenda, dessa forma, sua carta de 24 de dezembro de 1881, noite de Natal, foi dirigida à sua amiga Grete da cidade do Rio de Janeiro, mas especificamente, do Hotel Carson, onde ficou hospedada antes de se dirigir a Petrópolis, para descansar. Da Cidade Imperial, escreveu no dia 15 de janeiro de 1882: “Alegre-se comigo, pois recuperei meu bom humor que havia perdido” (1956, p. 57).

Sobre a cidade do Rio de Janeiro, urbe que queria conhecer mais a fundo desde que chegou ao Brasil, ora a descreveu como encantadora, ora como barulhenta e insuportável. Do Rio, Ina von Binzer escreveu à sua amiga mais cinco missivas. A primeira enviada em 8 de fevereiro de 1882 e a última a 2 de março do mesmo ano. Em relação à cultura na sede da Corte, a escritora utilizou uma metáfora bíblica para expor sua opinião sobre o assunto: “nos encontramos aqui em condições idênticas as de Abraão em relação aos justos, em Sodoma”. Sobre a agitação da cidade e o barulho ensurdecedor ainda continuou, “compreendo agora a razão de não possuírem nenhuma obra notável sobre assuntos científicos; esse mesquinho gênero de vida não permite que se forme o raciocínio lógico” (1956, p. 56). Logo depois, ao retornar de Petrópolis, escreveu sobre a beleza da cidade

Cá estou de novo nesta colorida e ruidosa cidade tropical. Grete – é preciso confessar que este Rio é fantasticamente lindo e maravilhoso. [...] Além do barulho ensurdecedor, algumas coisas mais seriam dispensáveis: a sujeira e a desordem. [...] As calçadas, principalmente nos bairros comerciais, são tão sujas como o leito das ruas. [...] Para nós os nórdicos rigidamente educados, tudo nos parece negligente, mesmo o próprio povo, não sei como qualificá-lo – creio que indisciplinado, seria a melhor palavra (Binzer, 1956, p. 61).

Decidida a não voltar para a Fazenda São Francisco, começou a lecionar num pensionato para moças no Rio de Janeiro, ensinando alemão, inglês e piano, experiência também não muito agradável para a jovem professora. Nem Bormann⁵⁰ conseguiu ajudar na disciplina de suas alunas “selvagens” e “de olhos escuros” (1956, p.65), fazendo com que o ensino do alemão fosse praticamente impossível, pois:

As melhores famílias não mandam absolutamente as filhas para colégios e devido a isso esta sociedade é, em geral, a menos educada ou a mais selvagem que se pode encontrar; exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes ficar com rosto enrubescido como cerejas. [...] Raramente vemos a diretora fora das horas de refeição. Ela é a única que possui autoridade sôbre êste bando selvagem, talvez por aparecer muito pouco (Binzer, 1956, p. 57).

A carta enviada deste Rio de Janeiro, em 21 de fevereiro de 1882, uma das mais longas escritas por Ina von Binzer, trouxe importantes elementos sobre educação, sobre disciplina e a posição da mulher na sociedade. Ela foi escrita mais como um desabafo pela decepção por não ter conseguido o resultado esperado de suas alunas. Como já mencionado, as viajantes europeias, em especial as educadoras, enxergavam sua atuação neste país como uma forma de estabelecer um “processo civilizador”, visto que, uma educação de qualidade no país só poderia existir com as práticas educativas e a partir da intervenção estrangeira.

Rio, 21 de fevereiro de 1882

Oh! Grete, ando com este colégio por cima da cabeça!

Acho sinceramente que sou péssima professora! Não aprendem nada comigo e, se houver inspetores escolares por aqui, vou ficar desmoralizadíssima! Não consigo habituar-me a êste ensino superficial; mas, quando começa aprofundar-me ainda é pior: fico completamente desanimada.

A respeito da disciplina, então! Só essa palavra já me faz subir o sangue a cabeça. Imagine isto: outro dia, eu entrar na classe, achei-a muito irrequieta e barulhenta e na minha confusão recorri ao Bormann. Quando obtive silêncio para poder ser ouvida, ordenei: “Levantar, sentar”, cinco vezes seguidas, o que no nosso país nunca deixa de ser considerado vergonhoso para uma classe. Mas, aqui, - oh! Santa Simplicitas! - quando cheguei a fazer-lhes compreender o que delas esperava, as crianças estavam tão longe de imaginar que aquilo representasse um castigo, que julgavam tratar-se de uma boa brincadeira e pulavam perpendicularmente como um prumo, para cima e para baixo, feito autômatos, divertindo-se regamente.

Reconheço ser indispensável adotar-se uma pedagogia aqui, mas ela deve ser brasileira e não alemã, calcada sôbre moldes brasileiros e adaptada ao caráter do povo e às condições de sua vida doméstica. As crianças brasileiras, em absoluto, não devem ser educadas por alemães; é trabalho perdido, pois o enxêto de planta estrangeira que se faz à juventude daqui não pegará.

⁵⁰ O método Bormann era um manual pedagógico alemão com indicações de como tratar as crianças indisciplinadas. As professoras recorriam a ele sempre em momentos difíceis, como foi o caso de Ina von Binzer no Brasil, porém, logo o abandonou por reconhecer, segundo ela, que nem o velho Bormann estaria preparado para lidar com as crianças brasileiras.

A mim, acontece, com as crianças desta terra, a mesma coisa que dava em S. Francisco com relação às plantas: - Não nos entendemos - falamos decidida e psiquicamente uma língua estranha, o que me torna a vida extremamente desagradável por cá (Binzer, 1956, p. 67).

Sua experiência no pensionato de moças a levou a concluir que, os moldes europeus não poderiam ser seguidos no Brasil e que, ao invés de implementar um método fechado e idealizado por uma cultura e sociedade totalmente diferente, o melhor seria adotar uma pedagogia própria para os padrões brasileiros. Nem Bormann daria jeito, por não se tratar somente de falta de disciplina, mas principalmente por ser algo totalmente diferente dos costumes e padrões brasileiros.

Em relação aos costumes, observa-se que, mesmo findando o oitocentos, as mulheres no Brasil ainda não saíam sozinhas. Para a alemã, passear pelas ruas sem companhia era um suplício. Nesta mesma carta ela comentou à sua confidente Grete:

A vida no colégio não tem grande encanto, e passear pelas ruas é um suplício, devido à excessiva cortesia dos homens. Não estão acostumados a ver as senhoras suas patrícias sozinhas, na rua e mesmo sabendo que nós estrangeiras gozamos dessa liberdade, considerando-se no direito de desacatar com gracejos as mulheres européias, quando não se acham acompanhadas (Binzer, 1966, p. 68).

Em março de 1882, a jovem professora alemã foi contratada por uma família de São Paulo, embarcando para a “Capital espiritual do Brasil”, como os paulistas chamavam a sua cidade. Sua contratação foi possível graças a ajuda do Cônsul Haupt, um amigo que conheceu no Rio de Janeiro e que publicou no Jornal do Commercio um anúncio oferecendo seus “prodigiosos” serviços de professora.

De São Paulo foram escritas mais sete cartas (de 20 de março a 1 de julho de 1882). Durante sua viagem de trem do Rio a São Paulo, descreveu um asqueroso hábito de falta de higiene dos brasileiros: a abundante salivação em volta de si, seja no trem, em navios, restaurantes ou em suas casas, onde, em sua maioria, existia um equipamento próprio somente para este fim. Eram lindos objetos coloridos chamados escarradeiras (Figura 61), tão grandes e viçosas que a alemã, a princípio, pensou se tratar de vaso para flores.

Figura 61 – Escarradeira do século XIX⁵¹



Fonte: Exposição Mulheres e Educação no século XIX: Artefatos e sensibilidades.

Nas cartas escritas na capital paulista, relatou à sua amiga que, “S. Paulo é o melhor lugar para educadoras, tanto na capital, como tôda a província, porque os moços da nova geração namoram a ciência e dão-se ares de erudição e de filosofia” (1956, p. 77). Sobre o meio de transporte utilizado e suas deficiências, escreveu “tem alguma coisa que se pode definir como civilização sem cultura” (1956, p. 76).

Foi em São Paulo que a “missão civilizadora” da educação se mostrou mais necessária para a jovem alemã, pois seus discípulos eram desafiadores: “Farei o possível para continuar aqui; vou me esforçar para melhorar estas pobres crianças tão mal educadas; não ficaria satisfeita se os deixasse já” (1956, p. 79). Sempre acreditando na superioridade da cultura europeia em relação à brasileira, escreveu que a falta de civilidade no país poderia ser notada

⁵¹ O objeto apresentado fez parte da exposição “Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades” uma atividade cultural elaborada pelo Núcleo de Pesquisa História e Memória das Políticas Educacionais no Território Fluminense (Nhempe). Lê-se no verbete de autoria de Luciane Sgarbi S. Grazziotin, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, que no Brasil, o uso do nome escarradeira data de 1881 e o objeto aparece na literatura e em imagens com diferentes formas e tamanhos. Costumeiramente de porcelana, de modo geral bem decorado, compunha o mobiliário das residências de pessoas, no século XIX, que podiam se dar ao luxo de adquirir bens supérfluos. Nas décadas de 40 do século XX, as escarradeiras mais populares eram esmaltadas na cor branca, seu lugar por excelência era a sala de estar e se propunha a oferecer conforto à qualquer visita que necessitasse cuspir um pigarro ou simplesmente cuspir, como hábito adquirido e, assim, pudesse encontrar alívio sem transgredir a boa etiqueta da época.

O uso da escarradeira se popularizou com as epidemias de tuberculose no último quartel do século XIX quando cuspir no chão era uma prática comum. Por esse motivo, a escarradeira foi tomada como medida profilática contra a doença. Conferir em <https://www.mulhereseeducacao.uerj.br/exposicao/20> Acesso em 04/10/2022.

em vários sentidos, até mesmo na escolha dos nomes próprios das crianças. Alguns de seus alunos carregavam nomes nada simples (Temistocles, Péricles, Cornélia e até Vercingetorix), o que, para a professora, representava falta de estilo e civilidade do país. Novamente utilizando uma metáfora bíblica, a preferência pelos nomes estranhos seria um retorno a Adão e Eva, que também não tinham sobrenome.

Sentindo-se muito bem acolhida pela família do fazendeiro paulista, Ina von Binzer só deixou de lecionar a seus filhos porque estes foram encaminhados a um colégio interno, como castigo após uma traquinagem.

No início de julho, seguiu para São Sebastião, cidade próxima a capital, para educar três meninas, as quais na opinião de Ina von Binzer, são muito comportadas e trabalham perfeitamente em conjunto. De lá foram escritas as demais cartas a partir do dia 11 de julho de 1882. Bem próximo a Fazenda São Sebastião, existia uma outra fazenda de colonizadores norte-americanos “gente civilizada, portanto!” Nesta mesma carta, Binzer contou à sua amiga Grete que recebeu o convite para visitá-los e ir com eles à igreja. Assim escreveu: “Para nós, gente civilizada, era profundamente emocionante escutar as palavras da Bíblia que nos acostumáramos a associar às aulas de catecismo e aos lugares santificados de nossas igrejas” (1956, p. 105).

Em 20 de agosto e 22 de setembro de 1882, escreveu suas cartas de Santos, para onde foi com a família que trabalhava para tomar banho de mar, ficando lá seis semanas. Nem a viagem interrompeu a rotina das aulas. As demais missivas foram escritas ora da fazenda São Sebastião, ora de Santos e de São Paulo, sendo a última de janeiro de 1883, com uma novidade à sua amiga Grete, relatando que não lhe escreveria mais, pois estava retornando à Alemanha, porque iria se casar com o jovem engenheiro inglês Mr. Hall e, assinou sua última carta já utilizando o sobrenome do marido, “Ulla Hall”.

3.2 A natureza como objeto: a floresta, a cidade e seus habitantes

Das quatorze mulheres selecionadas nesta pesquisa, aqui, estão dispostas aquelas que, de formas distintas, tiveram a natureza como objeto: as naturalistas Ida Pfeiffer e Princesa Teresa da Baviera e a artista Marianne North, em comum vieram com o interesse de observar e registrar a floresta brasileira, o Rio de Janeiro, sede da Corte e seus habitantes. Diversas dificuldades elas

enfrentaram em sua missão, muitas vezes dormindo ao relento, expostas a todos os perigos que uma floresta poderia oferecer a uma mulher desacompanhada. Por fim, Carmem Oliver de Gelabert, a única do grupo que esteve acompanhada de seu marido, ou seja, numa situação mais cômoda, por tê-lo ao seu lado para resolver todas as burocracias da viagem e que, aproveitou uma visita ao seu filho, interno no Colégio Kopke em Petrópolis, para conhecer o Rio de Janeiro e suas belezas naturais, descritas em tantas literaturas de viagem.

É notório que, após a chegada da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, o país foi “invadido” por um grande número de estrangeiros. Dentre eles, os viajantes naturalistas se destacaram por suas imagens e publicações da fauna, da flora e da relação do brasileiro com a natureza que o cercava. A pesquisadora Miriam Moreira Leite catalogou os viajantes naturalistas do século XIX em sua obra *Livros de Viagem (1803-1900)*, como pode ser constatado no Quadro 20 a seguir.

Quadro 20 – Viajantes naturalistas do século XIX.

Naturalista	Brasil (Ano)	Naturalidade	Profissão	Financiamento
HUMBOLDT, A. von	-	Prússia	Diplomata	1º ministro da Prússia
ESCHWEGE, W. L. von	1810-1821	Hessen	Engenheiro de Minas	Rainha da Inglaterra forneceu a volta
MARTIUS, C. F. P. von	1817-1820	Bavária	Botânico	D. José I
SPIX, Johan B. von	1817-1820	Bavaria	Zoólogo	Academia de Ciências de Munique
POHL, Johann Emanuel	1817-1821	Áustria	Mineralogista	S.M. Carolina Augusta Imperatriz da Áustria
ST. HILAIRE, A.	1820-1821	França	Botânico	Conde de Luxemburgo
D'ORBIGNY, Alcides	1825	França	Naturalista	Academia de Ciências de Paris
DARWIN, Charles R.	1832	Inglaterra	Naturalista	—
GARDNER, George	1836-1841	Escócia	Médico	Vice-presidente da Sociedade de Linneus
CASTELNAU, Francis	1843	França	Diplomata Naturalista	—
PFEIFFER, Ida	1846	Áustria	Geógrafa Zoóloga	Soc. Geografia de Berlim e Soc. Zoologia de Paris
BATES, Henry W.	1848	Inglaterra	Entomologista	Real Soc. Geográfica de Londres
BURMEISTER, Hermann	1850	Prússia	Naturalista	—
CLARK, Hamlet	1856	Inglaterra	Entomologista	—
AVE LALLEMENT, R.	1857-1858	Lubeck	Médico	Meios próprios

TSCHUDI, J. J. von	1857	Suíça	Diplomata Naturalista	—
HART, C. F.	1865	Canadá	Ciências Naturais	Expedição Thayer USA
AGASSIZ, J. L. R.	1865	Suíça	Naturalista	Expedição Thayer USA
GIGLIOLI, Enrico Hillyer	1865	Itália	Zoólogo e Anatomista	Contratado por Missão Sueca
BIGG-WITHER, T. P.	1872	Inglaterra	Engenheiro Desenhista	Royal Geographical Society
WELLS, James M.	1873	Inglaterra	Engenheiro Desenhista	—
DERBY, Orville A.	1875-1915	Estados Unidos	Paleontologia	Missão Oficial com Hart
SMITH, Herbert H.	1873-1878	Estados Unidos	Naturalista	Scribner's Sons com Hart
TERESA PRINCESA	1888	Baviera	Naturalista	—
COUDREAU, Henri	1895	França	Naturalista	Missão Científica do Pará

Fonte: MOREIRA LEITE, 1997, p. 192.

Como pode ser constatado no quadro, a pesquisadora catalogou vinte e cinco viajantes naturalistas que estiveram no Brasil durante o século XIX, destes, apenas dois são mulheres: a austríaca Ida Pfeiffer (1846) e a alemã princesa Teresa da Baviera (1888).

Por ser o século XIX ainda um período onde a misoginia vigorava no mundo da história natural, evidenciar neste trabalho as mulheres viajantes naturalistas foi fundamental, não apenas por dar visibilidade à sua obra, como realçar que, mesmo sendo em número infinitamente menor que os naturalistas do gênero masculino, sua coragem, determinação e competência dão às suas produções muita relevância.

Considerar uma mulher viajante como naturalista neste período, por si só, já é relevante, visto que a participação delas nos ambientes científicos não era totalmente permitida e, quando era, sofriam todo tipo de zombarias, desconfianças e preconceitos. No entanto, as instituições científicas que não aceitavam a participação de mulheres, não abriram mão de comprar itens coletados por elas em suas expedições.

Em seus escritos, a austríaca Ida Pfeiffer reconheceu que se fosse homem teria tido mais oportunidades, demonstrando que não era fácil a aventura de viajar sozinha somente pelo interesse de viajar, sem nenhuma missão oficial. Além do risco de sofrer algum tipo de violência física, elas sofriam outro tipo de violência, a da indiferença em relação ao seu ofício, visto que,

“uma mulher sem educação não poderia coletar objetos de interesse científico” (Habinger *apud* Eberspächer, 2019, p. 54).

De acordo com Gisele Eberspächer, que pesquisou a vida e obra de Pfeiffer, cabia aos homens a produção e o mundo externo e cabia às mulheres a reprodução e o mundo interno, doméstico. Como somente os homens tinham maior acesso à educação formal, só os homens seriam capazes de produzir conhecimento. De acordo com a pesquisadora, essa era a razão da maioria das obras produzidas por mulheres viajantes terem sido escritas em forma de diários e cartas, não em forma de relatos estruturados cientificamente. Elas mesmas, muitas vezes não se reconheciam como naturalistas, por ser esta função praticamente restrita aos homens: “Como eu frequentemente coletava flores e insetos, ele me tomou por uma naturalista e dava a ciência como motivo da minha viagem” (Pfeiffer *in* Eberspächer, 2019, p. 168).

Apesar de todas as dificuldades, as naturalistas existiram e o seu legado é imensurável para o mundo das ciências naturais, deixando centenas ou até milhares de espécimes da fauna e flora catalogadas. “Se ao viajante cabe narrar, fixar tipos e quadros locais, ao naturalista caberia classificar, ordenar, organizar em mapas e coleções o que se encontra pelo caminho” (Süssekind, 1990, p. 45).

A artista inglesa Marianne North, transitou na linha tênue entre os dois campos: o da ciência e o da arte. No prefácio de sua autobiografia, editada por sua irmã Catherine Symonds, intitulada *Recollections of a Happy Life: Being the Autobiography of Marianne North*, a própria Catherine relatou que sua irmã precisou da ajuda de Mr. Betting Hemsley, do Herbário, Royal Gardens, que gentilmente leu e revisou as anotações de seu diário. Sem a generosa ajuda de Mr. Hemsley, o livro poderia conter muitos erros botânicos, relatou sua irmã. Afinal, completou: “Minha irmã não era botânica no sentido técnico do termo, seu apreço pelas plantas em sua bela e viva individualidade era mais parecida com aquela que todos nós temos para amigos humanos” (J.C.S. *in* North, 1893, p. vi. Tradução livre da autora)⁵².

Seja como for, o legado de Marianne North para a arte é incontestável. Ela pintou 848 telas com paisagens de cerca de vinte países visitados, sendo um oitavo dessas telas com paisagens do Brasil. Suas cores intensas “soube, como ninguém, capturar as maravilhas botânicas em seus ecossistemas, unindo a arte à ciência” (Bandeira, 2012, p.7). Já em relação à

⁵² No original: My sister was no botanist in the technical sense of the term: her feeling for plants in their beautiful living personality was more like that which we all have for human friends.

botânica, seu legado está no fato de ter registrado em suas telas inúmeras plantas, algumas recebendo inclusive o seu nome, por não terem ainda sido identificadas por nenhum cientista.

Por fim, destaca-se aquela que veio apenas como viajante, a espanhola Carmen Oliver de Gelabert, que chegou ao Brasil para visitar seu filho mais novo que estudava no Colégio Kopke, em Petrópolis, fato incomum para a época. O comum eram os filhos da elite brasileira irem estudar no exterior e não o contrário. Os destinos mais comuns para esses estudantes eram países da Europa, especialmente França, Inglaterra e Portugal. Porém, um europeu vir estudar no Brasil era algo incomum de se encontrar, mesmo sendo numa instituição renomada como o Colégio Kopke.

Segue um breve relato sobre a trajetória dessas mulheres que romperam com paradigmas culturais, sociais e científicos para o gênero feminino de sua época.

3.2.1 A austríaca Ida Pfeiffer (1846)

A história de Ida Laura Pfeiffer, mesmo nos dias atuais, já seria bastante ousada, todavia, em se tratando de uma mulher do século XIX, a narrativa ficou ainda mais impressionante. Com 45 anos de idade, Pfeiffer começou a viajar sozinha, movida pelo irresistível desejo de conhecer e ver o mundo. Apoiada em um grande livro e com o globo terrestre ao lado, a Figura 62, a seguir, retratou ao mesmo tempo a figura de uma mulher madura, determinada e apaixonada pelo conhecimento, com um olhar doce e terno.

Figura 62 – Ida Laura Pfeiffer



Fonte: Ida Laura Pfeiffer por Franz Hanfstaengl, 1856. In: EBERSPÄCHER, 2019.

Ida Laura Pfeiffer, nasceu em Viena – Áustria, em 1797. “Foi a terceira filha e a única rapariga de uma família de seis irmãos, e sua infância decorreu num mundo masculino (...) Vestia-se como os irmãos e era mais uma no meio deles” (Serrano, 2017, p. 256). Com a morte de seu pai, quando tinha apenas 10 anos de idade, a mãe obrigou-a a vestir-se de forma mais feminina e a ter aulas de piano, corte, costura e cozinha. Casou-se em 1820 com o viúvo Mark Anton Pfeiffer, bem mais velho que ela e, com ele teve dois filhos. Um casamento arranjado pela mãe e que não deu muito certo. Com os filhos criados e separada do marido, em 1842, com 45 anos de idade, deixou tudo para trás, vendeu sua casa e seu piano e saiu pelo mundo a viajar, seguindo o sonho de sua vida: conhecer terras distantes e novas culturas. Foi a renda de seu primeiro livro chamado *Reise einer Wienerin in das Heilige Land – Viagem de uma vianense à terra sagrada*, publicado em 1843, que possibilitou as suas próximas viagens. Com seus feitos, “Não nascia apenas uma viajante: nascia também uma escritora” (Eberspächer, 2019, p. 186).

Em 15 anos, Ida Pfeiffer deu duas voltas ao mundo e escreveu cinco livros relatando suas viagens, dentre eles, *Eine Frauenfahrt um die Welt: Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persen und Kleinasien*, onde descreveu sua passagem pelo Brasil.

Foi durante a sua segunda viagem e a primeira volta ao mundo, que Pfeiffer permaneceu dois meses no Rio de Janeiro. Para esta jornada, partiu em 01 de maio de 1846, de Viena até Hamburgo, permanecendo lá até 29 de junho, sendo a primeira mulher viajante de língua alemã

a realizar uma viagem de circum-navegação ao mundo. Neste mesmo dia, a bordo do brigue *Caroline*, partiu rumo ao Rio de Janeiro, primeira parada de sua longa viagem, terminando apenas em 1848. Sua segunda volta ao mundo foi iniciada quando Pfeiffer tinha 54 anos, entre 1851 e 1855. Antes de começar a viajar sozinha pelo mundo, escreveu um testamento, o que demonstrava que sabia dos riscos que iria correr nestas grandes aventuras. “Fiz meu testamento e organizei tudo de tal maneira que, em caso de morte, o que eu considerava mais certo do que um retorno feliz, os meus encontrariam tudo em boa ordem” (Eberspächer, 2019, p. 52).

Sem a tradução de seu diário para o português, para esta pesquisa foi utilizada a dissertação de mestrado de Gisele Jordana Eberspächer, intitulada *Ida Pfeiffer e o Brasil: Literatura de viagem e sua tradução como bildung*, onde ao final de sua pesquisa, a autora apresentou, traduzido na íntegra, os sete capítulos e mais o prefácio do livro de Pfeiffer, que também traduzido lê-se, *A jornada de uma mulher pelo mundo: Viagem de Viena para o Brasil, o Chile, o Taiti, China, Índia, Pérsia e Ásia Menor*, como mencionado, onde narrou a sua estadia no Brasil.

Enquanto as narrativas da Baronesa E. de Langsdorff, que esteve no país entre 1842 e 1843, relatavam os detalhes dos últimos anos de navegação à vela, as narrativas de Pfeiffer descreveram a navegação a motor, fazendo comparação entre as duas: os barcos a vela balançavam mais e os barcos a motor tinham muito cheiro de óleo e carvão, o que não incomodava Pfeiffer, preferindo o cheiro do óleo do que o balanço de um veleiro.

Foram dois meses e meio de viagem até chegar ao porto do Rio de Janeiro, na manhã do dia 16 de setembro. Assim como os demais estrangeiros que adentraram a baía de Guanabara, descreveu em seu diário a vegetação rica e exuberante e a magnífica imagem que sua caneta nunca seria capaz de capturar. Ao desembarcar no dia seguinte, também como muitos outros, se decepcionou com a sujeira da cidade e a falta de beleza das ruas e dos prédios públicos. Sua decepção foi tanta que relatou que o efeito produzido quando se vê o Rio de Janeiro à distância foi totalmente destruído ao caminhar pela cidade.

No fim dessa rua [Rua Direita] fica o Paço Imperial, uma construção grande e comum como uma edificação privada qualquer, sem nenhuma pretensão de bom gosto e bela arquitetura. A praça à sua frente (Largo do Paço), ornada apenas com uma fonte, é extremamente imunda e, durante a noite, usada como dormitório por vários pretos pobres e livres que, pela manhã, fazem sua higiene em público sem a menor vergonha. (...)

Entre as praças, a mais bela é a do Largo do Rocio e a maior é o Largo St. Anna. (...) A última é, entre todas as praças, a mais suja; quando passei por ela pela primeira vez, vi gatos e cachorros em estado de putrefação - havia até mesmo uma mula no mesmo estado (Pfeiffer in Eberspächer, 2019, p. 131).

Como mencionado, desde o início desta pesquisa, os viajantes oitocentistas traziam consigo a certeza de superioridade em relação aos habitantes do Novo Mundo e, não foi diferente com Ida Pfeiffer. Porém ela deixou claro em seus registros o quanto repudiava a situação dos escravizados no país, por ser ela “uma opositora da escravidão, e saudaria sua abolição com grande alegria na alma” (Pfeiffer *in* Eberspächer, 2019, p. 170).

Continuando sobre a situação dos escravizados, observou que cabia a eles todo tipo de trabalho, desde os mais pesados e sujos até os mais delicados, como a produção de roupas, sapatos, tapeçarias e bordados finos. Sobre a capacidade dos escravizados, destacou a viajante que os brancos os consideravam menos inteligentes, a diferença entre negros e brancos não estaria na falta de inteligência e sim na omissão em relação à educação, pois, não há escolas para negros no país, o que para a viajante, mantinha suas mentes aprisionadas.

[...] Eu admito que eles estão um pouco atrás dos brancos em termos de formação; mas acredito que isso não seja causado por uma falta de inteligência, mas por uma falta completa de acesso à educação. Nenhuma escola é erguida para eles, eles não assistem nenhuma aula; não se oferece o mínimo para desenvolver suas capacidades. Suas mentes são mantidas aprisionadas [...] (Pfeiffer *in* Eberspächer, 2019, p. 134).

Sobre a cidade do Rio de Janeiro, para a francesa, não havia nela nada de atrativo aos estrangeiros, sendo uma das coisas mais desagradáveis, a ausência de um sistema de esgoto. Pfeiffer também visitou a Academia de Belas Artes, teatros, igrejas e museus, sempre fazendo comparação à Europa, o modelo de civilização a ser seguido. Em relação aos museus, comentou a viajante que esperava, em um país com uma natureza tão rica e exuberante, um museu também rico e exuberante, entretanto, não foi isso que encontrou. Apesar dos aspectos negativos: sujeira nas ruas, construções nada atrativas e pobreza, traços de um país que caminhava rumo à “civilização”, escreveu Pfeiffer que ainda era um lugar muito interessante para se conhecer, talvez pela diversidade de culturas aqui existentes, porém, nunca um lugar para se morar.

A moral não era muito comum no Brasil, descreveu a francesa. Talvez tentando justificar sua fala, relatou que a causa dessa ausência de moralidade entre os brasileiros, poderia estar, em primeiro lugar, no fato de as crianças serem confiadas totalmente aos cuidados dos escravizados e, em segundo lugar, pela ausência de religião. Mesmo sendo um país católico, mencionou Pfeiffer, as cerimônias são frequentadas como entretenimento, fazendo com que a verdadeira religião se perdesse cada vez mais. Mesmo sendo declaradamente contra a escravidão, assim como a maioria das mulheres viajantes, considerava o contato das crianças

com os escravizados uma “má influência”, que comprometia a moral e os bons costumes, deixando subentendido o seu pensamento em relação à superioridade do homem branco em relação ao negro.

Antes de continuar sua viagem de circum-navegação, Pfeiffer fez várias excursões pelos arredores do Rio de Janeiro, incluindo uma visita à Petrópolis, Nova Friburgo e às regiões tidas por ela como “não civilizadas”.

No começo, a ideia de passar a noite sozinha em um quarto não bem fechado, cercada por uma floresta selvagem, me assustava [...] Conheço poucos países na Europa pelos quais gostaria de me arriscar, tendo somente a companhia de um guia contratado, a viajar por florestas densas e passar a noite em casinhas terrivelmente isoladas (Pfeiffer *in* Eberspächer, 2019, p. 165).

Ousada? Inquieta? Corajosa? Vários são os adjetivos que podem ser utilizados para descrever a atitude de uma mulher madura, que optou em viajar sozinha por terras desconhecidas, em companhia de apenas um guia, muitas vezes, dormindo ao relento e exposta a todo tipo de perigo que uma mulher poderia sofrer nestas condições. Para minimizar tais perigos, a aparência era fundamental, por isso, as mulheres que tinham a natureza como objeto, geralmente, se vestiam com trajes de homens, tornando-se nada atrativas aos olhares cobiçadores que, por vezes, poderiam encontrar pelo caminho (Figura 63).

Figura 63 - Ida Pfeiffer em traje de viagem.



Fonte: Litografia de Adolf Dauthage, 1856. *In:* Naturhistorisches Museum Wien.

Em 09 de fevereiro de 1846, Ida Pfeiffer partiu do Rio de Janeiro em direção a Santos e São Paulo, de lá para Valparaíso, terminando sua passagem pelo Brasil e dando continuidade à sua primeira volta ao mundo.

E caso a morte me surpreenda mais tarde ou mais cedo nas minhas andanças, esperarei resignada a sua aproximação, e sentir-me-ei profundamente grata Ao Todo-Poderoso pelas honras de sagrada beleza que vivi e contemplei entre Suas maravilhas.

E agora, caro leitor, suplico-lhe que não se zangue comigo por tanto falar de mim; é só porque este amor à viagem não parece, de acordo com as noções estabelecidas, próprio para alguém do meu sexo, que permiti que os meus sentimentos falassem em minha defesa.

Não me julguem, pois, muito severamente; mas concedam-me antes o gozo de um prazer que não magoa ninguém, e a mim me faz feliz (Pfeiffer in Serrano, 2017, p. 265).

Depois de cinco viagens, sendo duas voltas ao mundo e cinco livros escritos, o último *pós-mortem*, publicado em 1861 pelo seu filho Oscar Pfeiffer, intitulado *The Last Trivels of Ida Pfeiffer* (As Últimas Viagens de Ida Pfeiffer), o nome de Ida Pfeiffer ficou para sempre marcado no mundo das Ciências Naturais, recebendo prêmios por seu trabalho prestado, inclusive conquistando espaços, até então, reservados para homens, como Sociedades Geográficas.

Pfeiffer não era uma “mulher à frente de seu tempo”, como popularmente costumam categorizar mulheres que romperam tabus, mas ela era a “mulher de seu tempo”, que não se conformou com o que o destino estaria lhe reservando e reescreveu sua história, indo atrás do desejo de sua vida: o amor pela viagem.

3.2.2 A alemã princesa Teresa da Baviera (1888)

Princesa Teresa da Baviera, quem foi essa viajante, cujo o título já demonstra certa curiosidade? Christian Heimpel, na introdução para o leitor brasileiro do diário da princesa Teresa, intitulado *Minha viagem nos trópicos brasileiros*, alertou que era necessário se livrar da imagem de princesa deixada pelos irmãos Grimm e pela Walt Disney para ler esta obra. Teresa ou, em alemão, Therese Charlotte Marianne Auguste von Bayern (Figura 64), foi a única mulher entre os quatro filhos do rei Luitpold, que assumiu o trono da Baviera no ano de 1886 e de Augusta Ferdinand, arquiduquesa da Áustria e princesa da Toscana.

Figura 64 – Princesa Teresa da Baviera.



Fonte: Autor desconhecido, s/d. PRINCESA, 2014.

A jovem princesa da Baviera, foi educada em casa e, desde muito cedo, demonstrou interesse pelo estudo da natureza e de idiomas, em especial, pela botânica, zoologia, geologia e etnografia, conhecimentos adquiridos de forma autodidata. Sua facilidade em aprender idiomas ajudou muito em suas viagens. Diferente das demais mulheres estrangeiras mencionadas neste estudo, princesa Teresa permaneceu solteira até seu falecimento, em 19 de dezembro de 1925.

Therese von Bayern era uma princesa bávara, membro da dinastia Wittelsbach, e deveria, como esperavam a sua família e a sociedade, casar-se com um príncipe, formar uma família e ter filhos. Entretanto, a princesa recusou o casamento e, com isso, sua função social como esposa e mãe. Therese decidiu se dedicar às coleções científicas, às viagens de exploração e à escrita dos relatos de viagem. As três atividades se relacionavam, de modo que a escrita se constituía como uma das pré-condições da viagem. A princesa, dentre outros motivos, viajava para escrever (Araújo, 2022, p. 23).

Apenas pela ânsia de desbravar novos lugares e adquirir conhecimento, com 25 anos começou a viajar de forma incógnita, com o pseudônimo de Condessa Elpen, preferindo não

ser reconhecida como princesa. Em 1875, realizou uma viagem com seu irmão Leopold, para a Tunísia, Argélia, Espanha, Portugal e França. Fruto dessa viagem publicou seu primeiro livro intitulado *Excursão à Tunísia*. Seguiram-se outras viagens para vários países da Europa, dentre eles Dinamarca, Suécia, Noruega e Rússia.

Ela confessou a Arnulf, seu irmão preferido, que sentia inveja dos irmãos que podiam viajar para lugares distantes por longos períodos de tempo, enquanto ela só poderia sonhar com viagens. [...] A restrição a determinados lugares e a certas atividades se explicava pelas ideias existentes sobre os espaços que homens e mulheres deveriam ocupar na sociedade. Essa norma ditava determinados papéis sociais a homens e mulheres e era definida segundo certos padrões de comportamento socialmente pré-determinados, entendidos como “naturais” a cada um dos gêneros (Araújo, 2022, p. 31).

Essa restrição para viajar, como já mencionado, é porque às mulheres, cabiam o espaço doméstico, aos homens, devido a sua força, coragem e conhecimento, o mundo.

Com os avanços dos meios de transporte na segunda metade do século XIX, tornou-se mais fácil e menos perigoso viajar. Com a modernidade, o número de mulheres que começaram a se deslocar por lugares mais distantes também aumentou. Mais do que ninguém, como princesa, Teresa tinha que seguir as regras sociais impostas às mulheres. No entanto, Princesa Teresa da Baviera mostrou que as regras não poderiam “prendê-la”. Após a decisão de não se casar, as viagens se tornaram sua vocação.

O príncipe só permitia que a filha viajasse durante os meses de verão e outono, quando ele se afastava dos compromissos oficiais para o período de caça. Luitpold também não queria que ela viajasse sozinha. Não era recomendável segundo as regras da nobreza, e Luitpold também se preocupava com a segurança da princesa. Em suas expedições, Therese viajava com três acompanhantes: um marechal, uma dama de companhia e um criado (Araújo, 2022, p. 38).

Princesa Teresa também esteve nos Estados Unidos, sempre escrevendo relatórios científicos e colhendo espécimes para o Museu de História Natural da Baviera. Em seu diário, deixou registrado que “A finalidade de minha viagem era conhecer os trópicos, encontrar, porventura, tribos indígenas, e recolher plantas, animais e objetos etnográficos” (2014, p. 41). Em 14 de junho de 1888, partiu em mais uma de suas expedições, desta vez rumo ao Brasil. Sua primeira parada foi em Belém do Pará, só chegando na capital do país em 14 de agosto de 1888.

Tudo que observava anotava em seu diário e, o que podia, coletava: coletou, ordenou e classificou inúmeras plantas, animais, minerais, artefatos etnográficos, dentre outros.

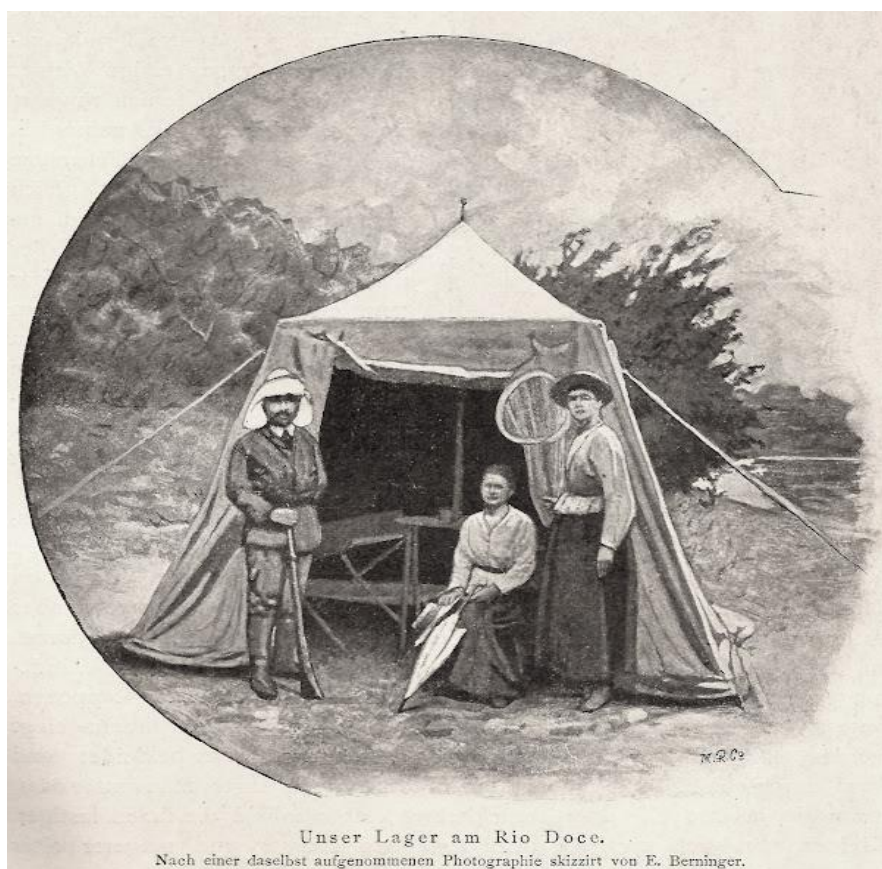
O que torna o livro digno de tradução e de ser lido não é o conjunto das detalhadas observações botânicas e zoológicas e as enumerações de nomes latinos de plantas que ocupam páginas, as quais, às vezes, exigem a paciência do leitor, mas sim, primeiramente, as descrições das difíceis condições da própria viagem e, em segundo lugar, a perspectiva da autora das regiões, lugarejos e seres humanos por ela visitados, ocasião em que esse último aspecto é duplo na medida em que qualquer imagem diz algo não somente acerca de seu objeto, mas também sobre o seu pintor. Em outras palavras, são de interesse não apenas a cidade do Rio de Janeiro ou a selva no Rio Doce no ano de 1888, mas ainda o colorido individual das descrições por uma princesa bávara (Heimpel *in* Princesa, 2014, p. 35).

Como o introdutor da obra de Princesa Teresa no Brasil mencionou acima, a leitura de *Minha viagem nos trópicos brasileiros*, para o leitor não interessado em História Natural, se tornava um pouco entediante devido as minuciosas listas de plantas e animais que ela catalogava em todo lugar por onde passava. Até um simples passeio para a princesa, era uma oportunidade para anotar suas observações científicas. “Entre o naturalista de gabinete e o naturalista de campo, Therese aproximou-se mais deste último quando encontrou em 1880 seu campo de atuação: as ciências e a escrita” (2022, p. 44).

Antes de iniciar os registros de sua viagem, dedicou um capítulo de seu livro para descrever as generalidades do Brasil, de acordo com ela, o quarto maior Império da Terra, formado “por uma raça mestiça de brancos, índios e negros”. Sobre estes, princesa Teresa destacou que representava, em sua maioria, a classe operária e, que diferente dos Estados Unidos que os mantém segregados, também ocupavam aqui altos cargos na sociedade.

Como referido, chegando inicialmente a Belém do Pará e em seguida, no Rio de Janeiro, princesa Teresa da Baviera também esteve no Amazonas e no Rio Negro, onde entrou em contato com várias tribos indígenas. A seguir foi a Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo e no Nordeste brasileiro. Foram ao todo treze províncias visitadas em apenas quatro meses e meio de estadia. Como não se identificava como princesa, nesses lugares compartilhou dos mesmo perigos e inconveniências que os viajantes e naturalistas anteriores a ela. Dormia em tendas ou em hospedarias sem luxo nenhum, sempre acompanhada de uma dama de companhia, um criado e um cavalheiro. A princesa fotografou suas excursões, o que na época era uma raridade entre os viajantes. Na Figura 65, a seguir, observa-se a tenda montada às margens do Rio Doce, a princesa Teresa da Baviera sentada, estando de pé a sua dama de companhia, a baronesa Franziska von Lerchenfeld e seu criado Max Auer.

Figura 65 – Princesa Teresa da Baviera em seu acampamento no Rio Doce.



Fonte: E. Berninger, s/d in PRINCESA, 2014, p. 345.

Chegando a capital do país, depois de descrever a “maravilhosa vista panorâmica” da cidade a partir da Baía de Guanabara, fez um breve apanhado sobre o que viu na cidade, sem críticas ou comparação à sua Terra Natal, talvez porque este não seria o foco de sua escrita.

Diferente das viajantes anteriores, em seu diário também não consta muitas anotações sobre o cotidiano dos habitantes do Brasil, nem mesmo observações sobre questões de civilidade e educação, estas são percebidas nas entrelinhas de seus registros. Todavia, fez importantes observações sobre o Rio de Janeiro oitocentista, em especial, no campo político. Teresa da Baviera foi a última viajante a estar no Brasil durante o reinado de Dom Pedro II e a única a estar no país pós abolição da escravatura. Dessa forma, seus registros são fundamentais para analisar um período importante e bastante turbulento da segunda metade do oitocentos. Ela mesmo assim se percebeu: “O que eu vira e experimentara na Corte no Brasil pertencia agora a um período histórico encerrado e muitas dessas coisas ganharam interesse porque não mais podem ser observadas daí em diante” (2014, p. 41).

Oito décadas depois da chegada da Família Real, muita coisa havia mudado no Brasil. Como citado, a escravidão havia acabado, a monarquia estava com os dias contados, o café era o produto mais exportado e os cafeicultores tinham um grande peso na política do país, inclusive, muitos deles estavam insatisfeitos com a decisão do governo imperial em emancipar os escravizados. Em 1888, a influência dos Estados Unidos no Brasil era marcante, segundo palavras de Teresa da Baviera, o que demonstrou que a Europa não era mais o único modelo a ser seguido. O declínio da influência francesa no Brasil ocorreu ao mesmo tempo em que acontecia a ascensão da influência norte-americana.

Descoberta como a herdeira do trono da Baviera, seu contato com a Família Imperial se tornou constante e estreito. A princesa testemunhou acontecimentos importantes como o retorno de Dom Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina ao país, após a estada na Europa para se recuperar de uma doença. Era o dia 22 de agosto de 1888 e o Brasil festejava não somente o seu retorno, mas o fato de ser a primeira vez que o imperador pisava em solo brasileiro após a abolição da escravatura. “Foi um momento muito solene, que também nos comoveu, estrangeiros que éramos” (2014, p. 292). Foi testemunha também da cerimônia de entrega da rosa de ouro⁵³ à princesa Isabel, em reconhecimento por ter assinado a lei que abolia a escravidão.

A viajante destacou em seu diário que após o reinado de Dom Pedro I e de seu filho Dom Pedro II, dificilmente sua filha, a princesa Isabel assumiria o terceiro reinado, pois o país já cogitava derrubar a monarquia. No entanto, com toda convicção em suas palavras, Teresa da Baviera escreveu que ninguém acreditava que poderia acontecer uma revolução enquanto o imperador, idoso e gravemente doente, devido ao excesso de trabalho, não tivesse fechado seus olhos.

A primeira mulher viajante a estar no Brasil durante o segundo reinado, quando o jovem imperador tinha apenas 16 anos de idade e que teve contato direto na Corte foi a Baronesa E. de Langsdorff, em 1842. Depois de quase 50 anos, a princesa Teresa da Baviera encontrou um governante idoso, porém, sua descrição muito se comparava ao jovem monarca descrito pela baronesa de Langsdorff.

O Imperador, um homem muito alto de porte imponente, feições belas, nobres, e uma indescritível expressão de benevolência nos olhos azuis, é uma figura verdadeiramente plena de principesca grandeza, que tanto impõe respeito como inspira confiança. Seu gênio amável, urbano, e sua conversação sempre animadora

⁵³ A Rosa de ouro é uma condecoração ofertada pelos Papas que representa o reconhecimento a uma pessoa ou lugar por um ato realizado. No Brasil, a primeira Rosa de Ouro foi enviada pelo Papa Leão XIII à Princesa Isabel como agradecimento pela libertação dos escravizados, em 1888.

têm algo de extremamente cativante. [...] O imperador é extremamente versado e desde sua mais recuada mocidade infatigavelmente ativo, mesmo à custa do sono e do repouso necessário após as refeições. Tanto música como artes plásticas e literatura entraram na espera de seus interesses. Mas sua especial predileção é dirigida para as ciências e entre essas principalmente as ciências naturais e a filologia. [...] é de se dizer que o eminente senhor domina não menos que catorze idiomas [...] Ele é tão simples, natural e pouco inclinado qualquer formalidade como os outros brasileiros (Princesa, 2014, p. 404).

Como era comum entre os viajantes, Teresa da Baviera visitou algumas instituições no Rio de Janeiro, como o Jardim Zoológico e o Hospício Dom Pedro II, este bem comentado também pelo casal americano Louis e Elizabeth Agassiz. Um dado interessante sobre a instituição que a princesa bávara registrou foi em relação ao número de doentes ali internados em setembro de 1888 e a diversidade de nacionalidades entre eles. Que o Brasil se tornou a porta de entrada para estrangeiros que viam no Novo Mundo uma oportunidade de ganhar a vida e enriquecer é fato, porém o número de estrangeiros acometidos pela “loucura” observados pela princesa é um dado interessante a ser investigado.

Tudo está equipado de acordo com os princípios mais atuais da ciência. [...] No momento há mais de 1.000 doentes internados [...] Em algumas salas está reunida a maioria dos enfermos de raças germânica, alemães, ingleses, noruegueses e suecos. Também russos e gregos são trazidas para aqui, e uma irmã da Silésia, que, com exceção do grego, sabe todas as línguas dessa gente, é quem manda aqui. Os italianos, espanhóis e demais latinos estão repartidos entre os brasileiros, porquanto podem se fazer entender mais facilmente do que os outros no idioma nacional. Para os dois árabes que encontramos no hospital talvez não haja ninguém suficientemente versado na língua. Mais de cinquenta irmãs de São Vicente de Paulo cuidam do atendimento aos doentes. Como no manicômio, a maior parte delas é de origem francesa, todavia entre elas também algumas brasileiras. Estas, apesar da indolência e falta de energia geralmente inerentes às moças e mulheres brasileiras, prestar-se-iam muito bem a essa profissão plena de abnegação (Princesa, 2014, p. 407).

Sobre a citação acima, em relação a presença de estrangeiros no Brasil, destacou em seu diário que era de se esperar um grande número de imigrantes para suprir a demanda de mão-de-obra após a emancipação dos escravizados, sendo os imigrantes, em sua maioria italianos. Muito próximo a estes, sob o aspecto numérico, os portugueses, os espanhóis e os alemães. Sobre as mulheres brasileiras, Teresa da Baviera ainda as viu como “indolentes” e “sem energia”. Vale mencionar que, no final do século, muitos costumes sociais em relação às mulheres, haviam mudado, conquistando inclusive, mais espaço e a liberdade de suas “clausuras domésticas”. Esse “pré-conceito” por Teresa mencionado, talvez ainda seja reflexo de tantos relatos em relação a posição que as mulheres brasileiras ocuparam durante anos no país ou, pelo fato delas ainda não terem ocupado na sociedade uma posição de destaque.

Esta e outras poucas observações sobre os costumes e a civilidade são observados no diário da princesa. Em uma visita ao palácio imperial no Rio de Janeiro, destacou sobre o acolhimento na Corte e a simplicidade e a cordialidade ali encontrados. “Aqui não se mostra vestígio algum da rígida cortesia cerimonial que é costume em diversas Cortes europeias. A individualidade não precisa, como nos velhos países civilizados, afundar-se em formalidades convencionais” (2014, p. 412. Grifo meu). Essa comparação em relação aos velhos países civilizados demonstra que, aos olhos do europeu, o Brasil ainda caminhava rumo à “civilização”, mesmo no final do oitocentos.

No Rio de Janeiro, também visitou, a convite da Família Imperial, Petrópolis e, mais tarde, Magé e Teresópolis. Em Petrópolis, hospedou-se no Hotel Inglês e, por várias vezes, esteve no palácio do imperador onde ele passava a maior parte de seu tempo devido ao clima ideal para sua saúde debilitada e no palacete da princesa Isabel, uma “residência elegante, ao contrário da maioria das casas brasileiras” (2014, p. 416).

Durante a viagem pelo Brasil, Therese coletou plantas, caçou animais, fotografou, fez anotações e desenhos de viagem, mediu diariamente a temperatura do ar, organizou seus herbários e sua coleção entomológica, fez diversas trilhas, excursões e passeios, hospedou-se em hotéis, pousadas, cabanas e casas de colonos, viajou com guias, visitou um aldeamento indígena, passou dias com a família real, conheceu fazendas e viu diversas coleções científicas em museus (Araújo, 2022, p. 49).

Seu último dia no Rio de Janeiro foi em 04 de outubro de 1888, partindo a bordo do navio *Frankfurt* em direção a Bahia e de lá, no dia 13 de outubro, para o Velho Mundo, ficando “a saudade daquela terra de maravilhas além do oceano, onde a natureza derramou suas mais ricas dádivas e as reuniu em um quadro que dificilmente pode encontrar outro igual na vasta Terra” (Princesa, 2014, p. 480). Assim, princesa Teresa da Baviera, a última viajante e naturalista a estar no país durante o período Imperial, terminou o registro de sua viagem ao Brasil.

3.2.3 A inglesa Marianne North (1872-1873)

Pertencente a uma família da aristocracia inglesa, Marianne North (Figura 66), a filha do meio do casal Frederick e Janet North, nasceu em 24 de outubro de 1830, na cidade de Hastings. Seu apelido era “Pop” (estourar / pipoca), o que demonstrava a sua personalidade inquieta. Filha muito dedicada e zelosa, prometeu no leito de morte de sua mãe, em 1855, que não iria se casar para cuidar de seu pai. Esta promessa talvez não tenha sido uma renúncia, mas sim um motivo para não contrair matrimônio, pois para a jovem inglesa, o casamento transformava a mulher numa espécie de criada e, ela não queria isso para si.

Figura 66 –Marianne North em Ceilão.



Fonte: Fotografia de Julia Margaret Cameron, 1877. In: Bandeira, 2012, p. 37.

Seu interesse pela pintura surgiu através de visitas ao *Royal Botanic Gardens*, de Kew, que abrigava uma grande coleção botânica e pelas conversas com seus diretores, os ingleses Willian Jackson Hooker e Joseph Dalton Hooker.

Em companhia de seu pai, fez várias viagens pela Europa e pelo Oriente Próximo entre os anos de 1859 e 1870. A cada viagem o gosto pela botânica e pela pintura se intensificava. Porém, foi somente após a morte de seu pai, em 1869, que Marianne North fez duas circunavegações ao mundo e conheceu cerca de vinte países, realizando inclusive seu sonho de ir

para um país tropical para pintar sua luxuriante e abundante vegetação. Assim nasceu o desejo da viajante inglesa de meia idade (43 anos), conhecer o Brasil, “onde continuaria a coleção de estudos e plantas tropicais que havia começado na Jamaica” (North *in* Bandeira, 2012, p. 155). O livro *Recollections of a Happy Life: Being the Autobiography of Marianne North* foi publicado a partir das anotações de seu diário. Sem tradução para o português, para esta tese foi utilizado o livro de Julio Bandeira, *A viagem ao Brasil de Marianne North*, que contém na íntegra a tradução do texto de sua viagem ao Brasil.

Partindo da Inglaterra em 9 de agosto de 1872, no Navio da Marinha Real *Neva*, Marianne North chegou ao Brasil no dia 28 deste mesmo mês. Sua primeira parada no país foi em Pernambuco, logo depois esteve na Bahia. Assim que o *Neva* entrou na baía do Rio de Janeiro, se encantou por sua beleza, dizendo ser a paisagem marítima mais bonita do mundo. Ao desembarcar, diferente da maioria dos viajantes europeus, não criticou a cidade, ao contrário: elogiou o conforto e a limpeza do Hotel dos Estrangeiros, em Botafogo, onde se instalou. Elogiou a hospitalidade do brasileiro e a cidade, dizendo ter uma ótima aparência, com suas moradias cheias de cor. Logo a artista se sentiu em casa no Rio de Janeiro. Em relação ao transporte, North destacou que a cada dez minutos, os bondes puxados por mulas passavam pela porta do hotel. Todos os dias, às seis horas, Dona “Pop”, como passou a ser chamada no Brasil, pegava o bonde em direção ao Jardim Botânico, onde produziu boa parte de suas telas sobre o país, uma delas pode ser observada a seguir (Figura 67).

Figura 67 – Flores cultivadas no Jardim Botânico.



Fonte: Pintura de Marianne North, 1872-1873. *In*: BANDEIRA, 2012, p. 106.

Não diferente dos demais viajantes europeus que visitaram o Brasil, por várias vezes comparou as paisagens da Europa com o Rio de Janeiro, entretanto, elogiando a cidade e sua gente.

[...] Todo caminho é deleitoso [...] coberto de florestas até o topo... e que florestas! Não os bosques monótonos da Europa [...] Esse percurso era sempre encantador e alegre para mim, e eu queria que as mulas não passassem com tanta pressa, mas eram todos animais esplêndidos [...] pareciam gostar de ir a todo galope. [...] Esses jardins perto de Botafogo eram para mim uma delícia sem fim (North *in* Bandeira, 2012, p. 158).

Em outubro de 1872, fez uma excursão a Petrópolis. Descreveu com detalhes a sua travessia pela baía até chegar em Mauá, onde pegou um trem até a região chamada Raiz da Serra e de lá, seguindo a estrada de zigzague até o alto da serra. A paisagem neste longo percurso foi por ela descrita como magnífica: “Lá de cima, a vista na direção do Rio é, talvez, a mais bonita que já vi [...] uma beleza indescritível” (North *in* Bandeira, 2012, p. 162). A vista

pode ter sido indescritível, porém suas mãos conseguiram captar o que as palavras não conseguiram descrever (Figura 68).

Figura 68 – Vista da serra de Petrópolis.



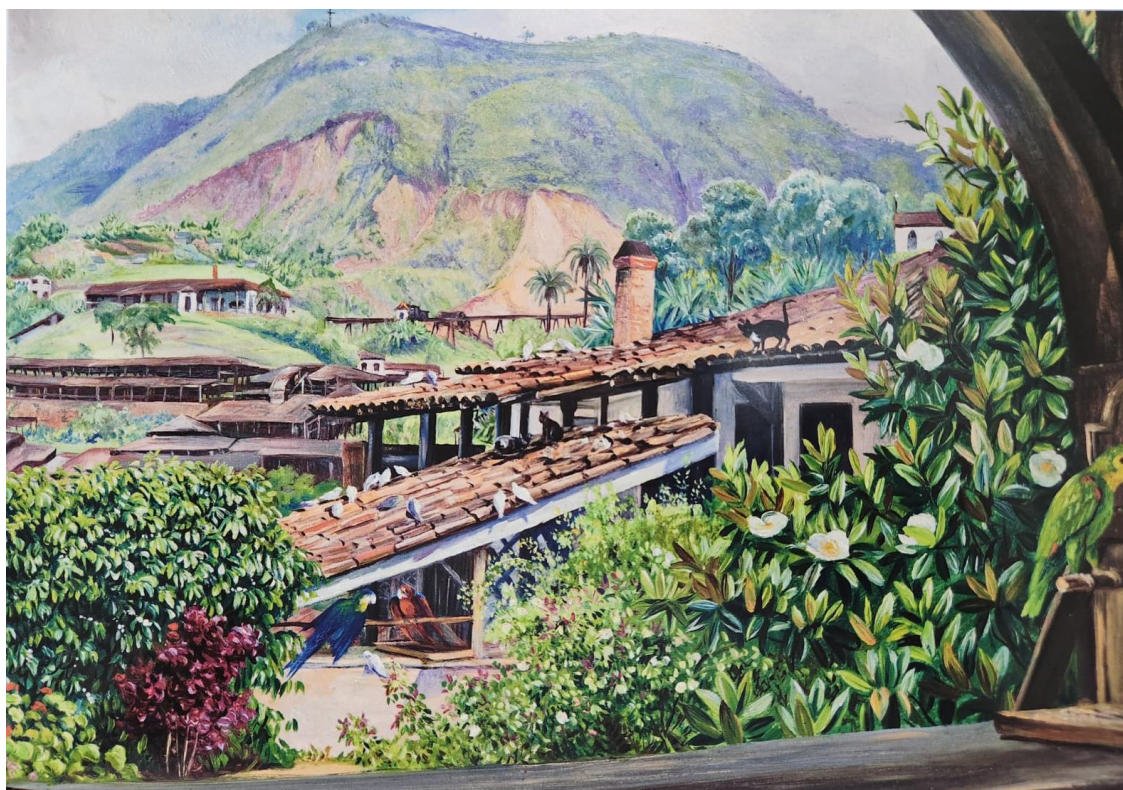
Fonte: Pintura de Marianne North, 1872-1873. In: BANDEIRA, 2012, p. 77.

Já a cidade de Petrópolis, que a tantos europeus agradou, não cativou Marianne North. Ela achou a cidade um lugar odioso, segundo suas palavras, uma imitação tosca de uma estação de águas alemã de segunda classe. Também não agradou de seus moradores, descritos como bisbilhoteiros e ociosos, talvez por a terem criticado por andar sozinha pelos morros da cidade, dizendo não ser prudente a uma mulher.

Como seu foco era a pintura de paisagens e não da sociedade, fez pouquíssimas anotações sobre questões de civilidade e educação no país. Já sobre a escravidão, observou que praticamente todo trabalho doméstico era feito pelos escravizados. Também numa visão romantizada, escreveu ser um erro achar que os escravizados não eram bem tratados no país.

No Rio de Janeiro, além de Petrópolis, Marianne North também esteve na Ilha de Paquetá e em Teresópolis. Em Minas Gerais ela ficou cerca de oito meses em Morro Velho, nesse período, fez várias excursões por diversos lugares da região, sempre pintando a natureza por onde passava, como a vista a seguir de uma mina de ouro em Morro Velho (Figura 69).

Figura 69 – Vista da velha mina de ouro da varanda de Morro Velho.



Fonte: Pintura de Marianne North, 1872-1873. In: BANDEIRA, 2012, p. 104.

Sobre suas pinturas a óleo, Julio Bandeira afirmou:

Elas formam um conjunto de extraordinária beleza, que impressiona pela modernidade e impetuosidade. Seus óleos equivalem a mais de três vezes as 32 paisagens brasileiras de Rugendas e as 26 pranchas de botânica e registros da natureza brasileira de Debret, parcialmente reproduzidas pelos dois artistas em seus livros, além de serem quase o dobro das 59 pranchas do primeiro volume da *Flora brasiliensis* de von Martius (Bandeira, 2012, p. 7)

Pertencendo a uma família da aristocracia inglesa da era vitoriana, nobres, artistas, cientistas e políticos influentes faziam parte do seu círculo de convivência. Em suas viagens, Marianne North tinha muita facilidade em lidar com as diversas camadas sociais. Julio Bandeira mencionou que ao mesmo tempo que jantava com o presidente, tomava chá com o imperador, se hospedava com o rajá e lidava com governadores, cientistas e artistas. No entanto, Marianne North encontrava imenso prazer em viajar com simples tropeiros. Ela não hesitava também em declarar que preferia a companhia de pessoas “menos civilizadas e mais interessantes” (2012, p. 40). No Brasil conheceu Dom Pedro II e se encantou por sua inteligência, simplicidade e simpatia. Da mesma forma que o imperador se encantou com suas pinturas.

No dia 14 de setembro de 1873, se despediu do “pequeno paraíso” como chamou o Rio de Janeiro, indo em direção a “nevoenta velha Inglaterra”, palavras suas. Marianne North morreu aos 59 anos de idade no dia 30 de agosto de 1890, deixando um enorme legado para o Brasil e demais países por ela visitados. Ainda em vida, sua belíssima coleção foi oferecida por ela mesma ao *Royal Botanic Gardens*, em Kew, dispostas numa galeria inaugurada em 1882, também por ela financiada: a Galeria North. Até 1980, a galeria era o único lugar onde as pessoas poderiam ter acesso as suas pinturas.

[...] a artista provavelmente receava que a imagem de seus quadros perdesse a essência ao ser impressa por qualquer meio mecânico de reprodução incapaz de se aproximar da qualidade do colorido de sua pintura. Isso fez com que proibisse a publicação das pinturas, permanecendo até 1980 a galeria construída por ela o único lugar possível de vê-las (Bandeira, 2012, p. 9).

Devido a infiltrações no local, em 2007 a Galeria North foi fechada e o *Royal Botanic Gardens* iniciou um cuidadoso trabalho de restauração das 848 telas de Marianne North, sendo os trabalhos concluídos em 2010. O livro *A viagem ao Brasil de Marianne North - 1872 e 1873*, de Júlio Bandeira, reuniu as 112 pinturas a óleo da artista no Brasil. Esta obra, por conter a tradução na íntegra de sua viagem ao Brasil, foi a utilizada neste trabalho. Publicado em 2012, Bandeira afirmou que as pinturas brasileiras, cerca de 80% delas inéditas, foram reproduzidas pela primeira vez em sua obra com todo o colorido recuperado após a restauração, o mesmo colorido que encantou o cientista inglês Charles Darwin e o imperador Dom Pedro II.

A intensidade, as cores, a beleza e a singularidade dos óleos de Marianne North, que, até iniciar esta pesquisa, eram por mim desconhecidos, são conhecidos por um público bem restrito. Como referido, só recentemente suas telas foram reproduzidas e, lentamente, o mundo passou a ter acesso ao seu magnífico trabalho. Para ajudar a torná-la mais conhecida e apreciada, segue no Anexo 4, algumas das obras desta artista que soube como ninguém retratar as belezas do Brasil tropical.

3.2.4 A espanhola Carmen Oliver de Gelabert (1870)

Viaje poético a Petrópolis é o título do livro publicado com os registros da viagem de Carmen Oliver de Gelabert (Figura 70), ao Rio de Janeiro, no ano de 1870. Seu título já define

o caráter da obra, uma descrição poética do que viu durante sua estadia, sem nenhuma pretensão em relatar as condições sociais e culturais do Rio de Janeiro e da Petrópolis oitocentista, lugares por ela visitados.

Figura 70 – Carmen Oliver de Gelabert.



Fonte: Autor Anônimo, s.d. In: GELABERT, 1872.

Sobre Carmen Oliver de Gelabert, não se tem muita informação, apenas que era natural da Ilha de Maiorca, que era católica fervorosa, dedicada dona de casa e mãe de dois filhos: Barbarita e Pepito, como carinhosamente os chamou em seu diário. Uma autora praticamente desconhecida e que não deixou muitas informações pessoais em seus registros. *Viaje poético a Petrópolis* nada mais é do que uma carta escrita pela espanhola à sua filha, que não pôde lhe acompanhar nesta vinda ao Rio de Janeiro. Ao descrever a natureza paradisíaca do país à sua Barbarita, por vezes comparou o que viu a cenas bíblicas, dedicando tamanha grandeza a obra do Deus Criador. Inclusive o nome de Deus é mencionado por ela mais de setenta vezes ao longo do texto.

O prólogo da obra contém uma prévia do que é narrado nos capítulos seguintes, assim como a descrição poética da “magnífica obra da natureza” que, segundo a espanhola, sua pena

não conseguiu exprimir devido à pouca instrução que recebeu, sendo filha do povo e mulher, ou seja, por não ter tido acesso à educação formal.

Pois sim, uma viagem à Petrópolis merece ser muito bem aproveitada, por ser um lugar tão ricamente cheio de poesia; mas como eu, filha do povo, desprovida da ciência necessária para dar o estilo que merece este discurso, para ser mais eloquente e ao mesmo tempo não carecer deste natural que emana da prática ou discrição, certo de que tudo isso felizmente me serviria nesta ocasião onde meu desejo é me estender, mas como disse, com uma linguagem bonita, que fosse de acordo com o assunto, de sorte que com esses esforços sairiam escritos que seriam dignos de serem lidos por sábios, mas, ah! sinto muito, muito mesmo por afastar a ilusão da poesia oferecendo uma literatura que muito lhe falta por causa da ignorância. Oh! Nunca o pesar de ser mulher tinha me causado tanto desgosto como agora, porque penso que sendo homem, naturalmente instruído e cheio de méritos adquiridos por grandes estudos, a esta idade, prática nas ciências, e principalmente na cosmografia, talvez assim me explicaria a medida do meu desejo, e agora não me veria tão limitada na ocasião em que desejaria me estender; oh! minha mão está presa entre minhas pobres tolices (Gelabert, 1870, p. 8).⁵⁴

A educação formal, como Carmem Oliver de Gelabert mencionou mais de uma vez, ainda no final do oitocentos, cabia somente aos homens, às mulheres, cabiam os afazeres domésticos. Essa diferença entre os gêneros e a “condição” dada a mulher, segundo a autora, era fruto do pecado de Eva. Somente a mulher herdou o “castigo” e os homens, mesmo também tendo pecado, foram perdoados por Deus. Ao mencionar esta condição à sua filha, não a fez criticando, pois, esta lembrança bíblica, para a espanhola, fazia com que vivessem felizes e satisfeitos.

[...] boas obras têm de ser o início da infância, atuando e adquirindo conhecimentos, tão necessários para os homens que tem que representar mais tarde na sociedade seu bonito papel. Enquanto nós, o que fazemos? Nada; comer e dormir para seguir a vida, sem ter o trabalho de fazer a diferença. Oh! E de que serve a vida da mulher? A dos homens tem, claro, um elevado objetivo: construir alicerces e colocar ali as pedras de seu castelo, e se certificar de que seja firme. Ah! Que triste está a mulher e quão pouco espera do mundo! A única esperança da pobre é ser mãe de um menino e isso, às vezes, lhe custa a vida. Ai! Que pouco suporte a fraqueza encontra! (Gelabert, 1870, p. 41)⁵⁵

⁵⁴ No original: Pues sí; un viaje á Petropolis merece muy bien ocuparse de él, por ser un lugar tan ricamente lleno de poesía; mas como yo, hija del pueblo, desprovista de la ciencia necesaria para dar el estilo que merece este discurso, para ser mas elocuente y al mismo tiempo no carecer de este natural que emana de la practica ó discreción, cierto que todo eso felizmente me serviría en esta ocasión que mi deseo es estenderme, pero como he dicho, con un lenguaje bonito, que marchase acorde con el asunto, de suerte que con esos esfuerzos saldrían escritos que serian dignos de ser leídos por sabios; pero ¡ ah! mucho, sí, mucho siento desgarrar la ilusión de la poesía ofreciendo una literatura que mucho le falta por causa de la ignorancia. ¡ Oh! nunca el pesar de ser mujer me habia disgustado tanto como ahora, porque pienso que siendo hombre, naturalmente instruido y lleno de méritos adquiridos por grandes estudios, á esta edad, práctica en las ciencias, y mayormente en la cosmografía, talvez así me esplicaría á medida de mi deseo, y ahora no me veria acertada en la ocasión que deseo estenderme; ¡ oh! presa está mi mano entre mis pobres tonterías.

⁵⁵ No original: [...] las buenas obras han de ser los principios de la infancia, accionando y adquiriendo ciencias, tan necessarias para los hombres que tienen que representar mas tarde en la sociedad su bonito papel. Y mientras

Do Rio de Janeiro, a espanhola e seu marido seguiram em direção a Petrópolis para encontrar seu filho. O percurso da viagem foi descrito detalhadamente pela autora, desde a saída da cidade, a travessia da Baía de Guanabara, a viagem no vapor e a subida sinuosa da serra. Sobre a Petrópolis Imperial, assim a descreveu, trazendo como as demais viajantes, o elemento comparativo em relação à Europa.

Petrópolis é uma cidade moderna muito bonita; as ruas são muito largas, compridas e retas, as fachadas das casas muito caprichosas, muitas delas ornamentadas, e sobretudo construídas com o mais belo estilo moderno, que causa admiração pela sua novidade. Cada casa tem seu jardim de estilo diferente, muitos deles imitando os de Londres [...] A maioria dos moradores é muito rica [...] (Gelabert, 1870, p. 37 e 38).⁵⁶

O Colégio Kopke, onde estudava o filho de Carmem Oliver, era uma instituição privada de ensino primário e secundário. Fundado em 1850, era destinada para meninos, filhos da aristocracia petropolitana oitocentista. A origem do colégio remonta à chegada dos irmãos Guilherme e Henrique Kopke ao Brasil, vindos de Portugal. Henrique Kopke assumiu a missão pedagógica na instituição, que foi considerada na época, uma das melhores da Província do Rio de Janeiro.

Desde meados do século XIX, Petrópolis foi se modernizando rapidamente. Foram surgindo suntuosas construções arquitetônicas de influência europeia, como relatou a escritora espanhola. De acordo com Vasconcelos, “A cidade foi sendo construída de maneira única, por abrigar, num mesmo lugar, Colônia e Corte. Todos foram obrigados a dividir os mesmos espaços físicos e geográficos” (1995, p. 85). Dentre essas suntuosas construções arquitetônicas, estão algumas instituições educacionais privadas. No que tange a parte educacional, Colônia e Corte não dividiam os mesmos espaços, dessa forma surgiram também instituições públicas destinadas principalmente aos filhos dos colonos europeus que chegaram à Petrópolis a partir de 1843. Segundo Vasconcelos, os dados referentes a urbanização de Petrópolis no ano de 1857 mostraram que existiam oito escolas públicas e quatro particulares (1995, p. 84).

tanto nosotras ¿qué hacemos? Nada; comer y dormir para pasar la vida, sin tomar el trabajo de ilustrarla. ¡ Oh ! y ¿de qué sirve la vida de la mujer ? La de los hombres tiene, por supuesto, un elevado objeto: penetrar los fondos y colocar allí las piedras de su castillo, y buen cuidado tienen para que sea sólido. ¡Ah! qué triste está la mujer, y qué poco espera del mundo! la única esperanza de la pobre es ser madre de un varón y eso á veces le cuesta la vida. ¡ Ay! ¡qué pocos apoyos encuentra la debilidad!

⁵⁶ No original: Petropolis es una ciudad moderna hermosísima; las calles muy anchas, largas y derechas, las fachadas de las casas muy caprichosas, muchas de ellas ornadas, y sobretudo construidas con el mas bonito estilo moderno, que causa admiración por la novedad. Cada casa goza de su jardín de diferente estilo, muchos de ellos imitando los de Londres [...] La mayor parte de los moradores son muy ricos [...].

Neste mesmo período, médicos higienistas franceses, criaram no século XIX, um programa que continha regras para o bom funcionamento dos colégios, compreendendo a disposição e estrutura dos prédios escolares, bem como a organização da rotina, os métodos a serem implementados e os hábitos desenvolvidos para os alunos. No Brasil, este modelo francês inspirou os higienistas a criarem um programa para assegurar, ao mesmo tempo, um ambiente humano e “civilizado” com as condições de salubridade. O Município Neutro, após estudos, considerando as condições climáticas e geográficas, foi considerado o local menos indicado para a construção de prédios escolares, não somente pelo clima, mas principalmente pela agitação que poderia distrair os estudantes. Os locais ideais eram os mais afastados do centro urbano e, Petrópolis possuía clima e condição ideal para acolher instituições escolares.

[...] O afastamento do mundo urbano a partir da busca de um ar saudável, é tido como um critério a cuja obediência deveria ser submetida a decisão de se construir “casas de educação”. Para tanto, argumentos climáticos, geográficos, topográficos e botânicos são articulados de modo a sustentar a defesa de que educar requereria, naquele momento, certo isolamento da cidade, um certo enclausuramento, conforme termos de Airiès (1981), especialmente ao se tratar de colégios-internatos. Entretanto, protege-se das febres e das doenças oculta uma outra proteção que tal medida representava: a proteção contra o mundo das ruas, dos vícios e paixões que a vida da rua poderia despertar[...] O edifício escolar, nessa perspectiva, deveria ser duplamente emblemático. O exterior deveria ser identificado por todos como um espaço de educação, devendo o interior, por sua vez, traduzir os princípios de ordem, vigilância, disciplina e moral, tão caros aos nossos higienistas (Gondra, 2004, p. 167 e 181).

Dessa forma, o Colégio Kopke, continha todas as características indicadas pelos médicos higienistas. Sobre a instituição, segue o relato de Carmem Oliver de Gelabert, onde estudava há três anos o seu filho Sebastian (Pepito), que entrou quando tinha apenas 10 anos, tendo a época da visita de seus pais, 13 anos.

A construção do edifício é linda, e muito apropriada para o local. Por exemplo: uma bonita paisagem é ver aquele rico prado sustentando tão altas paredes muito brancas, ornadas por uma porção de janelas que formam o maior gosto arquitetônico; e ainda mais, como está um pouco afastado do centro urbano, isso nada lhe tira nenhuma beleza, porque se vê resguardado por altos montes, recreado por um poético rio, seus arredores amenos e sobre tudo deliciosos (Gelabert, 1870, p. 40. Tradução livre da autora)⁵⁷.

⁵⁷ No original: La construcción del edificio es linda, y la idea muy apropiada por el sitio en que está. Por ejemplo; un paisaje bonito es ver aquella rica pradera sosteniendo tan altas paredes muy blancas, ornadas con una porción de ventanas que forman el mayor gusto arquitectónico, y á mas, aunque está algo separado de la ciudad, eso no le quita nada de lo hermoso, porque se vé resguardado por altos montes, recreado por un poético rio, todos sus alrededores amenos y sobre todo deliciosos.

Os higienistas afirmavam que os edifícios escolares deveriam ser limpos, arejados e bem iluminados, tanto para evitar a proliferação de doenças quanto para oferecer um “bom ambiente” aos estudos. De acordo com os médicos, tanto o espaço exterior, quanto o espaço interior, deveriam reproduzir esse ambiente higienizado, ou seja, “civilizado”. Sobre a limpeza e o asseio e, corroborando com o ponto de vista dos higienistas, segue o relato de Carmem Oliver de Gelabert dando a entender que o Colégio Kopke seguia essas orientações.

[...] é tão grande quanto um convento, embora a forma seja como um palácio; e quanto ao interior, vale muito mais, porque há sábios professores que instruem os alunos em muitas ciências; e quanto à limpeza e asseio, é impossível vê-la mais brilhante. Para recreio dos alunos, o diretor permite-lhes plantar para ter flores, como também têm os seus viveiros no jardim, como me disse o meu Pepito, que tinha um canário ruivo, dois ticuticos, um cadeal e um papa-figo; de modo que me alegro com sua lícita distração, que é também cuidar das árvores e flores que os meninos escolhem para serem suas preferidas, enquanto exercem movimento ativo sem perder tão belo entretenimento; Tudo isso é bom, e muito mais, porque você pode desfrutar de um clima tão saudável; de modo que a robustez que emana de uma saúde perfeita que Pepito desfruta-o atesta [...] (Gelabert, 1870, p. 40. Tradução livre da autora).⁵⁸

Outro ponto destacado nos programas dos higienistas competia aos hábitos de higiene pessoal dos alunos, dentre eles, o hábito de tomar banho, de preferência frio. De acordo com os médicos, o banho frio produzia aos alunos os mais benéficos efeitos, principalmente por combater a moleza no corpo que a água quente proporcionava. Sobre a higiene corporal, Pepito demonstrou à sua mãe que havia aprendido direitinho a lição.

[...] todos os dias, mesmo que chova, ou por mais forte que seja o vento, isso não é motivo para deixar de tomar o seu banho diário, que é no rio. Você dirá, meu paciente e amado leitor, que este menino poderia dispensar este banheiro, que só é costume beber em dias quentes; mas Pepito, conversando comigo, lembrou-me desta consequência dizendo: “É verdade que Petrópolis é um lugar frio, mas eu, mãe, quero superar uma certa impressão infantil; Você sabe por qual método? refrescando o sangue do corpo com banhos de águas correntes desses puros que descem das altas montanhas; Naturalmente, o frio está vencendo, junto com a preguiça, de modo que hoje já consegui fazer esse sacrifício, e para o futuro penso que estou livre. Como sou estudante, preciso me livrar de todo tipo de bobagem, e preciso muito, sobretudo, de limpeza física, e me preparar antes do amanhecer; de modo que quando os primeiros raios de sol entraram, dando uma bela cor âmbar aos canaviais, felizmente me encontrei com a aptidão necessária para a compreensão dos meus estudos, aqueles

⁵⁸ No original: es grande como un convento, aunque la forma es de palacio ; y en cuanto al interior, vale mucho mas, porque hay sabios profesores que instruyen á los alumnos de muchas ciencias; y en cuanto á limpieza y aseo, eso es imposible verla mas uciente.Para recreo de los alumnos el director les permite plantar para tener flores, como también tienen sus pajareras en el jardín, como me dijo mi Pepito, que él tenia un canario coloro-virado, dos ticuticos, un candeal y una oropéndola ; de suerte que me alegré de su lícita distracción que también es cuidar los árboles y flores que los muchachos escojen para que sean sus favoritos, mientras tanto ejercitan el activo movimiento :&in perder tan bonito entretenimiento; todo eso es bueno, y mas, porque se goza de tan saludable clima; de suerte que la robustez emanada de la perfecta salud que disfruta Pepito, lo atestigua;

inícios de minha carreira que tanto custaram, mas que darão me no devido tempo uma posição, se Deus quiser” (Gelabert, 1870, p. 41. Tradução livre da autora).⁵⁹

O Colégio Kopke funcionou até 1881, ano da morte de seu fundador. Com seu encerramento, o prédio do Colégio abrigou outras instituições de ensino, sendo demolido anos depois por questões de segurança. Segue a fotografia do Colégio Kopke com parte de seu jardim (Figura 71).

Figura 71 - Colégio Kopke e parte do seu jardim.



Fonte: Autor Anônimo, s.d. In: Museu Imperial/Ibram/MTur.

Os assuntos do cotidiano, os costumes da população e suas habitações não foram prioridade para a escritora espanhola, pois, “[...] enquanto observava a floresta, mais poesia

⁵⁹ No original: Siempre dispuesto á lo extraordinario, todos los dias, aunque llueva, ó por fuerte que sea el viento, no es eso un motivo para dejar de tomar su baño cotidiano que es en el rio. Dirás mi paciente y amada lectora, que podia esse muchacho escusar este baño, que solo es costumbre tomar los dias de calor; pero Pepito, hablando conmigo, me recordó e;sta consecuencia diciendo así : « Cierta que Petropolis es un lugar frió, pero yo, mamá, quiero vencer cierta impresión pueril; ¿ sabe por qué método? refrescando la sangre del cuerpo com baños de aguas corrientes de estas puras que de altos montes bajan; eso naturalmente, vá venciendo el frió, junto con la pereza, de suerte que en el dia yá he conseguido hacer ese sacrificio, y para lo futuro creo estar libre. Como yo soy estudiante, tengo necesidad de librarme de toda clase de tonterías, y mucho necessito sobre todo el despejamiento físico, y prepararme antes de amanecer la aurora; de modo que cuando entran los primeros rayos del sol, dando un hermoso color de ámbar á los cañaverales, felizmente me encuentro com la aptitud necesaria para la comprensión de mis estudios, esos principios de mi carrera que tanto cuestan, pero que me darán á su tiempo un puesto si Dios quiere.»

penetrava e tomava conta dos meus pensamentos, eu gostava, porque dissipava meus sentidos das coisas que me afetavam” (1870, p.129. Tradução livre da autora)⁶⁰.

Carmem Oliver não poupou elogios ao Brasil e aos “filhos desse país” durante a viagem do Rio de Janeiro a Petrópolis, pela estrada de ferro. Destacou o talento e a inteligência dos trabalhadores ao considerar a construção dos túneis, obra magnífica. Os brasileiros se sentiram agraciados com a publicação do livro de Carmem Oliver de Gelabert que, diferente das viajantes anteriores, não tecia críticas ao país e nem à sua gente. No periódico *A Nação: Jornal Politico, Commercial e Litterario*, que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1872 e 1876, foi noticiado o lançamento do livro que, segundo o periódico, muito honrou ao Brasil pela forma como a escritora descreveu os costumes da nossa sociedade, como pode ser visto na Figura 72, a seguir.

Figura 72 – Anúncio do Jornal *A Nação* – Edição n. 20 de 1873.⁶¹

Passeio poetico a' Petropolis. — Sob este titulo acaba de ser publicado um primoroso e nitido volume, escripto com rara elegancia e muito sentimento pela Exma. Sra. D. Carmen Oliver de Gelabert.

Escrevendo a uma sua filha, de quem está distante, a magnifica producção de que nos occupamos está cheia de lances de ternura maternal, que não podiam caber senão em um coração de mãe.

A narrativa é curiosa, havendo muita verdade na parte descriptiva, e muito honra ao Brazil o bom conceito com que a illustre estrangeira nos julga quando falla em nossos costumes e na boa sociedade de Petropolis.

Tal obra, com quanto escripta em hespanhol, nos interessa muito de perto, pois que diz respeito exclusivamente a nosso paiz.

Muito penhorados agradecemos] o volume com que nos mimosearam.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital.

⁶⁰ No original: [...] mientras tanto que el bosque miraba, mas poesía penetraba hasta el punto de internar mis pensamientos ínterin gozaba, porque apartaba mis sentidos de las cosas que afectan.

⁶¹ Transcrição livre da autora: **Passeio poetico a Petropolis.** - Sob este titulo acaba de ser publicado um primoroso e nitido volume, escripto com rara elegancia e muito sentimento pela Exma. Sra. D. Carmen Oliver de Gelabert. Escrevendo a uma sua filha, de quem está distante, a magnifica producção de que nos occupamos está cheia de lances de ternura maternal, que não podiam caber senão em um coração de mãe. A narrativa é curiosa, havendo muita verdade na parte descriptiva, e muito honra ao Brazil o bom conceito com que a illustre estrangeira nos julga quando falla em nossos costumes e na boa sociedade de Petropolis. Tal obra, com quanto escripta em hespanhol, nos interessa muito de perto, pois que diz respeito exclusivamente a nosso paiz. Muito penhorados agradecemos o volume com que nos mimosearam.

Não se sabe ao certo o dia que Carmem Oliver e seu marido saíram da Espanha, nem o dia que chegaram ao Brasil, muito menos o tempo de permanência no país antes de retornarem à pátria. Porém, *Viaje poético a Petrópolis* trouxe elementos importantes acerca da educação no Rio de Janeiro, uma educação fundamentada na crença de que a higiene era parte do “processo civilizador” do oitocentos.

3.3 A aventura na América: narrativas sobre o “outro” mundo

Das quatorze mulheres estudadas, somente a francesa Alexandrine Langlet Dufresnoy, que esteve no Brasil com seu marido entre os anos de 1837 e 1842, registrou ter feito a viagem devido ao estilo aventureiro e inquieto de seu esposo, que queria, a todo custo, fazer fortuna neste lado da América. Como mencionado, a francesa Adèle Toussaint-Samson, também deixou claro em seu diário que veio para o Brasil com seu marido para tentar a sorte e adquirir fortuna, porém, como atuou como professora, foi selecionada para estar entre as viajantes que vieram para este fim.

A aventura no Brasil do século XIX foi marcada por diferentes narrativas sobre o "outro" mundo. As belezas do país e oportunidades que ele oferecia permeavam as narrativas literárias da época, que buscavam retratar o Brasil como um país em desenvolvimento, com uma fauna, flora e cultura únicas. Esses relatos ajudaram a construir uma imagem do Brasil que atraía muitos aventureiros.

Um número considerável de estrangeiros, a maioria europeus, vieram trabalhar no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro e São Paulo, ou em regiões que despontavam para algum tipo de extração, como por exemplo, a borracha na região Norte. Uma grande parcela, mesmo com a vida estabilizada em seus países de origem, veio não apenas para tentar a sorte, como também em busca de novas oportunidades ou até mesmo, de aventuras, permanecendo no país por meses, anos ou até falecerem, como foi o caso do marido da jovem francesa Alexandrine Langlet Dufresnoy.

Nem todos os estrangeiros tiveram sucesso em suas empreitadas. Muitos enfrentaram dificuldades pela barreira do idioma, pelas condições de trabalho desfavoráveis e diferenças culturais, entretanto, deixaram um legado importante para o país, contribuindo para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil.

Convém lembrar que as mulheres viajantes citadas nesta pesquisa deixaram registros de sua passagem pelo Brasil, em especial pelo Rio de Janeiro e, estes registros - cartas ou diários, foram publicados. Entretanto, muitas outras mulheres vieram nessas mesmas condições de “fazedoras da América” e contribuíram para a história e para o crescimento econômico da cidade, porém, não deixaram evidências de sua passagem.

3.3.1 A francesa Alexandrine Langlet Dufresnoy (1837-1852)

Com apenas 17 anos e recém-casada, Alexandrine Langlet Dufresnoy chegou ao Brasil no ano de 1837, permanecendo até 1852. A obra *Quinze ans au Brési ou Excursions à la Diamantine*, publicado em 1861 pela Bordeaux, foi fruto de sua permanência no país. Por muitos anos seu diário foi considerado um livro de ficção, um romance cheio de aventuras e com um final trágico. No entanto, de acordo com Moreira Leite (1997), a dedicatória à *National Academy of Great Britain* e a carta do cônsul francês na Bahia⁶², que constam em seu diário, deram à obra de 100 páginas um maior caráter de realidade.

Acompanhando seu marido de espírito aventureiro, Dufresnoy foi a mais nova entre as mulheres viajantes que estiveram no Rio de Janeiro durante o século XIX. De classe bem diferente das suas antecessoras, a francesa e seu marido vieram com o intuito de ficarem ricos, talvez inspirados pelos relatos de viajantes que aqui estiveram e descreveram as oportunidades que o Novo Mundo oferecia aos estrangeiros. Para sobreviver e quem sabe, enriquecer – o que não aconteceu, ela e seu marido participaram de várias atividades econômicas no país.

Cumpridora dos deveres de esposa, abandonou os parentes, os amigos e a pátria para tornar mais suportáveis as dificuldades que o marido resolveu arrostar. Convencida de que fariam fortuna com poupança, ordem, cálculo e previsão, vendeu armarinhos franceses no Rio, cuidou de uma pequena propriedade agrícola a nove léguas da cidade. Preparou plumas e empalhou pássaros que o marido caçava para coleções de História Natural e para exportar. O marido foi negreiro em Santos enquanto esperava o fim da revolução de 1842 em São Paulo, para ir minerar em Diamantino, Mato Grosso (Moreira Leite, 1997, p. 39).

⁶² Na obra *Livros de Viagem (1803/1900)*, da pesquisadora Miriam Moreira Leite, consta na página 37 que a carta enviada pelo cônsul francês da Bahia datava de 1853, ou seja, após o retorno de Alexandrine Dufresnoy à França, em junho de 1852. Ao confirmar em seu diário intitulado *Quinze ans au Brési ou Excursions à la Diamantine*, consta a página 98, a carta do cônsul na íntegra datada de 21 de março de 1853. Porém, na página anterior, Alexandrina Dufresnoy ao terminar os registros de seu diário, completa com o seguinte texto: “Creio dever acrescentar, a seguir a estes relatos de viagem, a carta que Monsieur le Comte de Castelnau, Cônsul da França, me escreveu na Bahia em 21 de março de 1835” (Tradução livre da autora). Como Alexandre Dufresnoy morreu em 1844, observa-se uma inconsistência nas datas relacionadas a sua missiva, não se sabendo ao certo se o diplomata escreveu após o retorno de Mme. Dufresnoy à França ou em outro momento entre 1844 e 1852 (ano da morte de seu marido e de seu retorno a França).

Madame Dufresnoy iniciou seu diário destacando as adversidades e tristezas que seu casamento lhe preparou, pois, a ambição mais do que comum de seu marido pela fortuna, não lhe trouxe descanso. Apesar de seus suplícios, lágrimas, jejuns e orações, seu marido estava decidido a viver essa aventura. Toda a resistência de Alexandrina Dufresnoy em deixar uma posição segura na França e se arriscar em busca do desconhecido, soou para ela como um triste presságio. Porém, o destino foi lançado e, como esposa, “O dever me ordenava a participar da boa ou má fortuna de meu marido” (1861, p. 17. Tradução livre da autora)⁶³.

Quando neste mar se navega com as velas cheias,
Que se acredita ter para si, o vento e as estrelas
É muito difícil regular os próprios desejos,
O mais sábio adormece na fé dos zéfiros...⁶⁴

Depois de quarenta e nove dias de navegação no navio *The Achille*, aportaram no Rio de Janeiro. Em seu primeiro contato com a cidade, Alexandrine Dufresnoy exclamou: “Olá bela pátria! Olá querida terra!” (1861, p. 19. Tradução livre da autora)⁶⁵. O casal se instalou a princípio do Hotel do Norte, que se localizava na Rua Direita, no centro da cidade. Mais tarde adquiririam uma bela casa a nove léguas do Rio de Janeiro. Logo que chegaram, tentaram comprar escravizados para lidar na plantação de sua propriedade. Diferente das demais viajantes que usavam o serviço dos escravizados, não criticaram o trabalho e nem a forma como eram tratados no Brasil. Enfim, a compra não aconteceu por terem perdido praticamente todo dinheiro que haviam juntado ao confiarem sua fortuna nas mãos de um francês mal-intencionado que procurou o casal, assim que se instalaram, para oferecer sociedade.

Após o doloroso golpe, Alexandrine Dufresnoy e seu marido, se mudaram para um pequeno casebre a cerca de quatro ou cinco léguas do Rio de Janeiro. A partir deste fato, a estabilidade econômica do casal Dufresnoy foi conquistada, a princípio, pelo trabalho de empalhador de seu marido e, mais tarde, ao pequeno armazém que montaram. O casal deixou a capital do Brasil no dia 15 de novembro de 1839 em direção a Ubatuba, para uma temporada de descanso.

⁶³ No original: Le devoir m’ordonnait de partager la bonne ou mauvaise fortune de mon mari.

⁶⁴ Poema citado no diário de Alexandrine Langlet Dufresnoy (LANGLET-DUFRESNOY, 1861, p. 17). Tradução livre da autora: Quando neste mar se navega com as velas cheias, Que se acredita ter para si, o vento e as estrelas É muito difícil regular os próprios desejos, O mais sábio adormece na fé dos zéfiros...

⁶⁵ No original: Salut belle patrie! Salut terre chérie!

Depois de um período em São Paulo, o espírito aventureiro e inquieto de seu marido, o levou a tentar a sorte em Mato Grosso, nas minas de diamantes, partindo definitivamente do Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1843. Sendo a única mulher da caravana, Alexandrine Langlet-Dufresnoy se vestiu como homem, talvez para não se destoar do restante do grupo e não sofrer assédio, enfrentando o perigo da natureza selvagem, das tribos indígenas e das febres que acometeram vários integrantes. A tudo isso o casal Dufresnoy sobreviveu, porém, no rio Cuiabá a tragédia assolou a família e, seu marido ali morreu afogado, pondo fim às suas aventuras no Brasil.

Fui colocada na casa de um capitão espanhol, de origem castelhana, cujos cuidados assíduos me trouxeram de volta à vida pouco a pouco. Foi então que me disseram que meu marido tinha morrido... Com esta chocante e triste notícia, cai em estado de desespero. Em que posição terrível me encontrava de repente; sozinha, sem ajuda, sem apoio, sem família... Imaginava toda a plenitude de meu infortúnio; cinco meses se passaram sem que eu conseguisse me recuperar. Finalmente, o grande cuidado com que fui cercada, as numerosas e consoladoras visitas que as Damas de Diamantino me fizeram, amenizaram pouco a pouco minhas dores; dores que estou longe de descrever nesta triste narração dos meus infortúnios! (Langlet-Dufresnoy *in* Cadernos de Tradução, 2021, p. 187. Tradução de Marie Helene Catherine Torres).⁶⁶

A coragem de quem enfrentou, tanto a vida ao lado do marido, quanto depois de sua morte, mereceu a admiração do Cônsul da França na Bahia, Luiz Felipe, conde de Castelnau. Sozinha e desamparada, a francesa pediu a ajuda do cônsul, que, em resposta ao seu apelo, lhe escreveu a carta a seguir. Anos depois, ao publicar suas aventuras no Brasil, Langlet-Dufresnoy achou que deveria acrescentar a missiva em seu diário. Ei-la na íntegra.

Bahia, 21 de março de 1853

Madame, recebi a carta que V.S. me fez a honra de dirigir em 3 de dezembro. Já que o senhor seu marido não morreu em minha Circunscrição Consular, não posso enviar um atestado mortuário, mas posso declarar que por ocasião de minha passagem por Diamantino, Mato Grosso, foi de conhecimento público que a morte ocorreu um pouco antes. Toda gente, nessa cidade distante admirou a coragem que V.S. demonstrou em circunstâncias em que muitas mulheres se entregariam ao desespero. Só, sem recursos, V.S. desceu o Rio Arinos, ainda inexplorado por viajantes; V.S. o fez enfrentando o perigo de tribos selvagens, de um clima mortífero e animais ferozes. Quando mais tarde eu reencontrei V.S. no Pará, não podia acreditar que tivesse escapado de tantos perigos e suportado tantas fadigas. Se puder, aqui, servir a V.S. em alguma coisa, queira me informar e creia, Madame, em meus devotos sentimentos.

⁶⁶ No original: Je fus placée chez un capitaine espagnol, castillan d'origine, dont les soins assidus me ramenèrent peu à peu à la vie. Ce fut là que la mort de mon mari me fut annoncée... A cette triste et poignante nouvelle je retombai dans un état tout-à-fait désespéré. Dans quelle affreuse position me trouvai-je tout à coup plongée; seule, sans secours, sans appui, sans famille!... J'envisageai alors toute la plénitude de mon malheur; cinq mois s'écoulèrent sans que je pusse me rétablir. Enfin, les grands soins dont on m'entoura, les visites nombreuses et consolantes que me firent les Dames de La Diamantine, adoucèrent peu à peu mes douleurs; douleurs que je suis loin de décrire dans cette triste narration de mès infortunes!

Ass. Cde. de Castelnau - Cônsul da França na Bahia (Castelnau *in* Langlet-Dufresnoy, 1861, p. 98. Tradução livre da autora).⁶⁷

Após a morte de seu marido, ficou ainda mais um tempo no país, se arriscando em outros negócios: retomou a rota de Diamantino, na Província de Mato Grosso e depois se aventurou no Pará, Pernambuco, onde permaneceu por três anos, por fim foi para a Bahia. Sem ter atingido a meta de “fazer fortuna”, Alexandrine Langlet Dufresnoy retornou para a França em 22 de julho de 1852, onde escreveu e publicou o seu diário no ano de 1861. A “civilidade” se mostrou presente no relato da francesa de forma indireta quanto às melhorias e oportunidades no Brasil.

Grau de dificuldade por ela enfrentado? Deixou a segurança de sua terra natal, ainda tão jovem, para cumprir seu dever de esposa de um homem aventureiro e ambicioso, sofrendo, como ela mesmo mencionou, inúmeras adversidades e tristezas devido a essa ambição. Mesmo após a morte do marido, continuou sozinha pelo Brasil, participando de expedição, trabalhando como modista, empalhadora e comerciante, até voltar à segurança de seu país, junto com os seus.

Ao retornar ao seio de sua família, após quinze anos de ausência, escreveu com bastante pesar o que perdeu na França durante o tempo que esteve no Brasil.

Infelizmente! cheguei tarde demais em Saint-Jean-d’Angely, e encontrei lá apenas minha pobre mãe, meu irmão e minha irmã. Eu tinha perdido desde minha partida, meu amado pai, um irmão e outra irmã!!!... Seus destinos eram morrer cercados dos cuidados comoventes da família; mãos amigas tinham apertado as deles, naquele momento supremo; e eu, nem tive o santo consolo de fecha-lhes os olhos! Após quinze anos de ausência, de sofrimentos e dores, encontrei o luto sob o teto de minha velha mãe (Langlet-Dufresnoy *in* Cadernos de Tradução, 2021, p. 210. Tradução de Marie Helene Catherine Torres).⁶⁸

⁶⁷No original: Bahia, le 21 Mars 1853

Madame, J’ai reçu la lettre que vous m’avez fait l’honneur de m’adresser le 3 décembre dernier, Monsieur votre époux n’étant pas mort dans mon arrondissement Consulaire, je ne puis vous envoyer d’acte mortuaire, mais, je puis déclarer qu’il était, lors de mon passage à Diamantino de Malto Grosso, de notoriété publique, que la mort avait eu lieu peu de temps avant. Tout le monde, dans cette ville éloignée, admirait le courage que vous aviez montré dans des circonstances telles, que beaucoup de femmes se fussent livrées au désespoir. Seule, sans ressources, vous avez descendu le Rio Arinos, qui n’a encore été exploré par aucun voyageur ; vous l’avez fait en affrontant le danger des tribus sauvages, d’un climat meurtrier et d’animaux féroces. Lorsque plus tard, je vous rencontrerai au Para, je ne pouvais croire que vous eussiez échappé à tant de périls et supporté tant de fatigues. Si je puis, ici, vous servir à quelque chose, veuillez me le faire savoir, et croyez, Madame, à mes sentiments dévoués. Signé: Cte DE CASTELNAU. Consul de France à Bahia

⁶⁸No original: Hélas! j’arrivai trop tard à Saint-Jean-d’Angely, et n’y retrouvai plus que ma pauvre mère, mon frère et ma soeur. J’avais perdu depuis mon départ, mon bien aimé père, un frère et une autre soeur !!!...Leur sort fut de mourir entourés des soins touchants de leur famille ; des mains amies avaient pressé la leur, à cet instant suprême ; et moi, je n’avais pas même eu la sainte consolation de leur fermer les yeux ! — Après quinze ans d’absence, de souffrances et de douleurs, je retrouvai le deuil sous le toit de ma vieille mère.

O relato da francesa após sua longa permanência no Brasil, ao mesmo tempo que difere das demais viajantes devido a sua posição social e experiências vividas, se iguala no que diz respeito à coragem de abrir mão da convivência com filhos, familiares e amigos para viver a aventura numa terra distante, seja qual for o motivo que as impulsionava.

3.4 Um olhar de contrastes: as singularidades observadas

No decorrer da pesquisa sobre as mulheres viajantes do século XIX, foi possível observar algumas singularidades em relação aos seus objetivos, aos desafios enfrentados e contribuições que suas viagens trouxeram para a sociedade da época, em especial, em relação ao que elas acreditavam como participantes de um processo civilizador. Algumas das singularidades observadas dizem respeito aos motivos que as trouxeram. Enquanto os homens, geralmente, viajavam por uma exploração científica ou para alguma missão que seu ofício exigia, as mulheres, na maioria das vezes, viajaram acompanhando seus maridos, sendo suas viagens, uma oportunidade para adquirir novas experiências.

Outro ponto a ser destacado foram as dificuldades e as restrições enfrentadas pelas mulheres antes e durante a viagem. Muitas vezes, só podiam viajar acompanhadas pelos pais e/ou maridos, necessitando obter um documento de autorização para tal. Essa autorização podia variar de um país ou região para o outro. Além dessas dificuldades burocráticas, enfrentavam os preconceitos, principalmente as que se aventuraram sozinhas. Outras dificuldades enfrentadas diziam respeito às vestimentas consideradas apropriadas para as mulheres, que muitas vezes limitava sua mobilidade numa longa viagem.

As mulheres viajantes do século XIX, também fizeram importantes contribuições para o conhecimento científico, antropológico, social e cultural da época. “Se ao viajante cabe narrar, fixar tipos e quadros locais, ao naturalista caberia classificar, ordenar, organizar em mapas e coleções o que encontra pelo caminho (Süssekind, 1990, p. 45). Seja se envolvendo em pesquisas, acontecimentos políticos ou apenas observando as sociedades que visitavam, seus registros de viagens (diários e cartas), se tornaram importantes fontes históricas com informações valiosas sobre os modos de vida, em especial, sobre os aspectos de civilidade e educação.

Por meio de seus diários de viagem ou cartas enviadas à amigos e familiares, elas compartilhavam suas observações e reflexões com um público mais amplo. A maioria das mulheres viajantes não tinha a intenção de publicar suas observações, sendo muitas vezes publicadas após sua morte. No entanto, existia um grupo pequeno de escritoras e naturalistas que viam nos recursos obtidos pela venda de suas obras a possibilidade de realizar mais viagens pelo mundo. Essas publicações, não apenas ajudaram a divulgar suas descobertas e visões de uma sociedade “exótica”, como também desafiaram os padrões pré-estabelecidos para as mulheres e seu lugar na sociedade.

No cenário político, a maioria das viajantes estrangeiras esteve no Brasil durante o reinado de Dom Pedro II. Observa-se em seus registros que a figura do imperador Pedro II era muito respeitada. Ele governou o Brasil de 1831 a 1889. Foi um monarca conhecido por sua inteligência e erudição e por sua facilidade com os idiomas. Além disso, o testemunho deixado pelas viajantes se refere ao imperador como um homem refinado e um grande apoiador das artes, das ciências e da educação, incentivando o progresso intelectual e cultural do país. Essas características foram observadas pelas mulheres viajantes e registradas na maioria dos diários pesquisados.

Por fim, as singularidades observadas entre as mulheres viajantes do século XIX, revelaram uma série de concepções a respeito do cotidiano dos habitantes do Rio de Janeiro, como a rejeição à escravidão, considerada um dos principais obstáculos para a “civilização” do país, a submissão, a reclusão e a falta de instrução das mulheres, a hospitalidade e ao mesmo tempo a falta de higiene dos brasileiros e a negligência em relação à criação das crianças que eram entregues às escravizadas, sem o cuidado dos pais e mães. A partir da construção da imagem do brasileiro feita pelas estrangeiras, muitos dos hábitos e costumes dos habitantes locais começaram a ser transformados, contribuindo, de certa forma, com o processo civilizador no oitocentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais de uma tese, para todo pesquisador, acredito ser uma mistura de sentimentos. De alegria e dificuldade, alegria por vermos todo o esforço e dedicação de anos de pesquisa concentrados em um trabalho. Dificuldades, por ser o ponto de encerrar uma longa fase de estudos e deixar a nossa contribuição, resumindo de forma clara e concisa tudo o que foi abordado. Também é um misto de melancolia e realização, melancolia devido a sensação de estar se despedindo de uma grande companheira de tantos dias, noites e madrugadas. Por fim, escrever as considerações finais traz um sentimento de realização, pois representa a conclusão de um importante passo em nossa caminhada.

Ao iniciar esta tese, mencionei a importância do fator identitário entre o sujeito e o objeto de pesquisa, termino este trabalho reafirmando esta certeza. Me aprofundar no estudo das quatorze mulheres viajantes e seus escritos, foi antes de mais nada, prazeroso. A cada diário lido, a motivação e o engajamento na pesquisa aumentavam, não interferindo na imparcialidade necessária a um trabalho acadêmico. Algumas mulheres já eram personagens bem conhecidas na História do Brasil, como por exemplo Maria Graham. Outras, eram figuras invisibilizadas por detrás de seus maridos.

Os trabalhos voltados para a temática de viajantes estrangeiros, estão concentrados, em sua maioria, nas áreas de Ciências da Natureza e demais cursos das Ciências Humanas. Dessa forma, colaborar para que os escritos das mulheres viajantes no Rio de Janeiro oitocentista sejam evidenciados no campo da História da Educação, é fundamental neste processo. Outro diferencial nesta pesquisa está no fato de discutir os aspectos de civilidade observados em seus registros, relacionados às formas educativas e como elas (as mulheres viajantes estrangeiras) de maneira direta ou indireta, acreditavam estar contribuindo para o processo civilizador no país.

A partir do que foi apresentado, constata-se que viajar no oitocentos, mesmo para as mulheres que vieram acompanhando seus maridos, era uma aventura iniciada ainda em terra, muito antes de seu embarque. Como esta pesquisa discorre sobre oito décadas do século XIX (1808 a 1889), foi possível analisar a forma como as mulheres viajantes eram tratadas no início do século e os direitos que foram sendo adquiridos com o passar dos anos. Nos primórdios, para os marinheiros, a figura feminina em alto mar trazia azar, por isso houve aquelas que se disfarçaram de homens para se aventurarem pelo oceano. Outro obstáculo a ser vencido, além

do preconceito e da misoginia, era a licença ou autorização de viagem, ou seja, era preciso obter um documento feito por um homem por elas responsável, marido, pai ou até irmão, mostrando que as mulheres não eram donas nem de sua vida, quanto mais de seu destino.

Vencida esta etapa, vinha talvez a mais difícil, deixar para trás família, filhos, amigos para realizar uma aventura, cujo retorno era incerto. Era comum entre os viajantes redigirem seu testamento, demonstrando os riscos que enfrentariam, tanto na longa viagem marítima (naufrágios e pirataria), como ao chegar em seu destino (moléstias tropicais e demais perigos), principalmente para as que adentravam sozinhas as florestas e dormiam muitas vezes ao relento.

Seja a bordo dos navios ou numa expedição, o ambiente que essas mulheres entraram, era um ambiente predominantemente masculino. As mulheres eram educadas para permanecerem em suas casas, cuidando da família e dos filhos, tendo pouca ou quase nenhuma liberdade para explorar o mundo além das suas comunidades locais. Assim, quando uma mulher decidia romper com essas convenções e embarcar em um navio para atravessar o oceano, era considerado como um ato de coragem e ousadia ou, um ato não apropriado. Seja como for, elas estavam desafiando as normas sociais e as expectativas de gênero, mostrando uma determinação em buscar experiências além das tradicionais responsabilidades domésticas. Muitas delas, por esta atitude, sofreram preconceitos e foram estereotipadas.

A viagem em si também era um desafio. As acomodações dos navios eram básicas e as condições desconfortáveis. As viagens eram longas, podendo durar meses e semanas, em situações precárias e sujeitas a condições adversas no mar. As mulheres que decidiram realizar essa jornada, também enfrentavam o julgamento e as críticas da sociedade por se aventurarem em um mundo considerado próprio somente para os homens. Ficando a maior parte do tempo isoladas em suas cabines, a escrita muitas vezes foi utilizada como um importante passa tempo. Durante o percurso, muitas viajantes descreveram o cotidiano dos navios, os dissabores e as alegrias, tornando-se importantes registros da cultura marítima do século XIX.

Depois de um longo tempo em alto mar, a chegada ao Novo Mundo era muito esperada. A entrada na Baía de Guanabara foi retratada pela maioria das mulheres viajantes como uma “experiência encantadora”. As primeiras impressões da cidade feitas das escotilhas de seus navios ou, do convés, foram as melhores possíveis: uma baía magnífica e a natureza exuberante da cidade com suas belas montanhas. A paisagem tropical e exótica foi, sem dúvida, um aspecto marcante. Por outro lado, a condição sanitária precária e as deficiências na infraestrutura urbana se tornavam evidentes no desembarque. O Rio de Janeiro sofria com a ausência de saneamento básico, o que resultava em uma cidade suja e fétida. Ruas eram mal pavimentadas, sem sistemas

de esgoto, o que gerava o acúmulo de lixo e o escoamento de águas sujas pelas vias. A falta de higiene era um problema constante, e o mau cheiro proveniente das ruas e dos esgotos a céu aberto eram aspectos negativos que as viajantes não deixaram de registrar em suas observações. O contraste entre a beleza natural e o estado “repugnante” do ambiente urbano e das moradias desprovidas de senso estético, foi, portanto, algo que impressionou essas visitantes e que foram registrados em seus diários e cartas.

Dessa forma, esta tese defende que os registros das mulheres viajantes estrangeiras, em especial, como elas observavam os aspectos de civilidade e educação dos habitantes do Rio de Janeiro a partir de três viés: higiene, pudor e bons modos sociais, contribuíram para configurar as ações e movimentações nos planos da civilidade, caracterizada como uma experiência educativa.

As mulheres viajantes estrangeiras do século XIX, a maioria oriunda da Europa, trouxeram consigo uma perspectiva eurocêntrica de civilidade, muitas vezes reforçada pelos ideais da época, como o progresso e a superioridade cultural. Essas viajantes, em seus registros, destacavam a falta de higiene dos habitantes do Rio de Janeiro, tanto nas ruas quanto em suas habitações, o que consideravam como um indicativo de atraso no desenvolvimento civilizatório.

Além da higiene, o pudor também era um aspecto observado pelas estrangeiras. Elas relatavam que o fato de as mulheres brasileiras viverem enclausuradas em suas casas, escondidas por detrás das rótulas e gelosias, não era condição para serem mais virtuosas que outras, apenas, tentavam mostrar que os eram. Outro viés explorado pelas viajantes estrangeiras era o dos "bons modos sociais" ou, a falta deles. Elas perceberam, em suas descrições, a falta de etiqueta e polidez nas interações sociais dos habitantes do Rio de Janeiro. Essas observações visavam impor um padrão de comportamento considerado “civilizado e educado”, a partir dos códigos de etiqueta europeias. Essa atitude etnocêntrica, portanto, influenciava a forma como muitos viajantes europeus descreviam os povos e as culturas que encontraram. Eles tendiam a enfatizar as diferenças culturais e a destacar características, consideradas "exóticas" ou "curiosas" aos olhos europeus, muitas vezes criticando a realidade local.

A própria concepção de "atraso cultural" do Brasil e a necessidade de "salvar essa nação", foram construções etnocêntricas que serviram para justificar a superioridade do pensamento europeu e a necessidade de impor seus valores. Dessa forma, conclui-se que as percepções das viajantes estrangeiras acabaram por influenciar as ações e movimentos nos planos da civilidade. Independente do motivo que trouxe ao Rio de Janeiro as quatorze mulheres viajantes estrangeiras selecionadas nesta pesquisa: acompanhando seus maridos, como

educadoras, naturalistas ou simplesmente pela vocação de viajar e se aventurar pelo Novo Mundo, suas ações poderiam ser vistas como um meio de "civilizar" o país considerado culturalmente "atrasado", moldando a sociedade brasileira conforme os parâmetros de seus países. Seus registros contribuíram para o que elas entendiam por civilidade porque o habitante do Brasil passou a se enxergar através do olhar do estrangeiro e, o olhar do estrangeiro, se transformou em escrita, escrita que contribuiu para transformar os hábitos e costumes sociais. Cada vez mais o morador dos trópicos, principalmente a elite, copiava o que vinha de fora, em especial, da França: no vestir, no falar, no comer e assim por diante.

Ao longo do século XIX, a influência estrangeira foi moldando as questões educacionais, a moda, a arte, a arquitetura e os hábitos, dentre eles, de higiene. Tudo na cidade começou a mudar e, todas essas mudanças foram sinais de que o país e seu povo rumavam em direção à aspirada "civilidade". Assim, considera-se que os viajantes, dentre eles, em especial, as mulheres estrangeiras, não foram tão somente a causa dessas mudanças, mas uma força motivadora neste processo, pois era inevitável que, com tantos estrangeiros circulando nas ruas do Rio de Janeiro e convivendo com seus moradores, a influência delas não fosse notada.

Fato é que, o Rio de Janeiro de 1808 registrado pelas primeiras viajantes era consideravelmente diferente do descrito pelas últimas que estiveram na cidade, no findar do oitocentos. A releitura desses registros feitos ao longo do século XIX, nos permite analisar o Brasil e seus habitantes através do olhar singular das mulheres viajantes. Não só o país e o Rio de Janeiro se abriram aos estrangeiros, como os estrangeiros, de certa forma, contribuíram para mudar o Brasil.

De forma singular, cada mulher via o Brasil sob seu olhar, considerando, os hábitos, os costumes, as histórias, as tradições, as experiências do seu país de origem. Dessa forma, imprimiam ao novo mundo, uma expectativa. O Brasil, por sua vez, moldou-se às muitas aspirações, aos olhares e às singularidades dos que aqui chegaram, notadamente, às mulheres, por serem elas formadoras de outras mulheres que, nos dizeres de Michelle Perrot (2005), tem o poder silencioso de formar e transformar homens e mulheres.

Essa pesquisa não pretendeu esgotar a temática, mas tão somente trazê-la para a discussão, tendo em vista que ainda há muito a ler e interpretar das escritas de mulheres viajantes estrangeiras no momento em que o Brasil se constituía como nação, buscando suas próprias singularidades, cores e distinções que viriam, mais tarde, acreditar ou desacreditar as narrativas daquelas viajantes.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Tradução de João Etienne Filho. Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

ALVES, S. R. **Para além da liberdade... abolicionismo e educação como um amplo projeto de emancipação**. 2023. 325 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL. Edição Comemorativa. 50 Anos do Museu Imperial (1943-1993) e 150 Anos de Fundação de Petrópolis (1843-1993). Petrópolis, 1995.

ANDRADE FERREIRA, D. N., & SCHWARTZ, C. M. **Política, poder e instrução: a educação feminina no método Lancasteriano (uma análise da lei 15 de outubro de 1827, à luz do ensino mútuo)**. Revista Brasileira de História da Educação, v. 14 n. 1[34] (2014): Janeiro/Abril. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/3886> Acesso em 11/12/2020.

ARAÚJO, Jéssica Uhlig Amorim Vasconcelos de. **“Onde a natureza reuniu suas mais ricas dádivas em uma imagem”**: os trópicos brasileiros no relato de viagem da princesa Therese von Bayern. Tese de Doutorado submetida ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2022.

B., VIRGINIE LEONTINE. **Lettres Inédites sur Rio de Janeiro et diverses esquisses littéraires. Evreux, Imprimerie Lithographiques de Monnier**, 1872. Disponível em [Fonte gallica.bnf.fr / BnF](http://gallica.bnf.fr/BnF). Acesso em 13/07/2022.

BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. **A Missão Francesa**. Rio de Janeiro: Sextante Editora, 2003.

BANDEIRA, Julio. **A viagem ao Brasil de Marianne North (1872-1873)**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2012.

BANDEIRA, Julio; DO LAGO, Pedro Corrêa. **Debret e o Brasil**. Obra Completa (1816-1831). Rio de Janeiro, Capivara Editora, 2020.

BECHER, Hans. **O Barão Georg Heinrich von Langsdorff: Pesquisas de um cientista alemão no século XIX**. São Paulo: Edições Diá. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1990.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Odebrecht, 1994. Volume III: "A construção da Paisagem".

BINZER, Ina von. **Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. São Paulo: Editora Anhembi, 1956.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BURTON, Isabel Lady; WILKINS, William Henry. **The romance of Isabel Lady Burton: the story of her life told in part by herself and in part by W.H. Wilkins.** London: Hutchinson, 1897. Vol. I e II. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4168> Acesso em 13/07/2022.

BURTON, Richard Francis. **Explorations of the highlands of the Brazil: with a full account of the gold and diamonds mines. Also, canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea.** London: Tinsley brothers, 1869. 2v. Disponível em <https://www.academia.org.br/galeria/brasiliiana/burton-richard-francis-sir-explorations-highlands-brazil-full-account-gold-and> Acesso em 13/07/2022.

_____. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

CAMARGO, Katia Aily F. de; MOLINA, Lucia. **A Petrópolis imperial sob o sombreiro da espanhola Carmen Oliver.** Revista Digital do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS. Letrônica, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 1 -14, jul.-set. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/36823> Acesso em 21/04/2021.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **Relatos de Viagem e a Obra Multifacetada de Maria Graham no Brasil.** Feira de Santana, n. 41, p.99-114, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/7569?source=/index.php/sitientibus/article/view/7569> Acesso em 13/01/202.

CAPELLA, Leila Maria Corrêa (org.). **Alfândega do Rio de Janeiro: administração, comércio e cidade.** Rio de Janeiro: Receita Federal do Brasil, Superintendência da Receita Federal do Brasil na 7ª Região Fiscal, 2017.

CARVALHO, Ney O.R. **Praça XV e Arredores: uma história em Cinco Séculos.** Rio de Janeiro: Bolsa do Rio, 2000.

CARVALHO, Amanda Lima dos Santos. **O Rio de Janeiro a partir da chegada da corte portuguesa: planos, intenções e intervenções no século XIX.** I Seminário Internacional "Brasil no século XIX, 2014. Disponível em: <https://www.seo.org.br/images/Anais/Luana/AmandaLimadosSantosCarvalho.pdf> Acesso em 04/02/2022.

CAVALCANTI, Lauro. **Paço Imperial.** Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

CERDAN, Marcelo Alves. **Maria Graham e a escravidão no Brasil. Entre o olhar e o bico de pena e os leitores do diário de uma viajante inglesa do Século XIX.** Revista História Social - nº. 10 (2003). Disponível em: [file:///C:/Users/maria/Downloads/galmeida,+331-1087-1-CE%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/maria/Downloads/galmeida,+331-1087-1-CE%20(2).pdf) Acesso em 21/04/2021.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da Cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1955.

COHEN, Alberto A. **Ouvidor, a rua do Rio.** Rio de Janeiro: AAChoen, 2001.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO. **Breve história do turismo e da hotelaria.** Rio de Janeiro, 2005.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro.** Universidade Estadual Paulista (UNESP). Patrimônio e Memória. Vol. 3 N. 1. (2007) Disponível em <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8> Acesso em 11/12/2020.

_____. **(Des)arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente.** 1ª ed. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

CUNHA, Gilmar Rodrigues da. **De dama da corte a Condessa de Belmonte: a primeira mestra de D. Pedro II (1808 – 1855).** 2021. 182 f. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

D'AZEVEDO, Ricardo Charters. **Códigos do bom-tom ou de civilidade.** Actas do 1º Colóquio “Saudade Perpétua”, 2016. Disponível em https://saudadeperpetua.weebly.com/actas_1_coloquio.html Acesso em 04/03/2023.

DA COSTA, A. L. J. **Educação e formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX.** Revista Brasileira de História da Educação, v. 16 n. 4 (2016): Outubro/Dezembro. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/003032168> Acesso em 11/12/2020.

DA COSTA, Andrea Reis. **Adèle Toussaint-Samson: O olhar da viajante sobre o outro.** Dissertação de Curso apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** Editora Círculo do Livro, 1980.

DE OLIVEIRA, Natália Maria; MORAIS CASTRO, José Flávio. **Análise da paisagem das mulheres viajantes no Brasil durante o século XIX.** Caderno de Geografia, vol. 26, n. 1, 2016. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2016v26nesp1p155> Acesso em 21/04/2021.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora Senac, 2000.

_____. **A viajante inglesa, o senhor dos mares e o imperador na Independência do Brasil.** São Paulo: Vestígio, 2022.

DUARTE, Constância Lima; MUZART, Zahidé Lupinacci. **Pensar o outro ou quando as mulheres viajam.** Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 1005-1008, setembro-dezembro/2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/Y8PWSXjcvnSpRXqp6jBnTKh/?lang=pt> Acesso em 21/04/2021.

EBERSPÄCHER, Gisele Jordana. **Pelo mundo de saias: uma leitura da obra de Ida Pfeiffer.** Curitiba, Vol. 7, nº13, julho-dezembro. 2019. Disponível em <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol7-13/11EBERSPACHER.Gisele.Pelomundodesaias.pdf> Acesso em 12/03/2021.

_____. **Ida Pfeiffer e o Brasil: literatura de viagem e sua tradução como bildung.** Dissertação de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

_____. **Imaginários europeus no Brasil Imperial: uma análise da obra de Ida Pfeiffer.** Pandaemonium, São Paulo, v. 24, n. 44, setembro-dezembro. 2021, p. 124-140. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pg/a/vqqWLnK7yP4JQ8cQMrWqMrL/?lang=pt> Acesso em 12/03/2021.

EDMUNDO, Luiz. **Recordações do Rio Antigo.** Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1956.

_____. **O Rio de Janeiro do meu tempo.** Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Volume 1: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **O processo civilizador.** Volume 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ERASMO. **A Civilidade Pueril.** Lisboa: Editora Estampa, 1978.

EXPILLY, Charles. **Mulheres e costumes do Brasil.** Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 2000.

FERREZ, Gilberto. **A Praça 15 de novembro – Antigo Largo do Carmo.** RioTur Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro, 1978.

_____. **O Paço da Cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, 1984.

FILHO, Adolfo Morales de los Rios. **O Rio de Janeiro Imperial.** 2ª ed. Rio de Janeiro, UniverCidade Editora, 2000.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (Org.). **Mulheres viajantes no Brasil - 1764-1820.** Rio de Janeiro: Editora José Olympo, 2008.

_____. **Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: antologia de textos (1809-1818).** Rio de Janeiro: José Olympo, 2013.

_____. **Imagens do Brasil nas relações de viagem dos séculos XVII e XVIII.** Revista Brasileira de Educação, v. 15: Dezembro, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YsXqLkL75GMfs5xyDDmH6DR/> Acesso em 11/12/2020.

FRANCO, Odair. **História da febre -amarela no Brasil.** Rio de Janeiro, GB – Brasil, 1969.

FRANCO, Stella Maris Scaterna. **Peregrinas de outrora: Viagens latino americanas no Século XIX.** Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

_____. **Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina.** Cadernos Pagu (50), 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/yf3Vhr4DkQjgJSpXB7NRWN/abstract/?lang=pt> Acesso em 12/03/2021.

FRÜHBECK, Franz. **Viagem ao Brasil, de Franz Joseph Frühbeck.** Esboço de minha viagem ao Brasil, na América do Sul, no ano de 1817, no navio de linha real português João VI – Viena, 1830. Rio de Janeiro, Câmara Books Editora, 2017.

FREYCINET, Rose de. **Diário de viagem ao redor do mundo.** Tradução de Rosa Alice Mosimann. Florianópolis: Editora Mulheres: Edunisc, 2013.

GELABERT, Carmem Oliver de. **Viaje Poético à Petrópolis.** Rio de Janeiro: Imprensa del Apostol, 1872. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4379>. Acesso em 12/02/2022

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império Brasileiro.** São Paulo: Cortez, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 3. ed. Campinas, São Paulo. Editora Alínea, 2003.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S. **Escarradeira.** In: Exposição Mulheres e Educação no século XIX: artefatos e sensibilidades. 2022. Disponível em <https://www.mulhereseeducacao.uerj.br/> Acesso em 05/01/2023

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil.** Tradução A.J.L. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

_____. **Escorço biográfico de Dom Pedro I. Maria Graham.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. (Cadernos da Biblioteca Nacional). Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/producao/publicacoes/escorco-biografico-dom-pedro-i> Acesso em 24/09/2021.

HETZEL, Bia. **Baía de Guanabara.** Rio de Janeiro: Manati, 2000.

KURY, Lorelai; GESTEIRA Heloisa. **Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

KURY, Lorelai. **Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. VIII – 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/grhQqtzkqm3FRhdYhZWY94k/?lang=pt> Acesso em 13/01/2021.

_____. **A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na viagem ao Brasil**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n° 41, p. 157-172. 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbh/a/gLSbT884tq5WjQsYrmTBSzP/?lang=pt> Acesso em 21/05/2022.

_____. **Vida e morte no reino vegetal**. Nossa História, Rio de Janeiro, p. 66 - 69, 01 fev. 2006.

_____. **Lugares de memória: a França no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2018.

LAHUERTA, Flora Medeiros. **Viajantes e a construção de uma ideia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. Vol. X, n. 218 (64), 1 de agosto de 2006. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-64.htm> Acesso em 11/12/2020.

LANGLET-DUFRESNOY, Mme. **Quinze ans au Brésil ou Excursions à la Diamantine**. Avec préface par M. Paul Le Gay Bordeaux: 1861. Disponível em <http://www.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k62384747/f1/f2/f3/f4/f5/f6/f7/f8/f9/f10/f11/f12/f13/f14/f15/f16/f17/f18/f19/f20/f21/f22/f23/f24/f25/f26/f27/f28/f29/f30/f31/f32/f33/f34/f35/f36/f37/f38/f39/f40/f41/f42/f43/f44/f45/f46/f47/f48/f49/f50/f51/f52/f53/f54/f55/f56/f57/f58/f59/f60/f61/f62/f63/f64/f65/f66/f67/f68/f69/f70/f71/f72/f73/f74/f75/f76/f77/f78/f79/f80/f81/f82/f83/f84/f85/f86/f87/f88/f89/f90/f91/f92/f93/f94/f95/f96/f97/f98/f99/f100/f101/f102/f103/f104/f105/f106/f107/f108/f109/f110/f111/f112/f113/f114/f115/f116/f117/f118/f119/f120/f121/f122/f123/f124/f125/f126/f127/f128/f129/f130/f131/f132/f133/f134/f135/f136/f137/f138/f139/f140/f141/f142/f143/f144/f145/f146/f147/f148/f149/f150/f151/f152/f153/f154/f155/f156/f157/f158/f159/f160/f161/f162/f163/f164/f165/f166/f167/f168/f169/f170/f171/f172/f173/f174/f175/f176/f177/f178/f179/f180/f181/f182/f183/f184/f185/f186/f187/f188/f189/f190/f191/f192/f193/f194/f195/f196/f197/f198/f199/f200/f201/f202/f203/f204/f205/f206/f207/f208/f209/f210/f211/f212/f213/f214/f215/f216/f217/f218/f219/f220/f221/f222/f223/f224/f225/f226/f227/f228/f229/f230/f231/f232/f233/f234/f235/f236/f237/f238/f239/f240/f241/f242/f243/f244/f245/f246/f247/f248/f249/f250/f251/f252/f253/f254/f255/f256/f257/f258/f259/f260/f261/f262/f263/f264/f265/f266/f267/f268/f269/f270/f271/f272/f273/f274/f275/f276/f277/f278/f279/f280/f281/f282/f283/f284/f285/f286/f287/f288/f289/f290/f291/f292/f293/f294/f295/f296/f297/f298/f299/f300/f301/f302/f303/f304/f305/f306/f307/f308/f309/f310/f311/f312/f313/f314/f315/f316/f317/f318/f319/f320/f321/f322/f323/f324/f325/f326/f327/f328/f329/f330/f331/f332/f333/f334/f335/f336/f337/f338/f339/f340/f341/f342/f343/f344/f345/f346/f347/f348/f349/f350/f351/f352/f353/f354/f355/f356/f357/f358/f359/f360/f361/f362/f363/f364/f365/f366/f367/f368/f369/f370/f371/f372/f373/f374/f375/f376/f377/f378/f379/f380/f381/f382/f383/f384/f385/f386/f387/f388/f389/f390/f391/f392/f393/f394/f395/f396/f397/f398/f399/f400/f401/f402/f403/f404/f405/f406/f407/f408/f409/f410/f411/f412/f413/f414/f415/f416/f417/f418/f419/f420/f421/f422/f423/f424/f425/f426/f427/f428/f429/f430/f431/f432/f433/f434/f435/f436/f437/f438/f439/f440/f441/f442/f443/f444/f445/f446/f447/f448/f449/f450/f451/f452/f453/f454/f455/f456/f457/f458/f459/f460/f461/f462/f463/f464/f465/f466/f467/f468/f469/f470/f471/f472/f473/f474/f475/f476/f477/f478/f479/f480/f481/f482/f483/f484/f485/f486/f487/f488/f489/f490/f491/f492/f493/f494/f495/f496/f497/f498/f499/f500/f501/f502/f503/f504/f505/f506/f507/f508/f509/f510/f511/f512/f513/f514/f515/f516/f517/f518/f519/f520/f521/f522/f523/f524/f525/f526/f527/f528/f529/f530/f531/f532/f533/f534/f535/f536/f537/f538/f539/f540/f541/f542/f543/f544/f545/f546/f547/f548/f549/f550/f551/f552/f553/f554/f555/f556/f557/f558/f559/f560/f561/f562/f563/f564/f565/f566/f567/f568/f569/f570/f571/f572/f573/f574/f575/f576/f577/f578/f579/f580/f581/f582/f583/f584/f585/f586/f587/f588/f589/f590/f591/f592/f593/f594/f595/f596/f597/f598/f599/f600/f601/f602/f603/f604/f605/f606/f607/f608/f609/f610/f611/f612/f613/f614/f615/f616/f617/f618/f619/f620/f621/f622/f623/f624/f625/f626/f627/f628/f629/f630/f631/f632/f633/f634/f635/f636/f637/f638/f639/f640/f641/f642/f643/f644/f645/f646/f647/f648/f649/f650/f651/f652/f653/f654/f655/f656/f657/f658/f659/f660/f661/f662/f663/f664/f665/f666/f667/f668/f669/f670/f671/f672/f673/f674/f675/f676/f677/f678/f679/f680/f681/f682/f683/f684/f685/f686/f687/f688/f689/f690/f691/f692/f693/f694/f695/f696/f697/f698/f699/f700/f701/f702/f703/f704/f705/f706/f707/f708/f709/f710/f711/f712/f713/f714/f715/f716/f717/f718/f719/f720/f721/f722/f723/f724/f725/f726/f727/f728/f729/f730/f731/f732/f733/f734/f735/f736/f737/f738/f739/f740/f741/f742/f743/f744/f745/f746/f747/f748/f749/f750/f751/f752/f753/f754/f755/f756/f757/f758/f759/f760/f761/f762/f763/f764/f765/f766/f767/f768/f769/f770/f771/f772/f773/f774/f775/f776/f777/f778/f779/f780/f781/f782/f783/f784/f785/f786/f787/f788/f789/f790/f791/f792/f793/f794/f795/f796/f797/f798/f799/f800/f801/f802/f803/f804/f805/f806/f807/f808/f809/f810/f811/f812/f813/f814/f815/f816/f817/f818/f819/f820/f821/f822/f823/f824/f825/f826/f827/f828/f829/f830/f831/f832/f833/f834/f835/f836/f837/f838/f839/f840/f841/f842/f843/f844/f845/f846/f847/f848/f849/f850/f851/f852/f853/f854/f855/f856/f857/f858/f859/f860/f861/f862/f863/f864/f865/f866/f867/f868/f869/f870/f871/f872/f873/f874/f875/f876/f877/f878/f879/f880/f881/f882/f883/f884/f885/f886/f887/f888/f889/f890/f891/f892/f893/f894/f895/f896/f897/f898/f899/f900/f901/f902/f903/f904/f905/f906/f907/f908/f909/f910/f911/f912/f913/f914/f915/f916/f917/f918/f919/f920/f921/f922/f923/f924/f925/f926/f927/f928/f929/f930/f931/f932/f933/f934/f935/f936/f937/f938/f939/f940/f941/f942/f943/f944/f945/f946/f947/f948/f949/f950/f951/f952/f953/f954/f955/f956/f957/f958/f959/f960/f961/f962/f963/f964/f965/f966/f967/f968/f969/f970/f971/f972/f973/f974/f975/f976/f977/f978/f979/f980/f981/f982/f983/f984/f985/f986/f987/f988/f989/f990/f991/f992/f993/f994/f995/f996/f997/f998/f999/1000> Acesso em 13/04/2022.

LANGSDORFF, E. de. **Diário da Baronesa E. de Langsdorff- relatando sua viagem ao casamento de S.A.R. o Príncipe de Joinville – 1842-1843**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000.

LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. **Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)**. Dissertação de Curso apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Unesp, 2010.

LIMA, Gizeli da Conceição. **A construção do ideário de Brasil no século XIX: reflexões em torno das concepções de memória, civilização e identidade nacional**. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 8, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/9929> Acesso em 11/12/2020.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Livraria Garnier, 1991.

_____. **Memórias da Rua do Ouvidor**. Niterói, Imprensa Oficial, 2011.

MACHADO, Lisanea Weber Machado. **O romance epistolar da educadora Ina von Binzer como depoimento de uma experiência pedagógica no Brasil do século XIX.** Revista Pesquisa em Discurso Pedagógico, PUC Rio, PDPe. Fascículo n.7, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14743/14743.PDFXXvmi=> Acesso em 13/01/2021.

MAGALHÃES, Ricardo Elia de Almeida. **Um turista aprendiz nos Parques Infantis: Mário de Andrade, viagem e educação.** Dissertação de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ, 2018.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil.** Trad. Selena Benevides. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da universidade de São Paulo, 1978.

MARQUES, Sandra Zilda Sant'Ana. **A Amiga da Imperatriz - O Olhar de Maria Graham sob o Brasil; 1821/1824.** Dissertação de Curso apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

MARTINS, Ismênia de Lima. **Dom João VI e a Biblioteca Nacional: um legado em papel.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/dom-joao-vi-e-a-biblioteca-nacional-o-papel-de-um-legado/> Acesso em 23/08/2021.

MARTINS, Luciana de Lima. **Paisagens Brasileiras, Olhos Britânicos, Rio de Janeiro dos Viajantes 1800/1850.** Tese de Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

_____. **O Rio de Janeiro dos viajantes (o olhar britânico 1800-1850).** Revista de Antropologia. São Paulo - USP, 2001, v. 44. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/d9SQm8J7qnScsxkWXsXkY5k/?lang=pt> Acesso em 21/04/2021

MENEZES, Pedro da Cunha e. **Oswald Brierly: Diários de viagens ao Rio de Janeiro -1842-1867.** Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2006.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. **Viagens Pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2007.

MINAYO, M.C.S. e SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade.** Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.9, n.3, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz (Org.) **A condição feminina no Rio de Janeiro – Século XIX.** São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

_____. **Mulheres e Famílias.** Revista Brasileira de História. Vol. 9, nº 17, setembro de 1988. Disponível em [file:///C:/Users/maria/Downloads/miriamleite%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/maria/Downloads/miriamleite%20(1).pdf) Acesso em 13/01/2021.

_____. **Livros de Viagem (1803-1900).** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Mulheres viajantes no século XIX.** Cadernos Pagu, Campinas, 15, 2000. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570> Acesso em 13/01/2021.

_____. **O olhar do outro.** Projeto História - Vol. 23. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História - 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10718>. Acesso em 11/12/2020.

_____. **Adèle Toussaint-Samson em dose dupla.** Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/XCmSJMpbqBfpcgHfyKJYZZP/?lang=pt> Acesso em 13/01/2021.

NASCIMENTO, Anaise Cristina da Silva. **Pela caravana da fraternidade: Unificação do movimento espírita nas memórias do educador Leopoldo Machado.** Tese de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ, 2016.

NORTH, M. **Recollections of a Happy Life: Being the Autobiography of Marianne North.** London, Macmillan, 1893. Disponível em https://ia600501.us.archive.org/2/items/b21782301_0001/b21782301_0001 Acesso em 13/02/2023.

OLIVEIRA, M. S. **Crianças brasileiras no século XIX: mal educadas, mal criadas ou (des)civilizadas?** Conexões, Campinas, SP, n. 5, p. 59, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638146> Acesso em 17/02/2022.

OLIVEIRA, Natália Fontes de. **História Natural e Escrita de Viagem: A Voz de Elizabeth Cabot Cary Agassiz.** Interdisciplinar, São Cristóvão, UFS, v. 36, jul-dez, p. 93-108, 2021. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/16771/12334> Acesso em 25/02/2023.

PATON, Lucy Allen. **Elizabeth Cabot Agassiz – A biography.** Boston, Houghton Mifflin Company, 1919. Disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/6551> Acesso: 22/05/2023.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

_____. **Minha história das mulheres.** Tradução Angela M.S. Côrrea – 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

PERROTTA, Isabela Vicente. **Desenhando um Paraíso Tropical. A Construção do Rio de Janeiro como um destino turístico.** Tese de Curso apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, 2011.

_____. **Promenades do Rio: a turistificação da cidade pelos guias de viagem de 1873 a 1939.** Rio de Janeiro: Hybris Design, 2015.

PFEIFFER, Ida. **Eine Frauenfahrt um die Welt: Reise von Wien nach Brasilien, Chili, Otahaiti, China, Ost-Indien, Persen und Kleinasien.** Wien: Verlag von Carl Herold, 1850. Disponível em <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10467720?page=,1> Acesso em 25/04/2022.

PIMENTA, Jussara Santos. **As duas margens do Atlântico: Um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles a Portugal (1934).** Tese de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ, 2008.

PINHEIRO, Lima. **O olhar dos viajantes: o Brasil ao natural.** Vol. 1. Revista História Viva. São Paulo, Duetto, 2010.

_____. **O olhar dos viajantes: o Brasil e sua gente.** Vol. 2. Revista História Viva. São Paulo, Duetto, 2010.

POHL, Johann E. **Viagem no interior do Brasil.** Trad. Milton Amado e Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

PORTO, Denise G. **Maria Graham: Uma inglesa na Independência do Brasil.** Curitiba: Editora CRV, 2020.

PRINCESA, Teresa da Baviera. **Minha viagem nos trópicos brasileiros.** Fortaleza: André Luís Frota de Oliveira, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Viajantes, século XIX: negras escravas e livres no Rio de Janeiro.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, (28), 53-76. - Nº 28/1998. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70003> Acesso em 12/03/2021.

QUINTANEIRO, Tania. **Retratos de Mulher – O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX.** Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

RAGAZZINI, D. **Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação.** Educar, Curitiba, n.18, p.13-28. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/stdS9BXTz783zPQkKvcFCsF/abstract/?lang=pt> Acesso em 15/01/2021.

REIS, Ana Cláudia Carmo dos. **Alemanha como destino: Buscas científicas e desdobramentos pedagógicos na trajetória profissional de Heloisa Marinho.** Tese de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ, 2021.

RENAULT, Delso. **O Rio Antigo nos anúncios de jornais (1808-1850).** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

_____. **O dia-a-dia no Rio de Janeiro, segundo os jornais 1870-1889.** Rio de Janeiro: Civilização Editora, 1982.

REVEL, Jacques. **Os usos da civilidade. História da vida Privada. Da Renascença ao Século das Luzes.** Volume 3, organizado por R. Chartier e Philippe Ariés. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

REZZUTTI, Paulo. **D. Leopoldina - A história não contada: A mulher que arquitetou a Independência do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.

_____. **Mulheres do Brasil - A história não contada.** Rio de Janeiro: Editora Leya, 2018.

RIDLEY, GLYNIS. **O segredo de Jeanne Baret.** 1ª Ed. São Paulo: Editora Europa, 2020.

ROCHA, Alessandra Fontes Carvalho da; PEREIRA, Washington Kuklinski. **A Mulher Viajante: Rose de Freycinet na Corte Portuguesa dos Trópicos.** Anais do XV Congresso Internacional Abralic – 2017. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522178855.pdf Acesso em 11/12/2020.

ROQUETTE, J.I. **Código do Bom-tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX.** Org. Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, Márcia Cristina de Oliveira. **Maria Graham e a dupla documentação do feminino no Brasil de 1821 a 1823. Uma abordagem discursivo-crítica.** Mestrado Interdisciplinar em Linguística Aplicada. Rio de Janeiro: UFRJ/ CLA, 2014.

SANTOS, Ilda Mendes dos. **Mulheres e viagens no Século XIX.** Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matriz-es-nacionais/figuras-de-viajantes/mulheres-e-viagens-no-seculo-xix/> Acesso em 11/12/2020.

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal.** São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SARTORI, Maria Ester de Siqueira Rosin. **Diário de uma Mulher Viajante do Século XIX: a memória perpetuada na palavra escrita.** XXVIII Simpósio Nacional de História - 1995. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1436037493_ARQUIVO_COMUNICACAOANPUH1-2015.pdf Acesso em 12/03/2021.

_____. **Memórias de uma mulher viajante do século XIX – Maria do Carmo de Mello Rego.** São Paulo: Paco Editorial, 2019.

SERRANO, Sônia. **Mulheres viajantes.** Lisboa: Tinta da China, 2017.

SILVA, Alexandra Lima da, ORLANDO, Evelyn de Almeida, DANTAS, Maria José. **Mulheres em trânsito - intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas.** Editora CRV, 2015.

SILVA, Alexandra Lima da. **Sujeitos em movimento: instituições, circulação de saberes, práticas educativas e culturais.** Curitiba: Editora Appris, 2018.

_____. **Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual.** Tese de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ, 2012.

SILVA, Any Marry. **Amiga do Império: Maria Graham Os relatos de viagem sobre o Brasil em 1821-1823.** Anais da ANPUH 2018 - História e Democracia. Disponível em: https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1533109400_ARQUIVO_AmigaDoImperio-ANPUHSP31.pdf Acesso em 13/01/2021.

SILVA, Danuzio Gil, KOMISSAROV, Bóris N. et al., eds. **Os diários de Langsdorff.** Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997.

SILVA, Isadora Eckardt da. **O viés político e histórico de Maria Graham em Diário de uma viagem ao Brasil.** Dissertação de Curso apresentada à Unicamp. Campinas, 2009.

SILVA, Shayenne Schneider. **Em terras alheias: A viagem de João Ribeiro à Alemanha como estratégia de legitimação na educação (1895-1897).** Tese de Curso apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ, 2022.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de. **Viajar, observar e registrar: coleção e circulação da produção visual de Maria Graham.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, 2020.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem.** São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

TELLES, Norma. **Mulheres viajantes: sete jornadas insólitas.** São Paulo – Annablume, 2017.

TORRES, Marie Helene Catherine. **Tradução e ética: A problemática da retroconversão.** Cadernos de Tradução. v. 41 n° especial, jan./jul. sem. 1. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ct/a/qrVH6nStWjRX7NGVC8jRkBm/?lang=pt> Acesso em 21/11/2022.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. **Uma parisiense no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Capivara, 2003. Traduzido por Maria Lucia Machado.

TUCHINSKI dos Anjos, J. J. **A educação da criança pela família no século XIX: da historiografia a um problema de pesquisa.** Revista Brasileira de História da Educação, v. 15 n. 1[37] (2015): Janeiro/Abril. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38910> Acesso em 11/12/2020.

TURAZZI, Maria Inez. **O Oriental-Hydrographe. A primeira expedição ao redor do mundo com uma “arte ao alcance de todos”.** Montevideo: CdF, 2019.

VALLE CABRAL, Alfredo do. **Guia do Viajante no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: G. Leuzinger, 1884.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos.** Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.

_____. **Preceptoras estrangeiras para educar meninas nas casas brasileiras do século XIX.** Cadernos de História da Educação, 17(2), 285-308. v17 n2-2018. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/43282#:~:text=Resumo,de%20grande%20circula%C3%A7%C3%A3o%20na%20C3%A9poca>. Acesso em 21/04/2021.

_____. **Escritas femininas na casa oitocentista: Memórias sobre o diário da Viscondessa de Arcozelo.** Revista Educação em Questão, v. 53 n. 39 (2020). Disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/97649> Acesso em 21/04/2021.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; FRANCISCO, Ana Cristina B. Lopez M. **Duas mulheres educadas no oitocentos: registros em egodocumentos femininos.** Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades. v. 2, n. 2 (2020). Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/10997> Acesso em 21/04/2021.

WAGNER, Elisandra. **Nas margens do Império: mulheres, viagens e escritas.** Dissertação de apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2005.

ZUBARAN, Maria Angélica. **O olhar de uma inglesa-viajante sobre o Brasil oitocentista: o diário de viagem de Maria Graham (1821-1824).** Métis: história & cultura. Vol. 3, n. 5, 2004. Disponível em https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1617749580_ARQUIVO_effcca38f33f6e2ec31d0bd027a47829.pdf Acesso em 21/04/2021.

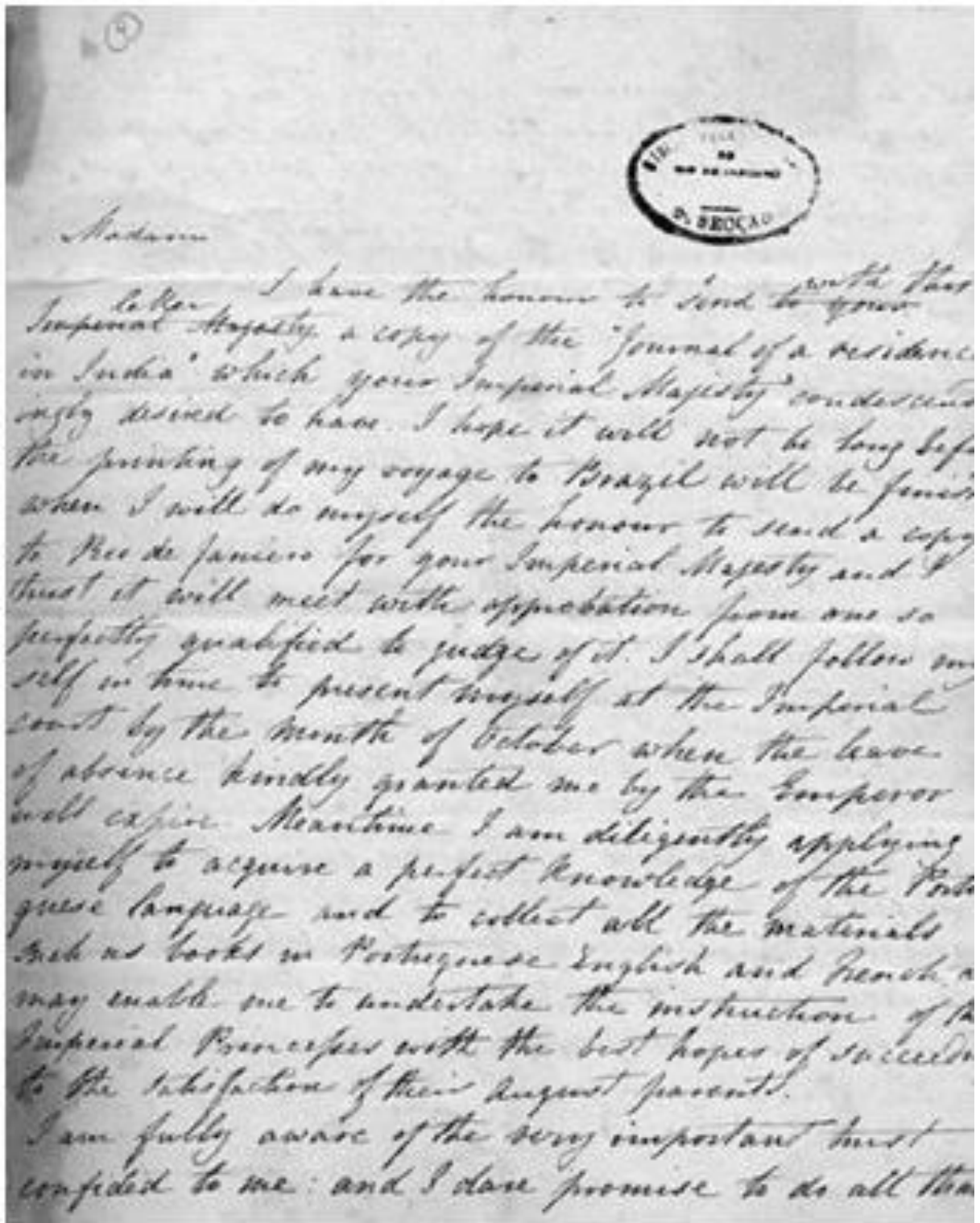
ANEXO A – Panorama da Baía de Guanabara, 1825.



Fonte: Museu de Arte de São Paulo.

As paisagens panorâmicas foram uma grande novidade do Século XIX. Em sua obra *Promenades do Rio*, Isabela Perrota descreveu que as paisagens eram obtidas por uma sequência de quadros feitas a partir de uma mesma localização – como o alto de um morro, ou no caso da panorâmica de Maria Graham, a entrada da Baía de Guanabara. As vistas poderiam ser apresentadas lado a lado, num plano, de forma que cada imagem guardasse um enquadramento próprio, mas juntas formassem uma imagem única (Perrota, 2015, p. 85).

ANEXO B – Carta de Maria Graham à Leopoldina (Pag 1)



Madam

I have the honour to send ^{with this} ~~to you~~ Imperial Majesty a copy of the 'Journal of a residence in India' which your Imperial Majesty's clemency has deigned to have. I hope it will not be long before the printing of my voyage to Brazil will be finished when I will do myself the honour to send a copy to Rio de Janeiro for your Imperial Majesty and I trust it will meet with approbation from one so perfectly qualified to judge of it. I shall follow myself in time to present myself at the Imperial court by the month of October when the leave of absence kindly granted me by the Emperor will expire. Meantime I am diligently applying myself to acquire a perfect knowledge of the Portuguese language and to collect all the materials such as books in Portuguese, English and French, which may enable me to undertake the instruction of the Imperial Princesses with the best hopes of succeeding to the satisfaction of their august parents.


I am fully aware of the very important trust confided to me: and I dare promise to do all that

Fonte: GRAHAM, 2010.

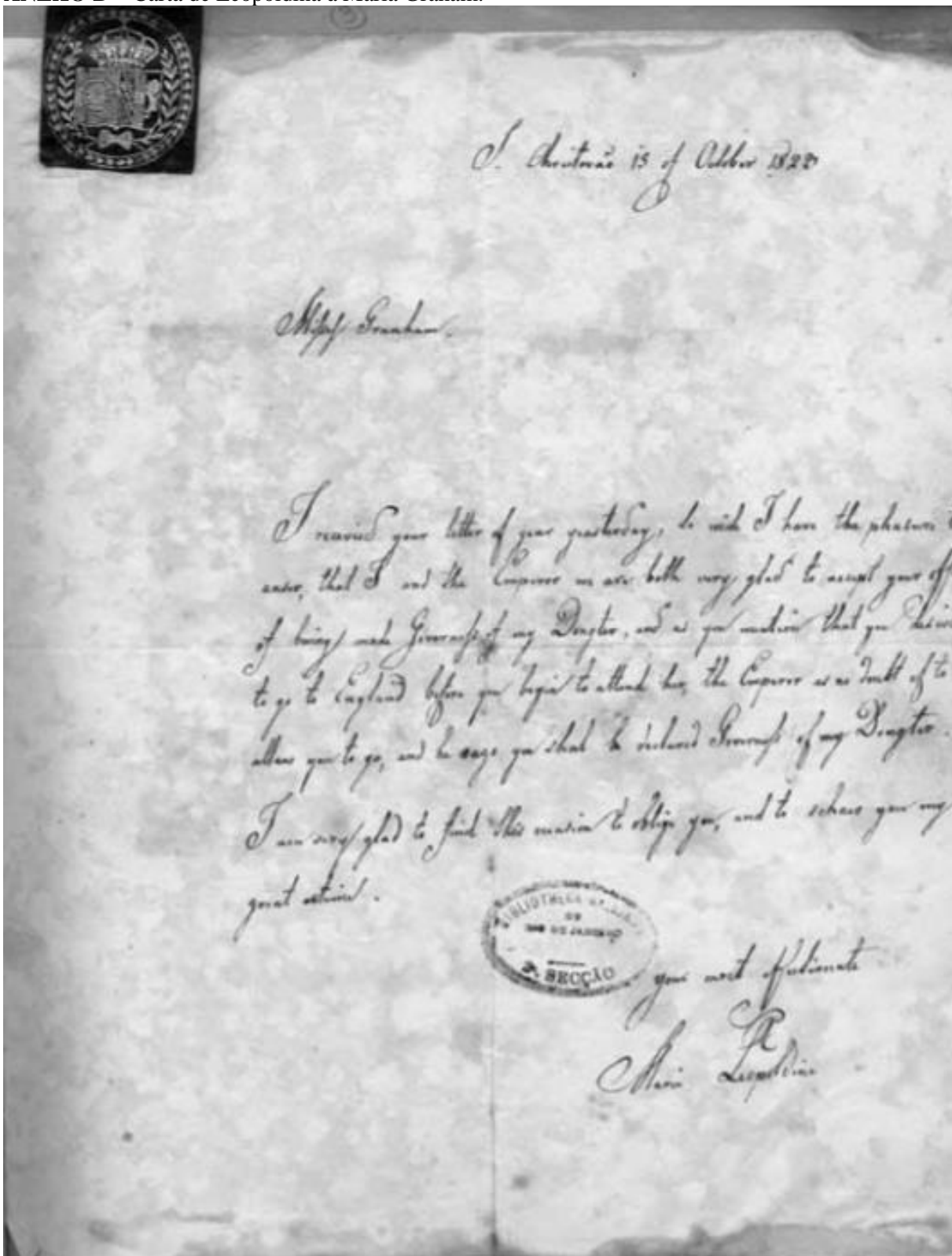
ANEXO C – Carta de Maria Graham à Leopoldina (Pag 2)

zeal and a conscientious discharge of my duty can
 accomplish. Trusting entirely to your Imperial
 Majesty for that countenance which will give me
 the consequence in the eyes of my pupils which it is
 absolutely necessary for the persons ^{whose duty they must} to be properly in order
 to teach with effect. I have not been able to procure
 elementary books in Portuguese: but I have begun
 a translation of one of very early lessons for my
 illustrious pupil, which I mean to have printed
 with a good type, as I think it is asking too much
 of children to contend with bad paper and print-
 ing as well as the natural difficulties of learning.
 I am sure I need make no apology to so amiable
 a mother for writing thus much to your Imperial
 Majesty on the subject of early education. No one
 is better aware that on the foundation of the edifice
 the beauty and usefulness of the structure mainly
 depends.

Allow me to express my sincere congratulations to
 yourself and to His Majesty the Emperor on the
 increasing prosperity of Brazil, of which I hear from
 all sides. That the Empire may advance in all
 things so as to be worthy of its illustrious founder
 is the earnest prayer of Madame



ANEXO D – Carta de Leopoldina à Maria Graham.



Fonte: GRAHAM, 2010.

ANEXO E – Pinturas a óleo de Marianne North. *In:* BANDEIRA, 2012.



Vista do Morro do Corcovado, perto do Rio de Janeiro (Botafogo)



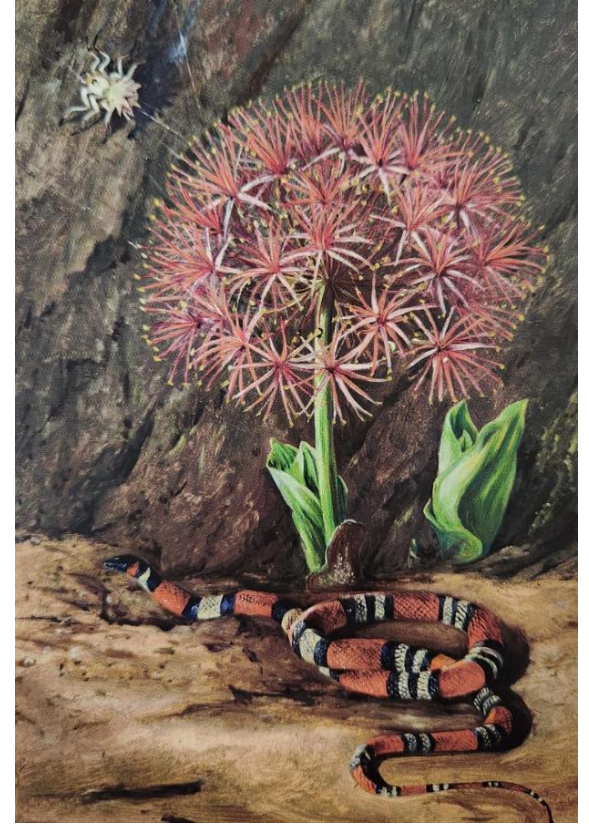
Rochas, cabana de pescador e árvore com epífita em Paquetá, barba-de-velho.



Folhas e flores da paineira-rosa e beija-flores tesoura.



Flores silvestres do brejo no Brasil.



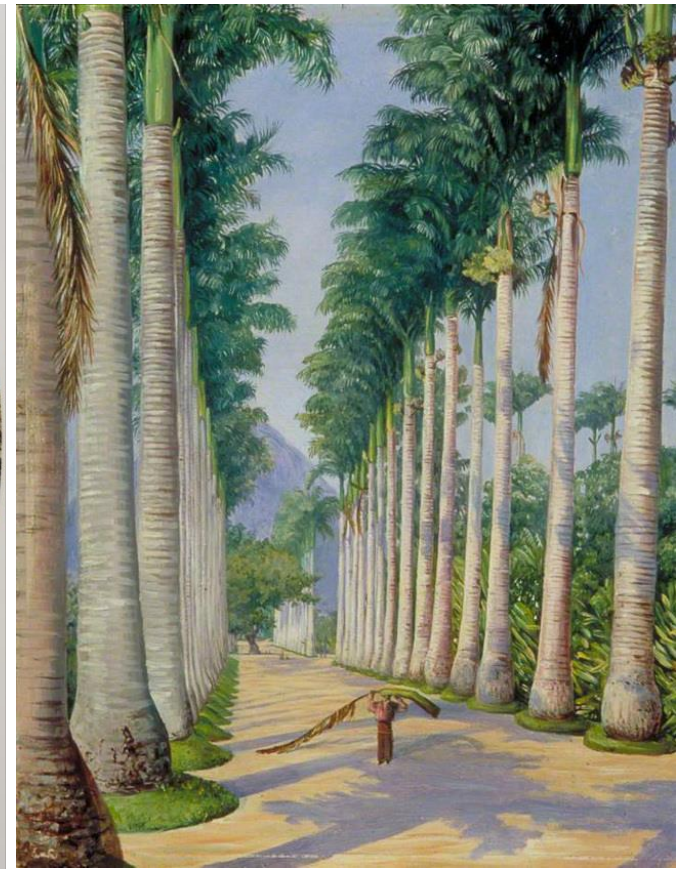
Flor-imperial com cobra coral e aranha.



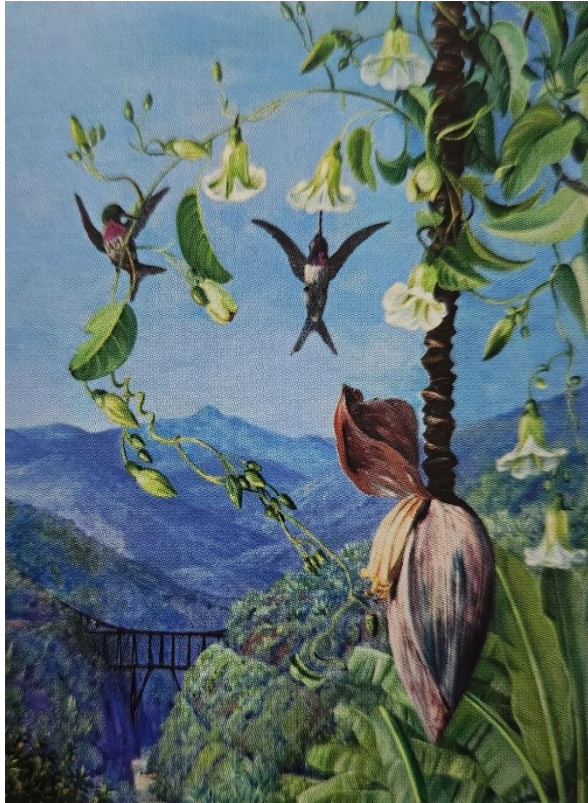
Trepadeira e borboleta do Brasil.



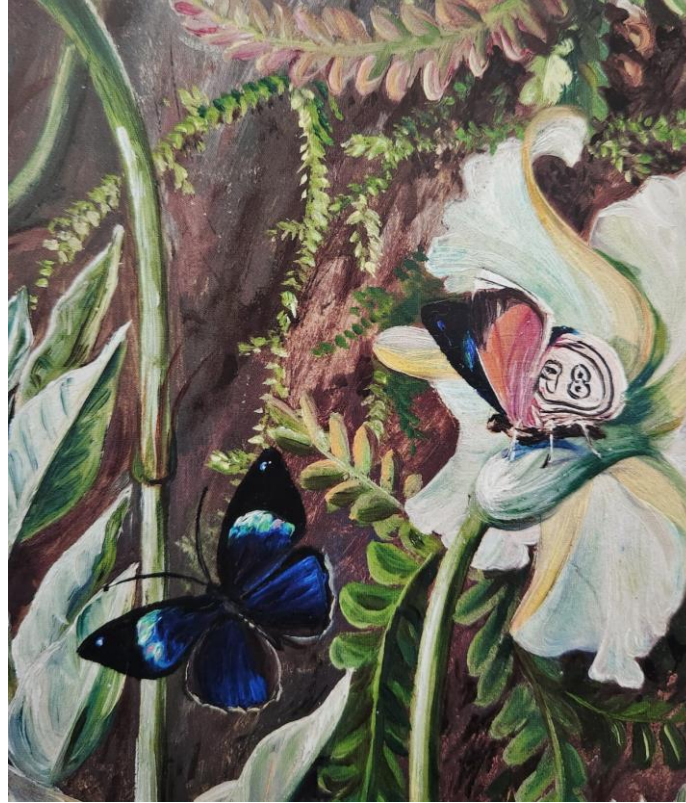
Flores do jasmim-manga.



Alameda de palmeiras-reais.



Vista do aqueduto de Morro Velho.



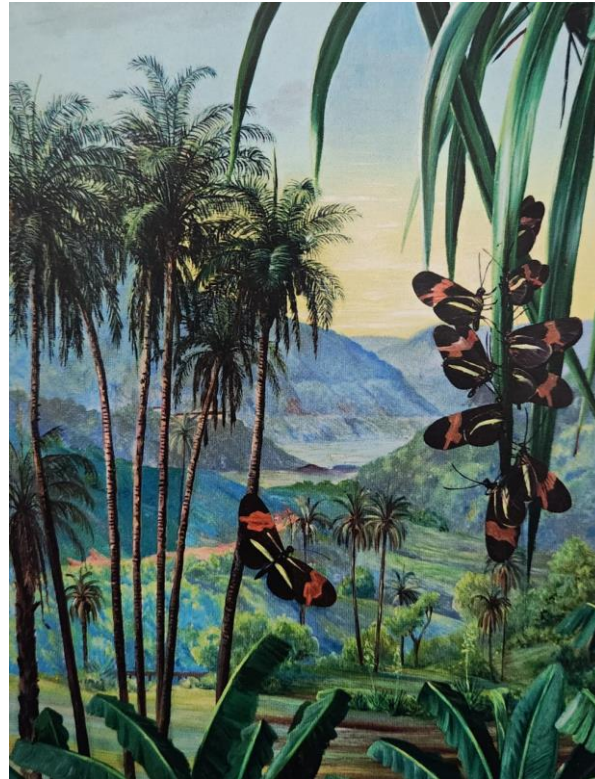
Macrosiphonia longiflora em Cata Branca com borboletas.



Bico-de-papagaio ou flor-do-natal.



Estudo da árvore-do-viajante de Madagascar no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.



Flores silvestres em Cata Branca.



Paisagem em Morro Velho com borboletas.